UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

O PÓS-ARMÁRIO EM VÍDEO-NARRATIVAS CONFESSIONAIS NO YOUTUBE:
UM ESTUDO BRASILEIRO-ESTADUNIDENSE

Belo Horizonte
2021

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

O PÓS-ARMÁRIO EM VÍDEO-NARRATIVAS CONFESSIONAIS NO YOUTUBE: UM ESTUDO BRASILEIRO-ESTADUNIDENSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha 2B: Análise do Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Emília Mendes.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2021

Alencar, Venan Lucas de Oliveira.
A368p O pós-armário em vídeo-narrativas confessionais no YouTube [manuscrito] : um estudo brasileiro-estadunidense / Venan Lucas de Oliveira Alencar. – 2021.
308 f., enc.: il., tabs (color).

Orientadora: Emília Mendes

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 277-286.

Anexos: f. 287-308.

1. YouTube (Recurso eletrônico) – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Narrativas digitais – Teses. 4. Identidade de gênero – Teses. 5. Homossexuais masculinos – Identidade – Teses. I. Mendes, Emília. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata – CRB/6-2706

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O pós-armário em vídeo-narrativas confessionais no Youtube: um estudo brasileiro-estadunidense

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 28 de junho de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Emilia Mendes Lopes - Orientadora
UFMG

Prof(a). Daniel Mazzaro Vilar de Almeida
UFU

Prof(a). Cássio Eduardo Soares Miranda
UFPI

Prof(a). Ronaldo Correa Gomes Junior
UFMG

Prof(a). Leonardo Coelho Corrêa Rosado
SESI

Belo Horizonte, 28 de junho de 2021.

Documento assinado eletronicamente por **Emilia Mendes Lopes**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/06/2021, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Daniel Mazzaro Vilar de Almeida**, **Usuário Externo**, em 28/06/2021, às 20:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Ronaldo Correa Gomes Junior**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/06/2021, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cássio Eduardo Soares Miranda**, **Usuário Externo**, em 01/07/2021, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Coelho Corrêa Rosado**, **Usuário Externo**, em 06/07/2021, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0769332** e o código CRC **F86C351F**.

Referência: Processo nº 23072.229436/2021-73 SEI nº 0769332

AGRADECIMENTOS

O momento de redigir os agradecimentos talvez seja um pouco subestimado de modo geral. Em contrapartida, sempre me vi ansioso para escrevê-lo. É como se a oportunidade de olhar pra trás nos fosse conferida pela primeira vez, quando, na verdade, só pensamos no futuro: nas disciplinas a cursar, nos estágios em docência, nas oportunidades de estudar fora, enfim, em todas as obrigações por vir. Durante os quatro anos (ou mais) de doutorado, muita coisa acontece, e poder avaliar isso é, no mínimo, um exercício único. A respeito dessas muitas coisas que acontecem, dedico o primeiro agradecimento às inconstâncias da vida. Acredito que é na dúvida, no não lugar, nos entremeios que, ao menos para mim, surge uma escrita mais criativa, comprometida e científica.

Agradecer nos momentos finais da redação da tese pode ser cruel, sobretudo quando atravessamos uma pandemia e uma mudança de cidade. Estamos, de fato, cansados. Por outro lado, essa redação é, ao mesmo tempo, um suspiro de alívio. E é nessa direção que consigo pensar no meu próximo agradecimento: à vida, simplesmente. Em um momento em que estamos perdendo vidas continuamente, é preciso ser grato ao fato de poder respirar normalmente, ter saúde mental para se sentar, ler e escrever sobre algo que, na maioria das vezes, é de uma densidade e de uma complexidade que não cabem em uma só tese, e por isso essa pesquisa vai (assim espero) se estendendo por aí, por mim e por outras pessoas.

Outro privilégio é poder viver de pesquisa, ter uma pesquisa integralmente financiada por quatro anos. Por esse fato, agradeço à CAPES pelos recursos investidos nessa e em outras pesquisas, sobretudo nas Ciências Humanas, área tão desacreditada. À agência também agradeço pelo financiamento integral do meu período de Doutorado Sanduíche na Universidade de Michigan em 2018-2019.

À minha orientadora, Emília Mendes, por aceitar, mais uma vez, me conduzir nesse caminho acadêmico cheio de percalços. A orientação se tornou quase um trabalho terapêutico, ao menos da minha parte, pois a cada reunião me sentia mais leve, mais preparado para dar continuidade à pesquisa. Poucas pessoas em função de orientação devem ser capazes de transmitir essa segurança a seus orientados e orientadas. Aliás, sempre fui orientado por mulheres, e sou a favor da existência de mais feminilidades nas Ciências.

Ao meu orientador nos Estados Unidos, David Halperin, quem muito prontamente aceitou me orientar. Depois de não ter muitos dos meus e-mails respondidos por pesquisadores de várias parte do mundo (o que também entendo), em um processo de busca por orientadores no exterior, David abriu as portas para um universo novo na minha pesquisa. Graças à oportunidade que me ofereceu, pude mudar meu *corpus*, me aprofundar na teoria de Foucault e conhecer os estudos de Halperin sobre a cultura gay. Agradeço pela confiança nas minhas potencialidades, em um momento em que algumas questões ainda me eram obscuras.

A todos meus professores e professoras da Pós-Gradução em Estudos Linguísticos da UFMG, o Poslin. À Glaucia Muniz, com quem felizmente tive uma das primeiras aulas de Análise do Discurso. Ao Wander Emediato, por me apresentar às teorias do discurso em amplitude. À Ida Lúcia Machado, por me mostrar que é possível fazer pesquisas e escrever de forma leve e, ao mesmo tempo, comprometida, imprimindo à escrita muito da nossa personalidade sem comprometer seu caráter científico. Aos meus professores de fora, David Halperin e Gayle Rubin, com quem aprendi tanto e tão pouco tempo.

À minha família, que, especialmente nos últimos anos, ganhou novos membros em novos lugares. Acredito que poucos deles entendam o que é, de fato, ingressar no Doutorado, fazer pesquisa e tudo o que envolve esse nosso pequeno grande mundo. Ainda assim, me apoiaram em todas as etapas, acreditando na importância do que eu estava fazendo. É exatamente disso que precisamos, de pessoas que confiem na Ciência. Aos meus pais, por proporcionarem todas as condições para que seu filho chegasse ao nível de estudo que sempre desejou. Aos meus pais biológicos, por me darem a vida e a missão de vir para esse plano com algo a cumprir. Às minhas irmãs (todas mulheres!), que, individualmente, contribuíram para minha formação em um nível mais subjetivo: com conversas profundas, discussões, visitas (ora longas, ora curtas) e, por que não, diálogos talvez nem tão profundos assim. Em cada troca, nos constituímos instavelmente para essa formação de sujeitos complexos e diferentes que somos. Que essa diferença seja o caminho para nossa união.

Aos amigos e às amigas que se encontram dispersos por esse país: aos que conheci em Belo Horizonte e em Viçosa, cidades onde vivi os últimos onze anos de

vida acadêmica, e aos de Alfenas, por sempre me receberem nesse lugar que me viu crescer e que ainda me é estranho. À minha querida amiga estadunidense, que me recebeu em sua casa formalmente como proprietária de imóvel e, com o tempo, se tornou uma pessoa com quem ainda compartilho muito da minha vida. Agradeço pelo espaço: na sua residência e na sua vida.

Ao meu parceiro, companheiro, namorado, ou seja lá qual for o termo mais apropriado para descrever essa relação que nasceu despretensiosamente no início do Doutorado. Agradeço pela companhia, por cuidar de mim e dos meus pensamentos conflituosos, por me apoiar na pesquisa e em tudo o que ela requer. Obrigado por ser presente na minha vida por tanto tempo! Nos vimos crescer, envelhecer, enriquecer e “empobrecer", mudando de lares, desejando um futuro com mais oportunidades e confortos para cada um. É nessa busca que vamos encontrar não só nossos objetivos, mas as forças para continuarmos acendendo luzes quando nos encontrarmos em caminhos escuros.

Aos colegas do IngRede, pela oportunidade de sermos iniciados à docência com paciência e profissionalismo. Agradeço especialmente aos coordenadores e coordenadoras que passaram pelo projeto: Júnia Braga, Luciana Oliveira e Ronaldo Gomes.

Aos membros que compõem a banca, por aceitarem ler esse trabalho algo extenso e denso em um período triste e complexo que atravessamos no país: Ronaldo Gomes, Daniel Mazzaro, Leonardo Corrêa e Cássio Miranda.

RESUMO

O pós-armário, período que sucede a assunção de uma identidade gay, tem sido debatido por profissionais de diferentes áreas como algo que pode colocar em evidência diversos temas inerentes às experiências de vida de homens gays. Com o objetivo de apreender, na perspectiva dos estudos da linguagem, as nuances sociodiscursivas de tal problemática, nos propusemos a analisar oito vídeos, disponíveis no YouTube, cujos temas versassem sobre tal período na vida desses sujeitos socialmente minorizados. Nosso *corpus* foi dividido, então, em dois grupos, sendo um composto por quatro vídeos narrados por brasileiros e outro por quatro narrados por estadunidenses. Os objetivos desta análise eram: compreender como as narrativas dos sujeitos estudados configuram uma situação confessional, conforme Foucault (1988, 2006, 2019); realizar uma análise contrastiva verbo-icônica entre narradores dos Estados Unidos e do Brasil; investigar os efeitos da cultura homofóbica e do estresse de minoria em nossos sujeitos-narradores por meio do estabelecimento de categorias de análise e testar a aplicabilidade de conceitos de Foucault e da Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013) ao *corpus*. Nossa tese é a de que homens gay, em um contexto de pós-armário, fariam uso de narrativas com caráter confessional em mídias digitais como o YouTube em um trabalho constante sobre si. Partimos da hipótese de que a construção narrativa dos sujeitos analisados, ao apresentar um caráter confessional, seria um reflexo da construção histórica do imperativo à busca pela verdade de si, que foi se modificando continuamente desde a Filosofia antiga até chegarmos a uma abordagem científica. Optamos por utilizar um quadro teórico-metodológico que inclui a grade transdisciplinar de análise de imagens proposta por Mendes (2013), a teoria de Michel Foucault, sobretudo as obras que tratam do tema da confissão, os estudos da área de Gênero e Sexualidade, em intersecção com os estudos Foucaultianos, encontrados em Halperin (1995, 2012), Preciado (2008, 2020), Bruno (2013) e Han (2020), por exemplo, e os estudos sobre narrativa de vida empreendidos por Machado (2012, 2014, 2015, 2016). Como conclusões, destacamos que os sujeitos estudados, de ambos países, discorrem de forma semelhante em relação às culturas hegemônica e homofóbica e fazem usos das linguagens verbal e não verbal consoantes a seus propósitos comunicativos. Por isso, projetam imagens de si buscando se distanciarem de estereótipos e, ao mesmo tempo, questionam imaginários a respeito de um tema pouco debatido.

Palavras-chave: Análise do discurso, Narrativa de vida, Confissão, Gênero e Sexualidade, Pós-armário.

ABSTRACT

The post-coming out period has been debated by different researchers coming from variated fields of knowledge as something that may shed some light on issues regarding the life experiences of gay men. Aiming to seize the socio-discursive nuances of this problem, we intend to analyze eight videos available on YouTube which the main subject would cover this period of these stigmatized subjects. We divided our sample analyzed in two groups: one composed of four videos whose narrators were Brazilians, and the other comprising four videos whose narrators were Americans. Our goal is to understand how the life narratives of the studied subjects constitute a confessional situation, according to Foucault (1988, 2006,2009); to make a contrastive analysis considering both verbal and non-verbal languages used by the narrators from Brazil and the United States; to investigate the effects of a homophobic culture and minority stress in the narrating-subjects by establishing analysis categories; and to test the suitability of the selected Foucaldian concepts to the sample, as well as the elements on the Image Analysis Grid proposed by Mendes (2013). The thesis we sustain is rooted in the idea that gay men who have come out would use life narratives with a confessional caracter in social media as YouTube as a way to constantly work on themselves. As our hypothesis, we should highlight that the construction of a narrative form in a confessional direction is actually the result of a historical imperative to seek the truth in oneself. This practice was continuously modified over time since ancient Philosophy until it reached a scientific approach. We opted to use a multidisciplinary methodology which included the Image Analysis Grid by Mendes, the theory of Michel Foucault, mainly the books that cover confession as a whole, Gender and Sexuality Studies, matched with Foucauldian studies conducted by Halperin (1995, 2012), Preciado (2008, 2020), Bruno (2013) and Han (2020), for instance, as well as the studies on life narratives conducted by Machado (2012, 2014, 2015, 2016). In conclusion, the subjects analyzed, for both countries, touch very similarly on homophobic and hegemonic culture issues, and make resembling uses of verbal and non-verbal languages to achieve their communicative goals. For this reason, they project self-images in search of distancing from stereotypes, but at the same time, they question the validity of some imaginaries regarding the incipient issue that this study touches on.

Key-words: Discourse analysis, Life narratives, Confession, Gender and Sexuality, Post-coming out.

RÉSUMÉ

Le période qui succède le coming out a fait l'objet de discussions par des chercheurs provenant de plusieurs domaines de connaissance comme une question qui peut mettre en évidence d'autres thèmes concernant les vies des hommes gays. Afin de saisir, dans la perspective des études du langage, les nuances socio-discursives de ce problème, il nous intéresse d'examiner huit videos, disponibles sur YouTube, à condition que les sujets qui récitaient leurs vies aient traité du période après leurs coming out. Nous avons divisé les huit videos en deux groupes: l'un composé par quatre videos dont les narrateurs sont brésiliens, et l'autre par quatre videos dont les narrateurs sont américains. Nous voulons y comprendre comment les récits des sujets concernés constituent une situation d'aveu selon Foucault (1988, 2006, 2019), réaliser une analyse verbe-iconique contrastée entre les narrateurs du Brésil et des États-Unis, enquêter sur les effets de la culture homophobe et du stress minoritaire chez les sujets-narrateurs en établissant des catégories d'analyse et, enfin, vérifier l'applicabilité des concepts de Foucault et de la Grille d'Analyse d'Images établie par Mendes (2013) aux videos concernés. Cette thèse s'inscrit dans l'idée selon laquelle les hommes gays, après avoir fait leurs coming out, récitaient leurs vies sur un ton d'aveu dans les médias digitaux comme le YouTube en entreprenant un travail sur soi. On part de l'hypothèse que ces récits, en présentant un caractère d'aveu, sont le résultat d'une construction historique d'un impératif de recherche à la vérité. Telle recherche s'est modifié à travers le temps, depuis la Philosophie ancienne jusqu'à l'adoption d'une approche scientifique. On a fait l'appel d'un quadre théorique-méthodologique en se servant de la grille transdisciplinaire d'analyse d'images proposée par Mendes (2013), de la théorie de Michel Foucault, surtout les oeuvres qui concernent le thème de l'aveu, des études dans le domaine de genre et sexualité, en intersection avec les études foucaldiennes chez Halperin (1995, 2012), Preciado (2008, 2020), Bruno (2013) et Han (2020), et les études sur les récits de vie chez Machado (2012, 2014, 2015, 2016). On remarque, à guise de conclusion, que les sujets analysés, provenant des deux pays, parlent de façon similaire de leurs rapports avec la culture hégémonique et homophobe. En outre, ils utilisent les langages verbale et non-verbale suivant leurs buts communicatifs. Par conséquent, ils conçoivent des images de soi en quêtent s'éloigner de stéréotypes et questionnent au même temps des imaginaires concernant ce domaine thématique peu discuté.

Mots-clés: Analyse du discours, Récit de vie, Aveu, Genre et sexualité, Post-coming out.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema representativo de conceitos como ethos e representações 80
Figura 2: As plataformas online mais utilizadas entre adultos estadunidenses.....111
Figura 3 - Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013) 113
Figura 4 - Esquematização dos planos cinematográficos 117
Figura 5 - Esquema elaborado por Machado em um Seminário em Besançon 123
Figura 6: Visão geral do canal de EUA1 183
Figura 7 - Sequência de quadros em EUA1 184
Figura 8 - Visão geral do canal de BR1 193
Figura 9 - Sequência de quadros em BR1 195
Figura 10 - Visão geral do canal de EUA2 201
Figura 11 - Sequência de quadros em EUA2.....203
Figura 12 - Visão geral do canal de BR2 210
Figura 13 - Sequência de quadros em BR2 211
Figura 14 - Visão geral do canal de EUA3 219
Figura 15 - Sequência de quadros em EUA3.....220
Figura 16 - Visão geral do canal de BR3 230
Figura 17 - Sequência de quadros em BR3 232
Figura 18 - Visão geral do canal de EUA4 239
Figura 19 - Sequência de quadros em EUA4 243
Figura 20 - Visão geral do canal de BR4 254
Figura 21 - Sequência de quadros em BR4 256

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A vídeo-narrativa confessional e os modos de discurso.....96

Quadro 2 - Informações referentes às vídeo-narrativas dos brasileiros 104

Quadro 3 - Informações referentes às vídeo-narrativas dos estadunidenses 105

Quadro 4 - Palavras e expressões, em Português, utilizadas no campo de busca do YouTube e suas correspondências e não correspondências.....106

Quadro 5 - Palavras e expressões, em Inglês, utilizadas no campo de busca do YouTube e suas correspondências e não correspondências.....107

Quadro 6 - Categorias e seus respectivos narradores 168

Quadro 7 - Necessidade de confessar 169

Quadro 8 - Estratégia de identificação/persuasão 170

Quadro 9 - Conflitos de estereótipos.....171

Quadro 10 - O corpo gay em questão 172

Quadro 11 - Lembrança do período escolar.....173

Quadro 12 - Avaliação social do outro.....174

Quadro 13 - A evolução de/em si 175

Quadro 14 - Episódios de homofobia/“bullying” 176

Quadro 15 - Ilusão de “saída do armário” 177

Quadro 16 - Desidentificações com a cultura gay.....178

Quadro 17 - Sentimento de solidão.....179

Quadro 18: Elementos da Grade de Mendes (2013) x Narradores confessantes....268

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17
A CONFISSÃO EM FOUCAULT 24
Considerações iniciais 24
As confissões da carne 25
O batismo – um renascer 26
O cuidado e a prática de si 31
O princípio de direção e o domínio de si 35
Vigilância e técnicas de poder 38
A transformação pela disciplina 42
O poder normalizador 45
Confessando na era da Scientia Sexualis 50
O discurso confessional & Como nos confessamos hoje 55
Considerações finais 63
IMAGENS DE SI, IMAGINÁRIOS E ESTEREÓTIPOS 66
Considerações iniciais 66
Imagens de si e representações sociais 67
Identidade e ethos 69
Estereótipos e imaginários 73
Breves considerações sobre as representações de homens gays 82
Considerações finais 85
A VÍDEO-NARRATIVA CONFESSIONAL E A NARRATIVA DE VIDA NA ANÁLISE DO DISCURSO 88
Considerações iniciais 88
Narrativa de vida e o indivíduo que narra 88
Narrativa de vida: origens 91
Vídeo-narrativas confessionais 94
Considerações finais 98
QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO 101
Considerações iniciais 101
Caracterização do corpus 101
Estabelecimento dos corpora 106

Caracterização do suporte 109
Métodos para análise de vídeos no YouTube – o verboicônico em (narr)ação 112
Dimensão Situacional do Texto e da Imagem 114
Elementos técnicos da imagem cinética 116
Dimensão discursiva e de efeitos do texto e da imagem 119
Modos de organização 119
Imaginários sociodiscursivos 121
Categorias etóticas e patêmicas 121
As categorias 124
Necessidade de confessar 124
Estratégia de identificação/persuasão 131
Conflitos de estereótipos 134
O corpo gay em questão 138
Lembranças do período escolar 141
Avaliação social do outro 144
A evolução de/em si 147
Episódios de homofobia/“bullying" 150
Ilusão de “saída do armário” 152
Desidentificações com a cultura gay 156
Sentimento de solidão 161
Algumas palavras conclusivas sobre as categorias 165
Considerações finais 180
ANÁLISES 181
Considerações iniciais 181
A Análise Verbo-icônica 182
EUA1 – “The Biggest Problems in the Gay Community” 182
Avaliação da análise de EUA1 191
BR1 – “Saindo do armário (gay)” 193
Avaliação da análise de BR1 199
EUA2 – “Things I hate about being gay” 200
Avaliação da análise de EUA2 208
BR2 – “SER GAY É MUITO DIFÍCIL” 209

Avaliação da análise de BR2 217
EUA3 – “The Worst Part About Being Gay” 218
Avaliação da análise de EUA3 229
BR3 - “Como estou me sentindo após sair do armário?” 230
Avaliação da análise de BR3 237
EUA4 – “The struggle of being gay and accepting it.” 238
Avaliação da análise de EUA4 252
BR4 – “Ser gay cansa” 253
Avaliação da análise de BR4 261
Avaliação total das análises 262
Análise contrastiva dos dados 267
Considerações finais 271
CONCLUSÃO 273
REFERÊNCIAS 280
ANEXO 290

INTRODUÇÃO

Acredito que toda pesquisa tenha uma história, uma narrativa de como ela ganhou vida. Essa não poderia ser diferente. Em suas origens, ela flertou com a continuidade do tema trabalhado durante o Mestrado, que foi relacionado ao uso de aplicativos de encontros para homens gays. Na época, tratava-se de algo relativamente novo e, estando exposto a outras discursividades morando agora em Belo Horizonte, analisar uma multidão de perfis foi bastante sedutor.

O tempo passa e com ele vem a exposição a outras teorias, outras formas de vida, outras inquietações. Quando escrevi meu projeto para realizar Doutorado Sanduíche, ainda tinha em mente realizar alguma pesquisa nesse sentido; dessa vez aplicaria questionários, não só analisaria os perfis de usuários de aplicativos como havia feito anteriormente. Bom, aplicar questionários no Brasil já não é tão simples: é preciso ao menos estar inserido em uma rede de contatos para que se passem esses arquivos adiante, e ainda é preciso fazer com que as pessoas se engajem e se motivem a ajudar sua pesquisa. Como fazer isso em outro país?

De qualquer modo, esses entraves só foram descobertos quando já estava nos Estados Unidos, no estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Michigan, Ann Arbor, orientado pelo professor David Halperin. Certo dia, ainda no Brasil, estava lendo seu livro *How to be gay*, recomendação de um colega que sabia dos meus estudos em gênero e sexualidade. Tive então a ideia de enviar um e-mail ao autor sobre a possibilidade de uma orientação caso meu projeto de pesquisa no exterior fosse aprovado. Na verdade, não esperava uma resposta, pois já havia ouvido alguns nãos de alguns pesquisadores estrangeiros. Curiosamente, Halperin me respondeu muito rapidamente e, a partir daí, um novo mundo de pesquisa se abriu.

Fiquei feliz em saber que o livro que havia lido seria o tema da disciplina que o professor ministraria no período de Outono de 2018, quando eu chegaria nos EUA. A disciplina, intitulada *How to be gay: male homossexuality as a cultural practice* (tradução nossa: Como ser gay: homossexualidade masculina como uma prática cultural), já havia sido até proibida na universidade, como Halperin conta em

seu livro. Foi a partir desse curso que passei a entender o fato de ser gay com uma filiação cultural, algo que explicaremos no decorrer desta pesquisa.

Outro evento importante no caminho para estabelecermos o tema da tese foi ter cursado a disciplina *Sexological theories: from Krafft-Ebing to Foucault* (tradução nossa: Teorias da sexologia: de Krafft-Ebing a Foucault), ministrada por Gayle Rubin também na Universidade de Michigan. Quando vamos estudar nessas instituições nos EUA, entramos com o status de pesquisador visitante e, por isso, não somos formalmente alunos, mas ouvintes desses cursos. A professora me alertou, no primeiro dia de aula, que, caso a turma estivesse cheia, eu não poderia assistir às suas aulas, pois não haveria sequer espaço físico para mim na sala. Surpreendentemente, faltou exatamente um aluno para preencher a turma: a única vaga remanescente, então, era minha. A proposta do curso era basicamente ler todas as teorias que estavam sendo discutidas na época que Foucault escreveu *História da sexualidade I: a vontade de saber*. A leitura final prevista no cronograma da disciplina era justamente essa obra de Foucault. E foi nessa leitura que me peguei destacando e comentando um trecho que, em uma leitura anterior durante o Mestrado, já havia me chamado a atenção. Trata-se de uma passagem em que Foucault trata do caráter confessional como padrão de produção da verdade sobre o sexo[1]. A partir daí, alguma sorte de curiosidade sobre a confissão se instalou em meu sujeito pesquisador, imagino. E tudo isso se confirmou, digamos assim, com a última disciplina cursada em Michigan: *The Queer Theory of Michel Foucault* (tradução nossa: A Teoria Queer de Michel Foucault), também ministrada por David Halperin.

Uma das nossas primeiras preocupações em termos teóricos sobre esta pesquisa concernia o termo *confissão* em si. Primeiramente, é preciso entender que o verbo confessar, em francês, admite duas formas. Nas notas do tradutor, na

---

[1] Na edição em inglês, passada na disciplina de Rubin: “The confession was, and still remains, the general standard governing the production of the true discourse on sex. It has undergone a considerable transformation, however. For a long time, it remained firmly entrenched in the practice of penance. But with the rise of Protestantism, the Counter Reformation, eighteenth-century pedagogy, and nineteenth century medicine, it gradually lost its ritualistic and exclusive localization; it spread; it has been employed in a whole series of relationships: children and parents, students and educators, patients and psychiatrists, delinquents and experts. The motivations and effects it is expected to produce have varied, as have the forms it has taken: interrogations, consultations, autobiographical narratives, letters; they have been recorded, transcribed, assembled into dossiers, published, and commented on”. (FOUCAULT, 1978a, p. 63)

versão do livro em Português Europeu de *História da sexualidade 4: as confissões da carne*, da Editora Relógio D'Água, encontramos a seguinte explicação:

> Em francês, *aveu e avouer* significam "confissão" ou "confessar" no sentido de reconhecer ou de declamar – por exemplo, em termos judiciais. Por outro lado, *confession* (e, *mutatis mutandis*, o verbo *confesser*) refere-se, nomeadamente, à "confissão" como sacramento, como género literário ou registro de interlocução confessional, como crença ou fé que se professa ("confessa"), etc. (N.T.) (FOUCAULT, 2019, p. 120)

O título original da referida obra de Foucault é *Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la* chair. Parece-nos evidente, portanto, que o filósofo também se preocupou em diferenciar seu objeto de estudo, os "aveux". Estaríamos, portanto, no domínio dos *aveux*, ou seja, de reconhecimentos e declamações pessoais que inegavelmente possuem estrita relação com o domínio religioso das "confessions", como veremos no decorrer de nosso estudo.

Outra explicação, na mesma direção, é dada pelo tradutor de *História da sexualidade I: a vontade de saber*, na edição de 1988 pela Edições Graal.

> O autor emprega, em geral, dois termos, *aveu* e *confession*, que podem ser rigorosamente traduzidos em português por confissão. No texto, os termos são quase sempre empregados como sinônimos, mas possuem conotações diferentes. No sentido geral que orienta esta parte, o termo *aveu* significa confissão na acepção de declarar, dizer, admitir, atestar algo sobre si mesmo. Nesse sentido, a *confession* seria mais uma das modalidades de *aveu*, a que é codificada na prática do sacramento cristão da penitência. (N.T.) (FOUCAULT, 1988, p. 58, itálicos do autor)

Fica claro, assim, que a "confession" seria uma modalidade de "aveu", por isso a primeira está compreendida na segunda. Constataremos, mais adiante, que a prática confessional existe há muito tempo e, após se firmar como sacramento cristão, se manifestou também em outras práticas discursivas.

O próprio Foucault, em *Microfísica do poder*, nos alerta sobre as significações da palavra confissão:

> **A palavra confissão, que utilizo, talvez seja um pouco vaga**. Mas creio ter-lhe dado em meu livro um conteúdo bastante preciso. **Por confissão entendo todos os procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de**

> **verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito.** (FOUCAULT, 2013a, p. 390, grifos nossos)

Essa variedade de procedimentos que incitam o sujeito a produzir um discurso de verdade sobre a sexualidade é observada em nosso *corpus* e em outras práticas confessionais abordadas pelo filósofo. Faz-se necessário, ainda, reforçar que o tema da sexualidade deve percorrer esses procedimentos de que fala Foucault, assim como o caráter modificador que a prática confessional pode conferir ao sujeito que confessa.

Dito isso, podemos definir que, na tese, nosso objetivo geral é investigar como as narrativas de homens gays no YouTube configuram uma situação confessional, tal como a conceitua Foucault. Essa confissão se dá no âmbito das questões de gênero e sexualidade em um contexto de pós-armário. Em termos específicos, buscamos:

- Realizar uma análise contrastiva verbo-icônica entre narradores dos Estados Unidos e do Brasil,
- Investigar os efeitos da cultura homofóbica e do estresse de minoria em nossos sujeitos-narradores por meio do estabelecimento de categorias de análise,
- Testar a aplicabilidade de conceitos de Foucault e da Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013) ao *corpus*,
- Identificar marcas discursivas da confissão nas vídeo-narrativas em questão e descrever caracteres gerais das práticas confessionais em mídias digitais como o YouTube.

Partimos, portanto, da tese que homens gay, em um contexto de pós-armário, fariam uso de narrativas com caráter confessional em mídias digitais como o YouTube em um trabalho constante sobre si. Nossas hipóteses são as seguintes: 1) a construção narrativa dos sujeitos analisados, ao apresentar um caráter confessional, seria um reflexo da construção histórica do imperativo à busca pela verdade de si, que foi se modificando continuamente desde a Filosofia antiga, passando pelo Cristianismo até chegarmos a uma abordagem científica. 2) A partir desse período, a sexualidade se torna o tema privilegiado das confissões, época a que Foucault atribui o termo *scientia sexualis*. 3) Desde então, temo-nos tornado sujeitos confessantes, ou seja, sujeitos que confessam e, com o advento de mídias

digitais, tais práticas confessionais se viabilizaram e tomaram dimensões verbo-icônicas ricas em significação. 4) Por fim, no caso de homens gays especificamente, as vídeo-narrativas confessionais funcionariam como mecanismos de entendimento do pós-armário e, por meio delas, eles realizariam tanto uma permanente autoavaliação de si como uma constante releitura da cultura hegemônica e da cultura gay.

Inspirados por Halperin (2012), decidimos manter o termo cultura, e não subcultura gay, em toda a extensão da tese, para que não a carregássemos com o prefixo *sub* quando nos referíssemos à série de manifestações de resistência que uma subcultura apresenta. Dessa forma, quando falamos de cultura gay, estamos nos referindo a essa relação de adversidade que ela trava com a cultura hegemônica a respeito de comportamentos, papéis sociais, e tudo o que a ordem social prevê como normal e desejável.

A escolha por conduzir uma análise de narrativas pelo YouTube tem origem em uma conversa com a professora Gayle Rubin, com quem discuti a ideia inicial da minha tese. Ela me aconselhou falar com Jean Hardy, outro pesquisador da Universidade de Michigan que se debruçava em analisar perfis de usuários dos aplicativos mencionados em um contexto rural, ou seja, fora dos centros urbanos e, no caso dele, na península de estado de Michigan. Como ele não residia na mesma cidade que eu, nos "encontramos" via Google Hangouts, um recurso que nos permitiu dialogar online sobre as perspectivas da minha pesquisa e da sua. Jean relatou-me a dificuldade que também encontrou em conduzir uma análise semelhante à que havia imaginado (baseada em relatos) e, por isso, me recomendou que fizesse algo online. O YouTube foi, então, a mídia que nos pareceu mais completa para o tipo de *corpus* requerido.

Em termos de organização, iniciamos a tese com um capítulo dedicado a descrever como Michel Foucault trabalhou o tema da confissão em diferentes obras durante sua vida, chegando, postumamente, a ter uma obra publicada, na coletânea da *História da* sexualidade, com o título *As confissões da carne*. Nosso estudo nesse capítulo parte da concepção de cuidado de si e domínio de si, práticas filosóficas e monásticas, passa pelas técnicas de poder e de vigilância e chega à concepção de confissão em uma era de domínio do conhecimento científico sobre a sexualidade.

Ao final, buscamos ainda descrever como as atuais formas confessionais atuariam nos discursos em mídias digitais como o YouTube.

No capítulo seguinte, apresentamos alguns conceitos sobre representações sociais e suas ramificações, como identidade, *ethos*, estereótipo e imaginários sociodiscursivos. Nosso objetivo era antecipar alguns conceitos para que, nas análises, pudéssemos mostrar como os sujeitos que compõem o *corpus* se comprometem a projetar determinadas imagens de si, questionar estereótipos e suscitar imaginários mais improváveis acerca das experiências de vida de homens gays. Buscamos, ainda, relacionar conceitos foucaultianos como de visibilidade e vigilância às questões representacionais.

No terceiro capítulo, mostramos como a narrativa de vida, na concepção da professora Ida Lúcia Machado, tem sido trabalhada em diálogo com a Análise do Discurso de vertente francesa. Adicionalmente, buscamos definir nosso gênero vídeo-narrativa confessional baseados na teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, acrescendo-lhes as particularidades das práticas confessionais que observamos no nosso *corpus*.

O Quadro Teórico-Metodológico compreende basicamente a Grade de Análise de Imagens elaborada por Mendes (2013) e categorias de análise, todas baseadas nas discursividades dos narradores e nos Estudos de Gênero e Sexualidade, Estudos da Linguagem e Foucaultianos. Adiantamos que as categorias levantadas são as seguintes: necessidade de confessar, estratégia de identificação/persuasão, conflitos de estereótipos, o corpo gay em questão, lembranças do período escolar, a avaliação social do outro, a evolução de/em si, episódios de homofobia/“bullying”, ilusão de “saída do armário”, desidentificações com a cultura gay, sentimento de solidão. Ao descrevermos-nas, nos preocupamos em não só elencar as teorias atreladas a cada uma, mas também relacioná-las às narrativas em sua totalidade. Assim, ao discorrermos sobre conflitos de estereótipos, por exemplo, também apresentamos quais narradores tratavam desse assunto e como ele aparecia. A respeito da Grade, veremos que nela constam diversos elementos que explicamos individualmente para que, na seção de Análises, pudéssemos conjugar aqueles elementos com as categorias de análise mencionadas.

Outra informação que podemos antecipar é a maneira como nos referimos a cada narrador. Adotamos códigos que correspondessem ao país de origem do

narrador mais um número de 1 a 4. Assim, o código BR2, por exemplo, se refere a uma narrativa de um brasileiro e, na totalidade das quatro narrativas provenientes deste país, essa seria a segunda. A ordem estabelecida não seguiu nenhum padrão específico; apenas buscamos alternar as nacionalidades nas análises em si. Voltaremos a falar sobre essa metodologia na seção Categorização dos *corpora*.

Após a descrição de cada categoria, passamos para a análise verbo-icônica, apoiados na Grade de Análise de Imagens supracitada. A grade foi o ponto de partida, mas a análise não se limita a ela: perpassa todas as discussões teóricas que havíamos levantado até esse ponto da tese, além de apresentar alguns pontos novos. Ao final, realizamos uma avaliação final e contrastiva das análises, buscando colocar em evidência as semelhanças e dessemelhanças entre as narrativas.

Na Conclusão, assim como aqui na Introdução, ouso apresentar alguns aspectos da minha vida e das possíveis motivações que me levaram a conduzir uma extensa pesquisa no tema da confissão. E é com esse tema que damos início, então, à parte teórica, digamos assim, da tese.

A CONFISSÃO EM FOUCAULT

Considerações iniciais

O tema da confissão é recorrente na obra de Foucault. Segundo Castro (2016), aparece em *História da Sexualidade Volume I*, *Hermenêutica do Sujeito*, *Ditos e Escritos Volumes 3 e 4*, *Os anormais* e *Vigiar e Punir*. Mais recentemente, foi publicado um livro em que foram organizados seus escritos cujo tema central era a confissão na antiguidade, mais precisamente nos século III e IV. Intitulado *História da Sexualidade IV: As confissões da carne*, o volume, publicado em fevereiro de 2018, em francês pela Gallimard, encerra o tema da sexualidade relacionando-a à tradição monástica e à governamentabilidade pastoral.

Alguns desses conceitos "novos" já haviam sido mencionados por Foucault em cursos e palestras. Segundo Dias (2018, p. 247, grifos do autor), esse estudo se iniciara em 1977 e, no ano seguinte, "o autor estuda a *governamentalidade pastoral* como técnica de direção e controle que articula 'atos de verdade' e práticas de obediência." Esses atos de verdade parecem estar, de certa forma, ligados à ideia de ascese, uma prática contínua de exercício sobre si mesmo para o melhoramento pessoal.

A ascese filosófica em Foucault se distinguia da cristã, como vemos em Castro (2016, p. 45, grifos nossos), pois não estava "orientada à renúncia a si mesmo, mas à constituição de si mesmo", e buscava "orientar o indivíduo à verdade". O objetivo em termos gerais era de "assegurar a subjetivação do discurso verdadeiro, fazer com que eu me converta em *sujeito de enunciação do discurso verdadeiro*".

De todo modo, veremos que a forma que o discurso religioso se apropria da confissão será decisiva para a manutenção de uma ordem e uma prática confessionária que são ainda vigentes em nossa sociedade. Se tratamos especificamente dos homens gays, a confissão parte de um grupo oprimido que, por fazer um uso desviante de seus prazeres, deve confessar seus desvios.

A fim de darmos um seguimento histórico às teorias, iniciamos a discussão com o último volume de *História da Sexualidade*, que tratava das formas primordiais da confissão no cristianismo e do ascetismo monástico. Em seguida, passamos à obra *Vigiar e Punir*, em que estão sistematizados alguns conceitos sobre vigilância.

Por fim, chegamos à *História da Sexualidade I*, momento em que resgatamos da ideia da *Scientia sexualis* as práticas confessionais modernas, características do saber médico e psicológico, até chegarmos ao que entendemos pela prática confessional atual e em pauta. A adoção dessa ordem de leitura foi, na verdade, tanto um conselho do professor David Halperin, co-orientador desta pesquisa durante meu estágio de doutorado sanduíche nos EUA, como um roteiro baseado na disciplina "Sexological Theories – from Krafft-Ebing to Foucault"[2], ministrada pela professora Gayle Rubin na Universidade de Michigan no Outono de 2018. Para ambos professores, ler *Vigiar e Punir* antes do primeiro volume de *História da Sexualidade* permite-nos enxergar alguns detalhes importantes na segunda obra.

As confissões da carne

O mais recente volume de *História da Sexualidade*, *Les aveux de la chair*, segundo Santana (2019), foi escrito entre 1981 e 1982, quando Foucault lê os Padres da Igreja no intuito de se aprofundar no cristianismo primitivo. Como o filósofo morreu antes da publicação da obra, Frédéric Gros, também filósofo francês e grande conhecedor da obra de Foucault, foi o responsável por organizar os manuscritos, e, em março de 2018, é publicado na França o quarto volume da *Histoire de la sexualité 4: les aveux de la chair* pela editora Gallimard.

Aqui expomos as visões de Dias (2018) e de Notto (2018) a respeito da obra, assim como trechos originais da obra em Francês pela editora Gallimard, e em Português de Portugal pela Editora Relógio D'Água. Atentamos para o fato de que o acesso à obra em Português ter sido mais tardio e, por isso, dispusemos na pesquisa trechos das versões nos dois idiomas mencionados.

De qualquer forma, nessa edição, Foucault busca recuperar um tema que já havia trabalhado anteriormente: a verdade no interior de cada um. Existe, assim, uma continuidade intelectual entre o primeiro e o último volume da coletânea *História da Sexualidade*. Notto (2018), ao contrário de Santana (2019) afirma que, na verdade, o quarto volume foi o primeiro a ser redigido, entre os anos de 1979 e 1980, quando Foucault ministrava o curso "O governo dos vivos".

---

[2] RUBIN, Gayle. **Sexological theories**: from Krafft-Ebing to Foucault: curso do período de Outono, 5-set./14-dez. de 2018, 7 f. Notas de Aula. Impresso.

Voltando-se agora para o século III e IV, Foucault se interessa por duas práticas cristãs em particular: a penitência e o ascetismo monástico, que teriam capacidade de reorganizar a relação do sujeito consigo mesmo. Consoante Dias (2018, p. 248), a vida ascética, “a direção da consciência, o exame de si, a busca pelos erros que estão escondidos, a operação de levar a luz até o lugar mais escuro de si mesmo, a constituição de si como objeto de investigação e discurso” seriam capazes de direcionar o sujeito a uma nova dinâmica sobre o entendimento de si.

O batismo – um renascer

Um dos primeiros conceitos abordados em *História da Sexualidade* 4 é o batismo. Aquele praticado nos séculos III e IV dizia respeito à morte para o pecado. Isso quer dizer que deveria haver, segundo Francisco (2018, p. 80), uma “mortificação que, por sua vez, não se reduz ao momento do batismo, mas se estende demoradamente num preparo que reclama provas como signo de morte para o pecado”. Novamente, trata-se de um exercício na vida do catacúmeno, aquele que se inicia na vida religiosa cristã.

O início desse exercício instauraria um renascer. Nas palavras de Foucault (2018a, p. 69): "Le baptême, en outre, constitue une nouvelle naissance : il redonne la vie” (Tradução nossa: O batismo, além disso, constitui um novo nascimento: ele dá a vida novamente). Acompanhado dessa nova vida, estaria uma consequente abertura da alma para a luz, para a verdade, eliminando tudo aquilo que pudesse torná-la obscura. Era requerido do batizado uma sorte de penitência compreendida pela *sunesis*: uma tomada de consciência, uma compreensão, um dar-se conta. Para isso, era necessário levar em conta três aspectos:

> il faut, en laissant les actions autrefois commises remonter jusqu’à la surface du cœur, se convaincre qu’elles étaient mauvaises — mauvaises « vis-à-vis » de Dieu, c’est-à-dire à la fois par rapport à lui, contre lui et sous son regard ; il faut comprendre qu’on doit maintenant se détourner du mal et s’attacher au contraire au bien ; **il faut enfin authentifier le changement**, « humilier » l’âme qui a péché, l’« éprouver » maintenant qu’elle a été rénovée, c’est-à-dire **donner à soi-même et à Dieu les signes qui attestent ce changement.** (FOUCAULT, 2018a, p. 72-73, grifos nossos)

(Tradução nossa:

> é preciso, deixando as ações outrora cometidas retornarem à superfície do coração, se convencer de que elas eram ruins – ruins "na visão de" Deus, ou seja, em relação a ele, contra ele e em sua visão; é preciso compreender que se deve agora se desviar do mal e se agarrar, por outro lado, ao bem; **é preciso enfim autenticar a mudança**, "humilhar" a alma que pecou, "experimentá-la" agora que foi renovada, ou **dar a si mesmo e a Deus os sinais que atestam essa mudança**. (FOUCAULT, 2018a, p. 72-73, grifos nossos)

Em outras palavras, percebemos que, apesar de a penitência batismal não requerer uma disciplina longa e extenuante em si mesma, envolvia trabalhos ou práticas que diziam respeito ao conhecimento de si sobre si mesmo, muito mais subjetivos, no "interior" do indivíduo. Para Santana (2019, p. 03), "o tempo de preparação para receber o batismo não se limita apenas aos ensinamentos dados pelo catequista, mas o catecúmeno é conduzido a descobrir a sua própria fraqueza". Veremos mais adiante que a penitência pós-batismal, por sua vez, exigirá, sim, formas mais prolongadas de remissão dos pecados.

A confissão batismal, aliás, faz parte de uma prova penitencial, e, para Dias (2018, p. 251, itálicos do autor), "é um ato que *produz uma posição para si*, cujo objetivo é reconhecer a si mesmo como pecador e manifestar essa consciência diante de Deus." Essa nova posição para si não anula a outra, mas posiciona o sujeito de uma forma diferente, como o próprio Foucault (2018 [1981], p. 08) afirma: "A confissão, ao mesmo tempo que vincula o sujeito ao que ele afirma, qualifica-o de outra maneira em relação ao que ele diz". Por esse motivo, é preciso, mais do que dizer a verdade, *fazer* a verdade, ou seja, promover uma mudança, performar o que é dito sobre si.

Sobre esse acesso à verdade, acrescenta-se um conceito bastante importante em *As confissões da carne*: o de metanoia.

> A relação de si consigo, entendida como labor de si sobre si mesmo e como tomada de consciência de si por si mesmo passa a ocupar assim um lugar cada vez mais marcado no processo global de conversão-penitência destinado pelo termo *metanoia*. (FOUCAULT, 2019, p. 89, itálicos do autor)

O dicionário Wiktionary, traz, na página em inglês[3], a origem etimológica da palavra metanoia, que vem do grego μετάνοια. Decompondo a palavra, temos μετά

[3] Disponível em: https://en.wiktionary.org/wiki/metanoia. Acesso em: 16 nov. 2020.

significando “depois”, “com”, e νοέω, “perceber”, “pensar”. Na mesma página, encontramos ainda a definição do substantivo como “a fundamental change of mind” e “spiritual conversion” [tradução nossa: uma mudança de opinião fundamental e conversão espiritual, respectivamente]. Percebamos aí que, na decomposição da palavra, já compreendemos que a metanoia prevê um processo de percepção e de pensamento que é tanto simultâneo (“com”), como tardio (“depois”) e, por isso, é tratada como um tipo de conversão, ou seja, algo que não ocorre de forma rápida, e sim laboriosa.

Em *Hermenêutica do sujeito*, Foucault (2006, p. 259) caracteriza a metanoia da seguinte forma: “Sabemos que a própria palavra significa duas coisas: é a penitência e é também a mudança, mudança radical ao pensamento e do espírito”. Percebamos então que penitência e mudança caminham juntas, de modo que haja uma passagem de um tipo de sujeito a outro, ou seja, uma transformação lograda em direção à luz. O filósofo vai além e demarca o uso do termo metanoia em Epíteto, quando aparece ligado à ideia de mudança de opinião. Acrescenta-se ainda o fato de não haver na literatura grega da época uma conotação positiva de metanoia, senão negativa. Epíteto nos atenta à

> *necessidade de expulsar os julgamentos errôneos que possamos ter na mente*. E por que temos necessidade de expulsar os julgamentos errôneos? Porque, do contrário, seríamos obrigados, por causa destes julgamentos e em conseqüência deles, a nos censurar, a nos combater, a nos arrepender […]. Seríamos obrigados a nos arrepender: *metanoeîn.* (FOUCAULT, 2006, p. 263-264)

Veremos nas análises, por exemplo, que BR3 grava sua vídeo-narrativa confessional em tom de arrependimento, pois havia publicado antes outro vídeo em que “sai do armário” para todos seus seguidores de forma “explosiva”. Na análise de Foucault (2006, p. 259) sobre os preceitos gregos, é preciso evitar a metanoia enquanto forma de arrependimento, pois ela deve ser uma forma genuína de se proporcionar a si mesmo uma "mudança radical do pensamento e do espírito”.

Somente anos mais tarde que a metanoia terá um sentido positivo. No sentido cristão, ela proporcionaria o “acesso a uma vida sem remorsos”, como descreve Foucault (2006, p. 265). Observamos, assim, a incorporação de um preceito filosófico na lógica cristã que, de certa forma, “resolve” o caráter negativo do arrependimento. Em outras palavras, se a metanoia deveria ser evitada enquanto

forma de arrependimento na tradição filosófica, a tradição cristã se encarregará de torná-la mais leve, por assim dizer, ao minimizar o sentimento de remorso.

Trata-se, pois, de um elemento necessário tanto para a remissão dos pecados, como para o acesso à verdade; ainda, uma manifestação do ser, e não uma objetificação da alma. É uma forma de tornar evidente a transformação, a passagem da alma a um outro estágio, quando ela "se vira por inteiro por si mesma, inverte todos seus valores e muda completamente" (FOUCAULT, 2019, p. 119). Mas essa mudança não pode ser exclusivamente iniciada *por causa do* batismo, e sim como *ponto de partida* a uma vida cristã.

Assim, nas palavras de Foucault, a metanoia é tida como um dos processos inaugurais de instauração da penitência, que, até então, era exclusivamente representada pelo batismo. No texto do Pastor Hermas, mais especificamente no seu quarto preceito, Foucault percebe que, no cristianismo primitivo, o batismo era, de fato, a única forma de penitência. Somente no século II instaura-se um novo modo bastante único de aceder ao perdão após o batismo.

Se, através do batismo, somos chamados à metanoia e, ainda assim, descumprimos esse início à vida cristã, temos a partir do século II um novo recurso que viria a custos altos: uma *penitentia secunda*. "Do mesmo modo que a água do baptismo tinha por missão lavar as faltas anteriores, pede-se às lágrimas da penitência que lavem as fraquezas que tiveram lugar após o baptismo" (FOUCAULT, 2019, p. 96). Vemos, portanto, que essa penitência será custosa, pois custará ao faltoso lágrimas capazes de lavar suas fraquezas, suas faltas cometidas após o batismo.

O processo dessa penitência não é simples: inicia-se com um pedido discreto, uma confissão oral que delinearia a prática como a conheceremos mais tarde. O que se segue, no entanto, é uma série de práticas, atestando que um pecado foi cometido e que se está arrependido. Esse reconhecimento está compreendido no conceito de exomologêsis, explicado por Foucault (2012, p. 301) da seguinte forma: "L'exomologèse, c'était cette manifestation en vérité de l'être pécheur. C'était l'alèthurgie du pécheur comme pécheur" [tradução nossa: A exomologêsis era essa manifestação em verdade do ser pecador. Era a aleturgia do pecador como pecador]. Castro (2016), por sua vez, também explica o termo e expande a noção de exomologêsis:

> Esse termo designa, em um sentido amplo, a manifestação de uma verdade e a adesão do sujeito a essa verdade que proclama. É uma afirmação enfática na qual o sujeito se vincula a essa verdade e aceita suas consequências. Como ato de fé, é necessária para o cristão. **Mas há outro tipo de exomologêsis, a confissão dos pecados. Ela não era no entanto, como a confissão da época moderna, uma verbalização analítica das faltas com suas circunstâncias, mas antes, um rito coletivo no qual se reconheciam apenas as faltas graves**. (CASTRO, 2016, p. 160, grifos nossos)

Atentemo-nos primeiramente para o fato de se tratar de um rito coletivo. Foucault afirma que o penitente deverá se inscrever num conjunto de *procedimentos de verdade*, que irão variar de acordo com o que foi confessado, e abranger os domínios do verbal e do não verbal.

> […] de um lado, **há a exposição necessariamente oral** que o futuro penitente deve fazer àquele que o receberá na penitência; e, do outro, a série de **gestos**, das **atitudes**, das lágrimas, das **vestes**, dos gritos, por meio dos quais o que pecou manifesta a sua penitência. Talvez proclame o que foi o seu pecado: mas essa comunicação faz ela mesma parte de todo **um conjunto de expressões em que é o corpo por inteiro o elemento principal**. (FOUCAULT, 2019, p. 110-111, grifos nossos)

É importante notar que essas mesmas características apontadas pelo filósofo, como gestos, vestes e a expressão do corpo por inteiro constituem também elementos que fazem parte de nossas análises nas seções futuras. A corporalidade envolvida nas práticas confessionais importam muito, pois compreendem formas de se dizer algo e, por isso, estão no domínio do não verbal. Faz parte ainda do que se exige na exomologêsis – um conjunto de procedimentos de verdade que envolvem práticas públicas, ou seja, que devem ser ditas e mostradas pelo corpo como maneiras de se reafirmar algo. No caso da análise foucaultiana, trata-se de se publicizar a penitência, tornar visível as práticas de penitência com o intuito de se provar a adesão a um novo estilo de vida, fazendo "surgir em plena luz o próprio penitente, tal como é: verdadeiramente pecador, e já não o sendo verdadeiramente. (FOUCAULT, 2019, p. 111-112). Isso está diretamente relacionado ao caráter modificador que a confissão imprime ao confessante, como Foucault traz em *Vigiar e Punir*. Essa passagem de estados

ocorre, então, graças à penitência, que abrange uma gama de rituais públicos e privados.

Entendamos, assim, que essa demanda de um fazer público, isto é, de mostrar por meio do corpo a adesão a um ritual de práticas penitenciais compreende uma demanda inscrita no universo do fazer a verdade. Dias (2018, p. 252, itálicos do autor) explica que "Mais que *dizer a verdade* (dire vrai), o penitente deve *fazer a verdade* (faire vrai), produzi-la concretamente, performar aquilo que é por meio de uma dramatização de si". Por esse motivo, apontamos anteriormente que não basta que a inscrição na penitência seja exclusivamente verbal, mas também não verbal – performar um estágio de remissão e de mudança.

Percebamos, por fim, a relação estabelecida entre os conceitos de exomologêsis e metanoia. O primeiro é a prova de que o segundo existiu, ou seja, o trabalho árduo e penitente de arrependimentos em demonstrações verbais e não verbais constituem a verificação do exercício primeiro e determinante sobre a alma. É preciso reconhecer, no entanto, que essa sorte de tradição que envolvia a direção espiritual, o exame de si, o pedido de guias e aceitação de regras são bastante antigos, e a isso Foucault dedica outra seção em *As confissões da carne* e em *A hermenêutica do sujeito*, como veremos a seguir.

O cuidado e a prática de si

Dois importantes conceitos são trabalhados por Foucault já no início da obra *A hermenêutica do sujeito*. Trata-se de *gnôthi seautón* e *epiméleia heautoû*, ou *conhece-te a ti mesmo* e *cuidado de si mesmo*, respectivamente. O primeiro, conhece-te a ti mesmo, aparece como uma das consequências do segundo, uma forma de aplicação. Sobre essa necessidade de se conhecer, Foucault (2006, p. 07) pontua: "é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo". Mas que tipo de cuidado é esse e sobre o quê ele incide?

Em primeiro lugar, Foucault mostra que a Sócrates foi dada a tarefa de interpelar as pessoas e dizer-lhes que se ocupassem de si mesmas. Tal missão teria

sido algo pedido pelos deuses e, portanto, o filósofo assumiu o papel de alguém que desperta. A que fim serviria, então, esse despertar?

Foucault (2006, p. 11) define Sócrates como "o homem do cuidado de si". Esse cuidado de si deve representar uma espécie de agitação existencial, uma inquietude permanente sobre o indivíduo durante toda sua existência. O olhar não deveria estar voltado para o mundo ou para outros sujeitos, senão para si mesmo. É preciso estar atento ao que se pensa. Em Sócrates, a ideia de um cuidado de si, de ocupar-se de si mesmo, sempre esteve atrelada a conotações positivas. No decorrer do tempo, Foucault (2006, p. 17) nota que algumas das regras envolvidas nessa prática foram ressignificadas para uma "ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si, seja sob a forma 'moderna' de uma obrigação para com os outros - quer o outro, quer a coletividade, quer a classe, quer a pátria, etc." A respeito da espiritualidade, Foucault a entende como um dos caminhos para se chegar a um entendimento de si. Essa prática não se voltaria para se obter conhecimento, e sim para o sujeito, para que ele tenha acesso à verdade. Mas que sorte de verdade é essa e de que espiritualidade estamos falando?

A espiritualidade compreende um conjunto de práticas como purificações, asceses, renúncias, conversões do olhar, cujo fim é o acesso à verdade. Outra forma de se ter acesso à verdade é por meio da ascese. Foucault (2006, p. 20) define a ascese da seguinte maneira: "trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*)". Trata-se, portanto, de uma transformação progressiva e laboriosa, cujo responsável por empreendê-la é o próprio sujeito. Haverá, no entanto, uma mudança nessa concepção na Idade Moderna, quando, para Foucault, o "momento cartesiano" redefine o acesso à verdade que agora não mais necessariamente perpassa a espiritualidade, e sim o *conhecimento*.

De qualquer forma, o objeto dessas transformações empreendidas pela ascese e pelo cuidado de si não é o corpo. Afinal, para Foucault, o corpo não pode servir de si mesmo. Mas o único elemento que se serve do corpo, de seus órgãos e até da linguagem é a *alma*. O trabalho sobre si, ou, como veremos mais tarde nas análises, a evolução de/em si, parte da alma. Elaborando um pouco mais essa

noção de alma, Foucault resgata Platão para explicar-nos que deve haver uma relação entre a alma e o que a rodeia – os objetos, os outros e o próprio corpo. Chega-se, enfim, à ideia de uma alma-sujeito, fugindo-se, assim, de uma concepção pura de alma-substância.

É a partir do cuidado de si e dessa concepção de alma-sujeito que podemos avançar ao papel do mestre. Nas palavras de Foucault (2006, p. 73-74),

> o cuidado de si é, com efeito, algo que, como veremos, tem sempre necessidade de passar pela relação com um outro que é o mestre. Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre. […] O mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo.

De que maneira o mestre contribuiria para esse cuidado de si?

Esse tipo de cuidado passou por dois momentos distintos nos séculos I e II. Em um primeiro momento, o princípio do cuidado de si era requisito apenas para jovens aristocratas. Pensa-se que, a fim de cuidar dos outros, governar os outros, era preciso aprender a ter o cuidado de si, conhecer a si mesmo para comandar uma população. Em seguida, ocupar-se de si torna-se uma atividade não com um fim particular de administrar a cidade, senão com a finalidade em si mesmo. Foucault ainda nos atenta para o fato de que a atividade de cuidado de si era antes uma preocupação de cunho pedagógico – destinada sobretudo aos adolescentes que estavam por entrar na vida adulta. A partir do momento em que o cuidado de si se torna uma atividade não mais exclusivamente reserva ao atendimento dessa crise pedagógica, ele se estende e se torna uma tarefa inerente à vida adulta como um todo.

> "[…] a partir do momento em que **o cuidado de si torna-se assim uma atividade adulta**, sua função crítica vai evidentemente acentuar-se, e acentuar-se cada vez mais. A prática de si terá um papel corretivo tanto, ao menos, quanto formador. Ou ainda, **a prática de si tornar-se-á cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros**. (FOUCAULT, 2006, p. 114, grifos nossos)

Alguns elementos deste excerto se destacam e se fazem presente nesta pesquisa. Em nossas análises, elencamos algumas categorias baseadas naquilo que nossos narradores apresentavam em suas narrativas. Quando Foucault afirma que a prática de si se torna, com o tempo, uma atividade crítica que se volta a si mesmo, nos

remetemos à categoria *evolução de/em si*, presente na seção de análises. Quando diz que essa mesma prática se relaciona também ao mundo cultural do indivíduo, encontramos uma correspondência direta com a categoria *desidentificações com a cultura gay*. Por fim, quando menciona a prática de si e a vida dos outros, pensamos de imediato na categoria *avaliação social do outro*. Todas essas categorias de análise, além de outras, estão individualmente explicadas em sua devida seção. O que nos faz colocá-las aqui, de antemão, é a necessidade de se atentar ao *corpus*: foi graças a uma análise prévia dele que pudemos perceber que a teoria foucaultiana nos dava respostas para os questionamentos da pesquisa. Ou seja, o que Foucault descreve se repete nas vídeo-narrativas confessionais analisadas.

De forma complementar, Foucault (2006, p. 115) ainda reforça que o cuidado de si visava a uma formação do indivíduo para que ele venha a "suportar, como convém, todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os reveses que possam atingi-lo." Esse caráter de fortalecimento do indivíduo a árduas custas é frequentemente mencionado pelos narradores que compõem o *corpus*, pois, nas palavras deles, é preciso evoluir para se chegar a um estágio em que as desgraças, os *bullyings* não mais os atinjam como outrora.

Por fim, o objetivo da prática de si era, para Foucault (2007, p. 116), "corrigir, não formar, ou não apenas formar: deve também, e principalmente, corrigir, corrigir um mal que já está lá. […] Tornamo-nos o que nunca fomos […]". Curiosamente, tornar-se algo que nunca fomos, em uma perspectiva de transformação radical do nosso caráter, é um tema que se repete em *Malfazer, dizer verdadeiro*, quando o filósofo afirma que a "confissão, ao mesmo tempo que vincula o sujeito ao que ele afirma, qualifica-o de outra maneira em relação ao que ele diz" (FOUCAULT, 2018, p. 08). É sobre esse caráter transformador que a prática de si e, mais tardiamente, a confissão como a conhecemos atuará. No entanto, para nos aprofundarmos na prática confessional, é preciso passar ainda por alguns princípios, como o da direção e do domínio de si.

O princípio de direção e o domínio de si

Sobre esse cuidado de si, Foucault (2019, p. 123) afirma que nas escolas de filosofia já havia formas institucionalizadas de exame de direção, como entre os epicuristas: “preparavam-se conversas individuais, impunha-se aos membros da Escola uma regra de franqueza, incitando cada um a expor a sua alma e a nada dela esconder, a fim de ser possível guiá-los eficazmente”. Eram preparados para essa tarefa apenas os mestres com muita experiência. Além disso, a direção individual desses pupilos deveria incluir sobretudo o exame da consciência, algo que os pitagóricos já possuíam como prática.

Por meio do exame de consciência visava-se um objetivo comum: o domínio de si. Em outras palavras, se tal exame era levado a sério de modo que se tornasse um hábito recorrente do discípulo, não seria necessário, futuramente, recorrer a outrem para se examinar. Mas como garantir esse domínio? Somente através do exame era possível alcançá-lo, sendo que esse exame envolvia tanto o reconhecimento dos erros do passado como o estabelecimento de regras para que eles não se repetissem.

Esses conceitos da filosofia antiga provam-se, pois, mais facilmente impregnados e absorvidos pelo pensamento cristão do que pela vida filosófica em si. O princípio de direção, por exemplo, vai encontrar ainda no tema do pastor uma correspondência profícua, como nos explica Castro (2015, p. 122-123, grifos nossos):

> **El poder pastoral**, en realidad, es una figura que toma forma con el cristianismo a partir de las tradiciones hebrea y oriental, y de ciertas técnicas de vida de la tradición griega, sobre todo de la filosofía de la época helenística. Con el monaquismo estas dos tradiciones se conjugan para constituir la primera versión del poder pastoral. A partir de la literatura cristiana de los primeros siglos (Crisóstomo, Cirpriano, Ambrosio, Jerónimo, Benito de Nursia), Foucault enumera cuatro elementos característicos de esta nueva forma de poder: 1) La responsabilidad del pastor no sólo concierne a la vida de las ovejas, sino a todas sus acciones. Los pecados del rebaño son imputables, en última instancia, al pastor. 2) La relación entre el pastor y sus ovejas es individual y total. 3) **El pastor debe conocer lo que pasa en el fuero más íntimo de cada una de sus ovejas**. Aquí van a reunirse dos prácticas que ya existían en las tradiciones pitagórica, estoica y epicúrea: **el examen y la dirección de la consciencia**. En esta reunión adquirirá forma de doctrina de la obediencia concedida como sumisión total. 4) El pastor debe

> conducir a sus ovejas por el camino de la mortificación, una especie de muerte cotidiana en este mundo.
>
> (Tradução nossa:
> **O poder pastoral**, na verdade, é uma figura que toma forma com o cristianismo a partir das tradições hebreia e oriental, e de certas técnicas de vida da tradição grega, sobretudo da filosofia da época helenística. Com o monasticismo, essas duas tradições se conjugam para constituir a primeira versão do poder pastoral. A partir da leitura cristã dos primeiros séculos (Crisóstemo, Cipriano, Ambrosio, Jerônimo, Bento de Núrsia), Foucault enumera quatro elementos característicos desta nova forma de poder: 1) A responsabilidade do pastor não só concerne à vida das ovelhas, mas também a todas suas ações. Os pecados do rebanho são imputáveis, em última instância, ao pastor. 2) A relação entre o pastor e suas ovelhas é individual e total. 3) **O pastor deve conhecer o que acontece no foro mais íntimo de cada uma de suas ovelhas.** Aqui reunir-se-ão duas práticas que já existiam nas tradições pitagórica, estoica e epicúrea: **o exame e a direção da consciência**. Nesta união adquirirá forma de doutrina da obediência concedida como submissão total. 4) O pastor deve conduzir suas ovelhas pelo caminho da mortificação, uma espécie de morte cotidiana neste mundo.)

Atentemo-nos para o terceiro elemento apontado pelo autor, em que é mencionada a existência do exame e da direção da consciência nas tradições pitagórica, estoica e epicúrea. Foucault (2019) nos lembra também que esses dois princípios foram absorvidos pela tradição cristã sem novidades, e somente no monasticismo se observaram algumas particularidades inerentes a essa forma de vida específica. Santana (2019, p. 05) chama a atenção para uma diferença entre a direção da consciência na tradição estóica, “que buscava estabelecer condições de um exercício soberano da vontade sobre si-mesmo”, e a direção da consciência na tradição cristã, "que tem por finalidade a renúncia à vontade”. Apesar de essas práticas já existirem nas tradições mencionadas, é sobre o monasticismo que Foucault se debruça para compreender as particularidades e as implicações de uma herança filosófica nas práticas cristãs.

Portanto, ao analisar então o estilo de vida do ascetismo monástico, Foucault se baseia em Cassiano e São Jerônimo, responsáveis por veicularem essa experiência oriental no ocidente. O princípio de direção aí compreendido prevê, segundo Dias (2018, p. 253), a “anulação da própria vontade e substituição pela vontade de um outro”, sendo que, “para alcançar a obediência, então, um exercício duplo é indispensável: o exame permanente de si e a confissão perpétua”. É,

portanto, através da direção que se adentra, para Foucault (2019, p. 133), “na realidade da existência monástica”. Mas como garantir que aquilo que confesso a mim mesmo tem o mesmo valor que o atribuo? Como assegurar-me, enquanto sujeito que confessa, de que não estou enganado sobre mim mesmo, e, assim, enganando a mim mesmo?

Daí vem a necessidade de se confessar. Para Dias (2018, p. 253-254), esse modelo explicado por Foucault prevê uma “suspeição sistemática”, o que faz com que a dúvida seja “administrada por um desdobramento discursivo: tudo aquilo que atravessa o meu espírito deve se tornar discurso”. Por isso a importância do dever, do comprometimento ao exame-confissão e da obediência, que, para Foucault (2019, p. 160) “tem por propósito impedir que alguma vez a interioridade se feche sobre si mesma e possa, comprazendo-se na sua autonomia, deixar-se seduzir pelas potências enganadoras que a habitam”. Existem modos potencialmente perigosos de se acreditar numa falsa autonomia de si e, por esse motivo, a externalização do que atravessa meu espírito é tão necessária.

A essa prática de exame constante de si ligado a um endereçamento discursivo a outrem é dado o nome de exagoreusis. E aqui é importante diferenciá-la da exomologêsis vista anteriormente. A primeira era praticada no ascetismo monástico. Não envolvia uma categoria definida de elementos, mas todos os segredos da alma e, por isso, requeria um exame-confissão permanente, uma veridicção dos segredos ignorados por si. Já a segunda era uma condição adquirida graças à metanoia. Requeria uma confissão verbal e uma série de atos penitenciais que deveriam ser publicizados. Dizia respeito a alguns elementos que deveriam ser confessados, e não necessariamente a tudo o que atravessava a alma. Para Foucault (2019, p. 162, grifos nossos), a partir daí, instaura-se um paradoxo nas práticas de espiritualidade cristã:

> a veridicção de si mesmo está fundamentalmente ligada à renúncia de si. **O trabalho indefinido a fim de se ver e se dizer a verdade de si mesmo é um exercício de mortificação**. Temos, pois, na *exagoreusis* um dispositivo complexo em que o dever de se mergulhar indefinidamente na interioridade da alma está acoplado à obrigação de uma exteriorização permanente no discurso endereçado ao outro; em que **a busca da verdade de si deve constituir um certo modo de se morrer para si mesmo**.

Esse trabalho indefinido constituiria, pois, uma morte em si mesma, pois que, obrigados a mergulharmos nas profundezas da alma e a externalizar aquilo que a atravessa, estaríamos exercendo uma sorte de mortificação, uma renúncia de si. Veremos que, de fato, em nosso *corpus*, os narradores, que confessam, buscam em suas interioridades lembranças, coisas que leram e viveram e as endereçam a seu público na tentativa de buscarem uma verdade de si. Trata-se de um exercício constante – existem várias vídeo-narrativas em um mesmo canal de cada narrador, o que nos mostra que as linguagens verbal e não verbal são também os veículos da confissão.

Noto (2018, p. 284) ainda relaciona os conceitos de exomologêsis e exagoreusis a dois outros: “faire-vrai” e “dire-vrai”. O primeiro “tem como objetivo expurgar os pecados do corpo”, enquanto o segundo “mais do que mortificação somática, quer renunciar a certos pensamentos dúbios, enganosos ou ilusórios”. Nesse sentido, segundo a mesma autora, a tradição cristã se inscreve muito mais na tradição do “dire-vrai”, ou seja, das práticas de exagoreusis: “herdamos da cultura cristã a desconfiança incessante em relação a nossos próprios pensamentos”. Veremos adiante que, a partir da Idade Média, algumas dinâmicas envolvendo a confissão e a penitência foram se alterando; consideramos crucial, no entanto, que esse resgate às tradições, tanto do Cristianismo primitivo como do ascetismo monástico, fosse realizado. Foi justamente essa retomada histórica que nos permitiu identificar traços de práticas confessionais na contemporaneidade.

Vigilância e técnicas de poder

Em *Vigiar e Punir*, Foucault dá início à obra com a descrição de uma execução pública. Seu objetivo ali era introduzir a ideia de uma punição corporal e, gradualmente apresentar-nos como se deu a transição para a punição da alma. Entretanto, antes de chegar a esse último estágio, é preciso passar pelo modelo prisional francês, suas peculiaridades na sociedade da época e as atuais consequências que, de certa forma, respingaram em uma sociedade “livre”, "fora” do sistema carcerário.

No fim do século dezoito e início do século dezenove, era a certeza de ser punido, e não o espetáculo público da punição, que deveria desmotivar o crime,

segundo Foucault (1978). Recordemos-nos das lições do episódio bíblico de Sodoma – o juízo final chega a todos que desrespeitarem as leis divinas. Essa tornou-se uma história que deve ser lembrada, para Jordan (1997, p. 32), pois ainda é pertinente: “What happened at Sodom is not an exotic, foreign vice that cannot be mentioned. It is, on the contrary, a most articulate reminder of the consequences of rebelling against God. We remember the story of Sodom because we need to learn obedience from it.” (Tradução nossa: O que aconteceu em Sodoma não é um vício exótico e estranho que não pode ser mencionado. Pelo contrário, é um lembrete bastante articulado das consequências de se rebelar contra Deus. Lembramos-nos da história de Sodoma porque precisamos aprender a obediência através dela). Assim, ainda que a punição tenha se transferido ao domínio do “privado”, ela ainda existia, era coercitiva e imperdoável.

Paralelamente, os punidores assumem novas faces, pois agora se trata de aplicar a punição não sobre o corpo em si, mas sobre a liberdade do corpo. Assim, educadores, psiquiatras, psicólogos, médicos, por exemplo, são a quem devemos temer os rituais modernos de execução, como aponta Foucault (1978, p. 16). Mas execução de que? Para o filósofo, as novas penalidades seriam doravante aplicadas aos “pensamentos, à vontade, às inclinações” – enfim, à alma. Essa alma, ao contrário do que afirma a teologia cristã, não é nascida de um pecado original, mas sobretudo de métodos de punição e de vigilância. Mas afinal, de que tipo de poder punitivo/vigilante estamos falando?

Ora, se trata de um poder *produtivo*. Isso quer dizer que está descentrado e, portanto, disperso nas relações, e não somente nas instituições tidas como repressoras, como escola, exército, prisão. A visão de um poder produtivo desloca o foco nessas formas até então correntes em se pensar o poder para uma atribuição gradual de práticas e relações de poder, no plural. Em *Microfísica do poder*, Roberto Machado nos explica, de forma introdutória, que

> **os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social**. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível. Daí a importante e polêmica ideia de que **o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não**. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, ***o* poder não existe; existem práticas ou**

> **relações de poder**. (FOUCAULT, 2013a, p. 17, negritos nossos, itálicos do autor)

Por quais motivos, então, teria Foucault se interessado tanto pela instituição carcerária? Bom, sabemos que sua análise sempre esteve voltada para a questão do poder, mesmo em livros em que o público não esperava uma abordagem dessa sorte (como em *História da sexualidade I*). Manter esse pensamento se torna relevante à medida em que concebemos essas formas de poder produtivo e abandonamos, até certo ponto, a concepção de um poder exclusivamente repressivo, cuja existência Foucault não nega, mas desloca nosso olhar para suas outras manifestações, em práticas ditas produtivas.

> **O poder, longe de impedir o saber, o produz**. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. **Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico**, orgânico. O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vêm de todos esses vínculos. É por isso que **a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos de poder, me parece muito insuficiente**, e talvez até perigosa. (FOUCAULT, 2013a, p. 239, grifos nossos)

Relacionar poder à repressão, como aponta o filósofo, se torna algo perigoso e limitado, pois nos impede de perceber as multifacetadas manifestações de técnicas de poder. Assim, nas palavras de Foucault (2013a, p. 45), "[o poder] permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir". O que essa mudança de percepção sobre o poder caracteriza?

> É justamente **no discurso que vêm a se articular poder e saber**. E, por essa mesma razão, **deve-se conceber o discurso como uma série de fragmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável**. Mais precisamente, não se deve imaginar um **mundo discursivo** dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como **uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes.** (FOUCAULT, 1988, p. 95-96, grifos nossos)

Ora, é no discurso que esse poder vai se articular, não de forma autônoma, mas fragmentada, permeada por outras práticas de poder que igualmente produzem saberes. Assim, temos saberes e práticas de poder que escoam entre si; nunca um discurso aceito e não aceito, mas sobretudo efeitos de uns sobre os outros. As próprias narrativas analisadas se apresentam de forma bastante fragmentada em seus conteúdos: os narradores, ainda que tentem construir uma linearidade subjetiva, movimentam seus dizeres em direções múltiplas, discorrem sobre homofobia, educação, psicologia, entre outros temas, de maneira descontínua. Em termos mais amplos, quando falamos do discurso médico, psicológico, biológico, estamos falando de fragmentos instáveis e porosos, cujas trocas entre si não inumeráveis e negociáveis, numa multiplicidade cujo efeito é produzir saber e poder.

Vejamos que a medicina do século XIX, por exemplo, ao elaborar uma taxonomia dos desvios e dos desviantes (sexuais), não apenas nomeia indivíduos, mas os caracteriza, de forma categórica, de acordo com métodos que julgavam coerentes, segundo Chauncey (1982-83). No caso dos homossexuais especificamente, o poder produtivo atua, para Warner (1999, p. 28), na estigmatização e na produção de um "personagem", de um "tipo" social estudado, examinado, analisado. "Sexual deviance once was more a matter of shame than stigma. […] As moralists began concentrating not simply on deeds but on kinds of persons, mere sex became sexuality" (Tradução nossa: Desvio sexual antes era uma questão mais de vergonha do que de estigma. À medida em que moralistas começaram a se concentrar não só em ações, mas em tipos de pessoas, o mero sexo se tornou sexualidade). Dessa forma, dizer homossexual produz um efeito identitário, um tipo social que deverá cumprir com alguns requisitos, ou seja, traços psicológicos e, não raro, fisiológicos, anatômicos. Traremos mais reflexões sobre essa questão identitária no capítulo seguinte.

> "[…] se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como *instituições* de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como *técnicas* de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições em diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual e a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como **fatores de segregação e de hierarquização social**, agindo sobre as forças respectivas tanto

> de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia". (FOUCAULT, 1988, p. 132-133, itálicos do autor, negritos nossos)

Não se deve, como consta no excerto acima, atribuir a essas formas de poder tradicionais, ou os grandes aparelhos de Estado, toda a responsabilidade do poder, como se fossem forças unívocas de uma coerção inquestionável. O que se espera é que, a partir do desenvolvimento das ideias foucaltianas, se passe a perceber que os processos em níveis mais basais são afetados por esses grandes aparelhos e, ainda, produzem, por sua vez, poder no sentido de promoverem, por exemplo, hierarquizações sociais por meio de *técnicas* que, novamente, estão presentes em diversos estratos do corpo social. Isso quer dizer que nós, enquanto sujeitos minorizados no que tange à sexualidade, somos efeitos de instituições normalizadoras que nos hierarquizaram, por meio de seus discursos, enquanto inferiores, sexualmente desviantes, e somos igualmente capazes de produzir efeitos de hierarquização "dentro" da comunidade de homens gays – de um lado, temos os mais desejáveis se portando de uma maneira xis, enquanto os menos desejáveis são inferiorizados em uma lógica de reprodução dessas relações de poder inferiorizantes de onde viemos.

Trata-se, pois, de perceber o poder numa rede de possibilidades, de efeitos e de fortalecimento e enfraquecimento de relações. A vigilância, por sua vez, atuaria cada vez mais de uma forma sutil, mas ainda repressiva, constrangedora, até chegarmos a um ponto em que se baste "Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentido-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá a vigilância sobre e contra si mesmo (FOUCAULT, 2013, p. 330). Para isso, teremos a contribuição inclusive da arquitetura, como veremos a seguir.

A transformação pela disciplina

Além de aplicar a essas almas a punição e a vigilância, era preciso ainda *transformá-la*. O melhor método para assegurar tal transformação envolvia uma série de regularidades, de modo que o corpo disciplinado seria aquele que conseguisse aplicá-las de forma "natural" e, de preferência, não coercitiva. Isso

significava que já não era necessária a presença impositiva de uma figura punitiva, o que marcou a própria institucionalização do poder para se punir de acordo com Foucault (1978). Vejamos que o trabalho sobre a alma tornava-se importante na medida em que prometia uma transformação/*evolução de si* – a punição pontual aplicada ao sujeito deu lugar a uma prática constante de melhora, cuja eficácia dependia da correta aplicação do poder sobre o corpo vigiado/indisciplinado, com foco no *processo*, e não exaustivamente no resultado.

Nessa concepção, a prisão seria o local ideal onde o encontro entre um indivíduo perdido e uma autotransformação seria facilitado. Aquele era o espaço modificador, ou reformador, onde uma das formas de se alcançar essa modificação pessoal seria o trabalho. O retorno financeiro dessa atividade serviria para manter a instituição funcionando, mas, em um nível menos amplo, serviria também para recompensar alguns trabalhadores, reinserindo-os, de alguma maneira, na lógica econômica. Submetidos a esse regime, era possível observar então quem eram aqueles que faziam cumprir as disposições requeridas naquele sistema de organização social. Os mais aptos seriam os menos fracos em termos de moral e de vícios.

Para dar-se atenção a esse processo, é preciso um mecanismo de vigilância que seja constante e, por isso, a arquitetura será um meio utilizado para assegurar a eficácia desse tipo de vigilância. É aí que Foucault (2013) observa no *panóptico* a concretização desse modelo ideal. O poder transformador dessa arquitetura é tamanho que, graças a ela, é possível levar o poder a cada indivíduo, de modo que ele não saiba que está sendo observado ou não. A descrição dada por Foucault (2013) é a seguinte:

> […] na periferia, um edifício anelar; ao centro, uma torre; esta tem grandes janelas que se abrem sobre o lado interior do anel; o edifício periférico está dividido em celas, cada uma atravessando toda a espessura do edifício; têm duas janelas, uma para o interior, que corresponde às janelas da torre; a outra para o exterior, que permite que a luz atravesse totalmente a cela. Basta então colocar um vigia na torre central e, em cada cela, encerrar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um aluno. Pelo efeito da contraluz, podem ver-se a partir da torre, recortando-se exatamente contra a luz, pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Cada cela é um pequeno teatro, onde cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver constantemente e reconhecer de imediato. (FOUCAULT, 2013, p. 155)

Esse dispositivo perfeito nos organiza de forma que o poder não mais emana unicamente de baixo para cima, mas também de cima para baixo e lateralmente, formando-se um sistema integrado do poder disciplinário. Os efeitos de poder têm origem também em nós mesmos, o que nos permite vigiar e punir num mesmo nível hierárquico, por assim dizer. O aparato disciplinador pode estar tanto de forma mais implícita, como mais explícita; o que não podemos negar, contudo, é sua onipresença.

A ideia dessa reforma, que viria graças e concomitante à vigilância, era prevenir que aqueles crimes cometidos pelos desviantes fossem repetidos. Ainda, que houvesse uma transformação naqueles indivíduos, cujo resultado só seria alcançado pela punição.

Há de se reservar aqui algumas linhas para detalharmos essa sorte de punição. Não se trata mais de *instrumentos* de coerção, senão *formas* não muito distintas das que conhecemos: trabalhos em conjunto, quadros de horários a serem cumpridos, atividades regulares, bons hábitos. Constrói-se, assim, não só um sujeito reformado, mas *obediente*, que se submeteu a uma série de práticas disciplinares garantidoras de uma ordem autoritária que opera sobre si mesmo de forma automática, "natural", não contestada.

Esse cenário nos leva a refletir sobre o seguinte: até que ponto nós, sujeitos "livres" do sistema prisional, teríamos importado essa série de aparatos modificadores da ordem social e, portanto, do sujeito individual? E mais, de que forma essa automatização ou incorporação das práticas disciplinares são absorvidas por sujeitos minorizados, como os que compõem nosso *corpus*? Seriam as suas confissões reflexos de uma pesada e acumulada sujeição a essa ordem constrangedora, uma "tomada de consciência" do poder que o discurso opressor pode dispersamente assumir?

Em todo caso, é preciso se esquecer da existência desse poder, pois ele deve envelopar o indivíduo. Esse envelopamento ocorre no *corpo*, uma "descoberta" do fim do século dezessete, quando se passou a considerá-lo objeto e alvo de poder e, por isso, passível de ser "manipulated, shaped, trained, which obeys, responds, becomes skillful and increases its forces" (FOUCAULT, 1978, p. 136) (tradução nossa: manipulado, moldado, treinado, que obedece, responde, se

torna habilidoso e aumenta suas forças). Assistimos gradualmente à individualização do corpo, ou seja, a um tratamento não mais massivo, mas particular, de modo que se pudesse garantir dele uma coerção sutil, porém funcional. Era preciso se certificar ainda de que "o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só. (FOUCAULT, 2013, p. 326). Logo, individualização ainda que no coletivo, efeitos de um tratamento individual dispensado a uma massa.

Acompanhado disso, há um desvio de foco: a coerção deve estar não mais centrada no resultado, mas no *processo*. Desse modo, o controle sobre esse processo, por meio de métodos, é o que Foucault (2013, p. 117) entende por disciplina: "Estes métodos que permitem o controlo minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante das suas forças e que lhes impõem uma relação de docilidade, podem ser designados por disciplinas". Formam-se assim corpos disciplinados, submetidos a uma tradição disciplinária invisível, imperceptível, mas eficiente.

Esse tipo de disciplina, para Foucault, era diferente daquela presente na tradição monástica que vimos anteriormente. Nela, tratava-se de um trabalho sobre si mesmo, cujo objetivo era o domínio sobre o próprio corpo. Agora estamos diante de uma manipulação sobre o corpo com fins de docilidade, ou seja, uma manipulação de gestos e de comportamentos, cujo fim é o aumento da força para cumprir uma *utilidade econômica* concomitante a ume enfraquecimento dessa força para cumprir uma *utilidade política* de obediência.

O poder normalizador

Se a vigilância desejada para o cumprimento de um estágio disciplinário é "invisível", como garantir sua existência? Para Castro (2015, p. 91), o corpo vigiado é consciente desse estado, a "vigilancia se vuelve continua en sus efectos, aunque sea descontinua en su ejercicio. De este modo, la relación de vigilancia termina finalmente introyectándose: cada uno se convierte en el normalizador de sí mismo" (tradução nossa: a vigilância se torna contínua em seus efeitos, ainda que seja descontinuada em seu exercício. Deste modo, a relação de vigilância termina

finalmente introjetando-se: cada um se torna o normalizador de si mesmo). Ora, essa introjeção da norma em si mesmo é resultado de uma arquitetura que *transforma* o indivíduo. Esse indivíduo é um subproduto dessa submissão constante ao olhar disciplinador panóptico e se sente vigiado o tempo todo. Quais seriam os efeitos dessa submissão a formas de poder?

De início, é preciso considerar a ideia de uma hierarquia de poder e ressaltar um caráter de distribuição dessas formas coercitivas, sobretudo porque, segundo Foucault (2013a, p. 321), “os procedimentos de poder colocados em prática nas sociedades modernas são bem mais numerosos, diversos e ricos". Para Foucault (1978), há uma rede de poder que *atravessa* as formas tradicionais de poder de cima para baixo, e se estende também lateralmente e debaixo para cima. Assim, os efeitos de poder têm suas origens de um indivíduo para o outro, tornando-nos supervisores supervisados, e, quem sabe, normalizadores normalizados, opressores oprimidos, minorizadores minorizados. O poder disciplinário assume então um *caráter duplo*: é tanto *indiscreto*, pois é onipresente e em estado constante de alerta, e *discreto*, pois opera em silêncio. Halperin, durante uma disciplina ministrada na Universidade de Michigan[4] na ocasião de meu doutorado sanduíche, em uma discussão sobre um texto de Foucault, nos lembrou que existem milhares de maneiras de se estar “errado”, e sempre haverá alguém nos assistindo fazer essa coisa errada. Por outro lado, não há nenhuma forma de se estar completamente “correto”, uma vez que os tipos de desvio são múltiplos. Nas palavras de Foucault (2013, p. 142), assim é a “universalidade punível-punidora” – sujeitos a esse aparato disciplinário, em que tudo é passível de punição, ficamos desmunidos, esperando tanto o controle como a punição.

Como ser/estar menos sujeito a essa aparato punitivo, menos sujeito a essa universalidade punível-punidora? Para Foucault, o poder da *norma* é resultante das disciplinas e, graças a ela, podemos nos *homogeneizar*. Vejamos o caso dos homens gays, presentes no nosso *corpus*: submetidos a políticas de minorização, de falta de assistência sanitária (lembremo-nos da epidemia de AIDS) por tanto tempo, hoje assistimos justamente a uma *normalização* desses corpos dissidentes. Segundo Halperin (2012), não se trata mais de se superar um obstáculo social de

---

[4] HALPERIN, David M. **How to be ga**y: Male homosexuality as a cultural practice: curso do período de Outono, 4-set./11-dez. de 2018, 12 f. Notas de Aula. Impresso.

identidade sexual, mas sobretudo de se distanciar do que é entendido como cultura gay.

> Gay men who play by the rules of straight society and conventional masculinity, and who don't aspire to belong to any other way of life, are more acceptable, to themselves and to others. The last obstacle to complete social integration is no longer gay sex or gay identity, but gay culture. (HALPERIN, 2012a)[5]
>
> (Tradução nossa:
> Os homens gays que seguem as regras da sociedade heterossexual e da masculinidade tradicional e que não aspiram a pertencer a nenhuma outra forma de vida são mais aceitáveis para eles mesmos e para os outros. O último obstáculo para se completar a integração social não é mais o sexo gay ou a identidade gay, mas a cultura gay.)

A visibilidade antes almejada e necessária parece ter dado lugar a um certo apagamento, ou a uma indistinguibilidade do "normal". Uma vez constatada a implacabilidade do poder disciplinário, a rendição ao poder normalizador parece ser uma tendência. No entanto, tal filiação tem também o seu preço.

Por sermos corpos mais passíveis de vigilância (corpos abjetos), os homens gays podemos ter tomado essa vigilância como um imperativo à visibilidade. Mas não se trata de qualquer tipo de visibilidade, senão a visibilidade normativa. É preciso, enquanto corpo minorizado, reafirmar essa sujeição, uma vez que é impossível escaparmos do regime normalizador, que impõe sobre cada detalhe, cada gesto, cada movimento, seu olhar punidor. Apresentaremos mais detalhes a respeito desse corpo gay no seção teórica-metodológica.

A normalidade, no sentido de se fazer pertencer a normas, parece fazer parte de um grande debate acerca da experiência de vida de homens gays. Essa discussão, potencializada por Foucault, anos atrás, encontrou meandros inesperados. Apesar de o filósofo ter debatido questões gays em sua vida, sobretudo a respeito das autoridades médicas e jurídicas da normalização, por exemplo, é preciso agora refletir sobre as implicações dessa adesão ao "normal" na comunidade gay masculina. Para isso, analisemos as palavras de Halperin (2012, p. 443, negritos nossos):

---

[5] Artigo de opinião disponível no site do The NY Times. Disponível em: https://www.nytimes.com/2012/06/22/opinion/style-and-the-meaning-of-gay-culture.html. Acesso em: 5 set. 2018.

> Normality itself is no longer *normal* enough to underwrite gay people's sense of self-worth. **We are witnessing the rise of a new and vehement cult of gay ordinariness**. In an apparent effort to surpass straight people in the normality sweepstakes and to escape the lingering taint of stigma, **gay people lately have begun preening themselves into their dullness, commonness, averageness.**
>
> (Tradução nossa:
> A normalidade em si não é mais *normal* o suficiente para subscrever o senso de autoestima das pessoas gays. **Estamos testemunhando o aumento de um culto novo e veemente da ordinariedade gay**. Em um esforço aparente para superarem as pessoas heterossexuais nos prêmios da normalidade e para escaparem das manchas duradouras do estigma, **ultimamente as pessoas gays têm começado a se envaidecer de monotonia, ordinariedade, mediocridade**.

Seriam esses os efeitos do poder normalizador? Teria o panóptico atingido seus objetivos em meandros sociais também específicos? As particularidades do regime de visibilidades em comunidades minorizadas resguardam quais particularidades?

O mecanismo do panóptico teria comprovadamente chegado ao seu uso ótimo e ideal na medida em que ele não necessita temer nem sua eficácia, nem um rebaixamento a um regime tirânico. Para Foucault (2013, p. 159), "o dispositivo disciplinar será democraticamente controlado, uma vez que será constantemente acessível ao 'grande comité do tribunal do mundo'". Essa acessibilidade está acompanhada de um regime de visibilidade, de transparência que camufla, de certo modo, o seu real poder de ação. Num regime democrático do panóptico, qualquer um pode dar sua opinião, cujo valor nunca será de "certo" ou "errado", "justa" ou "injusta", pois é "apenas" uma opinião. Novamente vemos o disciplinador sendo disciplinado, e vice-versa.

Bruno (2013, p. 62), em uma abordagem mais recente do panóptico, entende que o mecanismo atingiu uma eficiência quase inquestionável e espontânea:

> A astúcia panóptica pretende que os próprios indivíduos, então submetidos à visibilidade, tornem-se a um só tempo o efeito e o instrumento do poder, que passa a funcionar de modo automático e quase espontâneo através daqueles mesmos que visa sujeitar.

A articulação desses conceitos com nossa pesquisa se faz presente na medida em que observamos no YouTube, a mídia social com que trabalhamos, o desenrolar dessa astúcia panóptica. Os indivíduos, ao coincidirem enquanto efeito e

instrumentos de poder, aplicam sobre si um regime de autorrevelação que os sujeita simultaneamente à revelação e à avaliação contínuas de si. Isso se fará evidente em narradores como EUA4 que, além de sentir uma grande necessidade de compartilhar algo com seu público, menciona que recebe dele diversas mensagens em suas rede sociais perguntando-lhe como se portar diante de algumas situações inerentes às experiências de vida de homens gays[6].

Além disso, na cultura confessional que vivemos, as mídias digitais são poderosos instrumentos onde aquilo que é da ordem da essência passa a ser cada vez mais externalizado, contribuindo-se para, nos termos de Bruno (2013, p. 70), uma "produção artificial do eu".

Retornando a Foucault (2013, p. 168), vemos que o filósofo nos encoraja a voltarmos a atenção sobre os "pequenos procedimentos da disciplina", o "conjunto de técnicas físico-políticas" que alteram nossas relações enquanto indivíduos submetidos a um regime totalizante. Essas pequenas grandes ações talvez tenham sido o maior e mais consequente legado do sistema prisional em nossa sociedade: o de punir e, ainda, "conseguir tornar natural e legítimo o poder de punir" (op. cit. p. 218). Esse mesmo sistema foi o grande apoiador do poder normalizador, do qual falamos anteriormente.

> El biopoder foucaultiano, en Halperin, se resume en poder liberal, en la estrategia del liberalismo moderno que interpela a la libertad de los sujetos y se apoya en ellos para implantar una gobernalidad que necesita de **ciudadanos libres capaces de autoimponerse regulaciones de conducta y mecanismos de control independientes del Estado**. **El poder liberal** más que prohibir o reprimir, oprimir o aterrorizar, **normaliza y disciplina**, haciendo respetar la ley, mediante la responsabilización de la libertad personal de los individuos en la esfera privada. (RÍOS, 2007, p. 61)
>
> (Tradução nossa:
> O biopoder foucaultiano em Halperin se resume em poder liberal, na estratégia do liberalismo moderno que interpela a liberdade dos sujeitos e se apoia neles para implantar uma governabilidade que necessita de **cidadãos livres, capazes de se autoimporem regulações de conduta e mecanismos de controle independentes do Estado**. **O poder**, mais do que proibir ou reprimir, oprimir ou aterrorizar, **normaliza e disciplina**, fazendo

[6] A respeito disso, dois trechos merecem destaque: "I guess I'm just here because I wanna share my personal experiences with you" (tradução nossa: Acho que estou aqui porque quero compartilhar minhas experiências pessoais com vocês); e "because I get so many DMs and so many messages" (tradução nossa: porque eu recebo tantas mensagens diretas e tantas mensagens). Vide Anexo.

> respeitar a lei, mediante a responsabilização da liberdade pessoal dos indivíduos na esfera privada.

A partir daí, percebemos que não se trata de liberdade, senão de um conjunto de técnicas que produzem procedimentos de disciplina. O efeito é a formação de um sujeito que se impõe regulações de forma "independente" e que toma como naturais essas relações de poder a que está submetido. Mas como podemos entender os efeitos desse sistema na vida dos indivíduos e, particularmente, no uso das suas sexualidades?

No objetivo de dar continuidade a tais questionamentos, faz-se necessário compreender ainda as maneiras com que o discurso científico se apropriou dessas construções históricas e, por meio de relações difusas de poder, mais ou menos regulou percepções acerca das sexualidades (dissidentes) nossas e de outrem.

Confessando na era da S*cientia Sexualis*

Nessa seção, nos interessa explorar o que consta na obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber* levando em conta outras obras de diferentes autores, tanto aqueles que têm em Foucault sua inspiração, como os que vieram antes dele*.* Foucault (2013, p. 383, itálicos do autor) admite que este foi o livro cujo título não foi definitivo desde o princípio: "Esse livro foi o único que escrevi sem saber previamente qual seria o título. E até o último momento eu não o havia encontrado. Na falta de melhor, coloquei *História da sexualidade.* O primeiro título […] era *Sexo e verdade*". O que lhe interessava, no entanto, era investigar a seguinte questão: "o que aconteceu no Ocidente que faz com que a questão da verdade tenha sido colocada em relação ao prazer sexual?" A partir disso, ele tece uma série de pontos sobre os quais a sexualidade perpassa, como Cristianismo, Medicina, Psicologia, Criminologia, em uma perspectiva histórica e discursiva.

O século dezessete é, para Foucault (1988, p. 21), o século inauguralmente repressivo, sendo a sexualidade um dos campos mais visados. A linguagem desempenhou um papel muito importante nesse contexto, pois por meio dela era possível delimitar o que podia e o que não podia ser dito, instaurando-se uma "polícia dos enunciados". O policiamento da língua serviu adicionalmente para que a confissão crescesse: a Contrarreforma preconiza na penitência a confissão da carne e impõe regras sobre o exame de si mesmo. Por isso, como vemos em

Foucault (1988, p. 23, itálicos nossos), “pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar agora, e em detalhe, no *jogo da confissão* e da direção espiritual”. A vigilância passa, então, a vigorar sobre si mesmo, pois não haveria uma só área da vida humana que dispensasse um exame meticuloso.

As instâncias governamentais, pouco a pouco, perceberam que estavam diante de populações cujas vidas valiam muito e, para assegurarem a continuidade dessa força em termos econômicos, era preciso sobrevalorizar as formas de vida sexual que lhes rendiam retornos financeiros. Assim, a heterossexualidade se torna a forma de vida mais digna. Para que um país triunfasse, crescesse e se tornasse uma potência, era preciso assegurar que algumas regras básicas estivessem sendo cumpridas, e uma delas dizia respeito às formas como usavam o sexo. Tal cenário, como aponta Foucault (1988), esbarra em outros domínios, afetando as vidas dos desviantes, que agora encontravam-se na mira dos discursos da Medicina, da Psiquiatria e da Justiça criminal.

O discurso médico, por exemplo, debruçou-se sobre as sexualidades iniciando, no século dezoito, uma investigação sobre a masturbação, que foi, para Foucault (2011, p. 391), “the first form of prohibition and, historically, the first form of the problematization of sexuality” (tradução nossa: a primeira forma de proibição e, historicamente, a primeira forma de problematização da sexualidade). A Medicina interpretava tal prática como possível desencadeadora das homossexualidades, uma porta de entrada para o inferno, segundo Weeks (1977), seguindo uma lógica de que, ao não se praticar o ato sexual em si, a virilidade de um homem estaria comprometida. Vejamos como Richard von Krafft-Ebing (*apud* WEEKS, 1977, p. 25), médico psiquiatra e professor na Universidade de Viena, abordava essa questão: “The sexual functions of men exercise a very marked influence upon the development and preservation of character. Manliness and self-reliance are not the qualities which adorn the impotent onanist”. (Tradução nossa: As funções sexuais do homem exercem uma influência muito demarcada no desenvolvimento e preservação de seu caráter. Masculinidade e autoconfiança não são as qualidades que adornam um masturbador impotente). O comprometimento de status de “homem”, portanto, não só colocava as masculinidades em cheque, mas expunham o caráter social do onanista.

> Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome desse medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – **um controle, uma vigilância, uma objetificação da sexualidade com uma perseguição dos corpos**. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, **produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo**…[…] Como é que o poder responde? Por meio de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos…**Como resposta à revolta ao corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-pressão, mas de controle-estimulação**: 'Fique nu…seja mais magro, bonito, bronzeado!' (FOUCAULT, 2013, p. 236, grifos nossos)

Vejamos como o poder e seu caráter produtivo não só produziu a figura do onanista, como também produziu a intensificação dos desejos pelo próprio corpo, algo que Foucualt também denomina autoerotismo. O investimento em uma forma de controle-estimulação nos parece bastante atual: assistimos a uma exploração econômica e ideológica da supervalorização do corpo enquanto território erótico, potencializada pela própria indústria farmacopornográfica, nos termos de Preciado (2008). Afinal, "o poder disciplinar não destrói o individuo; ao contrário, o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos. (FOUCAULT, 2003, p. 25) Não se trata, pois, de repressão, senão de produção de subjetividades (sobre o corpo, a sexualidade de si e do outro).

Retornando à figura de Krafft-Ebing, é importante salientar que, ainda que considerasse a homossexualidade uma doença, seu papel social foi bastante importante, pois, graças a ele, assistimos a uma gradativa descriminalização dos "desviantes", e é por isso que Foucault cita a justiça criminal em *História da Sexualidade I*. A transição, portanto, vai se deslocar do domínio criminoso para uma medicalização do "desvio", e é nesse contexto que a Psicologia e a Psiquiatria ganham forças enquanto produtoras de discursos sobre as sexualidades.

É a partir daí que introduzimos o conceito de *scientia sexualis* que, para Castro (2015, p. 97), funciona "a partir del dispositivo de la confesión. La aparición de una medicina sexual del siglo XIX fue posible a partir de la incorporación de este viejo ritual de la confesión en el marco de la cientificidad" (tradução nossa: a partir

do dispositivo da confissão. A aparição de uma medicina sexual do século XIX foi possível a partir da incorporação desse velho ritual da confissão no marco da cientificidade). Para Foucault (1988), nossa sociedade teria desenvolvido procedimentos para se dizer a verdade sobre o sexo, e o principal seria a confissão.

> A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. (FOUCAULT, 1988, p. 66-67, itálicos do autor)

Nossa sociedade desenvolve, assim, uma *scientia sexualis* que se ocupava, para Foucault (1988, p. 57-58), de "procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de um forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão." Em termos práticos, o objetivo dessa *scientia* era fazer o paciente falar, discorrer sobre suas práticas sexuais, visto que, no contexto de século dezenove, a confissão médica era uma forma de se diagnosticarem patologias, e não mais pecados exclusivamente. Adentrava-se no regime do normal *versus* patológico, no qual a confissão servia como uma forma de se aceder não à salvação, mas à correção de um "desvio".

Aqui novamente percebemos que o filósofo se ocupa da confissão nas diversas formas que pode assumir:

> na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passados e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias. (FOUCAULT, 1988, p. 59)

Essa dispersão das práticas confessionais ganhará mais sentido nas intervenções médicas. A sexualidade deveria ser entendida como um correlato das práticas discursivas da verdade, ou seja, a *scientia sexualis*. Essas práticas deveriam ser tão evidentes que poderiam ser lidas, como afirma Morrison (2001, p. 116), para quem "the normative subject is the object of a *scientia sexualis*" (tradução nossa: o sujeito normativo é o objeto da *scientia sexualis*). Além disso, "A looking that extracts from the subject meanings already implanted in it is a *scientia sexualis*" (tradução nossa:

um olhar que extraia do sujeito significados já implantados nele é a *scientia sexualis*). Trata-se então de um sujeito legível, que deveria converter o sexo em discurso.

É essencial para Foucault (1988, p. 64) em *História da Sexualidade I* entender "de que maneira se chegou a construir essa imensa e tradicional extorsão de confissão sexual em formas científicas". Por isso, com o objetivo de responder esse questionamento, ele nomeia cinco fatores. O primeiro é a *codificação clínica* do fazer falar, que compreende hipnoses e associações livres, que estão inseridos em um domínio científico aceitável. Em segundo lugar, nomeia uma *causalidade geral do sexo*, ou seja, uma potencialidade que seria inerente a ele em produzir, tanto no excesso como na falta, consequências muito variadas em toda a existência do indivíduo, algo de que a medicina se ocupou extensivamente no século XIX. Em seguida, o filósofo aponta para uma *latência intrínseca à sexualidade*, um projeto cujo objetivo é arrancar à força o tema da sexualidade através da confissão, visto que o sexo é por si só obscuro. Em quarto lugar, Foucault apresenta o *método da interpretação*, que consiste em uma revelação da verdade que requer a presença do outro, quem será responsável por completar e decifrar o discurso da verdade. Como quinto elemento, ele descreve a *medicalização dos efeitos da confissão*, que marca a transposição da sexualidade do domínio do pecado e da culpa para o do patológico e da normalidade. É aí que a prática médica ganhará mais relevância, pois essas intervenções são não só necessárias, mas indispensáveis para o diagnóstico e a cura do paciente: "A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável" (FOUCAULT, 1988, p. 66). Assim, todos esses elementos numerados por Foucault compõem e caracterizam o rito da confissão sexual como técnica para se produzir a verdade em um domínio sobretudo científico.

A prática médica do século XIX era, para Foucault (1988, p. 54), "insistente e indiscreta", mas extremamente útil para cumprir um dever de submissão à ordem da lei e da opinião normativa. A verdade sobre o sexo se tornou algo essencial, sendo o tema privilegiado da confissão "desde a penitência cristã até os nossos dias" (op. cit., p. 60). Ao longo do tempo, segundo Ríos (2007, p. 25), "La adecuación entre confesión sexual y cientificidad se llevará a cabo por una codificación clínica del discurso de los placeres" (tradução nossa: a adequação

entre confissão sexual e cientificidade se desenrolará por meio de um codificação clínica do discurso dos prazeres). Assim, confissão e cientificidade caminham juntas na tentativa de se levar à superfície algumas verdade talvez ocultas no sujeito.

Atentemos-nos, finalmente, ao princípio de uma *latência intrínseca à sexualidade.* É ele que determina e caracteriza, digamos assim, os fundamentos da fala sobre a sexualidade. Afirmar que existe uma latência pressupõe que seu caráter na humanidade, na visão de Foucault ao explicar a *scientia sexualis*, é imanente, constitutivo. Sujeitos a esse dispositivo, não nos restaria muito senão falar exaustivamente sobre ela, pois ela é obscura e dela tudo pode escapar. Apreendamos-a no contínuo projeto de confissões, antes que a indesejada obscuridade mantenha-nos néscios de nossas próprias inclinações.

O discurso confessional & Como nos confessamos hoje

Mas quais seriam as particularidades discursivas, digamos assim, da confissão? Uma delas, para Foucault (1988), é o fato de o enunciador ser o objeto do enunciado, que seria sempre endereçado a um outro, ainda que virtual. Sobre essa confissão, sempre haveria uma avaliação por parte da recepção, mas, ainda assim, o enunciador gozaria de modificações em seu interior, um tipo de libertação, purificação que seria lograda graças à prática confessional.

As formas que a confissão tomou ao longo da história são múltiplas, como aponta Foucault (1988, p. 62), que menciona inclusive “narrativas autobiográficas”. Desenvolveu-se um prazer em se saber e ouvir os próprios prazeres individuais.

> A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Entretanto, ela se transformou consideravelmente. Durante muito tempo permaneceu solidamente engastada na prática da penitência. Mas, pouco a pouco, a partir do protestantismo, da Contra-Reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e perigosos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados. (FOUCAULT, 1988, p. 63)

A confissão, ainda que por muito tempo tenha sido atrelada à prática de penitência, foi com o tempo se modificando, perdendo seu caráter exclusivo do âmbito religioso e se infiltrando, digamos assim, em outras relações, como bem aponta o filósofo. Ora, "há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo" (FOUCAULT, 1988, p. 67). Certamente, seus efeitos e situações comunicativas mudaram com o tempo, assumindo diferentes gêneros textuais, como também assinala Foucault. Nos interessa, portanto, compreender como esse caráter confessional se instaura no gênero em questão, que é o que estamos denominando vídeo-narrativas confessionais.

> **A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage**; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não 'demanda' nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de **liberação**. (FOUCAULT, 1988, p. 59-60, grifos nossos)

Sob essa óptica, já não somos capazes de perceber as práticas confessionais enquanto mecanismos de poder sobre o falar, pois elas já foram naturalizadas e absorvidas por todos. Não se trataria, pois, de liberdade, senão de um imperativo à fala: "é necessário acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido" (FOUCAULT, 1988, p. 60). Mas para chegarmos a esse ponto, Foucault resgata algumas particularidades, como vimos anteriormente, sobre o compromisso com a verdade.

Em suas origens, Foucault (2006) explica que, a partir do momento em que o dizer verdadeiro sobre si se instaura como requisito para salvação, inaugura-se uma relação única com a confissão:

> Creio que **o momento em que a tarefa do dizer verdadeiro sobre si mesmo foi inscrita no procedimento indispensável à salvação**, quando esta obrigação do dizer-verdadeiro sobre si mesmo foi inscrita nas técnicas de elaboração, de transformação do sujeito por

> si mesmo, **quando esta obrigação foi inscrita nas instituições pastorais** - pois bem, creio que este constitui **um momento absolutamente fundamental na história da subjetividade no Ocidente**, ou na história das relações entre sujeito e verdade. […] Foi quando, se quisermos, a recusa de fazer a **confissão** ao menos uma vez por ano era motivo de excomunhão. (FOUCAULT, 2006, p. 437, grifos nossos)

É como se, a partir daí, as consequências dessa inscrição da prática de dizer verdadeiro sobre si em outros domínios fossem inesperadas. E, de fato, é o que podemos ver em autores como Bruno (2013) e Waugh (2019), que lançam esse olhar sobre a teoria foucaultiana em uma perspectiva da contemporaneidade digital. Além deles, citamos Han (2020, p. 24), para quem o **"***smartphone* não é apenas um aparelho de monitoramento eficaz, mas também um confessionário móvel". Confirmamos, pois, a incorporação das práticas confessionais em meios digitais.

Waugh (2019) adicionalmente aponta para a necessidade de nós, pesquisadores e pesquisadoras, assumirmos o compromisso de tomarmos a confissão como prática em constante mutação.

> If we are to take a holistic approach to confession, it is essential that as scholars we not be held captive by the traditional notions of confession prioritizing face-to-face contact with another human, which de-emphasizes the **wide range of confessional approaches that are continually enacted through various media platforms**. (WAUGH, 2019, posição 469-474, grifos nossos)
>
> (Tradução nossa: Se devemos fazer uma abordagem holística da confissão, é essencial que, enquanto pesquisadores, não nos detenhamos nas noções tradicionais de confissão priorizando contatos face a face com outro ser humano, o que tira a ênfase da **amplitude de abordagens confessionais que são continuamente encenadas em diversas plataformas na mídia**.

O discurso confessional, pois, pode ser entendido como essa variedade de práticas encenadas em diferentes meios, e não somente face a face, cujas implicações encontram suas origens na necessidade de se externalizar tudo aquilo que atravessa a alma. Tal necessidade, como vimos neste capítulo, advém de uma construção que remonta à tradição monástica e, posteriormente, à incorporação no Cristianismo de algumas práticas filosóficas na tradição cristã, como a sunesis (tomada de consciência, tornar-se algo e mostrar essa mudança) e a exagoreusis (desconfiança permanente em relação aos nossos pensamentos).

Em relação à cultura de se confessar, Bruno (2013, p. 67) destaca que “uma cultura confessional e terapêutica nos legou a ideia e a experiência de que a expressão de nossa intimidade é a via régia da realização de um eu autêntico”. Potencializada pela Internet e pelas mídias digitais, a busca por um eu autêntico encontra nas narrativas de vida uma possibilidade de encontro, um fazer emergir das subjetividades à superfície em busca de um entendimento de si.

As peculiaridades das atuais configurações da confissão devem ser entendidas também. Foucault escreve sua teoria preocupado com questões como o poder e a vigilância, temas ainda muito presentes na sociedade atual mas hoje permeados por outras práticas sociais. O poder, por exemplo, é abordado na obra com objetivo de denunciar o poder-conhecimento-prazer no discurso sobre a sexualidade, buscando desvendar uma história da produção dos discursos e da propagação de saberes.

Em relação à enunciação especificamente,

> […] **a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado**; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois **não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro**, que não simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, **um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequência externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas.** (FOUCAULT, 1988, p. 61, grifos nossos)

Ora, é evidente que a particularidade da confissão, ou do discurso confessional como o concebemos aqui (múltiplo, ocorrente em diversas formas e momentos enunciativos), é precisamente a coincidência dos sujeitos – aquele que fala diz algo sobre si. Além disso, a presença, virtual ou não, de um outro é modalidade básica para essa prática enunciativa.

Caberia retomar brevemente a ideia da diferença entre os verbos “avouer” e “confesser” no francês, como explicamos na Introdução. Se estamos no domínio do “avouer” é porque devemos *reconhecer* algumas falhas na crença de uma vida segura no contexto de pós-armário, tema de nossas narrativas confessionais. Ao mesmo tempo, precisamos *confessar* nossas inclinações, pensamentos e frustrações em relação à sociedade e à comunidade de homens gays, talvez no

intuito de torná-las melhores. O trabalho sobre nós mesmos, ou seja, o constante exame e direção da consciência são partes de algo quase já constitutivo das dissidências sexuais. Isso não significa, portanto, que se trata de um trabalho finito; pelo contrário, ele vai incorporando camadas de complexidade cada vez mais profundas.

Junto à ciência do conhecimento sexual, veio ainda um novo prazer: o intrínseco. Em outras palavras, para Foucault (1988, p. 69), fomos capazes de inventar um prazer em si mesmo, guiado por uma busca, cuja origem se encontraria em nós mesmos:

> Diz-se, frequentemente, que não fomos capazes de imaginar novos prazeres. Pelo menos, inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio da astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer. (FOUCAULT, 1988. p. 69)

Digamos que o prazer de saber e expor a verdade, no discurso verdadeiro sobre o prazer, dialoga com o conceito de ascese filosófica. Além disso, estará presente nas narrativas sob a categoria de *evolução de/em si*. Nossos narradores acreditam que necessitam constantemente exercer um trabalho sobre si em relação à compreensão das homossexualidades e dos processos envolvidos no pós-armário. Foucault (2006, p. 400) acrescenta que quando tal evolução é conseguida, como forma de recompensa, o sujeito constitui-se "para si mesmo um equipamento, equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida". Por esse motivo, muitos dos narradores se dizem mais fortes ou um pouco mais preparados para o pós-armário pelo fato de terem "evoluído", trabalhado sobre si.

A cultura confessional encontrou no YouTube um território promissor, pois uma câmera e uma conexão à Internet bastam para que essas confissões sejam expostas a milhões de pessoas. O prazer de saber e de descobrir as verdades, os entendimentos de si propulsionam a visibilidade e a exposição do sujeito, que não mais se esconde. A respeito disso, Bruno (2013) apresenta a seguinte reflexão:

> Esta exteriorização da subjetividade parece coincidir com a **crise de uma tópica** que opunha, termo a termo, o que era da **ordem da aparência**, da superfície e da máscara, de um lado, e o que era da **ordem da essência**, da profundidade e da verdade, de outro lado.

> Para a subjetividade moderna, a intimidade era o lugar do segredo e da verdade; um espaço dotado de certa opacidade, capaz de escapar e resistir ao olhar do outro, o que permitia a sua associação com uma esfera de liberdade e resistência ao olhar normalizador do coletivo […]. **Nas práticas de visibilidade contemporâneas, esta tópica é subvertida, assim como o sentido de intimidade, que se volta para fora, num movimento de conquista de um olhar que lhe proporcione a visibilidade requerida**, configurando todo um campo de cuidados com o que Ehrenberg (1995) denomina "aparência interior". […] Tisseron (2001) designa por "**extimidade**" **o desejo de o indivíduo comunicar ou expor o seu mundo interior ao outro**." (2013, p. 68, grifos nossos)

Percebamos, então, que a inversão da tópica apresentada pela autora diz respeito justamente à confissão. Em outras palavras, podemos relacionar essas práticas de visibilidade contemporâneas em mídias sociais como formas de se confessarem algumas intimidades, sem ignorar que existe aí também um movimento de busca por uma visibilidade requerida – não basta se mostrar ou confessar de qualquer maneira, mas com um cuidado de se expor o seu mundo interior de uma maneira mais "aceitável" ou menos escrutinável.

Há de se admitir, no entanto, que existe um risco inerente a essa exposição. Foucault nos explica esse risco por meio do conceito de parresía, sobre o qual nos deteremos por alguns parágrafos.

Etimologicamente falando, parresía é "a atividade que consiste em dizer tudo" (FOUCAULT, 2011a, p. 10). Segundo Castro (2016), o termo ficou conhecido como *libertas*, em latim e, nas línguas românicas, como *falar francamente*. Foucault (2006) se estende na definição da parresía com as seguintes palavras:

> ***parrhesía* é o fato de tudo dizer** (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). […] **É a abertura que faz com que se diga, com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer,** com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro. (FOUCAULT, 2006, p. 440, grifos nossos)

Dizer o que se tem vontade de dizer, eis uma vontade que corresponde exatamente às vídeo-narrativas analisadas – essa abertura de que fala Foucault faz com que se pense dever dizer algo porque aquilo é necessário, sob a prerrogativa de se estar ajudando outros e, ao mesmo tempo, a si mesmo ao confessar. Franqueza, abertura, desabafo: manifestações de um desejo de falar tudo, falar francamente,

abertamente, graças a uma sensação de liberdade que a Internet, por exemplo, tem proporcionado, no caso dos narradores que compõem essa pesquisa.

Foucault (2011a, p. 11) explica que existem dois sentidos para a parresía: um negativo, cuja acepção está no dizer qualquer coisa que se passe pela cabeça, e outro positivo. No primeiro caso, o parresiasta seria um tagarela, um impertinente incapaz de direcionar seu discurso a alguma racionalidade e a algum princípio de verdade. No segundo caso, a parresía corresponde a um dizer a verdade sem dissimulação, sem reservas ou "ornamento retórico que posso cifrá-la ou mascará-la. […] A *parresía* é, portanto, o 'dizer tudo', mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascará-la com o que quer que seja". Na fala do parresiasta, é preciso ter um compromisso com a própria opinião, se filiar a ela fortemente. Quais seriam então os riscos que essa fala franca e aberta poderiam implicar?

Bom, o sujeito, quando enuncia

> essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja *parresía*, é preciso que, **dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência**. É portanto a verdade, no risco da violência (FOUCAULT, 2011a, p. 12, itálicos do autor, negritos nossos).

O risco de que estamos tratando envolve, portanto, tanto aquele que enuncia como aquele a quem é dirigida a palavra, pois ele pode não aceitar, não suportar o pensamento, a crença professada. Digamos, então, que a parresía, em uma definição "final", seria "a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve" (FOUCAULT, 2011a, p. 13). Assim, a coragem da verdade não parte somente do enunciador, mas do interlocutor, que deve suportar aquilo e, nessa troca, há um risco que pode incluir a violência.

Entendemos, pois, que as vídeo-narrativas que analisamos apresentam narradores parresiastas, no sentido positivo do termo, como explicamos anteriormente. Ao tomarem a palavra, travam um compromisso com uma verdade,

que representa suas crenças, valores, opiniões. Esse compromisso deve ser tão forte que esses sujeitos devem assinar embaixo do que dizem. E como o fazem? Revelam seus nomes, expõem seus rostos e corpos, externalizam suas intimidades e subjetividades de um modo tão profundo que, de fato, por vezes quase não as suportam. Apesar de Foucault afirmar, em seus últimos seminários da década de 1980, que não haveria parresía à sua época, hoje vemos que, na Internet, a fala franca não só se manifesta, como parece ser necessária para a existência de um produtor de conteúdo digital, como é o caso dos narradores que compõem nosso *corpus*. Eles precisam assumir um compromisso com a verdade, com o público e consigo mesmos. Nessa dinâmica moderna, fazem e refazem vídeos explicando a si mesmos, debatendo temas, se retratando em vídeos seguintes, numa cronologia digital da parresía – sempre correndo riscos de serem "cancelados"[7], ou, no pior dos casos, mortos, levando em conta que nossos narradores fazem parte de uma parcela da população minorizada e extensivamente morta no Brasil.

Isso quer dizer que não haveria, na Internet, espaço para uma fala muito antecipadamente pensada, algo que Foucault (2011a, p. 64) relacionou à lógica da retórica, ou a "habilidade em falar". Haveria, sim, espaço para a fala simples: "a palavra de *parresía* portanto nos levará à verdade de nós mesmos". Essa busca por uma verdade, uma prática e um domínio de si é, como vimos anteriormente, o que direciona as vídeo-narrativas confessionais: trabalho sobre si, compromisso com a verdade, necessidade de falar franca e abertamente, compartilhar tudo e com todos, eis as características das atuais formas de se entender e de se manifestar a outrem.

Por fim, para Han (2020, p. 47), o trabalho sobre si atual está sobretudo ligado à extirpação de pensamentos negativos. "O eu luta mais uma vez contra si mesmo como se lutasse contra um inimigo". Em meio a essa luta, nos expomos voluntariamente, confessamos tudo aquilo que passa em nossa mente e nos revelamos por meio desse "confessionário portátil", definição do *smartphone* segundo Han (2020). Seria o nosso desafio contemporâneo o de se manter em silêncio? No imperativo de se expressar a opinião, crenças e inclinações sobre tudo,

---

[7] A cultura do cancelamento representa, para Maria Homem, uma tentativa de destituição da palavra do outro, em uma clara demonstração da dificuldade de lidar com ela. Trata-se de mecanismos infantis, arcaicos e psicotisantes, nas palavras da psicóloga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z2uH5mFgvUY. Acesso em: 2 mar. 2021.

criar espaços de silêncio e solidão soam como resistências ao regime da verborragia, da parresía no sentido negativo, da confissão naturalmente extirpada de nós a pouco (ou quase nenhum) custo.

Considerações finais

Entendemos, por fim, que a confissão e os conceitos de ascese, exagoreusis e princípio de direção, por exemplo, são essenciais na obra *História da sexualidade 4: as confissões da carne,* e estão estritamente relacionadas e retomados nessa obra graças aos estudos de Foucault que remontam a outros livros, como *A hermenêutica do sujeito*, *Vigiar e Punir*, *História da Sexualidade I*, *A coragem da verdade*. Desde a sociedade disciplinária até as atuais formas neoliberais[8], nos é demandada a constante revelação de nossas verdades: não só a revelação, mas o exame permanente delas e de nossas práticas sociais. Ao fazê-lo, confessamos, buscando não só uma autorrevelação, mas uma sorte de perdão sobre o que foi cometido, em uma espécie de súplica, cujo objetivo não é necessariamente a punição, mas a melhora constante do que aflige nossas almas.

Se *tudo aquilo que me atravessa enquanto sujeito deve se tornar discurso*, de acordo com a leitura de Dias (2018), minha constituição enquanto sujeito dependeria, ainda, desse endereçamento discursivo a outrem. Evidencia-se, novamente, a necessidade de se exporem os atravessamentos da alma, para que, ao curá-la, consigamos também enxergarmos verdades sobre nós mesmos. O domínio de si só é alcançado através do exame e da confissão perpétuos (princípio de direção e suspeição sistemática).

A suspeição sistemática de si deve ser trabalhada frente à igualmente importante latência da sexualidade no indivíduo. Isso quer dizer que, a partir do momento em que o discurso científico se apropriou, de forma sistemática, das sexualidades, deve haver uma desconfiança contínua sobre ela. Por se encontrar em um território obscuro, de difícil acesso, o sexo deve ser acessado por vias da confissão, a materialização enunciativa dessa suspeição que perpassa a mente e a fala. É preciso, ainda, que esse endereçamento confessional se faça de forma

[8] Essas atuais formas neoliberais preveem uma livre agência do sujeito, que se torna responsável por maximizar seus potenciais dada sua onipotência. Não fazê-lo significaria estar inerte, improdutivo, inoperante frente a um sistema que ofereceria, em tese, todas as condições para que todos os sujeitos, de certa forma, triunfassem (vide Han, 2020).

franca, verdadeira, com um compromisso com a verdade – a parresía é, então, a modalidade de veridicção necessária.

O princípio de direção pode ser entendido ainda como uma prática que dialoga com a ideia do corpo disciplinado, abordado em seções anteriores. O exame permanente de si e confissão perpétua como formas de se alcançar a obediência são como maneiras de exercer a pragmática da relação consigo mesmo, e lembram as recompensas tidas nos presídios caso os presos se comportassem de acordo com o esperado, como consta em *Vigiar e Punir*. Trata-se, enfim, sob essa ótica mais moderna da realidade prisional, de um exercício não do corpo, mas sobretudo da alma.

O que buscamos verificar, por fim, é se o que move as narrativas confessionais que compõem nosso *corpus* é justamente esse poder disciplinário acompanhado da cultura confessional, cuja extensão, nesse caso, se prova multilateral. A horizontalidade da aplicação desse poder se faz evidente na força da normalização, ou seja, para atingir um julgamento mais positivo sobre as avaliações que faço da minha vida e da minha comunidade, é preciso garantir formas que me mantenham, preferencialmente, na zona da normalidade. Caso contrário, farei face a represálias daqueles que julgam possuir o poder normalizador.

Se refletirmos sobre nosso *corpus*, constataremos que os narradores relatam fatos, acontecimentos de suas vidas que dizem respeito, *a priori*, a seu grupo social. Estando em uma mídia digital como o YouTube, é possível que sejam sempre vistos: os olhos podem estar sempre voltados para esses sujeitos. Por isso, é preciso se submeter a uma série de sujeições – não se trata de um corpo livre, mas de um corpo tão observado que deve garantir o menor escrutínio possível. Tampouco se trata de uma fala livre: o imperativo à tomada da palavra se faz presente disfarçado de uma liberdade de se dizer o que se quer, quando, na verdade, o próprio fazer falar se prova como técnica de poder: fale, transparece, apareça, transmita-se.

Se, segundo Foucault (1978), o poder normalizador se espalhou graças ao modelo prisional, vivemos em um panóptico invisível, em que a presença de forças disciplinadoras não mais se fazem necessárias como nos moldes antigos. Han (2020, p. 19) defende, aliás, que “cada vez mais as mídias sociais se assemelham a pan-ópticos digitais que exploram e observam impiedosamente o social. Mal nos livramos do pan-óptico disciplinar e já encontramos um novo ainda mais forte”.

Ainda, considerando as homossexualidades contemporâneas, as tendências tanto ao apagamento como à negação de uma identidade gay e de alguns estereótipos podem se fazer presentes em termos verbais e icônicos, como veremos em nossas narrativas, nas seções dedicadas às análises. A força do poder normalizador alcançou, de fato, dimensões talvez inesperadas e impensadas.

IMAGENS DE SI, IMAGINÁRIOS E ESTEREÓTIPOS

Considerações iniciais

Agora já entendemos que a confissão carrega consigo uma historicidade muito bem trabalhada durante anos por Foucault. O que buscamos fazer no capítulo anterior foi explicar seus pensamentos complexos e relacioná-los gradualmente ao fenômeno observado: as vídeo-narrativas confessionais, gênero que definiremos ainda no próximo capítulo. Cabe, nesse momento, compreender um pouco mais sobre os sujeitos que confessam, lançando um olhar mais focado nas questões de representação social.

Para isso, nossa escolha teórico-metodológica se volta aos Estudos da Linguagem e se apoia ainda em teorias da Psicologia Social, da Sociologia e da Filosofia, campos do conhecimento cujos pesquisadores e pesquisadoras, no curso de suas vidas, dedicaram suas energias à compreensão do sujeito e das relações sociais de forma geral. Podemos dizer que certamente se trata de uma tarefa complexa – compreender o outro e a si mesmo é uma questão de longa data, abordada em diferentes áreas do conhecimento. Veremos a seguir que Charaudeau, por exemplo, se apoiou em Cornelius Castoriadis para entender o fenômeno da representação social, o que ele relacionou com o conceito de imaginários sociodiscursivos. No entanto, esse conceito esbarra em outros que lhe são anteriores, como o de *ethos*, estereótipo e representação. São esses os temas que buscamos abranger nessa seção, de modo que seja sempre levada em conta uma interseccionalidade com as questões de gênero e sexualidade, assim como o que abordamos no capítulo anterior com os estudos de Foucault. Apesar de o filósofo negar teorias representacionais, buscarmos aproximar sua teoria daquelas por serem caras à Análise do Discurso que praticamos. Em outras palavras, nosso objetivo é pormenorizar as problemáticas da representação social para os Estudos da Linguagem em caráter dialógico com as questões que dizem respeito às minorias, ou mais especificamente, às homossexualidades masculinas.

Imagens de si e representações sociais

Para dar início à discussão, julgamos relevante apresentar brevemente como Ruth Amossy caracteriza o fenômeno da representação na perspectiva da retórica. Para ela, o diálogo ou a comunicação só é possível por causa do compartilhamento de crenças e valores entre o orador e o auditório ou interlocutores. A essa exigência por um caráter em comum na comunicação, Amossy (2008) dá o nome de "doxa". Graças a ela, é possível que haja também uma eficácia verbal e, ainda, uma intersubjetividade que realmente faça sentido, como pontua Reis (2020).

Partindo desse conhecimento, é importante também ressaltar que Amossy (2008, p. 126) compreende a linguagem em seu uso, ou seja, no contexto social em que os participantes tomam a palavra. Isso quer dizer que o orador, para garantir a eficácia de sua tomada de posição, "adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo. Ele o faz não somente pelo que diz de sua própria pessoa […], mas também pela modalidade de sua enunciação." Isso é bastante relevante para nosso estudo, pois nossos oradores, por serem homens gays e, portanto, pertencerem a um grupo social minorizado, adaptam a forma como se apresentam e se representam, de modo que, na maioria das vezes, se distanciam de algumas representações coletivas desvalorizadas e cristalizadas, como veremos mais tarde. Portanto, a enunciação não pode ser entendida e centralizada pela figura do orador, mas em um conjunto de características, envolvendo também os interlocutores e a situação em que ela ocorre.

Em uma perspectiva semelhante, Charaudeau (2008) também leva em consideração a dimensão situacional de um ato de linguagem, ou seja, todo o contexto que, embora externo ao ato em si, constitui suas condições de realização. Essa ideia de contexto nos importa aqui, pois sabemos que, se não podemos centralizar a enunciação exclusivamente na figura do orador, é preciso entender as condições de produção daquele enunciado. Ora, já sabemos que as vídeo-narrativas são enunciadas por homens gays que se encontram em uma situação de pós-armário, ou seja, que se declararam ao mundo (ou a parte dele) como pertencentes a uma minoria em termos de sexualidade. Para isso, foram ao YouTube, uma mídia digital, para externalizar (confessar) suas inquietações acerca de seus modos de vida. Por estarem nesse ambiente "virtual", podem, com mais

manobras, gerir suas imagens, pois preparam seus atos de linguagem e, assim, moldam as imagens de si. Isso não quer dizer que eles se “apagam” e se reinventam totalmente na Internet, mas que, a partir de algumas ferramentas (da linguagem, da edição de vídeo, por exemplo), conseguem projetar imagens mais reguláveis, digamos assim.

Toda essa regulação sobre a imagem de si é também um reflexo da própria consciência de sermos vigiados e praticarmos a vigilância do outro. O panóptico digital, como apontado por Han (2020, p. 19) e Bruno (2013), propicia uma “autorrevelação” e uma “autoexposição" voluntárias, de modo que haja uma vigilância sem vigilância, ou seja, sem a necessidade de uma instância extrínseca, mas sobretudo intrínseca e mais problemática. A forma que me apresento e o ato de se representar em si podem e devem ser reguladas justamente porque o outro estará atento a esses modos de projeção de minhas imagens.

O termo representações sociais, por sua vez, está bem conceitualizado sobretudo no campos da Psicologia Social, como aponta Mendes (2012). Jodelet (2009) é um dos nomes mencionados pela autora. A Psicologia Social entende que as representações “en tant que systèmes d’interprétation régissant notre relation au monde et aux autres, orientent et organisent les conduites et les communications sociales” [tradução nossa: enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais]. Vejamos, então, que a autora reconhece a relevância das representações na dinâmica comunicacional, assim como a atual análise do discurso o faz. Jodelet (2009) também afirma que as representações possuem valores variáveis de acordo com o grupo que as significam e, por isso, envolvem a ativação de saberes prévios. De fato, se pensarmos o conteúdo abordado pelos narradores que compõem o nosso *corpus*, entendemos que se trata de representações e de ideias inerentes à comunidade de homens gays, de forma geral. Não por acaso, eles, por meio de elementos verbais e não verbais, reativam nossos saberes prévios, nossa memória, e fazem com que aquelas representações façam sentido. O modo como se representam e representam aos outros diz respeito a um saber elaborado e compartilhado.

A ideia de um saber compartilhado está diretamente relacionada a uma construção de *ethos*, tanto do enunciador como do público, que se baseará em

uma memória enciclopédica, em representações socioculturais que dizem respeito àquele que toma a palavra e àquele que a interpreta. É o que veremos na seção seguinte.

Identidade e *ethos*

Charaudeau (2015), ao interpretar os fenômenos sociais à luz da Análise do Discurso, se vale das teorias já mencionadas para fundar sua visão e sustentar suas teorias. Um deles é o fenômenos da identidade, explicado da seguinte maneira:

> ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, mas também caricaturamos a do outro e, por conseguinte, a nossa própria, persuadindo-nos de que temos razão face ao outro. Nesse sentido, o julgamento estereotipado é como o fenômeno da refração/reflexão de um raio luminoso sobre uma superfície líquida: o julgamento que eu faço do outro diz algo sobre o outro, deformando-o (refração); reciprocamente, esse julgamento diz algo sobre mim mesmo (reflexão). (CHARAUDEAU, 2015, p. 19)

Vejamos que o processo de compreensão de identidades requer uma dinâmica de alteridades, ou seja, o outro está sempre implicado no entendimento do eu. O julgamento é, assim, um reflexo de algo que me "habita", nesse fenômeno de refração e reflexão explicado no excerto acima.

Prado e Machado (2008, p. 18) tomam a identidade como um *processo* que envolve uma "articulação cognitivo-emocional que os indivíduos em interação social produzem dos significados e contextos disponíveis, levando a um posicionamento social relativamente estável e provisório que se ancora em auto-atribuições e atribuições sociais". Novamente observamos nas palavras das autoras que as atribuições sociais dizem respeito a si e a outrem, numa relação que envolve posicionamentos relativamente estáveis, mas provisórios, pois são tomados no momento de interação social, portanto na troca linguageira.

Sabemos que é justamente a troca linguageira, a comunicação que caracteriza o ato confessional em si, como observamos no nosso *corpus*. O direcionamento do ato de linguagem a outrem, como vimos anteriormente, é o ponto principal da prática confessional – lembremos que a exagoreusis requer exatamente um constante exame de si acompanhado de um endereçamento discursivo a alguém. Apesar de não haver uma troca linguageira tradicional no YouTube, como

em uma conversação, sabemos que a comunicação ocorre e, prévia a ela, ou seja, anteriormente ao momento enunciativo que analisamos, houve um exame de si empreendido pelos homens gays que narram suas histórias e pensamentos. Outro conceito que caberia aqui é o da parresía. Para Foucault (2011, p. 25), "o *éthos* tem sua veridicção na palavra do parresiasta e no jogo da parrresía". Como modo de veridicção, a parresía prevê a manifestação de um ethos do enunciador como de ético e moral. Isso quer dizer que esse sujeito tem compromisso com a verdade, não a teme e pode arriscar a própria vida ao dizê-la. Alguns narradores, como EUA4, projetam imagens de si como éticos, socialmente responsáveis e, ao se confessarem, consideraram seus interlocutores suscetíveis a ouvirem suas "verdades", suas crenças.

Levando ainda em conta nosso *corpus*, ressaltamos que os homens gays que narram partem, de fato, de um posicionamento relativamente estável, o que nem sempre pode lhes ser favorável. Ora, se se trata de uma categoria socialmente minorizada, a estabilidade vai estar na ordem da identidade. Tal identidade foi, e ainda é, historicamente construída, carregada de negativações – os "avessos", aqueles que possuíam "sensações sexuais contrárias", os "esquizofrênicos", eram apenas algumas das nomeações atreladas às homossexualidade nos séculos XIX e XX. Se hoje essas mesmas nomeações passam por outros domínios, a sexualidade continua sendo um projeto submetido ao regime da heterossexualidade necropolítica, como explica Preciado (2020, p. 314-315):

> A heterossexualidade necropolítica é uma prática de governo que não é imposta pelos que governam (os homens) às governadas (as mulheres), mas é sobretudo uma epistemologia que fixa as definições e as posições respectivas dos homens e das mulheres através de uma regulação interna. **Essa prática de governo não assume a forma de uma lei, mas de uma norma não escrita, de uma transação de gestos e códigos cujo efeito é estabelecer na prática da sexualidade uma partição entre o que se pode e o que não se pode fazer.** […]

Saber o que se pode e o que não se pode fazer é, de certa forma, um saber compartilhado, atrelado a um conhecimento sobre gestos e códigos desejáveis e indesejáveis, se partidos de sujeitos homens ou mulheres. A identidade funcionaria como algo que fixa as posições de homens, por exemplo, e àqueles que fujam dessa epistemologia é resguardado o olhar como o diferente, o olhar com diferença,

mas nunca com indiferença. A identidade estaria, assim, pareada aos ideais do regime político da *scientia sexualis*, que buscou, através da leitura constante do corpo por diferentes discursos (médico, legal, psicológico), categorizar e hierarquizar indivíduos sob a égide de um discurso científico.

Estar sob esse regime cruel deve permitir algumas compensações, alguns breves momentos, uma margem de certa liberdade, em que se possa "esquecer" da norma hegemônica. Parece, pois, que a ideia de um *ethos* que se possa elaborar, trabalhar sobre, é pertinente, sobretudo diante de grupos sociais minorizados. Ainda, não se trata de descartar ou ignorar as representações sociais a que estamos submetidos, mas de, por meio de alguns recursos verbais e não verbais, contorná-los à nossa maneira.

Quais seriam, então, as diferenças entre identidade e *ethos*? Mendes (2012, p. 21) resgata Kerbrat-Orecchioni (2010) para descrever a seguinte relação: "o *ethos* é da ordem do parecer e a identidade é da ordem do ser". Tal asserção parece resolver, por ora, algumas inquietações se a expandirmos um pouco mais e aplicarmos nosso conhecimento do *corpus* sobre ela. Assumir ou reclamar uma identidade gay parte de um lugar sócio-histórico-ideológico negativo[9], marcado por questões e preconceitos que perduram. Seria a partir do *ethos* que conseguiríamos algumas variações, de acordo com a situação de comunicação vigente. É evidente que esse *ethos* não está sozinho, mas ancorado nas dimensões identitárias e de representação social. Na seção de análises, resgataremos o conceito com a expressão *projeção etótica*, que representa justamente nossa interpretação sobre a vídeo-narrativa após analisarmos diversos elementos que constam no quadro teórico-metodológico desta pesquisa.

Kerbrat-Orecchioni (2010, *apud* Mendes, 2012) afirma que o *ethos* é relativamente estável, como vimos anteriormente, porque existe um corpo ligado a ele. Por isso, é impossível mudarmos totalmente de *ethos*: existe uma corporalidade atrelada a ele, com gestos, movimentos corporais, aparências que garantem certa estabilidade. Por outro lado, a identidade não admite essas nuances e variações sutis, pois estão ligadas a atributos independentes do comportamento discursivo

---

[9] Alguns autores que tratam da história da sexualidade e das homossexualidades: Foucault em *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Trevisan em *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade,* Eribon em *Reflexões sobre a questão gay.* Em minha dissertação também faço um breve percurso sobre a história das homossexualidades resgatando os autores mencionados (vide Alencar, 2017).

do enunciador. De qualquer forma, Mendes (2012, p. 22) aponta algo bastante relevante e pertinente para esse estudo: “as identidades e os *ethé* ligados ao sujeito são identificáveis tanto na situação física de comunicação quanto na dimensão discursiva”. Isso quer dizer que, apesar de não estarmos presencialmente com os narradores cujas narrativas analisamos, podemos identificar identidades e *ethé* graças à dimensão discursiva e, ainda, à imagem cinética, tão importante e caracterizadora da nossa pesquisa.

Curiosamente, autores como Bartlett (1988, p. 169) e Halperin (1995) destacam o caráter do *fazer parecer* relacionando-o a uma característica inerente às questões gays. Para o primeiro autor, por exemplo,

> there is no ‘real’ us, we can only ever have an unnatural identity, which is why we are all forgers. We create a life, not out of lies, but out of more or less conscious choices; adaptations, imitations and plain theft of styles, names, social and sexual roles, bodies.
>
> [Tradução nossa:
> Não existe um ‘verdadeiro’ nós, só podemos ter uma identidade não natural, e é por isso que somos todos forjadores. Nós criamos uma vida, não a partir de mentiras, mas a partir de escolhas mais ou menos conscientes; adaptações, imitações e claros roubos de estilos, de nomes, de papéis sociais e sexuais, de corpos.

A ideia da mentira, do que é forjado, da ordem do parecer e não do ser, pode ser lida como algo do domínio do *ethos*, uma vez que ele está sempre sendo trabalhado por nós, homens gays. Bartlett (1988, p. 171, itálicos do autor) ainda ousa em perguntar: “*Who wants to be consistent?* What kind of integrity is that? We are all fakes, all inventions. We are making this all up as we go along” [Tradução nossa: *Quem deseja ser consistente?* Que tipo de integridade é essa? Somos todos falsos, todos invenções. Estamos inventando tudo isso enquanto levamos a vida]. Vejamos que tudo isso parece se tratar de fugas mais ou menos espontâneas e conscientes de algo que esteja no domínio da identidade, da integridade, da consistência, como descreve o autor.

Em uma direção semelhante, Halperin (1995) entende o fato de se ser gay enquanto um estado de devir, de se tornar (“becoming”), o que dialoga bastante com o conceito de ascese trabalhado por Foucault e visto no capítulo anterior. Esse estado constante de reinvenção e de projeção de *ethé* adaptáveis, imitáveis

parecem, de fato, coincidirem com o que veremos nas análises das vídeo-narrativas futuramente.

Existe algo, por fim, que deve ser resgatado e relembrado. Partimos da noção charaudeana de que o sujeito que analisamos é o sujeito de fala, ou seja, aquele sujeito a que temos acesso no momento da enunciação. Pensando as vídeo-narrativas confessionais, entendemos que nossa noção sobre o sujeito que narra é aquela específica daquela circunstância enunciativa. Na verdade, o que temos são pistas discursivas, deixadas pelos narradores, que revelam, de fato, alguns posicionamentos, e são eles que buscamos avaliar de forma holística. A partir disso, dissecamos, conforme explica Mendes (2012), uma imagem produzida em uma dada situação discursiva, e o fazemos a partir do *ethos*.

A seguir apresentamos o embate entre duas noções aparentemente opostas: estereótipos e imaginários. Veremos que, na verdade, ambas traçam um caminho em direção a uma ampliação nas concepções sobre o outro e sobre si na perspectiva socio-linguageira.

Estereótipos e imaginários

O que está em jogo agora são duas noções que parecem dizer respeito a um mesmo fenômeno cujas abordagens conceituais se apresentam de formas distintas. Para explicar essas terminologias, convocamos Charaudeau (2007), para quem o estereótipo se prova algo limitado ao se basear em uma lógica de verdadeiro ou falso, ou seja, de se afirmar se algo pertence ou não a um estereótipo. A proposta de utilizar o termo imaginário, proveniente de uma filiação com Castoriadis (1975), é de fugir dessa noção dualista com o intuito de expandir ou reelaborar a noção de estereótipo, pois não se trata de se discutir o que é cristalizado ou efêmero, como aponta Mendes (2012, p. 21), mas de entender as possibilidades que cabem nesse espectro: algo detectável “no e pelo discurso”. É a partir do discurso, pois, que lançamos nosso olhar sobre os imaginários dos homens gays que compõem nosso *corpus*.

Há de se admitir, nessa perspectiva, que, se estamos diante de sujeitos minorizados, é possível entendermos de antemão que, na perspectiva do estigma, eles poderão fazer uso de estratégias para que o estereótipo, a identidade (fixos, pejorativos) cedam lugar aos imaginários, aos *ethé* (mais flexíveis). Goffman (1988,

p. 48) afirma que “a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla”. Portanto, ao adquirir tais crenças, o estigma perde a força, ao menos naquela situação enunciativa, resultando em uma projeção de imagens de si mais conforme à “normalidade”, ou seja, ao que a norma prescreve. A maioria dos nossos narradores faz uso dessas estratégias de apagamento do estigma, à exceção de EUA3, que veste uma camiseta cor-de-rosa, com o desenho de arco-íris e a frase “Livin’ the dream” [tradução nossa: “vivendo o sonho”]. Tais elementos podem ser interpretados como comumente atrelados aos estereótipos de homossexualidades masculinas: o triângulo cor-de-rosa, que serviu para marcar os homossexuais no período nazista, o arco-íris, símbolo contemporâneo presente nas paradas do orgulho LGBTQI+ mundo afora.

Aprofundando-nos na noção de estereótipos, recorremos a Amossy & Herschberg-Pierrot (2005), que descrevem a historicidade da noção de estereótipo nas seguintes palavras:

> Le stéréotype au sens de schème ou de formule figée n’apparaît qu’au XXe siècle et il devient dès les années 1920 un centre d’intérêt pour les sciences sociales. C’est le publiciste américain Walter Lippmann qui a le premier introduit la notion de stéréotype dans son ouvrage *Opinion publique* en 1922. Il désigne par ce terme emprunté au langage courant **les images dans notre tête qui médiatisent notre rapport au réel**. **Il s’agit des représentations toutes faites, des schèmes culturels préexistants, à l’aide desquels chacun filtre la réalité ambiente**. Selon Lippmann, **ces images sont indispensables à la vie en société**. Sans elles, l’individu resterait plongé dans le flux e le reflux de la sensation pure ; il luit serait impossible de comprendre le réel, de le catégoriser ou d’agir sur lui. […] **N’ayant ni le temps ni la possibilité de se connaître intimement, chacun note à propos de l’autre un trait qui caractérise un type bien connu et remplie le reste au moyen des stéréotypes qu’il a en tête** […]. (AMOSSY & HERSCHBERG-PIERROT, 2005, p. 26, negritos nossos)
>
> (Tradução nossa:
> O estereótipo no sentido de esquema ou fórmula fixa só aparece no século XX e se torna, a partir dos anos 1920, um centro de interesse para as ciências sociais. É o jornalista americano Walter Lippmann que primeiro introduziu a noção de estereótipo na sua obra *Opinion publique* em 1922. Ele define esse termo, emprestado da linguagem coloquial, como **as imagens em nossa mente que mediatizam nossa relação com o real**. **Trata-se de representações totalmente prontas, de esquemas culturais pré-existentes, e com a ajuda deles cada um filtra a realidade ambiente**. Segundo Lippmann,

> essas imagens são indispensáveis à vida em sociedade. Sem elas, o indivíduo ficaria afogado no fluxo e refluxo da sensação pura; seria-lhe impossível compreender o real, categorizá-lo ou agir sobre ele. […] **Não tendo nem o tempo nem a possibilidade de se conhecer intimamente, cada um percebe à respeito do outro um traço que caracteriza um tipo bem conhecido e completa o restante por meio dos estereótipos que possui em mente** […]).

Digamos, então, que os estereótipos são fórmulas prontas e necessárias para uma vida em sociedade, pois é preciso, a todo tempo, remetermos a imagens que já conhecemos para que possamos entender o outro. Munidos desse conhecimento, somos capazes de gerir nossas condutas em termos de relações sociais e de linguagem. Isso quer dizer que, abandonando-se a ideia de que os estereótipos são necessariamente negativos, vemos que, na verdade, eles se mostram ambivalentes: têm também seu caráter positivo. Aos preparar para a vida em sociedade, fornecem modelos para que possam completar nossas interpretações sobre o outro, ou seja, um ponto de partida na difícil tarefa de interpretar a palavra do sujeito que enuncia, por exemplo.

Na visão da Psicologia Social, interessa-lhe estudar as imagens que os grupos sociais fazem de outros e de si mesmo. Nessa dinâmica, a ocorrência repetida de representações que circulam na sociedade por meio da mídia, produções do cinema, livros didáticos, religiosos, e tantas outras formas de se absorverem conteúdos, resulta em uma aprendizagem social pela repetência, consoante Amossy & Herschberg-Pierrot (2005). Desse modo, todo esse conteúdo disperso é significante para o estabelecimento de relações de poder, por exemplo, e a manutenção de uma hierarquia social mais ou menos definida. Sabemos que as relações de poder, ao se difundirem na sociedade de forma produtiva, produzem efeitos de legitimação para alguns e deslegitimação para outros. Para Amossy & Herschberg-Pierrot (2005, p. 41), estereótipo pode servir como “un instrument de légitimation dans diverses situations de domination. […] Ce sont alors les intérêts du groupe au pouvoir qui suscitent une image des dominés propres à justifier leur subordination” (Tradução nossa: um instrumento de legitimação em diversas situações de dominação. […] São, portanto, os interesses do grupo no poder que suscitam uma imagem dos dominados próprios para justificar sua subordinação). A manutenção, por exemplo, das heterossexualidades como forma de vida

inquestionável é própria à relegação das homossexualidades a modos de vida deslegitimados.

A respeito desses modos de vida, acrescentamos a ideia do estigma. Para Warner (1999), o termo está relacionado ao que se *é*, e não ao que se *faz*. Segundo o autor, em termos etimológicos, *stigmata* se refere a uma marca no corpo, algo que identifique o sujeito permanentemente. Por muito tempo, o simples ato sexual entre homens se tornou uma identidade, como afirma Warner (1999, p. 30): “The act – the kind of sex that gay or straight or bi or other people could equally perform – became an identity” [Tradução nossa: O ato – o tipo de sexo que gays ou héteros ou bis ou outras pessoas poderiam igualmente realizar – se tornou uma identidade]. Considerando a explicação de Kerbrat-Orecchioni (2010) vista há pouco, e acrescendo o que traz Warner (1999), parece-nos que o estigma está na ordem da identidade também, pois ambos pertencem ao campo do *ser*.

A mudança conceitual reflete mudanças nos comportamentos dos sujeitos analisados no estudo, e vice-versa. Digamos que confessar é reconhecer (“avouer”) que existem imaginários sobre o pós-armário, tema desta pesquisa, durante muito tempo representados por diferentes comunidades e discursos. O ato confessional em questão poderia ser visto como uma tentativa de repensar – e de nos fazer entender – o pós-armário. Em outras palavras, corresponderia a re-imaginar e reinterpretar o estereótipo para cairmos na dimensão dos imaginários – muito mais ampla, menos lógica. Por isso, estar "fora do armário” poderia corresponder a uma realização única, mas o que nossos narradores se propõem a fazer é nos apresentar os imaginários acerca desse estágio de vida, muito menos lógico, logo, com mais nuances, peculiaridades. E não é esse mesmo o caráter da confissão, como vimos na perspectiva foucaltiana? Superar o óbvio, fazer emergir aquilo que está escondido, externalizar tudo aquilo que atravessa a alma?

Se para Charaudeau (2007) a ideia de estereótipo pode estar relacionada à dualidade do cristalizado e do efêmero, Amossy & Herschberg-Pierrot (2005) defendem que a discussão não deve tratar de “effectuer des vérifications toujours problématiques sur l’exactitude des schèmes collectifs figés, mais de voir comment le processus de stéréotypage affecte la vie sociale et l’interaction entre les groupes” (Tradução nossa: efetuar verificações sempre problemáticas sobre a exatidão dos esquemas coletivos fixos, mas sim de ver como o processo de estereotipagem afeta

a vida social e a interação entre os grupos). De fato, considerando o conteúdo as vídeo-narrativas confessionais, constataremos que esse processo de estereotipagem perpassa todas as histórias de vida dos narradores analisados, pois ora tratam do estereótipo partindo de um viés homofóbico, ou seja, da sociedade para com eles, ora tratam do estereótipo dentro da comunidade de homens gays de que são parte. Assim, suas vidas sociais são afetadas em todos os sentidos, de forma interseccional: passa pela demanda social de se "sair do armário", viver sua verdade, clamar pela liberdade de expressão, até chegarem ao ponto de, ao fazê-lo, caírem nas problemáticas do pós-armário.

É nessa tentativa de se fazer entender, de explicar algo que está na ordem do fixo, do pré-concebido de forma negativa, que os narradores que compõem o *corpus* negam e questionam estereótipos. Por comportarem muitas variações, os estereótipos se mostram complexos e irresolúveis – não estão na ordem de uma frase óbvia, um lugar comum, mas se encontram sobretudo em uma dimensão mais ampla e estão sempre se construindo. Afinal, quem diria que estaríamos discutindo estereótipos do pós-armário sendo que, não muito tempo atrás, mal se pensava em uma vida "fora" dele?

A Análise do Discurso enquanto campo de investigação se assenta perfeitamente nessa discussão, pois é capaz de articular o linguístico e o social, como mencionam Amossy & Herschberg-Pierrot (2005, p. 106), e levar em consideração

> des contraintes génériques et institutionnelles gouvernant le discours. De ce point de vue, le sens des mots n'est pas séparable des contextes où ils s'insèrent […] ni de la place des locuteurs dans le champ sociohistorique et institutionnel.
>
> (Tradução nossa:
> limitações genéricas e institucionais que comandam o discurso. Desse ponto de vista, o sentido das palavras não é separável dos contextos em que se inserem […] nem do lugar dos locutores no campo sociohistórico e institucional).

Retomemos aqui o caso de EUA3, abordado acima, que utiliza uma camiseta cor-de-rosa com a estampa de um arco-íris. Sabemos que se trata de símbolos do estereótipo gay (masculino), mas que são sociohistoricamente datados. Se ao vestir tal camiseta o narrador reafirma, digamos assim, alguns estereótipos sobre seu grupo social, somos capazes de decifrar rapidamente o seu pertencimento à

comunidade de homens gays. Tais características no domínio do estereótipo mencionado seria o uso da cor-de-rosa, culturalmente tida como uma cor feminina no Ocidente, e a própria bandeira do arco-íris, símbolo das marchas de orgulho LGBTQI+ pelo mundo. Nesse sentido, o estereótipo opera como um facilitador da leitura social, da multiplicidade de seres e subjetividades e filiações que os seres humanos podem ter. Por outro lado, sabemos que, por estarem operando na lógica do estigma, não são todos os sujeitos que desejam ser associados a essas características comuns a que o estereótipo pode lhes relegar. Forma-se, então, um impasse, sobre o qual a teoria de Charaudeau buscar resolver por meio do conceito de imaginários. Por fim, é preciso reconhecer a estabilidade dos estereótipos, sua validade social, sua dimensão pejorativa e, aliado a isso, entender que os imaginários propostos por Charaudeau não necessariamente nos remetem a algo negativo como o termo *estereótipo* o faz, e talvez resida aí sua vantagem em termos conceituais.

De forma mais específica, o termo “imaginários sociodiscursivos", em Charaudeau (2006, 2007), pode ser explicado por suas filiações ideológicas com Castoriadis (1975). O primeiro autor, no intuito de fugir de um impasse sobre o que seria considerado socialmente cristalizado e o que é efêmero, importou do segundo autor o conceito de imaginário e acrescentou o viés semiolinguístico com o “sociodiscursivo”, como constata Mendes (2012). Não nos interessa, portanto, discutir se uma categoria de representação social é transitória ou fixa, mas compreendê-la em sua situacionalidade.

Vemos em Castoriadis (1975, p. 08, itálicos do autor) esse caráter indeterminado dos imaginários: “L’imaginaire dont je parle n’est pas image *de*. Il est création incessante et essentiellement *indéterminée* (social-historique et psychique) de figures/formes/images” (Tradução nossa: O imaginário do qual eu falo não é uma imagem *de.* É a criação incessante e essencialmente *indeterminada* (sócio-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens). De forma consoante, Charaudeau (2015, p. 04) irá afirmar que o imaginário

> resulte d’un processus de symbolisation du monde d’ordre affectivo-rationnel à travers l’intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l’imaginaire a une double fonction de création de valeurs et de justification de l’action” (CHARAUDEAU, 2015, p. 04)

> (Tradução nossa: resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional por meio da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva. Portanto, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e justificativa de ações).

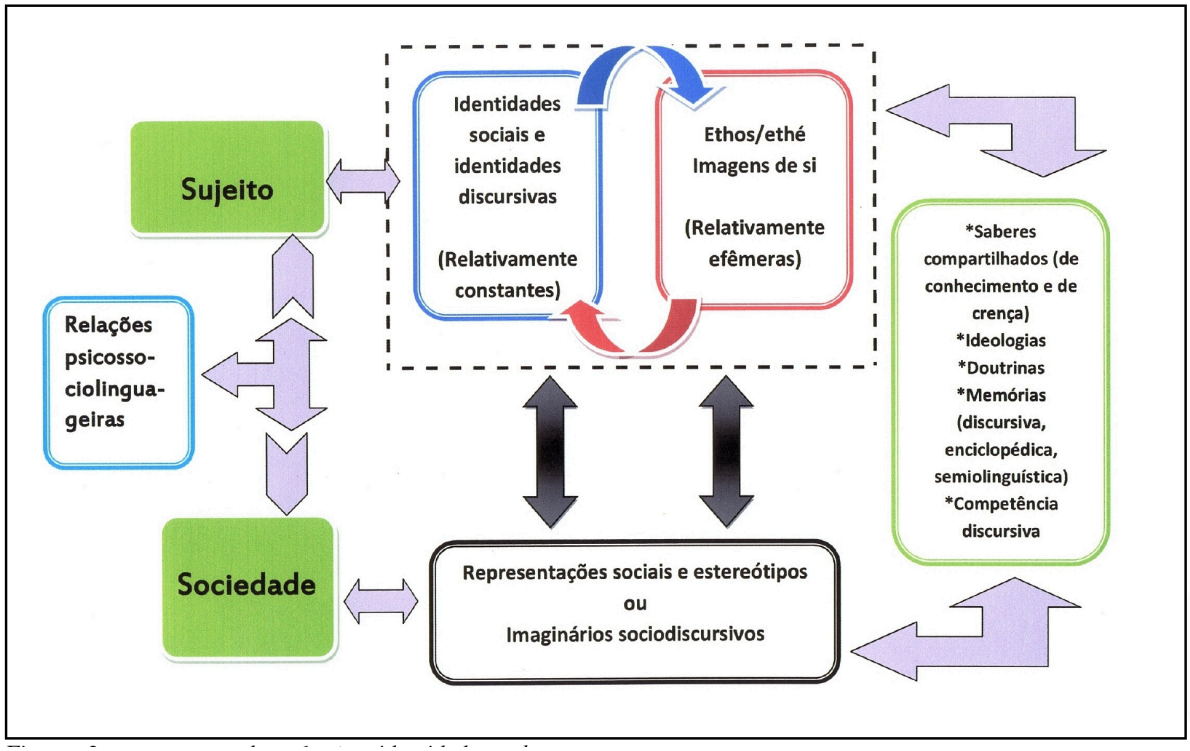
O caráter de construção contínua do imaginário deve ser sublinhado, assim como a relação de intersubjetividade das relações humanas, pois, quando tratamos de sexualidades dissidentes, por exemplo, percebemos que, durante a História, houve mudanças significativas no modo como são representadas, e isso afeta nossos imaginários e práticas sociais. Pensemos no caso da epidemia de AIDS: os imaginários que circulavam a respeito de homens gays à época eram os de doença, fragilidade, destruição e transmissão de algo maldito. Isso mudou nossas atuais relações com o próprio corpo ("sarado" *versus* magro), com a higienização das relações sexuais (vide os aplicativos de encontros) e com a saúde pública (profilaxias pré e pós-exposição ao vírus). Evidentemente, essas mesmas noções de saúde e higiene perpassam técnicas de poder que, partindo de contextos institucionais, modificam as relações humanas também uma perspectiva produtiva.

A dimensão a-construir dos imaginários dialoga com a estruturação de saberes que, para Charaudeau (2015, p. 05), são dois: os *de conhecimento* e *de crença*. Compreendido no primeiro tipo, teríamos ainda saber *científico* ("savant"), que estariam na ordem do provado, testado, calculado por meio de "instrumentos de visualização do mundo", e *experiencial* ("d'expérience"), que busca explicar os fenômenos do mundo sem "garantias de prova" e instrumentações. Os saberes de crença, por sua vez, estão no domínio de apreciação e de julgamentos, que têm origem nos sujeitos. Nesse grupo, há ainda os saberes de *revelação*, relacionados sobretudo a uma verdade exterior ao sujeito mas inexplicável, de caráter por vezes sagrado, e de *opinião,* resultado de um movimento interpretativo e valorativo do sujeito sobre fenômenos do mundo. Este último tipo de saber é importante para nosso estudo, pois é majoritário nas narrativas analisadas. Nas palavras de Charaudeau (2015, p. 07), esse movimento interpretativo "résulte d'un mouvement d'appropriation de la part d'un sujet d'un savoir parmi les savoirs circulant dans les groupes sociaux. Ce savoir est donc à la fois personnel et partagé, c'est pourquoi il peut être discuté." (Tradução nossa: resulta de movimento de apropriação, da parte do sujeito, de um saber entre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber

é, pois, ao mesmo tempo pessoal e compartilhado, e é por isso que pode ser discutido). Tal dinâmica do pessoal e do compartilhado é relevante para esse estudo, visto que a narrativa de vida pessoal demonstrará um caráter revelador de características grupais, ou seja, que dizem respeito a um grupo social que compartilha das mesmas problemáticas (do pós-armário, no nosso caso).

Mendes (2012) propõe o seguinte esquema acerca dos conceitos trabalhos até então, sobre o qual refletiremos a seguir:

Figura 1: Esquema representativo de conceitos como ethos e representações



Fonte: Mendes, 2012, p. 20.

O sujeito está em relação constante com a sociedade, sendo que as relações psicossociolinguageiras estão em intercâmbio com o "individual" e o coletivo. Nessa noção de coletividade estão as representações sociais, os estereótipos e os imaginários sociodiscursivos. A inserção do termo "sociodiscursivos" é uma maneira de demarcar a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2007) à teoria de Castoriadis (1975). No lado do "individual", temos as identidades sociais e discursivas, relativamente estáveis. Charaudeau (2009) explica que a identidade social é aquela das representações sociais, como a de um pai ou de um professor ou professora.

Ela não corresponde, no entanto, à totalidade da significação do discurso e, por isso, é preciso reconhecer aspectos da identidade social combinados aos da identidade discursiva. Essa, por sua vez, é construída pelo sujeito de fala, ao mesmo tempo que está atrelada à social, resultando em uma projeção de *ethé* (imagens de si) mais efêmeros, porém estratégicos, como veremos nas análises. Adicionado a isso, existem saberes, ideologias, memórias que circulam e que mais ou menos justificam os modos como os *ethé*, as representações, os imaginários são apresentados por meio dos sujeitos e dos discursos.

O sujeito que narra e faz parte do nosso *corpus* vem de uma sociedade que tem na matriz heterossexual reprodutiva o valor máximo e, desde já, enquanto homem gay, potencialmente constrói um entendimento de si como dissidente. Algumas relações psicossociolinguageiras já se encarregaram de ensinar-lhe que determinadas atitudes, comportamentos e gestos não cabem na construção de sujeito homem que lhes foi atribuída mesmo antes do nascimento. Deve haver, portanto, uma constância e uma coincidência entre as identidades discursivas e sociais, pelo menos no que tange à sexualidade masculina hegemônica. Sua projeção *etótica* não pode ser, assim, desviante, contraditória: as representações, imaginários e estereótipos do homem devem encontrar naquele corpo o território ideal para serem comprovadamente mostradas à sociedade a "normalidade", devem ser bem vindas por ele. Afinal, ele, sujeito estigmatizado, terá de lutar contra os saberes compartilhados, as ideologias e as memórias discursivas que dizem respeito àquele corpo que, por ser considerado desviante de antemão, é subjugado.

Como sabiamente apontado por Preciado (2020),

> O sexo e a sexualidade não são propriedades essenciais do sujeito, mas antes o produto de diversas tecnologias sociais e discursivas, de práticas políticas de gestão da verdade e da vida. […] Não há sexos nem sexualidades, mas usos de corpos reconhecidos como naturais ou sancionados como desviantes. (PRECIADO, 2020, p. 141)

Longe de estarmos fora da dimensão do "natural", somos o produto dessas tecnologias sociais e discursivas que, por muito tempo, vêm repetindo a mesma hierarquia das práticas de gestão da verdade e da vida. Cabe a nós, então, questionar essas mesmas tecnologias e a construção de nossos corpos, e não cairmos no entendimento de uma essência do sujeito, pois caso isso aconteça,

estaremos reforçando aquelas mesmas identidades, aqueles mesmos estereótipos, dos quais parece não ser possível fugir, mas quiçá manobrar, derrubar por ora, e estarmos prontos e prontas para quando se erguerem novamente.

Breves considerações sobre as representações de homens gays

Já mencionamos alguns aspectos sobre as representações de homens gays na discussão dos conceitos trabalhados acima. Agora nossa proposta é relacionar alguns deles com as questões de gênero e sexualidade relativas às homossexualidades masculinas especificamente.

Podemos partir de um ponto que é crucial para os grupos minorizados de forma geral: o corpo. Para Courtine (2011, p. 73), o corpo era, e ainda é, "couvert de signes, même si la nature de ceux-ci, le regard qui les déchiffre, la position de celui qui les interprète et l'intention de qui les exprime se sont historiquement modifiés" [tradução nossa: coberto de signos, ainda que a natureza deles, o olhar que os decifre, a posição daquele que os interpreta e a intenção de quem os exprime sejam historicamente modificadas]. Vimos no capítulo anterior que o corpo e os signos impressos nele variaram desde uma confissão ritualizada e pública até a disciplina moderna sobre o corpo. Ademais, a posição daqueles que interpretaram e decifravam os corpos foi sendo empreendida por diferentes instituições, inicialmente médicas, depois jurídico-legais e psicológicas. O corpo se torna, sobretudo a partir do século XIX, uma superfície legível, de acordo com Sommerville (1994), em que se detectavam desvios por meio de códigos simbólicos.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a "invenção" da figura do homossexual, utilizando os termos médicos, coincidiu com uma época de efervescentes categorizações baseadas em raça. Havelock Ellis, um importante sexologista da época, acreditava que existiam marcadores corporais que possibilitavam distinguir o corpo "normal" do "invertido", conforme Sommerville (1994). Em Alencar (2020), inspirados na disciplina *Sexological Theories – from Krafft-Ebing to Foucault*[10]*,* durante o doutorado sanduíche na Universidade de Michigan, fizemos um percorrido histórico sobre as violências às homossexualidades, institucionalizadas por meio dos discursos médicos, biológicos, jurídicos e psicológicos. Daí pudemos perceber que,

[10] RUBIN, Gayle. **Sexological theories**: from Krafft-Ebing to Foucault: curso do período de Outono, 5-set./14-dez. de 2018, 7 f. Notas de Aula. Impresso.

por meio dessa excessiva categorização, desse mapeamento do corpo, criaram-se gradativamente estereótipos, atribuições pejorativas aos homossexuais, por exemplo, que perduraram e foram se repetindo em diferentes meios de comunicação.

Na mídia, essas categorizações mais fixas não ficaram de fora. Filmes, séries, novelas, jornais, revistas e romances foram alguns dos meios onde figuravam personagens por vezes caricaturais de homens gays especificamente. Na minissérie documental *Visible: Out on television*, distribuída pela Apple TV+, essa questão da estereotipagem é abordada tendo em vista o contexto estadunidense, particularmente com a emergência da mídia televisiva e a cultura de séries, programas de plateias ("talk shows") e filmes. Homo e transexualidade eram temas recorrentes nessas produções – vindos de um passado não tão distante da psicologia forense, os produtores pareciam ainda insistir numa lógica do categorizante e do risível. Categorizar para não se perder na miríade de sujeitos existentes na sociedade estadunidense que, graças também à televisão, podia ter contato com uma ideia incipiente de diversidade de gênero e representação. No entanto, o que poderia ter servido como um meio de se romperem alguns padrões, serviu, na verdade, para estabelecer e normalizar papéis já existentes, resultando em uma percepção do diferente, do desconhecido como risível ou temível.

No Brasil, a chegada da televisão é datada em 18 de setembro de 1950, segundo Rosado (2017), sendo a primeira telenovela transmitida em dezembro do ano seguinte. É inegável que a televisão foi, e permanece, em certa medida, um veículo de informação, cujas imagens transmitidas se destacam por serem dinâmicas. Para Trevisan (2007, p. 305), a "televisão brasileira sempre foi especialmente visada pela censura (policial ou não), e obedece a um rigoroso código moral que proíbe a apresentação de obscenidades ou formas de perversão sexual". Por esse motivo, não tivemos, por muito tempo, uma representação efetiva de personagens ou celebridades LGBTQ+, tanto pela censura como pelo silenciamento imposto aos atores e atrizes homossexuais na vida real.

Sabemos, no entanto, que esses personagens sempre existiram. Sempre sugeridos, raramente expostos como gays ou lésbicas, trans ou travestis, eles figuravam nas produções da mídia de forma estereotipada, confundida e mal interpretada: atores heterossexuais fazendo papéis de homossexuais e cisgêneros

em papéis de transgêneros – como denuncia a série *Disclosure*, da Netflix – não contribuíam para a real demonstração das formas de vida dessas categorias minorizadas que, quando apareciam, estavam revestidas de normatividades e de artificialidades.

Todo esse desconhecimento e descuidado com as representações não contribuiu, de fato, para a chegada da informação à grande parte da população que tinha, e ainda tem, na televisão a fonte principal de informação e de percepção do mundo. Se somos representados como pessoas más, sedutoras de crianças, mentirosas, desconfiadas, pervertidas, cujas histórias de vida frequentemente envolvem fins trágicos, como morte e doenças, torna-se improvável esperar da audiência uma reação positiva daqueles sujeitos representados, por tanto tempo, da mesma maneira.

A epidemia de AIDS certamente modificou o modo como os homens gays nos representamos e nos identificamos com a cultura hegemônica. Para Trevisan (2007, p. 436), há um "imaginário coletivo [que] sempre encarou as doenças de massa como castigos impostos. Tal ideia veio cair como uma luva, no caso da Aids. Seu advento propiciou, na contemporaneidade, esse raro momento de *peste* que derruba máscaras". Além de uma "saída do armário" forçada, associada a uma punição àqueles que deveriam ser punidos por serem desviantes, a epidemia mudou as percepções do que seria o corpo saudável e "sarado", como observa Miskolci (2015), sobretudo em relação às homossexualidades masculinas.

Atualmente, nossos questionamento em relação às representações têm-se debruçado sobre o modo como absorvermos as normas vigentes e as tomamos como "naturais" na subcultura gay. Como observa Halperin (2012a), e conforme vimos no capítulo anterior na seção, "o poder normalizador", as imagens de si, pensadas agora sob a óptica das homossexualidades masculinas, operam em um nível vertical e horizontal: vigiamos nossos iguais e ainda avaliamos seus pertencimentos à subcultura. Já se fala, assim, em estereótipos "dentro" da subcultura gay e suas tribos: ursos, lontras, novinhos e musculosos são algumas delas. Tal dilema representacional, se é que podemos denominá-lo como tal, é resultado de uma prática vigilante, opressora e categorizante, que nos tornaria novamente vítimas de um sistema coercitivo – "saímos" da coerção da matriz

heterossexual e nos deparamos com outras, subculturais mas significativas quanto ao modo como experimentamos “novas” formas de vida.

Considerações finais

O fenômeno da representação se mostra complexo e, quando combinado com estudos de Foucault, forma uma base teórica rica e questionadora. Tal complexidade se dá, como vimos, devido ao próprio caráter social da teoria, que se volta ao entendimento dos sujeitos, dos grupos sociais. Os Estudos da Linguagem, por exemplo, se valem desses conceitos da representação para entender o sujeito que toma a palavra. Ao mesmo tempo, sabemos que ele é psicossocial e, por isso, deve ser trabalhado também nessa dimensão. É aí que a conjugação entre os estudos foucaultianos e representacionais se torna profícua, pois, na tentativa de não tomarmos o material linguístico como encerrado, fechado, hermético, nos voltamos para o sujeito moderno, abordado por Foucault. Esse sujeito é, conforme vimos, marcado por questões sobre a vigilância, o poder, a autonomia e a sujeição, temas que são igualmente importantes para os Estudos da Linguagem. Até que ponto minha fala é minha? Qual o grau de liberdade de que disponho enquanto sujeito de linguagem? De que forma o poder cerceia minha autonomia em relação ao uso da linguagem?

Sabemos a partir dos conceitos trabalhados que esse fenômeno da representação envolve, portanto, uma dimensão da linguagem e das relações sociais, que se retroalimentam. No primeiro domínio, vimos que os conceitos de parresía, veridicção e confissão se mesclam sob uma genealogia da verdade, das crenças, do domínio de si, da direção espiritual. Já no segundo, as relações de poder, as novas técnicas de sujeição, os problemas representacionais de estereótipos, juntos nos fazem indagar sobre as noções de liberdade e de autonomia.

Como poderíamos relacionar os conceitos trabalhados neste capítulo com aqueles vistos em Foucault, levando também em conta, adicionalmente, a subcultura gay? Em primeiro lugar, a vigilância como a conhecemos nos termos foucaultianos, apesar de ter assumido outras nuances como aponta Bruno (2013, p. 58-59), entraria como um componente dos problemas de estereótipo. Isso quer dizer que,

para vencer estereótipos, é preciso reconhecer a vigilância e as hierarquias dos modos de vida mais desejáveis e valorizados. Sabemos, enquanto seres sociáveis, que existem, de fato, diferentes atribuições de valor a determinados modos de vida, e desde já entendemos as hierarquias ali implícitas. Poderíamos dizer, então, que esse reconhecimento dialoga com as estereotipagens, fenômeno que buscamos explanar neste capítulo em um viés tanto negativo como positivo.

> **Na Internet, ampliaram-se ainda mais as tecnologias do ver e do ser visto, tornando os indivíduos ao mesmo tempo mais sujeitos à vigilância e relativamente mais autônomos na produção de sua própria visibilidade**, dado que neste caso a exposição de si não está sujeita à autorização e à intervenção de terceiros. (BRUNO, 2013, p. 58-59, grifos nossos)

A demanda por ser autônomo na produção da própria visibilidade faz mais sentido quando estamos lidando com grupos socialmente minorizados, como o de homens gays que compõem a pesquisa. Se existem estereótipos negativizantes acerca desses sujeitos, é compreensível que eles busquem estratégias mais valorativas sobre a construção e a projeção das imagens de si. A partir daí, podemos pensar o *ethos* enquanto estratégias, em determinadas situações de comunicação, de se projetarem características positivas, suscitando imaginários talvez antes desconhecidos.

Esse movimento questionador, de caráter positivo ao nosso ver, pode desestabilizar (ao menos temporariamente) estigmas e, por isso, serviriam como exercícios de se imaginarem mundos distintos, mais amplos e fluidos, onde habitariam não categorias, mas sujeitos complexos, múltiplos. Esse exercício poderia ser entendido como ascese, utilizando novamente os conceitos foucaultianos. Halperin (1995, 2009), estudioso de Foucault, compreende a ascese como exercícios de autotransformação, um trabalho espiritual que, quando empreendido por sujeitos estigmatizados, pode, na verdade, fazer a abjeção social se tornar um triunfo, pois a ascese seria capaz de elevar o sujeito mesmo enquanto o humilha.

Poderíamos dizer, então, que a gestão do corpo, assim como a gestão de visibilidades não hegemônicas, estão diretamente relacionadas a uma constante vigilância sobre o modo como alguém se representa, como vimos no capítulo anterior com Foucault. Implicado nisso, ainda haveria a questão da alteridade, ou

seja, a percepção do outro sobre mim, o que chamaremos mais adiante na pesquisa de *avaliação social do outro*. No domínio da *scientia sexualis*, período em que as questões de gênero e sexualidade ganharam uma dimensão científica e não mais exclusivamente religiosa, o corpo enquanto superfície legível e denunciável tornou-se o veículo de estereótipos – é por meio dele que se estabelecem hierarquias de sujeitos e de modos de vida desejáveis.

Ser e estar consciente dessa visibilidade e dessa exposição constantes nos tornaria sujeitos praticantes de um autoexame da consciência, o que poderíamos relacionar com uma sorte de autoavaliação identitária. Isso quer dizer que, a partir da prática de direção e exame da consciência vistos no capítulo anterior, estaríamos igualmente cientes das possibilidades de pertencermos ou não a determinadas identidades e, ainda, navegarmos pelas possibilidades, pelos entremeios de categorias que por vezes não cabem em nossas subjetividades. Questionar as próprias identidades e as de outrem, projetar diferentes *ethé,* desestabilizar a ordem das representações sociais seriam exercícios possíveis àqueles cujas vidas se desencontram, em alguns caminhos, da ordem, da norma. Como questionado por Bartlett (1988), a consistência pode não ser uma característica buscada por todos. Já não se trata estritamente de pertencer ou não pertencer a algo, mas sobretudo de questionar esses pertencimentos e os modos de vida atrelados a eles.

Por fim, entendemos que, apesar de haver diversas nomenclaturas para se abarcar a questão da representação social, como visto neste capítulo, reforçamos aqui a importância de se levar em consideração a circunstância enunciativa e tudo aquilo que parte dela. Isso quer dizer que, por meio de nossas escolhas teórico-metodológicas, vemos as vídeo-narrativas confessionais como modos de apreendermos subjetividades em um caráter ao mesmo tempo particular e coletivo. Afinal, as narrativas de vida, combinadas à Análise do Discurso em nossa proposta de pesquisa, nos oferecem essa possibilidade única de irmos além de algumas obviedades e colocarmos em evidência problemas sociais que nem sempre são tidos como pertinentes ou relevantes. A seguir, apresentamos algumas características da narrativa de vida na Análise do Discurso e das vídeo-narrativas confessionais.

A VÍDEO-NARRATIVA CONFESSIONAL E A NARRATIVA DE VIDA NA ANÁLISE DO DISCURSO

Considerações iniciais

Nosso objetivo é, primeiramente, discutir sobre o indivíduo que narra e as particularidades que a vídeo-narrativa confessional assume, buscando aproximações entre Charaudeau e Foucault. Além disso, buscamos situar a narrativa de vida na Análise do Discurso, tomando como exemplo o projeto da professora Ida Lúcia Machado que, por anos, se dedicou à temática da narrativa de vida e suas especificidades na Análise do Discurso que pratica. Para isso, mostraremos o percurso da pesquisadora na definição do sintagma narrativa de vida, sua filiação teórica e as implicações dessa escolha.

Em seguida, buscamos descrever nosso gênero vídeo-narrativa confessional. Recorremos a Charaudeau e aos modos de organização do discurso, no intuito de compreender de que forma nosso gênero apresenta elementos narrativos, e descrevemos como os outros modos aparecem e se caracterizam. Alguns conceitos aqui apresentados serão complementados no capítulo seguinte e, por fim, nas análises em si.

Narrativa de vida e o indivíduo que narra

A noção de sujeito sempre esteve cercada de abordagens provenientes de diversas áreas do conhecimento. Nossa proposta de Análise do Discurso, por ser uma teoria que se influenciou pelos estudos filosóficos e sociológicos, acrescentou à questão do sujeito suas particularidades em termos de linguagem e discurso. É importante destacar que o sujeito foucaultiano é aquele que sofre um processo de objetivação e subjetivação: no primeiro caso, é objeto dos processos disciplinares, o que o torna um ser dócil, disciplinado, enquanto no segundo, está sujeito a uma atribuição de identidade. Já o sujeito de que fala Charaudeau é o sujeito de linguagem, ou seja, o sujeito que toma a palavra e, a partir daquela enunciação, os analistas do discurso nos debruçamos, de modo que nossa análise não se retenha àquelas palavras, mas que extrapole a linguagem e desvende o social. Nós da Análise do Discurso sabemos que Charaudeau se baseou em Pêcheux, Ducrot,

Benveniste e no próprio Foucault para construir sua noção de sujeito, um sujeito psicossociohistórico e, por isso, em parte assujeitado e em parte consciente de seus atos. Em ambos os casos, estamos diante de noções de um sujeito constrangido – pelas instituições, pelo poder, pelas técnicas disciplinares, mas também pelo ato de linguagem, pela situacionalidade desse ato.

É evidente que Charaudeau (2009), ao afirmar que o sujeito goza de certa liberdade e que possui certa margem de manobra para lidar com essas restrições situacionais, dialoga com o que postula Foucault (2006a) acerca da agência. Na narrativa de vida e, especificamente, nas vídeo-narrativas confessionais, temos sujeitos de fala limitados pelo compartilhamento do mesmo universo de significações. Isso significa que esses parceiros de linguagem necessitam reconhecer que pertencem às mesmas práticas sociais. No caso das vídeo-narrativas, os sujeitos em questão partilham de questões sobre suas sexualidades e suas experiências de vida enquanto homens gays.

Na perspectiva de Foucault (2006a, p. 238), esses sujeitos passam por um processo de subjetivação em que procedimentos e técnicas em diversos contextos institucionais atuam "sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo, para formar, dirigir, modificar sua maneira de se conduzir". De fato, desde que os discursos científicos empreendidos sobretudo na era da *scientia sexualis* se ocuparam das sexualidades desviantes, tornamos-nos sujeitos a uma série de restrições. É, pois, nesse limiar que nos encontramos: entre a sujeição proveniente de contextos institucionais, como os discursos médico, psicológico e biológico, e as próprias restrições da linguagem, como o compartilhamento de práticas sociais.

Pode parecer, no entanto, que esse sujeito de que falam Foucault e Charaudeau não possuem agência e se encontram amarrados nas constrições sociolinguageiras. A posição do linguista é a de que, para fugir dessas amarras, o sujeito de fala faz uso de estratégias discursivas, pequenos escapes às limitações do gênero de escrita, por exemplo, ou à seriedade prevista por determinada situação de comunicação por meio da ironia[11]. O filósofo, por sua vez, afirma que existe, sim, possibilidades de transgressão na criatividade de se repensarem novas modos de vida, reconfigurações sociais que nos permitam viver a nosso favor.

---

[11] Veremos no capítulo seguinte do que tratam essas estratégias discursivas.

Por ora, é importante compreender que esse sujeito que narra luta por ser singular e social na materialidade semiológico de que dispõe. É, ao mesmo tempo, efeito e produtor de poder, como explica Foucault (2013a):

> Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-lhes. Efetivamente, **aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder**. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um dos seus primeiros efeitos. **O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente**, ou pelo próprio fato de ser um efeito, **seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu**. (FOUCAULT, 2013a, p. 284-285, grifos nossos)

É nessa potência de ser efeito e transmissão de poder que o indivíduo, ao narrar sua vida, o faz não só como um "produto" de uma sujeição sistemática, em uma lógica exclusivamente reprodutiva, mas também como um centro de transmissão criativo, que busca se singularizar ao contar aquilo que entende como "seu", ou seja, histórias únicas e irrepetíveis que lhe aconteceram.

De forma semelhante, Butler (2015) afirma:

> Se tento dar um relato de mim mesma, e se tento me fazer reconhecível e compreensível, devo começar com um relato narrativo da minha vida. Mas **essa narrativa será desorientada pelo que não é meu, ou não é só meu**. E, até certo ponto, terei de me fazer substituível para me fazer reconhecível. **A autoridade narrativa do "eu" deve dar lugar à perspectiva e à temporalidade de um conjunto de normas que contesta a singularidade de minha história**. (BUTLER, 2015, p. 619, grifos nossos)

Ao trazer a questão da desorientação da narrativa, Butler nos faz pensar sobre as próprias influências do interdiscurso, dos estereótipos, das imagens que fazemos de nós mesmos, além daquelas que acreditamos fazerem de nós, ou, como ela pontua, aquilo que é meu e aquilo que não é só meu. Como dar uma unidade a esses fragmentos que nos escapam, a essas memórias fragmentadas que, quando parcialmente restituídas, revelam lacunas e visões parciais de um "todo"?

Ainda a respeito da citação de Butler, as normas ou as restrições sociais que me são externas, impedem essa singularização da minha história, pois ela está submetida a uma série de constrições, como menciona Foucault. Mas é nessa

tentativa de se desafogar da temporalidade e do conjunto de normas que a narrativa de vida se torna tão interessante, como veremos a partir das considerações de Machado.

Narrativa de vida: origens

Machado (2014, p.1130) explica a origem do sintagma “narrativa de vida”, que “foi usado para nomear uma teoria socioantropológica na qual um determinado entrevistado conta para um pesquisador sua vida ou parte dela”. A abordagem da autora se difere, no entanto, das demais, pois o viés antropológico é desviado para o discursivo. Isso resultou em um ineditismo que tem inspirado diversas pesquisas em AD, como as observadas em Almeida (2016), Reis, P. (2018) e Reis (2020).

Sabemos por Reis (2018) que a filiação de Machado, no decorrer dos anos em que conduziu pesquisas em narrativas de vida, é com Daniel Bertaux, sociólogo francês que reuniu, na década de 1970, um grupo de estudiosos focados nos *relatos de vida*. Tratava-se, na época, de algo um pouco ignorado pelos sociólogos franceses, e foi Bertaux quem empreendeu essa corrente na sociologia francesa.

Bertaux (2003) utiliza o termo “récit de vie", ou relato de vida, mas sua origem metodológica, segundo Carvalho (2016), remonta à Escola de Chicago, mais precisamente com dois sociólogos: William Thomas e Florian Znanieckzi. Ambos trabalhavam com questões migratórias de poloneses nos Estados Unidos e as dificuldades que enfrenaram enquanto comunidade. Machado (2017), por sua vez, menciona que, após a leitura da obra de Christian Salmon denominada *Storytelling*, decide fixar *narrativa de vida* como objeto de suas pesquisas. É no encontro entre Bertaux e Salmon que Machado, desde 2009, inaugura com sucesso sua visada no domínio da narrativa de vida. Grande parte de sua pesquisa esbarra em questões sociais e, por isso, nos tem interessado o modo como a autora coloca esses problemas de uma forma ao mesmo tempo leve e comprometida, engajada.

Carvalho (2016, p. 26) aponta adicionalmente duas razões pelas quais faz sentido utilizarmos o sintagma narrativa de vida. A primeira dela é o enquadramento na Análise do Discurso: “o sintagma se refere a uma teoria que busca desvelar ou realizar pesquisas sobre o discurso, objeto multifacetado e estudado em tantas outras frentes de pesquisa”. Além disso, nós, analistas do discurso, também nos ocupamos de “múltiplas estratégias linguageiras, conscientes ou inconscientes”, ou

seja, “a prática narrativa com tudo o que ela implica”. Sob essa perspectiva, e inserindo o método da narrativa de vida, Carvalho (2016, p. 22) acrescenta que “analisar um discurso demanda que se leve também em conta o universo de práticas sociais que o envolvem”. Analisar narrativas prevê, pois, um processo, pois os indivíduos que narram estão em sociedade e, por isso, em constante troca – estabelecem relações que dizem respeito ao funcionamento da ordem social.

Sabemos que as narrativas que compõem nosso *corpus* estão atravessadas por questões de gênero e sexualidade, o que também se caracteriza como um problema social. A narrativa de vida pode operar, então, para Machado (2015a, p. 130), como práticas por meio das quais “sujeitos marginalizados constroem, de uma forma ou de outra, uma identidade que poderá (ou não) apontar para uma saída do estado em que se encontram, um fímbria de esperança”. Essa construção identitária, conforme vimos no capítulo anterior, pode representar uma possibilidade de fuga à marginalização, e a narrativa de vida pode ser o caminho para isso.

Tradicionalmente, as narrativas de vida, segundo Machado (2015), ocorrem quando um entrevistador solicita ao entrevistado que conte parte de sua vida: seus sentimentos e opiniões acerca de um assunto ou de um episódio em particular vivido pelo sujeito que fala. No entanto, a autora destaca que as narrativas podem ocorrer em momentos inesperados, como quando, em alguns fragmentos, revelamos partes de nossos *ethé*. Essa projeção de *ethos* na narrativa de vida nos interessa na medida que revela, em partes, alguns traços não só do sujeito que narra, mas também da sociedade ou do grupo de que participa. Por isso, a narrativa de vida possui esse caráter revelador, por assim dizer, de algo que também é comunitário, pois diz respeito a um todo social.

Machado (2014, p. 1131, itálicos da autora) observa, ainda, que as narrativas de vida contribuem para um entendimento de si, uma sorte de reelaboração das imagens de si para o outro (interlocutor), pois “a narrativa de vida ajuda *aquele-que-se-narra* a melhor se definir face ao *outro* pelo trabalho que empreende ao elaborar uma imagem de si que opere uma reunião de suas experiências passadas com seu percurso atual.” Veremos nas análises das nossas vídeo-narrativas que os sujeitos que narram frequentemente falam de suas experiência passadas de modo que, com sorte, consigam um melhor entendimento de seus percursos atuais, ou seja, enquanto homens gays já “fora do armário”. Nesse trabalho sobre si (ascese), se

definir face ao outro implica atribuir valores não só a si mesmo, mas também à comunidade de que se participa, como constataremos posteriormente.

A visão de Bertaux (1997) em relação à narrativa de vida é a de que já não faz sentido entendermos que a história de alguém deva ser contada de forma a se apreender toda a trajetória de um indivíduo, ou seja, do nascimento à morte. Ele critica essa abordagem tradicional e defende defende a impossibilidade de uma onisciência de todos os acontecimentos na vida. Carvalho (2016, p. 34) sustenta a tese de Bertaux: que "a narrativa de vida seja uma produção discursiva marcada pelo verbo 'contar'". Reafirma-se, assim, a predominância da forma narrativa, inclusive em gêneros não tradicionais ou inesperados, como observou Machado (2014) em seu estudo sobre prefácio de livro como gênero possível onde podemos identificar narrativas de vida.

As narrativas de vida com que trabalhamos são formas não tradicionais de se narrar: aparecem em um meio digital (YouTube) e nela se relata não toda a trajetória de um indivíduo, mas algumas partes que ele julgou importante mencionar. Existe uma realidade psíquica e semântica, nos termos de Carvalho (2016, p. 38), para o que o sujeito "sabe e pensa retrospectivamente sobre seu percurso biográfico". Trata-se de um trabalho de *contar*, de buscar um entendimento sobre si de forma que se possa acessar nas subjetividades de cada indivíduo determinados aspectos pouco evidentes. E é exatamente esse trabalho de acesso de si, com o endereçamento discursivo ao outro, que Foucault abordou em suas pesquisas desde a época pré-cristã até os tempos da *scientia sexualis*.

Machado (2012) afirma que a própria narrativa de vida pode ser vista como uma estratégia discursiva. Isso que dizer que, para provar um ponto, em vez de me munir de argumentos muito bem assentados, dados e afirmações "lógicas", posso, enquanto sujeito que goza de certa liberdade enunciativa, relatar algo a respeito de minha vida. Com isso, minhas intencionalidades enquanto enunciador podem atingir meu interlocutor de forma "eficaz", ou seja, consigo perceber – mas não determinar precisamente – sua adesão (mais ou menos parcial) aos meus ideais, àquilo que, de alguma forma, acabei de defender.

Uma das estratégias trabalhadas por Charaudeau (2010) é a de legitimação, que ocorre quando o sujeito falante, que não goza *a priori* de uma legitimidade que lhe foi previamente conferida, lança mão de recursos como seu conhecimento de

um tema em particular. Foi o que observamos em alguns narradores que compõem o *corpus*: partindo de um conhecimento "estabelecido", eles se legitimaram ao demonstrarem um saber científico. De forma semelhante, a estratégia de captação opera em um componente afetivo do interlocutor, criando nele efeitos de *pathos* que podem colocá-lo mais ou menos à disposição do enunciador. Já a estratégia de credibilidade, por exemplo, contribui para a construção de uma imagem de si de pessoa ponderada e séria, capaz de avaliar os extremos e, por isso, mais facilmente crível. A articulação entre essas estratégias trabalhadas por Charaudeau nas vídeo-narrativas confessionais estará presente no quadro teórico-metodológico.

Quais seriam, então, as vantagens de se narrar? Bom, além de possivelmente reelaborar as imagens de si e de projetar diferentes *ethé* daqueles já estigmatizados e estereotipados, existe ainda uma visada argumentativa na narrativa de vida. É possível *convencer* o outro através de efeitos gerados pela emoção e de uma série de elementos não verbais: gestos, ambiente, som, cores, efeitos de edição de vídeo. A emoção pode provocar empatia, solidariedade, entre outros sentimentos, mas não é a única responsável pelo convencimento ou pela adesão às ideias contidas nas narrativas. O caráter emocional é mais um elemento, como veremos mais tarde, que compõe nossa análise sob o nome de *efeitos patêmicos visados*. Por isso foi importante para nossa pesquisa o uso de um aporte teórico-metodológico que contemplasse a multimodalidade das vídeo-narrativas confessionais e, para realizar essa tarefa, utilizamos a Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013).

Narrar a si mesmo envolve, ao nosso ver, uma renegociação de estereótipos e uma passagem ao domínio dos imaginários sociodiscursivos. Isso quer dizer que, ao ouvirmos aqueles que foram submetidos ao poder da normatividade e de uma matriz sexual heterocentrada, aprofundamos nossas compreensões acerca de um grupo socialmente minorizado e nos deslocamos, ao menos por alguns minutos, do domínio das obviedades. Em que medida, pois, as narrativas de vida observadas no nosso *corpus* apresentariam um caráter confessional?

Vídeo-narrativas confessionais

É momento de caracterizarmos nosso gênero discursivo em questão. Já sabemos, em primeiro lugar, que a ideia de confissão com que trabalhamos é

aquela em que o sujeito, na necessidade de compartilhar, desabafar algo sobre si, narra parte de sua vida. Trata-se de uma narrativa confessional porque o tema da sexualidade é, para Foucault, o privilegiado nessa modalidade enunciativa. Seu caráter confessional, conforme vimos, passa despercebido, pois já não somos capazes de perceber a confissão, assim como o imperativo à fala, como técnicas de poder, e sim mecanismos de liberdade: o direito à palavra, a liberdade de expressão.

A escolha pelo termo narrativa de vida também foi explicado ainda neste capítulo. Machado (2015a, p. 140) menciona que narrar ou escrever sobre a vida "proporciona um certo alívio para os sujeitos-comunicantes". Bruno (2013, p. 64) entende que o ato de narrar a si mesmo passa pela "suposição de que parte do eu se furta à visibilidade e à própria consciência do narrador". Por isso, Foucault (2006a, p. 144) vai dizer que a escrita de si "deve revelar, sem exceção, todos os movimentos da alma. […] a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo". Portanto, seria a partir dessa tentativa de saída do obscurantismo, da inacessibilidade dos pensamentos e dos movimentos da alma que seríamos levados a narrar e confessar nossas inclinações, verdades, crenças.

Em seu livro *Linguagem e discurso*, Charaudeau (2008, p. 68, itálicos do autor) descreve a ocorrência de Modos de Organização do Discurso (MODs) em diferentes gêneros textuais. Os MODs, como veremos também no próximo capítulo, "constituem os *princípios da organização* da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: *ENUNCIAR, DESCREVER, CONTAR, ARGUMENTAR*". Sob essa perspectiva, um mesmo gênero pode comportar diversos modos de organização. Advertimos de antemão que um dos modos do discurso propostos por Charaudeau, o enunciativo, perpassa todos os outros, por isso não o incluímos no Quadro 1. Ainda assim, observamos seu uso ao se incluir e/ou excluir o interlocutor da narrativa, ao se tomar um posicionamento de superioridade ou de equidade com o interlocutor de acordo com os efeitos de sentido produzidos, por exemplo.

Quadro 1 - A vídeo-narrativa confessional e os modos de discurso

Gênero	Modos de discurso dominantes	Outros modos de discurso
Vídeo-narrativa confessional	• **Narrativo** (ao situar espaço, tempo, pessoas, ações pessoais e de outrem no fio do discurso)	• **Descritivo** (ao categorizar, imprimir valores e qualidades a pessoas, comunidades, atitudes e práticas culturais da comunidade de homens gays, ao se apresentar, organizar e escolher o local de gravação do vídeo)
		• **Argumentativo** (ao ponderar sobre práticas validadas e não validadas pela comunidade de homens gays e defender ou rechaçar determinadas características desse grupo social, ao se trajar de determinadas formas, ao se valer de objetos e de informações projetadas no vídeo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando, então, o gênero vídeo-narrativa confessional, entendemos que o modo de discurso dominante é o narrativo, pois os narradores se situam em um espaço e tempo determinados, relatam suas ações e as de outrem também em tempos e espaços específicos. Veremos que o recurso ao passado será recorrente, tanto a um passado recente como a um mais distante. BR2 e EUA3, por exemplo, leram um texto e foram relatar suas impressões sobre ele baseados em suas experiências de vida particulares, ao passo que BR1 e EUA2 contam suas experiências de “bullying" no período escolar, muito mais anteriores ao momento da narrativa. Para isso, os narradores envolvem pessoas em seus relatos: familiares, amigos e amigas, colegas de classe são como personagens em suas narrativas, cujas ações implicaram reavaliações sobre o passado no presente enunciativo. Notemos, pois, que a temporalidade é um fator decisivo nesse gênero, pois existe uma ideia de que, ao se rememorarem alguns episódios particulares, sobretudo aqueles mais dolorosos, pode-se reler algumas práticas sociais, em uma dimensão mais generalista, e, assim, melhorar o entendimento sobre si, proporcionando a si

mesmo uma evolução, uma melhora, uma passagem a um estágio outro, o que corresponde exatamente ao que confissão promete proporcionar.

Adicionalmente, é esperado que, para que essa narrativa se complete de outras nuances, outros modos de organização apareçam, de modo a apoiar ou sustentar aquele relato que, de alguma forma, deve se manter verossímil. No modo descritivo, compreendemos o movimentos de se categorizar e imprimir valores à cultura hegemônica e à própria (sub)cultura gay, o que está relacionado, respectivamente, às categorias *avaliação social do outro* e *desidentificações com a cultura gay*. Essas categorias estarão pormenorizadas no capítulo dedicado às Análises. Consideramos, ainda, que a própria cenografia pode figurar como um modo descritivo no discurso não verbal: em que ambiente as vídeo-narrativas se dão? Com que tipo de vestimenta esses narradores se apresentam? Essas e outras características revelam traços descritivos que compõem a encenação em sua totalidade, produzindo efeitos de sentido na recepção.

Consideramos, ainda, que essas mesmas encenações podem operar argumentativamente na narrativa. A escolha dos ambientes onde se narra pode produzir efeitos de neutralidade, de aproximação ou de distanciamento, assim como as roupas utilizadas pelos sujeitos que narram. Alguns títulos das vídeo-narrativas já antecipam o caráter argumentativo que podem apresentar. “Ser gay cansa”, de BR4, e “Ser gay é muito difícil”, de BR2, são vídeos em que observamos que os narradores estão defendendo uma tese e apresentam argumentos para prová-la: esperar-se que eles, por exemplo, nos provem que ser gay cansa e que ser gay é difícil. Para isso, valer-se-ão de elementos como a inclusão de informações no vídeo, de trechos de textos, e de outros elementos verbais e não verbais a fim de nos provar seus pontos de vista.

Por fim, em termos de modo enunciativo, o fato de incluir o interlocutor na fala pode gerar efeitos de aproximação, por exemplo, ou mesmo de convencimento, de emoção. Veremos no capítulo seguinte que a maneira como se posiciona a câmera em relação a ângulos e planos também produzem efeitos de sentido em termos de envolvimento com o espectador, demonstrando mais ou menos emoção, ou uma sensação de equidade, por estarem enfrentando a mesma situação e, por isso, travando um diálogo franco e sincero naquela situação de comunicação. É no

plano verbal e não verbal que essas manobras técnicas, visuais, enfim, semiológicas se dão.

O gênero em questão está identificado com seu suporte que, no caso, é o YouTube, uma rede que hospeda vídeos na Internet. Sabemos, no entanto, que o gênero é situacional e, por isso, seu local de vinculação pode de certa forma determinar suas características. É possível haver narrativas em outras redes, como o Instagram, Facebook e as demais que nos são contemporâneas. No nosso caso, foi a escolha do *corpus* que delimitou o YouTube, mas é inegável a ocorrência de narrativas em outros ambientes virtuais. De todo modo, *vídeo-narrativa* faz sentido, pois a narrativa é contada não por meio de um relato escrito, uma história em quadrinhos, um livro biográfico, mas por um meio complexo, que comporta diversos códigos, como cores, plano e ângulo da filmagem, os sons presentes, a iluminação utilizada, entre outros elementos que serão vistos na Grade de Análise de Mendes (2013). Nossa análise se mostra, pois, multidisciplinar, como havíamos adiantado, justamente por lidar com esse caráter multimodal da narrativa em forma de vídeo.

Considerações finais

As narrativas de vida que fazem parte dessa pesquisa se caracterizam por serem autoexpositivas. Isso quer dizer que, se antes era necessário um movimento investigativo para apreendê-las, como feito por Bertaux na França na década de 1970, hoje contamos nossas histórias de forma "espontânea". Para Han (2020, p. 85), o sujeito digitalizado é um "pan-óptico de si mesmo" e, portanto, expõe e supervisa a si mesmo. Isso quer dizer, então, seguindo o pensamento do filósofo sul-coreano, que fundamentalmente estaríamos diante de confissões de si para si mesmo, em uma perspectiva bastante egocentrada. Em outras palavras, confessar-se para o outro, como fazem os narradores que compõem essa pesquisa, poderia também ser uma forma de confessar-se para si mesmo, de modo que a fala pública entrasse em cena para dar mais veracidade (e publicidade) ao que é dito. Dizer, portanto, que o sujeito digitalizado é um pan-ótico de si mesmo pressupõe a existência de um sujeito confessante e confessor, que se ouve e se absolve, assim como Foucault postulava principalmente em *Vigiar e punir*.

Nessa dinâmica de uma vigilância intrínseca, percebemos no *corpus* que muitos narradores falam de uma necessidade de desabafar e compartilhar algo.

Como não há uma instância punitiva única, ou seja, uma forma institucional exclusivamente responsável pela disciplina e pelo controle dos indivíduos, estaríamos perdidos nessa falsa liberdade de ser e agir como quisermos. No entanto, sabemos que a punição intrínseca pode ser muito mais severa do que a extrínseca e, levados a compreender o que se passa nas nossas subjetividades, nos autorrevelamos para o mundo, para a rede. Somado a isso, existe uma cultura digital que requer uma postura participativa, ou seja, de criação de conteúdos, de engajamentos, de reações, fazendo com que as práticas do ver e do ser visto, conforme Bruno (2013), se tornem cotidianas, naturalizadas.

Sabemos que, fundamentalmente, o ato de se narrar é uma impossibilidade atrativa – queremos fazer sentido de nós mesmos e do outro, do que nos aconteceu, mas ao mesmo tempo não conseguimos apreender a totalidade desse sujeito porque ele já é outro, como pontua Butler (2015). Haveria um conflito, então, entre uma necessidade de se entender por meio da narrativa e um reconhecimento de que tal empreitada é, por certo, limitada.

Desde que o Cristianismo tomou as práticas filosóficas de direção espiritual e o dispositivo da sexualidade incorporou exames de consciência e confissão, a prática confessional tem se infiltrado em diferentes modos enunciativos, como vimos com Foucault, sendo que, atualmente, já não é vista como um técnica de poder. Por isso, para Han (2020), o regime neoliberal se apropria das tecnologias do eu e, assim, faz com que o sujeito busque uma otimização constante de si. Essa otimização perpassa a confissão e, no caso do nosso *corpus*, a narrativa de vida confessional. Tratar-se-ia, assim, de mais um técnica de poder moderno, em que o sujeito é o próprio responsável pelo domínio e melhoria de si, conseguidos por meio de uma atividade narrativa confessional. Aí se prova a utilidade desse tipo de narrativa – ainda que não se apreenda totalmente o sujeito, ele se torna o responsável por uma evolução e um domínio de si, como se fosse o único responsável por um trabalho autônomo cuja recompensa se volta sobretudo a ele mesmo. Assim, ideias pré-concebidas são renegociadas, revistas e reavaliadas por esses sujeitos falantes que são potentes em produzir, ou reafirmar, estereótipos, representações sociais das quais são, ao mesmo tempo, vítimas e críticos. Na fala franca encontram espaços para existir e resistir, a custo de uma exposição naturalizada e de uma punição intrínseca cujo objetivo é a melhora de si e, quem

sabe, do outro, num compromisso ético e social com a comunidade de que participam.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Considerações iniciais

Aqui apresentamos características de nosso *corpus*, os procedimentos adotados para que pudéssemos estabelecê-lo e algumas características do suporte onde estão, ou seja, o YouTube. Em seguida, conceituamos detalhadamente os elementos constantes na Grade de Análise de Imagens de Mendes (2013), buscando estabelecer relações com nosso *corpus*.

Apresentamos também as categorias de análise obtidas por meio da transcrição livre das vídeo-narrativas analisadas. Trata-se dos temas mais recorrentes nas discursividades dos narradores que compõem o *corpus*. Cada uma deles é explanado individualmente, de modo que convocamos alguns autores e autoras que nos dessem suporte para tratar dos temas trazidos pelos narradores. São eles: necessidade de confessar, estratégia de identificação/persuasão, conflito de estereótipos, o corpo gay em questão, lembrança do período escolar, avaliação social do outro, a evolução de/em si, episódios de homofobia/"bullying", ilusão de "saída do armário", desidentificações com a cultura gay, sentimento de solidão. Todos estão descritos e explanados um a um e, ao final, se encontram listados em um quadro onde constam as categorias e como os respectivos narradores as abordaram. Trata-se de assuntos relacionados a gênero, sexualidade, linguagem e representações sociais e, por esse motivo, trazemos autores que se debruçaram sobre tais questões.

Caracterização do *corpus*

Nosso *corpus* é composto por oito vídeos, sendo quatro vídeos feitos por narradores brasileiros e quatro feitos por narradores estadunidenses. Trata-se de narrativas disponíveis no YouTube que versam sobre as complicações, as barreiras e as problemáticas de se assumir uma identidade gay. Em outras palavras, esses sujeitos narradores, após terem "saído do armário", querem explanar suas inquietações sobre o processo numa perspectiva diacrônica mas também sincrônica, ou seja, para explicar o que lhes disturba agora, recontam o passado para resgatar o que pode ter sido perdido. A esse período de inquietações e questionamentos sobre perceber-se gay demos o nome de "pós-armário".

Outro fator importante na escolha dos vídeos foi a análise do canal do narrador no YouTube. Quais tipos de temas ele abordava em outros vídeos? Eles dialogavam com o do vídeo analisado? Qual o grau de adesão dos usuários aos vídeos postados, ou seja, quantos inscritos existem no canal? Tais informações serão incorporadas à análise e discutidas separadamente. Por fim, e de forma mais geral, quais tipos de temas perpassam, de certa forma, essas narrativas? Existe uma homogeneidade? E quanto às heterogeneidades? Quais tipos de temas não são abordados por todos mas que também importam para fins de debate?

Além dos termos de conteúdo, buscamos vídeos cujas durações fossem próximas para que não houvesse disparidades nos tamanhos das transcrições. Os anos de publicação também foram um fator importante e, por isso, eles não foram anteriores a 2015. Asim, obtivemos vídeos cujos temas não se distanciariam tanto temporalmente do ano de defesa da tese. Preocupamo-nos, ainda, com a relevância dos vídeos – o menos visualizado contava com mais de 10 mil visualizações no primeiro momento da análise (abril de 2019).

Encontrados os vídeos, foram feitas transcrições livres (vide Anexo) do que neles era narrado e, a partir disso, as análises foram tecidas baseadas nas falas dos narradores, aliadas, sempre que possível, a teorias de gênero e sexualidade, linguagem, discurso e imagem. As questões de gênero e, mais especificamente, gays, foram abordadas tendo como base os estudos de Halperin (1995, 2012) e Foucault (1981, 1988, 2011), por exemplo. Pensamos a linguagem e o discurso na perspectiva da Semiolinguística, sobretudo como o toma Charaudeau (2003, 2009, 2015), enquanto o tema das representações sociais foram resgatados sobretudo de Amossy (2005, 2008). A análise de imagens é feita tendo Mendes (2013) e sua grade de análise como base, abrangendo tanto o estrato verbal como o icônico. Certamente, os autores e autoras citados não se limitam aos mencionados – a lista se estende, como será visto no decorrer da discussão.

Alguns dos temas mais recorrentes nas vídeo-narrativas confessionais foram selecionados e suas ocorrências, analisadas. Listamos, assim, essas categorias e marcamos com um “xis” (x) onde ela aparecia, ou seja, qual narrador a trazia em sua discursividade. As categorias, que se encontram esquematizadas no Quadro 6, foram: necessidade de confessar, estratégia de identificação/persuasão, conflitos de estereótipos, o corpo gay em questão, lembrança do período escolar, avaliação

social do outro, a evolução de/em si, episódios de homofobia/“bullying”, ilusão de "saída do armário”, desidentificações com a cultura gay e sentimento de solidão.

Percebe-se, portanto, que não nos ativemos aos caracteres apenas formais da linguagem – foi preciso considerar também códigos como a forma que o narrador se posiciona frente à câmera, as variações no tom de voz, vestimenta, os vocábulos utilizados, efeitos inseridos no vídeo com fins cômicos ou de seriedade, entre outros. Afinal, estamos lidando com um *corpus* multimodal e, ainda que não nos compita abranger a multiplicidade de códigos semiológicos passíveis de análise, a linguagem está sendo considerada, de fato, sob uma perspectiva abrangente. Por essa razão, lançamos mão de abordagens teóricas vindas de outras áreas, como as de Guimarães (2003, 2004) no cinema e na mídia e de Crane (2006) na moda.

Para nos referirmos aos vídeos de forma mais prática ao longo do texto, preferimos adotar códigos que orientassem o leitor e a leitora para a transcrição das mídias correspondentes. Portanto, utilizamos o nome do país abreviado (EUA ou BR) mais um número que vai de 1 a 4. Dessa forma, o vídeo EUA2, por exemplo, se refere ao narrador número 2 dos Estados Unidos. Não houve um critério específico quanto à numeração. Dentre os vídeos estadunidenses, por instância, 3 dos 4 que foram analisados eram do ano de 2017, o que invalidaria um possível critério temporal. No caso dos brasileiros, tínhamos dois de 2017, um de 2016 e um de 2019 e, novamente, não seria interessante utilizar os anos de postagem como formas de classificá-los.

Assim, “BR1”, por exemplo, diz respeito ao primeiro vídeo de um narrador brasileiro que escolhemos analisar. “EUA”, por sua vez, representa um narrador estadunidense, e os números 1, 2, 3 e 4 representam um dos quatro vídeos da totalidade dos narradores dos Estados Unidos. Assim, temos um total de oito vídeo-narrativas confessionais, quatro de cada país. A ordem de análise foi aleatória; o que buscamos fazer, no entanto, foi intercalar as origens das narrativas, de modo que ora aparecesse uma do Brasil, ora uma dos Estados Unidos.

Nos Quadros 2 e 3, é possível observar alguns dados relevantes para os vídeos dos narradores brasileiros e dos estadunidenses, respectivamente, como nome do canal, título do vídeo, ano de publicação, a duração do vídeo, o número de

visualizações, a sigla que escolhemos para cada narrador e o link do vídeo no YouTube.

Quadro 2 - Informações referentes às vídeo-narrativas dos brasileiros

Título do vídeo	Nome do canal	Ano de publicação	Duração	Visualizações	Sigla do narrador	Link
Saindo do armário (gay)	Luan Poffo	2017	6min57s	73.353	BR1	https://www.youtube.com/watch?v=5pCP5nt5DnA
Ser gay é muito difícil	Caio Braz	2017	8min	116.753	BR2	https://www.youtube.com/watch?v=H1UsdrSBMh8&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=11
Como estou me sentindo após sair do armário?	Jovem Han	2019	7min35s	63.225	BR3	https://www.youtube.com/watch?v=q4XTe08mxTY
Ser gay cansa	Para tudo (Lorelay_Fox)	2016	5min30s	299.923	BR4	https://www.youtube.com/watch?v=3cua-u4q3Xs&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=13&t=0s

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 3 - Informações referentes às vídeo-narrativas dos estadunidenses

Título do vídeo	Nome do canal	Ano de publicação	Duração	Visualizações	Sigla do narrador	Link
The Biggest Problems In The Gay Community	Barrett Pall	2015	7min52s	189,546	EUA1	https://www.youtube.com/watch?v=TMaJfczk1eQ
Things I Hate About Being Gay	Dillon Kenneth Hogan	2017	6min47s	24,361	EUA2	https://www.youtube.com/watch?v=iWThkXVZZrc
The Worst Part About Being Gay	Ethan Hethcote	2017	11min06s	219,637	EUA3	https://www.youtube.com/watch?v=f8Wh1tuNtpA
The struggle of being gay and accepting it.	Matthew Crawford	2017	10min08s	127,439	EUA4	https://www.youtube.com/watch?v=gPxAKnGtnIM

Fonte: Elaborado pelo autor.

Estabelecimento dos *corpora*

Para realizarmos a busca dos vídeos, foi necessário focar na questão do pós-armário sendo narrada por um homem que se identificasse como gay durante o vídeo e que tivesse um caráter pessoal, narrativo e sobretudo confessional. O processo de "saída do armário" deveria ser central, mas o que lhe sucedia era também importante, pois estávamos interessados em desconstruir a pressuposição de que o "coming out" (saída) é um fim em si, uma ação a partir da qual as dificuldades em se ser gay são minadas. Por isso, utilizamos a ferramenta de busca no YouTube inserindo algumas palavras e expressões.

Primeiramente, para os vídeos dos narradores estadunidenses, inserimos na ferramenta de busca as seguintes expressões: "post-coming out", "being gay", "struggle being gay","post-gay", "minority stress","coming out gay". Para os vídeos dos narradores brasileiros, buscamos as correspondências em Português: pós-armário, ser gay, dificuldades ser gay, pós-gay, estresse de minoria, sair do armário. Atentamos, portanto, para o fato de termos trabalhado com a expressão correspondente em Português para termos já conhecidos em Inglês, motivo que justificaria uma maior dificuldade inicial em encontrarmos o material desejado em nossa língua. Por fim, as correspondências e não correspondências foram traduzidas e esquematizadas nos quadros abaixo:

Quadro 4 - Palavras e expressões, em Português, utilizadas no campo de busca do YouTube e suas correspondências e não correspondências

Pós-armário				
Correspondências				
Não correspondências	Organização de armário de cozinha	Planejamento de móveis	Reformas na casa	Limpeza e faxina nos armários
Ser gay				
Correspondências	Dificuldades em ser homem gay: "ser gay cansa"	"Ser gay é muito difícil"		
Não correspondências	Abordagem médica sobre as homossexualidades	Ser gay em diferentes âmbitos sociais (nos esportes, no exército, nos games)	Vantagens em ser gay	Ser gay em diferentes épocas, como nos anos 90

Dificuldades ser gay				
Correspondências	Dificuldades em ser homem gay: “ser gay cansa”	“Ser gay é muito difícil”	Formas de se sair do armário gay (homem)	
Não correspondências	Dificuldades em um relacionamento gay	Homossexualidades em diferentes partes do mundo (Espanha, Japão, Índia, Canadá	Formas de se sair do armário gay (mulher)	Abordagens religiosas sobre homossexualidades
Pós-gay				
Correspondências				
Não correspondências	Relatos pós-parada LGBTQ+	Posições do kama sutra para homens gays (vídeos em inglês)	Soropositividade em homens gays	Eventos pós-parada LGBTQ+ em diferentes lugares do Brasil
Estresse de minoria				
Correspondências				
Não correspondências	Representação das minorias na mídia	Abordagens da Psicologia em relação ao estresse e à ansiedade	Estresse e outros problemas psicológicos no mundo do trabalho	Yoga, Quiropraxia, Meditação
Sair do armário				
Correspondências	“Como estou me sentindo após sair do armário?”	“Saindo do armário (gay)”		
Não correspondências	Vídeos narrados por mulheres gays	Videos narrados por mais de um homem gay	Artistas famosos que “saíram do armário”	Tutoriais sobre como sair do armário

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 - Palavras e expressões, em Inglês, utilizadas no campo de busca do YouTube e suas correspondências e não correspondências

Minority stress				
Correspondências				
Não correspondências	Palestras acadêmicas	Programa de rádio	Vídeo educativo sem narrador	Racismo e estresse de minoria
Post-gay				
Correspondências				

Não correspondências	Reportagens sobre legalidade do casamento gay no mundo	Questões religiosas sobre homossexualidades no mundo	Reportagens sobre a questão gay nos esportes	Direitos gays no mundo
Post-coming out				
Correspondências	Dicas do que fazer após sair do armário gay (homem)	Antes e depois de sair do armário gay (homem)		
Não correspondências	Perguntas e respostas a pessoas trans	Vida após a saída do armário bissexual	Passando-se por hétero sendo uma mulher gay	Histórias de saída do armário de mulheres gays
Being gay				
Correspondências	“The worst part about being gay”	“Things I hate about being gay”		
Não correspondências	Ser gay em diferentes partes do mundo (Índia, Turquia, Japão, Albânia, Uganda).	Abordagens religiosas sobre homossexualidades	Reportagens sobre a questão da saúde mental de pessoas gays	Abordagens genéticas e biológicas buscando explicar as homossexualidades
Struggle being gay				
Correspondências	Ser gay e aceitar o fato de sê-lo. “The struggle of being gay and accepting it”.	Coisas que homens gays odeiam em ser gay	Dificuldades em se viver uma adolescência gay	“The biggest problems in the gay community”
Não correspondências	Ser gay em diferentes partes do mundo (Turquia, Albânia, Índia, Nigéria, Japão).	Reportagens sobre agressão às homossexualidades	Reportagens sobre a questão da saúde mental de pessoas gays	Abordagens religiosas sobre homossexualidades em forma de reportagens.
Coming out gay				
Correspondências				
Não correspondências	LGBTs nos esportes	Homens idosos compartilhando suas histórias de “saída do armário”	Perspectivas religiosas sobre a “saída do armário”	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Caracterização do suporte

De acordo com Burgess & Green (2009), o YouTube foi fundado por Chard Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do PayPal, um site ainda existente de comércio online. Lançado em junho de 2005, ele veio como uma plataforma onde seria possível fazermos upload de vídeos, publicá-los e assisti-los, assim como os de outros usuários. A proposta era utilizar uma interface simples, com ferramentas acessíveis ao consumidor médio que não possui muito conhecimento em informática e tecnologia.

Ainda nesses primeiros momentos, houve uma mudança significativa no slogan do YouTube para Burgess & Green (2009): passou de “Your Digital Video Repository” (Seu Repositório de Vídeos Digitais) para “Broadcast Yourself” (Transmita-se). Vemos, portanto, que, em termos de linguagem, o significado assumiu um caráter injuntivo, pois, se antes não tínhamos nenhum verbo no slogan, agora o temos num caráter inclusive interpelativo, no modo imperativo. Veremos, mais adiante, que os próprios narradores analisados reforçam essa ideia de que devemos, de fato, nos transmitirmos, compartilhando nossas histórias pessoais.

Aliás, a ideia de compartilhar converge com a de cultura participativa, trazida por Burgess e Green (2009, p. 29). Nela estão envolvidos aspectos “como quem pode falar e quem chama atenção; quais compensações ou prêmios existem para criatividade e trabalho; e as incertezas que circundam as várias formas de especialidades e autoridade”. Além disso, são debatidos “o valor e a legitimidade da cultura popular”, num contexto em que qualquer pessoa, tendo acesso à internet e a um dispositivo móvel como um “smartphone”, pode produzir (e participar de) formas culturais populares.

Ainda que a validade de tal produção cultural possa ser colocada em questão, acreditamos que o que é levantado por nossos narradores é extremamente relevante e possui, sim, importância e legitimidade. Graças a essa popularização, foi possível que eles, sujeitos pertencentes a um grupo minorizado, pudessem expressar suas inquietações acerca de algo pouco debatido. Nos termos de Burgess & Green (2009, p. 31), “A criatividade cotidiana não é mais trivial ou estranhamente autêntica, mas sim ocupa uma posição-chave nas discussões dos mercados de produção de mídia e seu futuro no contexto da cultura digital”. A plataforma do YouTube, portanto, serviu de mediadora dessa relação, em que um

minorizado narra e confessa seus problemas enquanto homem gay em uma situação de pós-armário.

De qualquer forma, é possível reconhecer, como o faz Jenkins (2009), que o surgimento dessas plataformas de cultura popular e participativa não foi do dia pra noite. Era preciso que a sociedade, de forma geral, estivesse preparada para isso, de modo que pudesse absorver essa técnica de participação cultural. Portanto, para o autor, alguns grupos de pessoas, antes do YouTube, já haviam engajado em práticas de "Do It Yourself" (Faça você mesmo) e construído redes de relacionamento que viabilizaram a circulação de vídeos como os que temos hoje. Ainda assim, tal acesso possibilitou a emergência de novas formas de se discutirem temas em algumas subculturas, como as que estamos analisando nessa pesquisa.

À propósito, para Benkler (2006),

> These practices make their practitioners better 'readers' of their own culture and more self-reflective and critical of the culture they occupy, thereby enabling them to become more self-reflective participants in conversations within that culture. (BENKLER, 2006, p. 15)
>
> (Tradução nossa:
> Essas práticas fazem de seus praticantes melhores 'leitores' de sua própria cultura e mais autorreflexivos e críticos sobre a cultura que ocupam, permitindo, assim, que se tornem participantes mais autorreflexivos em discussões dentro daquela cultura.) (BENKLER, 2006, p. 15)

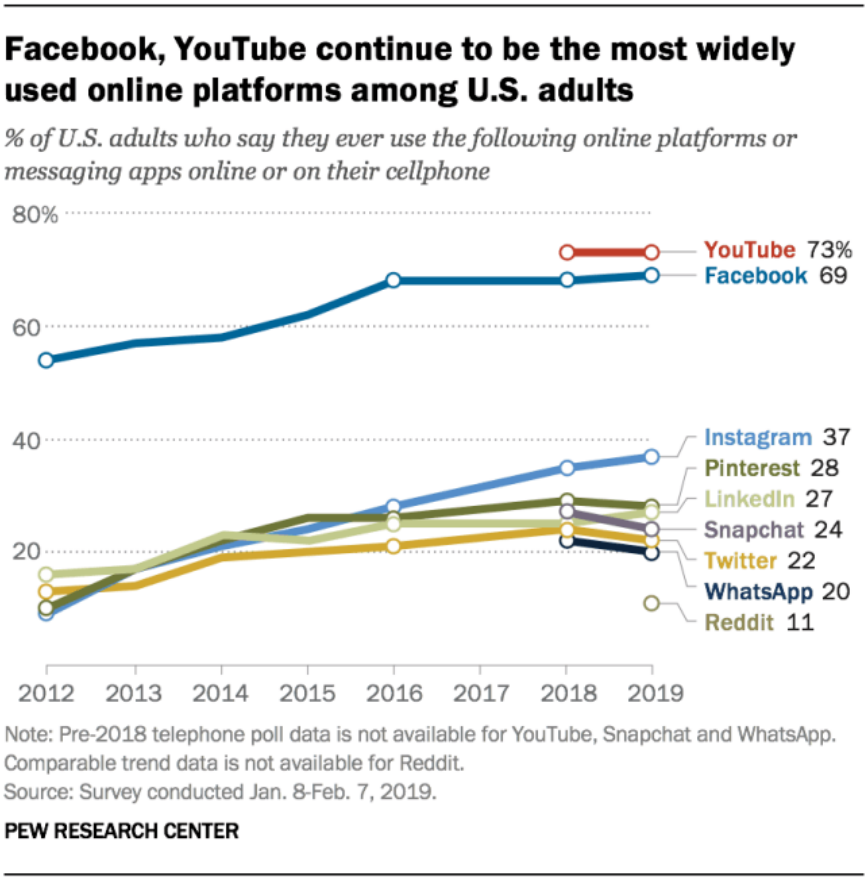
Tornamo-nos melhores críticos e leitores não só da nossa cultura, mas também da própria cultura hegemônica, pois sobre ela lançamos olhares de reapreciação. A narrativa, assim, importa, uma vez que ela reflete minha leitura sobre a cultura que ocupo, de forma que tanto eu como quem me escuta pode se tornar mais críticos em relação à cultura à qual "pertencemos" e também às que "não pertencemos".

Em termos numéricos, em 2018, a cada minuto foram postadas 500 horas de vídeo no YouTube, de acordo com o site "Business Apps". Além disso, temos uma gama de novas ferramentas que o mantém no posto de plataforma crescente e promissora, como "viewer ratings, below-the-line comments, easy-to-use embed functionality, livestreaming, content algorithms, and voice recognition" (tradução nossa: "avaliação dos espectadores, comentários, funcionalidades integradas de fácil utilização, transmissão ao vivo, algoritmos de conteúdo e reconhecimento de voz"). Segundo o mesmo site, 2 bilhões de usuários ativos mensalmente, presentes

em 91 países e em 81 idiomas diferentes, foram responsáveis pelo faturamento de um valor que está entre 9,5 a 14 bilhões de dólares somente em 2018[12].

Em maio de 2019, a CEO do YouTube, Susan Wojcicki, anunciou que o período de tempo em que as pessoas utilizaram o YouTube por meio de suas televisões ultrapassou 250 milhões de horas por dia no mundo, sendo esses dados referentes a março de 2019. Observou-se um crescimento de 39% desses dados em relação ao mesmo período do ano passado. Em 2020, esse mesmo dado passou para 450 milhões de horas assistidas. Estima-se, a partir desse último senso de 2020, que 100 milhões de pessoas utilizem a rede[13].

Figura 2: As plataformas online mais utilizadas entre adultos estadunidenses



Fonte: Disponível em: https://www.businessofapps.com/data/youtube-statistics/. Acesso em: 26 ago. 2019.

Ao observarmos os dados da Figura 2, vemos que o YouTube foi, de acordo com uma pesquisa conduzida entre janeiro e fevereiro de 2019, a plataforma online mais utilizada no período de 2018 até 2019. Não há informações sobre seu uso antes de 2018, o que reforça a necessidade de a investigarmos especificamente em termos de conteúdo. Ainda assim, é evidente que se trata de um ambiente virtual com potencial para mais crescimento e que merece a atenção de pesquisadores tanto em termos quantitativos, como qualitativos. Quais os tipos de uso estão sendo feitos? Do que essas milhões de pessoas estão falando? A cultura participativa seria, portanto, um caminho para inserção em discussões menos superficiais, ou, pelo contrário, abriria espaço para que elas fossem ainda mais incentivadas?

Métodos para análise de vídeos no YouTube – o verboicônico em (narr)ação

Para analisar os vídeos, partimos da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, perpassando outras teorias que nos são caras. O que nos interessa aqui também é apresentar como as teorias Sociológicas, de Gênero e Sexualidade, da Imagem, da Cultura e da Linguagem, por exemplo, podem e devem dialogar. Analisar uma vídeo requer um cuidado e uma dedicação particulares, pois estamos tratando aqui do gênero 1) vídeo-narrativa confessional localizado em um 2) suporte historicamente novo (o YouTube) onde predomina o verbo-icônico.

Para este propósito, a grade de análise de imagens proposta por Mendes (2013) foi o método escolhido, visto que ela conta com um estrato verbal e outro icônico (vide Figura 3). Valendo-nos dela, discorremos sobre os elementos que nos serviam para essa pesquisa, pois, como a própria autora afirma, não se trata de uma metodologia fechada e engessada: o pesquisador ou pesquisadora deve lançar um olhar crítico sobre seu *corpus* e mensurar até que ponto todas as categorias da grade lhe serão de fato úteis.

Figura 3 - Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013)

<table>
<tr><td rowspan="11">ESTRATO ICÔNICO</td><td rowspan="3">Dimensão Situacional da Imagem</td><td>Sujeitos do Discurso (Euc, Eue, Tud e TUi)</td></tr>
<tr><td>Gênero e Estatuto (factual, ficcional)</td></tr>
<tr><td>Efeitos (real, ficção ou gênero)</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Elementos Técnicos da Imagem Cinética</td><td>Elementos Plásticos (Cores, P&B, imagem digital ou analógica, captação em super 8, 16mm ou dispositivos móveis)</td></tr>
<tr><td>Planos e ângulos(geral, total, médio, plano americano, primeiro plano, plano detalhe)</td></tr>
<tr><td>Pontos de vista</td></tr>
<tr><td>Estrato sonoro/musical (ruidos, musica ambiente e outros elementos significantes)</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Dimensão Discursiva e de Efeitos</td><td>Modos de Organização (descritivo, narrativo, argumentativo)</td></tr>
<tr><td>Imaginários sociodiscursivos</td></tr>
<tr><td>Elementos etóticos</td></tr>
<tr><td>Efeitos patêmicos visados (pathos)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Dados de apoio paraimagéticos</td></tr>
<tr><td rowspan="10">ESTRATO VERBAL</td><td rowspan="3">Dimensão Situacional da Imagem</td><td>Sujeitos do Discurso (Euc, Eue, Tud e TUi)</td></tr>
<tr><td>Gênero e Estatuto (factual, ficcional)</td></tr>
<tr><td>Efeitos (real, ficção ou gênero)</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Categorias de língua (e organização enunciativa)</td><td>Alocução, delocução e elocução</td></tr>
<tr><td>Modalizadores e marcadores</td></tr>
<tr><td>Outras categorias pertinentes à análise</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Dimensão Discursiva e de Efeitos</td><td>Modos de Organização (descritivo, narrativo, argumentativo)</td></tr>
<tr><td>Imaginários sociodiscursivos</td></tr>
<tr><td>Elementos etóticos</td></tr>
<tr><td>Efeitos patêmicos visados (pathos)</td></tr>
<tr><td colspan="3">Dados de apoio paratextuais</td></tr>
</table>

Fonte: MENDES, 2013, p. 152.

Partindo deste dado, notamos por meio da análise que o elemento “categorias de língua (e organização enunciativa)”, no Estrato Verbal, não era tão interessante para o nosso *corpus*, visto que ele está composto de vídeos, ou seja, trata-se de um material verbo-icônico. Portanto, buscamos os elementos da Grade que se repetiam tanto no estrato icônico, como no verbal. Assim, elementos como alocução, delocução, elocução, marcadores da língua não tiveram seu espaço nesta análise em particular, mas poderiam, sem dúvidas, ser utilizados em outra pesquisa, por exemplo.

De qualquer modo, mesmo a categoria não utilizada será explicada nas próximas seções. Justificamos de antemão nossas escolhas para que, no momento da análise, não haja dúvidas sobre nossos critérios adotados.

É importante ressaltar ainda o caráter transdisciplinar da grade: por meio dela, é possível, para Mendes (2013, p. 127), “pensar o verboicônico conjuntamente – se inseridos em um mesmo gênero de discurso – bem como através da

semiolinguística e de alguns aspectos da retórica." Dessa forma, nossa análise, felizmente, perpassa essas áreas do conhecimento, além de outras que estarão presentes. As questões de gênero e sexualidade, por exemplo, estarão igualmente discutidas aqui, de forma que a leitura seja também transdisciplinar.

Os itens constantes na grade serão discutidos agora, item a item, e parcialmente retomados durante as análises. Destarte, evitamos que o leitor ou a leitora chegue a tal seção desconhecendo os caracteres de nossa escolha metodológica. É importante lembrar ainda que os elementos da grade estão inter-relacionados; aqui separados apenas por efeitos didáticos. Nossa intenção em utilizá-la parte do propósito de estarmos lidando com um *corpus* em que o verbo-icônico é bastante representativo e, por isso, é preciso mapear as formas como os discursos verbal e não verbal dos narradores brasileiros e estadunidenses constrastam sob os parâmetros da imagem e do texto.

Dimensão Situacional do Texto e da Imagem

Atentemo-nos ao fato de que os elementos pertencentes a essa dimensão se repetem nos estratos icônico e verbal. Por esse motivo, eles serão trabalhados aqui de forma simultânea.

Os sujeitos do discurso, na teoria de Charaudeau (1984) são os parceiros do ato de linguagem, sendo eles o sujeito-comunicante (EUc), sujeito-enunciador (EUe), sujeito-interpretante (TUi) e sujeito-destinatário (TUd). Para que esse ato faça sentido, é preciso que os parceiros compartilhem do mesmo universo de significação, e ainda, estabeleçam um contrato em que reconheçam o papel de cada um. No caso dessa pesquisa, é preciso entendermos que um YouTuber sobe um vídeo para a Internet esperando que o assunto sobre o qual vai falar, ou aquilo que vai mostrar, faça sentido para alguém. Esse alguém deve igualmente reconhecer seu papel, que é de uma instância receptora mas agente, pois buscou ouvir, ver o conteúdo do vídeo buscado na rede.

Em relação aos sujeitos estudados, podemos dizer que um YouTuber é um sujeito-comunicante, pois, nos termos de Charaudeau (1984, p. 31), "detém a iniciativa" de tomar a palavra e "encena o dizer". Ademais, ele é um ser psicossocial, imerso em uma sociedade cuja perspectiva sociocultural reflete em

seu enunciado. Não se encontra sobredeterminado, numa perspectiva determinística, mas sua tomada de palavra diz respeito à sociedade em que vive.

Essa mobilização dos enunciados é feita então pelo sujeito-enunciador, protagonista do ato linguageiro. São os seres de fala, os que realmente vemos/lemos. No caso dessa pesquisa, é o vídeo que nos "diz" algo. É graças a ele, a essa materialização dos discursos verbal e não verbal, que temos acesso à linguagem em si, assim como ao sujeito que a produziu.

A instância de recepção, por sua vez, compreende os sujeitos interpretante e destinatário. O último é a quem o sujeito-comunicante quer atingir. São, por isso, idealizados, imaginando-se que haja no ato linguageiro um compartilhamento e uma coincidência de interpretações entre os parceiros. Um YouTuber imaginaria, então, que homens gays, interessados na temática do "pós-armário", seriam seus sujeitos-destinatários, ao passo que somente aqueles que realmente assistiram ao seu vídeo são os sujeitos-interpretantes. Esse processo de construção da interpretação fica a cargo, então, do sujeito-interpretante, ser empírico, quem pode se exprimir ou não acerca do que viu/ouviu.

Antes de seguirmos, é importante lembrar que é impossível garantir uma determinada interpretação na instância de recepção: o que temos são pistas discursivas, sobre as quais trabalhamos considerando variáveis como conjuntura política, classe, gênero, condições econômicas, entre outras. Para Mendes (2013),

> […] embora tenhamos um empreendimento do sujeito comunicante em sua forma de sujeito enunciador para construir uma boa comunicação, não há garantias sobre como o sujeito interpretante, ser de carne e osso, vai compreender o propósito comunicacional lançado. Assim, falamos em graus de compreensão entre a instância de produção e de recepção […]. (MENDES, 2013, p. 132)

Os graus de compreensão podem variar, mas existe um propósito comunicativo da parte da produção. Forma-se, assim, uma relação contratual, em que as partes reconhecem seus papéis enquanto sujeitos no ato linguageiro, com objetivos comunicativos mais ou menos situados.

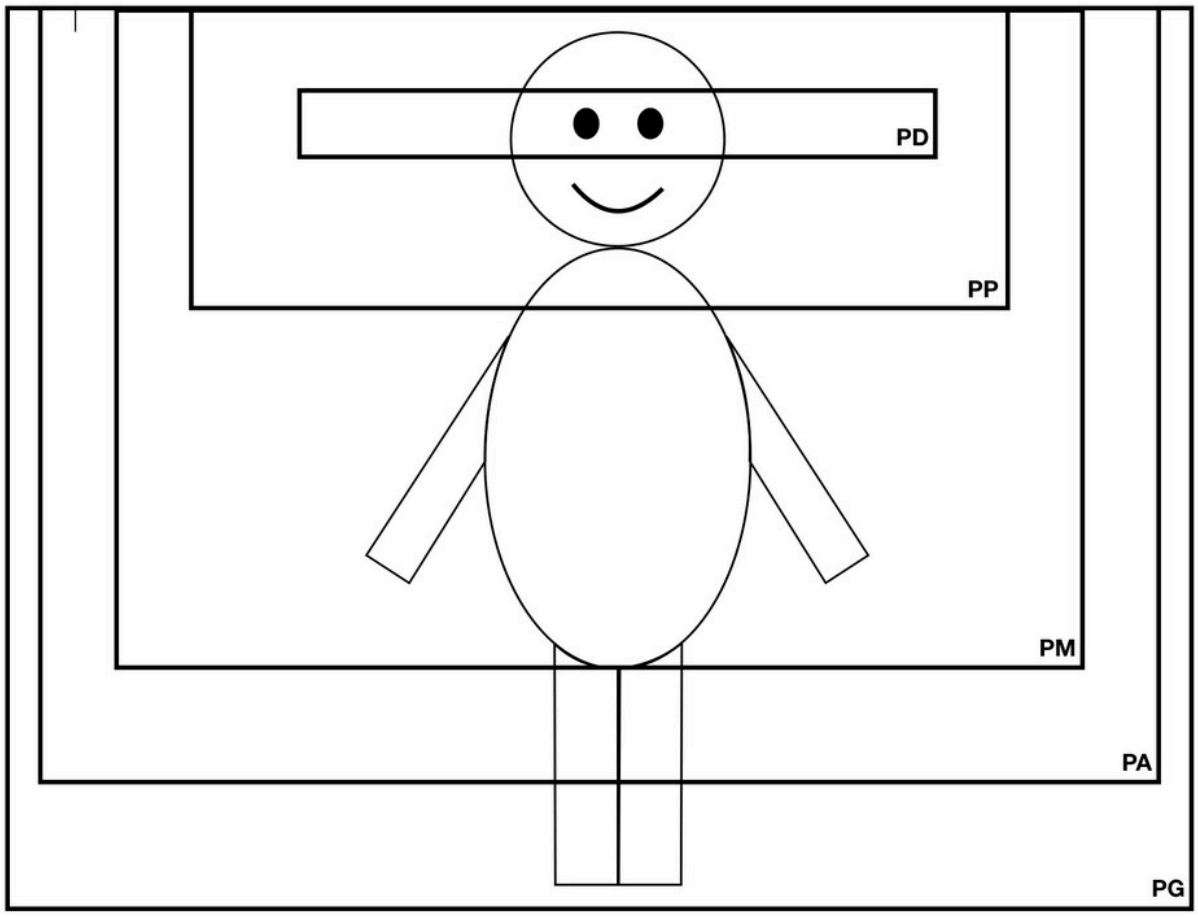
O estatuo das vídeo-narrativas confessionais é factual, pois estamos diante de acontecimentos que dizem respeito tanto ao universo particular, como ao comum de uma comunidade. Tais acontecimentos são possíveis de acontecer – os efeitos de real estão baseados também nas condições históricas, geográficas,

sociais vigentes na contemporaneidade. Além disso, nos vídeos analisados, não existem efeitos que nos remetam a efeitos ficcionais no estrato icônico – nossos narradores estão, na verdade, preocupados em nos demonstrar o quão verídico e verosímil é o que estão dizendo.

Elementos técnicos da imagem cinética

Nessa seção, Mendes (2013) inclui elementos plásticos, planos e ângulos e estrato sonoro/musical. Para Aumont (1995, p. 136), os elementos plásticos da imagem “são os que a caracterizam como conjunto de formas visuais e que permitem construir essas formas”. Seguindo a leitura da grade de análise de imagens (Figura 3), consideramos que nosso *corpus* está composto por imagens coloridas, digitais e captadas por câmeras digitais. Os planos e ângulos variam de autor para autor, e aqui seguimos a nomenclatura de Vergueiro (2012, p. 41-42), cujo plano segue abaixo:

Figura 4 - Esquematização dos planos cinematográficos



Fonte: Adaptado do Blog Fotojornalismo. Disponível em: http://fotojornalismouniube.blogspot.com/2009/11/planos.html. Acesso em: 30 nov. 2019 *apud* Chaves (2013)

O *Plano Detalhe (PD)*, pormenor ou close-up fixa a imagem “em torno de parte de uma figura humana ou de um objeto em particular.” Ao se utilizar esse plano, objetiva-se destacar um detalhe pertencente a alguém, ou demarcar as características de um objeto.

O *Primeiro Plano (PP)* foca no “enquadramento à altura dos ombros da figura representada”, explorando o estado emocional do personagem. Com essa escolha, a expressão emocional da personagem é enfatizada, de modo que se torna mais fácil visualizar alguns detalhes. Segundo Chaves (2013, p. 62), o plano serve para “isolar a parte expressivamente mais rica da linguagem corporal, o rosto humano –

olhares, sorrisos, e como uma forma de sublinhar as propriedades dos objetos de forma inusitada."

O *Plano Médio (PM)* ou aproximado, retomando as explicações de Vergueiro (2012, p. 41-42), "representa os seres humanos da cintura para cima". É muito utilizado em diálogos e em contextos de fotos de jornais. Permite, ainda, que se vejam alguns detalhes gerais da cena retratada.

O *Plano Americano (PA)* representa os personagens "a partir da altura dos joelhos", como se estivéssemos em uma conversação normal. É um recurso também muito utilizado na mídia, pois causa um efeito de naturalidade na recepção, como se estivéssemos à (e na) altura de quem toma a palavra.

O *Plano Geral (PG)* abrange "tanto a figura humana como, também, todo o cenário que a envolve." A ideia é causar um efeito de visão total da cena, como se estivéssemos nela. Entretanto, a amplitude dessa realidade pode ser também enquadrada de acordo com os objetivos da instância produtora, como remarca Mendes (2013). Se não é de seu interesse mostrar fatos, acontecimentos, características "desagradáveis", estaremos diante de uma imagem cujo efeito é de abrangência total, mas sabemos que a partir dela foram escolhidos determinados planos também.

Dando sequência aos elementos da grade, chegamos aos *ângulos de visão*, que podem ser, ainda seguindo Vergueiro (2012, p. 43-44), médio, superior e inferior. No *médio*, a gravação ocorre como na "altura dos olhos do leitor", e é utilizado para cenas mais lentas. Em termos gerais, produz um efeito de equidade, de aproximação com o espectador. O *superior* ("plongé" ou picado) pode ser utilizado "quando se deseja causar suspense". A gravação ocorre de cima para baixo, e os efeitos causados possíveis são de enaltecimento e valorização da pessoa ou do objeto em pauta. Por fim, o *inferior* ("contre-plongé" ou contrapicado) é utilizado quando se quer "enaltecer, engrandecer ou tornar a figura retratada mais forte do que ela realmente é." A ação é vista de baixo para cima. O efeito causado pode ser também contrário ao anterior: de depreciação e diminuição da pessoa ou do objeto.

No estrato sonoro, é preciso analisar a relação da presença ou ausência do ruído com o que está sendo mostrado, assim como a duração desse som na gravação. No nosso *corpus* o ruído predominante era a voz dos próprios narradores e, em alguns casos, som ambiente. De toda forma, é preciso estabelecer relações

entre os elementos da grade de forma situacional, ou seja, além de uma dimensão puramente técnica.

Dimensão discursiva e de efeitos do texto e da imagem

Na terceira dimensão, são apresentados os modos de organização do discurso na perspectiva charaudeana, os imaginários sociodiscursivos e os possíveis efeitos etóticos e patêmicos visados.

Modos de organização

Os modos de organização podem ser, para Charaudeau (2008), enunciativos, narrativos, descritivos e argumentativos. O enunciativo pode estar em qualquer outro modo, uma vez que qualquer gênero do discurso pressupõe a presença de sujeitos, peças centrais na enunciação. O modo narrativo pressupõe um desenrolar de ações, uma temporalidade e localização espacial. Por meio dele se constrói uma realidade e uma experiência, segundo Procópio (2016), e isso nos interessa para essa pesquisa, pois é a partir da experiência que nossos narradores estudados elaboram suas histórias de vida e seus pontos de vista. Além disso, o analista do discurso francês considera a narrativa não como um gênero, mas como um modo de organização, possível de ocorrer em diferentes gêneros textuais. Um vídeo no YouTube, por exemplo, dependendo do seu conteúdo, pode apresentar modos de organização predominantemente narrativos, como ocorreu no nosso *corpus*, mas com traços descritivos (cena, caracterização no discurso verbal e não verbal) e argumentativos (pontos de vista, opiniões, escolhas). Para Mendes (2013), às imagens também é resguardada a dimensão narrativa, visto que pressupõem uma temporalidade, um espaço e personagens. Cabe ao pesquisador, então, perceber essas nuances em cada caso e para os estratos icônico e verbal.

O modo descritivo envolve, conforme Mendes (2013, p. 145) as funções de "nomear, qualificar, quantificar e localizar-situar". Em uma análise verbo-icônica como a que nos propusemos a fazer, é importante observarmos as relações das

escolhas de título do vídeo, a mídia digital para onde foram subidos (“uploaded”), como os narradores se posicionam, se nomeiam, se qualificam enquanto pertencentes a um grupo minorizado.

O modo argumentativo, por fim, envolve o estabelecimento de argumentos e outros recursos com o objetivo de persuadir a recepção. No discurso verbal, os marcadores discursivos nos auxiliam a identificar esse modo de organização mais facilmente. No não verbal, não há marcadores, mas intencionalidades que irão variar de acordo com a instância de produção. Se nossos narradores analisados, por exemplo, dispusessem de imagens de sua infância e as inserissem na gravação do vídeo, provavelmente teríamos um efeito de real muito maior. No entanto, a dimensão argumentativa de suas narrativas advém justamente do fato de estarem ali, se expondo para contarem suas vivências e experiências enquanto homens gays. Em outras palavras, vê-los já nos causa um efeito argumentativo, pois eles são a “prova viva” do que estão nos relatando, confessando.

O modo enunciativo é o modo base, pois, para Charaudeau (2008, p. 75, itálicos do autor), ele “*intervém* na encenação de cada um dos três outros Modos de organização. É por isso que se pode dizer que este modo *comanda* os demais”. Esse modo também é responsável por situar o locutor em relação ao interlocutor, ao mundo e a outros discursos. Portanto, existe o enunciativo em todos os demais modos e, por isso, analisamos as influências desse modo no narrativo, descritivo e argumentativo.

O modo de organização predominante no gênero vídeo-narrativa confessional é o narrativo. Contudo, para Mendes (2013), não há marcas que definam a etiqueta de um gênero – a situação comunicacional deve ser compreendida de forma menos engessada. No nosso *corpus*, existem marcas de outros modos, como o argumentativo e o descritivo. Tais características se mostram em graus variados nas discursividades dos narradores, e variam nos discursos verbal e não verbal. A dimensão argumentativa será mais evidente quando os sujeitos-objeto buscam convencer-nos de algo. Já a descritiva far-se-á evidente em termos imagéticos, como na composição da cena escolhida pelo narrador, e em termos verbais, como nas qualificações feitas por ele.

Charaudeau (2008, p. 78) igualmente nos alerta para essa mescla, pois "os gêneros textuais tanto podem coincidir com um Modo de discurso que constitui sua

organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos". A partir dessa ideia, ele propõe alguns exemplos sobre correspondências entre modos de discurso e gêneros textuais.

Imaginários sociodiscursivos

Nesse elemento, buscamos compreender como/quais imaginários estão/são mobilizados no discurso de cada vídeo-narrativa, de modo a evidenciar e, por que não, denunciar características que, de fato, dizem respeito e falam sobre aquele grupo social analisado. Tratando-se de grupos minorizados, há sobretudo um papel social nessa articulação interpretativa e analítica.

Vimos no capítulo sobre representações que os imaginários, na perspectiva charaudeana, apontam para uma visão dos fenômenos sociais voltada sobretudo para os questionamentos que não cabem em uma lógica do verdadeiro e do falso. Isso será observado em nossas análises naqueles narradores que fazem emergir questionamento a respeito de questões não tão óbvias, como o próprio pós-armário, ou o que é a cultura gay, por exemplo.

Para isso, veremos que eles se valem dos saberes de crença e de experiência. Assim, nos mostram como as experiências de vida enquanto homens gays e suas opiniões, crenças, inclinações se mesclam em suas discursividades. Nos interessa, portanto, apontar essas imbricações do que é descrito por cada narrador como particular e coletivo, o que é levantado como um problema geral e o que é individual, assim como a relevância que cada uma dessas inquietações adquire em cada vídeo-narrativa.

Categorias etóticas e patêmicas

A dimensão de *ethos* assumida pela retórica moderna vem ao encontro dos atuais debates da (pós-)modernidade. Segundo Mendes (2012, p. 21), "o *ethos* é da ordem do parecer e a identidade é da ordem do ser". Portanto, estaria o *ethos*

sobretudo relacionado ao “parecer”, a projeções que não necessariamente devem ter relação absoluta com a identidade “possuída”. É inegável, no entanto, que tal projeção tem origem em um corpo, como pontua Kerbrat-Orecchioni (2010), e, por isso, há certa estabilidade na noção de *ethos*. Pensando em nosso *corpus*, os corpos de quem falamos são de homens gays, marcados por sua sexualidade dissidente e, assim, por uma ideia de identidade. A projeção dos *ethé* realizada por tais sujeitos é, contudo, variável, e ainda assim dizem respeito a essa marcação corporal identitária.

O *ethos* pode nos revelar também um “querer ser”, como pontua Almeida (2016, p. 219), que ultrapassa a linguagem verbal e se constrói também na não verbal. Ora, se existem estereótipos, cujas cargas axiológicas são predominantemente negativas, prescrevendo os modos de vida de homens gays, as projeções etóticas predominantes nas narrativas nos mostrarão um esforço em rejeitar tais cargas na totalidade do verbo-icônico.

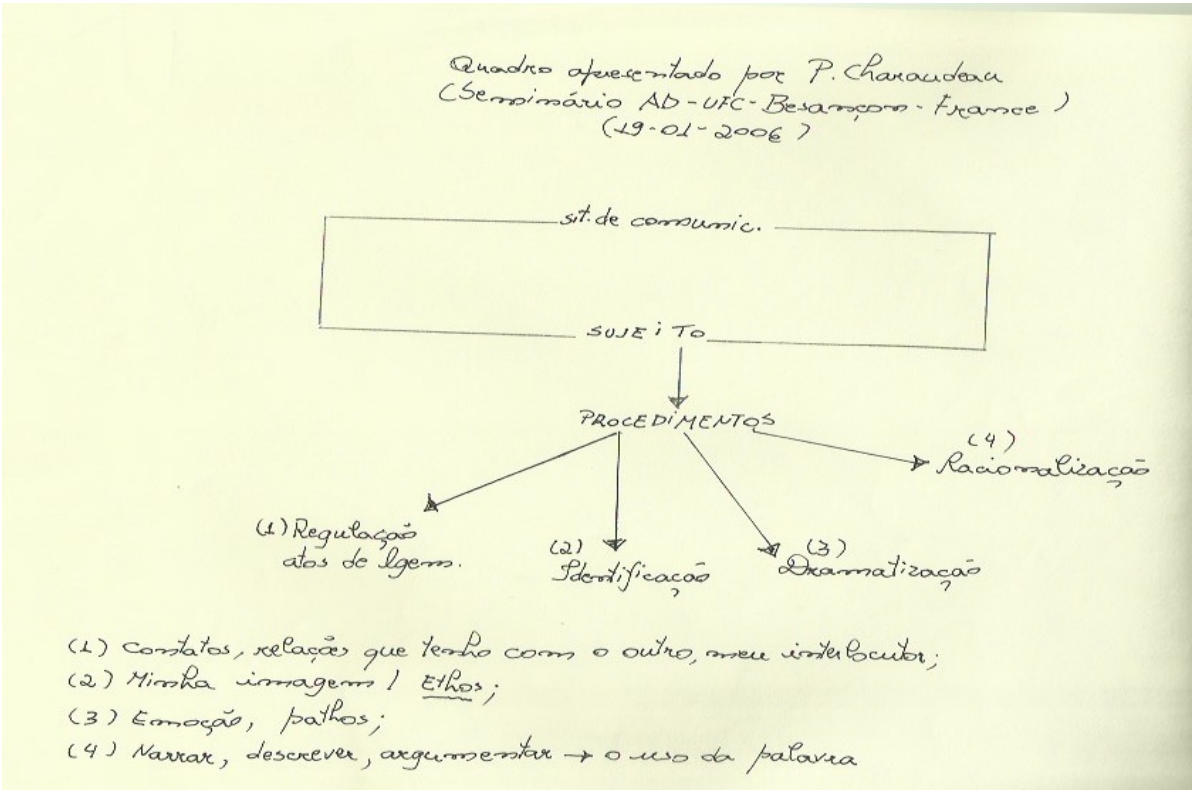
No que concerne aos efeitos patêmicos, consideramos as emoções de toda sorte envolvidas e relacionadas também ao *ethos*. É preciso ressaltar ainda que essas demonstrações patêmicas dizem muito respeito à sociedade e ao grupo a que o narrador pertence, ou seja, ao contexto sociocultural, à situação de comunicação prevista, aos sujeitos participantes do ato linguageiro e ao compartilhamento de saberes e crenças. Charaudeau (2010) pontua ainda que existem algumas *estratégias* das quais o sujeito pode lançar mão para se individuar e se legitimar, e uma delas tem a ver com a emoção. Para o autor, as estratégias seriam três: (a) *de legitimação*, quando há um espírito de seriedade baseado na experiência, filiação ou conhecimento particular, (b) *de credibilidade*, mobilizada quando o sujeito quer projetar um *ethos* de seriedade e temperança, e (c) *de captação*, utilizada quando o enunciador não goza de uma posição de autoridade frente ao interlocutor e, por isso, apela para uma possível adesão irracional na instância de recepção (efeito patêmico).

Nossas impressões sobre tais estratégias é a de que o sujeito-comunicante goza de uma certa margem de manobra para escolher, conscientemente ou não, as estratégias a serem utilizadas. A limitação nessas escolhas está nos usos linguageiros impostos tanto pela gramática, por exemplo, como pelas normas de comunicação, convenções sociais e o público a que o EUc se dirige. Assim, a

própria noção de estratégia está, para Charaudeau, embasada em uma relação contratual, pois é preciso garantir certa estabilidade e previsibilidade no ato de linguagem como um todo, sendo que a liberdade residirá, digamos assim, nessa pequena margem de onde o sujeito poderá "jogar" com a língua.

Ida Lúcia Machado, na ocasião de uma disciplina intitulada "Estratégias discursivas vistas pela Semiolinguística", em 2015, no curso de Pós-gradução em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, ofereceu aos seus alunos a oportunidade de refletir acerca de um esquema apresentado por Charaudeau em um evento na França em 2006. Conforme vimos anteriormente, a situação de comunicação prevê a existência de um sujeito de fala que assume procedimentos em relação ao que diz. Tais procedimentos, como propõe Charaudeau, se dividiria em quatro: regulação dos atos de linguagem, identificação, dramatização e racionalização. Vejamos o esquema abaixo, elaborado por Machado:

Figura 5 - Esquema elaborado por Machado em um Seminário em Besançon



Fonte: MACHADO, 2015b.

Percebamos, por meio do esquema acima, que a regulação dos atos de linguagem (1) tem a ver com as relações que travo com o outro, ou seja, o interlocutor. Essas regulações estão diretamente ligadas ao meu *ethos* (2), à imagem que projeto naquela situação de comunicação que, possivelmente, estará carregada de emoções (*pathos*) (3). De acordo com os modos como uso a palavra – narrando, argumentando, descrevendo –, busco uma racionalização (4) do meu dizer. Tudo isso está compreendido na situação de comunicação e na discursividade do sujeito de fala, que toma a palavra e, de forma mais ou menos consciente, mobiliza todos esses procedimentos para se fazer entender de uma maneira subjetiva, ou seja, única, irrepetível e própria daquele sujeito.

Em suma, ambas categorias, etóticas e patêmicas, irão caminhar juntas e estarão sempre relacionadas aos imaginários sociodiscursivos anteriormente vistos. Nossos narradores não se encontram, em princípio, numa posição de autoridade e, por isso, farão uso de estratégias de *legitimação*, pois foram e ainda são deslegitimados por serem homens gays (como relatam), de *credibilidade*, pois sofreram processos de descrença e, por isso, se esforçam para que não se afetem com suas atuais condições, e de *captação*, pois criam na instância de recepção emoções de compaixão por compartilharmos, em tese, da mesma situações que eles (de homens gays vivendo problemas do pós-armário).

As categorias

Necessidade de confessar

Como vimos no primeiro capítulo, a necessidade de confessar carrega consigo uma historicidade que, agora, admite novas roupagens, digamos assim. Algumas especificidades devem ser resguardadas, pois estamos diante de confissões “atípicas”, se pensarmos nas formas convencionais e enraizadas no imaginário social sobre a modalidade religiosa de se exporem todos nossos pensamentos, inclinações, desejos, frustrações e toda sorte de sentimento que mereça ser compartilhado.

Trata-se agora de se expor na rede tudo aquilo que atravessa o pensamento. Vejamos o que diz Waugh (2019) sobre isso:

> **Confession, by which we mean to include the proliferating moving-image practices of self-referencing, first-person and/or autobiographical stories, testimonies, or performances**, is the thread between the Second and Third Sexual Revolutions that demands this attention. And since Michel Foucault makes clear that sex is the "privileged theme of confession," **there is no doubt that our inquiry's starting point must be sexuality**" (WAUGH, 2019, posição 412)
>
> (Tradução nossa:
> **Confissão, em que estão incluídas práticas autorreferenciais de imagens cinéticas de forma proliferante, narrativas em primeira pessoa e/ou autobiográficas, testemunhos ou performances**, é a discussão entre a Segunda e a Terceira Revolução Sexual que merece atenção. E uma vez que Michel Foucault deixa claro que o sexo é o "tema privilegiado da confissão", **não há dúvidas de que nosso ponto inicial de questionamento deva ser a sexualidade**). (WAUGH, 2019, posição 412)

É importante ressaltar que, para o autor, a confissão está compreendida em práticas discursivas diversas, sendo que as práticas de autorreferência de imagens cinéticas, conforme cita, configuram nosso *corpus*. O YouTube é o lugar de distribuição de tais imagens, que ganham (mais) valor na medida em que se proliferam em diferentes ambientes da Internet, ou seja, em outras redes sociais.

Foucault (2006) explica que Sêneca já falava sobre uma necessidade de se descarregar, de vez em quando, o *volumen* da vida, ou seja, uma espécie de carga da vida que já passou, um fardo. Bom, ficará evidente mais adiante que esse ato de descarregar é tomado por nossos narradores em tom de "desabafo", um "alívio" ao contar aquilo que lhes perturba e que, não raro, diz respeito justamente ao tempo que já passou, um passado não tão distante mas relevante para a constituição das subjetividades desses sujeitos narradores-confessantes (como veremos na categoria *lembrança do período escolar*).

De todos os modos, tais práticas confessionais darão conta de abranger o tema que lhes é mais central: a sexualidade. Vimos em Foucault que a sexualidade é, de fato, sobre o que se deve falar exaustivamente desde que a era da *scientia sexualis* se desdobrou. Nossos sujeitos confessantes tratam de suas sexualidades tanto em termos mais abrangentes, no sentido de falarem por sua comunidade (gay), como em termos mais "restritos", quando tratam de suas vidas no armário e pós-armário. É inegável, portanto, que, de toda forma, a sexualidade é o tema central de tais narrativas, uma vez que suas discursividades giram em torno do fato

de serem – e de se perceberem – gays e, não bastante, insatisfeitos com as suas atuais percepções e identificações.

Digamos que tal insatisfação é o que os levaria a irem à rede para verbalizarem/confessarem suas sexualidades de diferentes modos. BR1, por exemplo, teve uma solicitação do YouTube para gravar o vídeo e, após ponderar sobre gravá-lo ou não, decidiu compartilhar com seus inscritos sua narrativa confessional: “Ao receber um e-mail do YouTube me convidando pra fazer esse vídeo, e aos ver os posts da parada gay de São Paulo que vocês colocaram no Instagram…tanta coisa legal, tanta coisa bonita! Eu falei ‘Eu consigo fazer esse vídeo!’” (POFFO, 2017). Ainda que a origem para tal gravação seja um pedido formal da empresa YouTube, acreditamos que essa gravação só faz sentido porque somos contemporâneos à era da confissão, ensejada agora por uma mídia social cujo lema é “Transmita-se”. BR1 possui legitimidade e credibilidade por ter sido convidado pelo YouTube. Sua confissão perpassa esse caráter, apresentado-se, assim, como mas só necessária, mas legítima e ainda mais credível.

De forma contrastiva, temos BR3, que gravou e publicou o vídeo analisado após ter divulgado sua saída no armário primeiramente no YouTube, antes de falar com qualquer pessoa empírica, “de carne e osso”:

> Foi um momento em que eu precisei verbalizar, soltar isso porque, sabe, não foi a primeira vez que fiquei assim, não foi a décima vez, foram várias vezes. Só que dessa vez eu fiz na frente da câmera, né? Finalmente eu consegui falar pra vocês. […] Eu simplesmente explodi, né? Eu não contei pra minha família antes que ia gravar o vídeo. Eu não consegui verbalizar e falar e sair fora do armário com certas pessoas, falar que “pô, eu sou gay”. Eu apenas surtei e decidi gravar um vídeo na emoção mesmo. (HAN, 2019).

O YouTube foi para BR3 o confessionário ideal para tratar de sua sexualidade. Se, no vídeo anterior ele admite que “explodiu”, agora publica outro para repensar suas atitudes de forma mais racional, e não mais só “na emoção”, e explicar a seus seguidores os motivos que o levou a tomar tal atitude e os sentimentos em relação à sua “saída do armário”. Foi um impulso que, para Waugh (2019), tem a ver com a relação que temos construído com as mídias digitais e diz respeito exatamente ao que ocorreu com BR3:

> **The relationship that we foster with and trough media texts and platforms** are often a part of our first solo sexual experiments; they help to facilitate our first in-person sexual encounters, work as outlets for our sexual desires, and **foster opportunities for us to confess aspects of ourselves to ourselves and to other people – including strangers**. (WAUGH, 2019, posição 469, grifos nossos)
>
> (Tradução nossa:
> **A relação que fomentamos com e através de plataformas de mídia e de textos** são frequentemente parte de nossas primeiras experiências sexuais solo; elas ajudam a facilitar nosso primeiros encontros sexuais pessoais, funcionam como válvulas de escape para nossos desejos sexuais e **fomentam oportunidades para que confessemos aspectos nossos para nós mesmos e para outras pessoas – incluindo estranhos**). (WAUGH, 2019, posição 469, grifos nossos)

BR3 encontrou a oportunidade de que necessitava para finalmente confessar aspectos de sua vida que serviram para si mesmo e, talvez, para outras pessoas que inclusive lhe eram estranhas. De qualquer forma, essas pessoas foram as primeiras a ouvirem sua confissão e, pela própria relação de intimidade que estabeleceu com as mídias sociais[14], se sentiu seguro em tratar de algo de sua sexualidade em um ambiente público-digital.

BR2 encontrou no desejo de compartilhar algo uma forma de justificar a necessidade de confessar: “Eu tô muito a fim de compartilhar esse texto com vocês, porque esse texto que eu li, papai, mudou a minha vida” (BRAZ, 2017). O texto em questão é o já citado “The epidemics of gay loneliness”, disponível no “Huffington Post”, e que o narrador resgata para discorrer sobre a vida gay em termos gerais (lembrando que o título do seu vídeo é “Ser gay é muito difícil”). Durante a narrativa, ele predominantemente discorre sobre a comunidade gay de forma abrangente, apontando problemas como “falta de sororidade” e “hipersexualização do corpo masculino”. Mas também aponta questionamentos que são “seus”: “[…] só agora, com 30 anos, que eu fui perceber o quanto eu minimizava isso, né, o quanto eu achava que com 22, com 23 anos, quando eu saí do armário, eu tinha resolvido tudo isso, e era “um gay bem resolvido”. Não!” (BRAZ, 2017). A confissão se configura, assim, não só naquilo que diz respeito à

[14] É preciso atentarmos para a questão geracional aqui também. Digamos que nossos narradores possuem idades próximas: estão entre seus vinte e trinta e poucos anos. É uma geração que cresceu com a Internet, ou mesmo com o crescimento e propagação da rede, e, por isso, experienciou grande parte da sua sexualidade nesse ambiente virtual.

vida “privada”, como também à vida pública, visto que o que é levantado pelo narrador descreve, em partes, a comunidade a que pertence.

Não muito diferente, BR3 inclusive expõe em sua narrativa a necessidade de compartilhar algo conosco: **“**E, bom, hoje eu queria compartilhar com vocês como eu tô me sentindo” (HAN, 2019). Apesar de ter uma motivação distinta de BR2, que leu um texto e quis explicá-lo a seus espectadores, BR3 compartilha conosco seu estado “pós-desabafo" ou, mais especificamente, como tem lidado com a repercussão de seu último vídeo, aquele em que ele alega ter “explodido”. Lembremos que na parresía é preciso dizer o que se tem vontade de dizer, pois aquilo é útil e *verdadeiro*. De todas as formas, o YouTube é o ambiente escolhido como forma de canalizar essas necessidades quase pungentes de compartilhamento.

Em inglês, essa pungência está materializada na linguagem verbal com a escolha do “phrasal verb” “to get off my chest”, utilizado pelos narradores EUA1 e EUA2. A expressão traz consigo a corporificação de um sofrimento – a extirpação das inquietações que tanto os afligem. O peito (“chest”) é onde residem esses sentimentos ruins, dos quais querem se livrar (“to get off”), ou seja, arrancar de dentro pra fora, de modo que, ao lançá-los para longe, seja possível compreendê-los melhor: uma sorte de retroalimentação, em que o produto descartado é melhorado por meio da reflexão, do exercício sobre si, algo que apenas a confissão poderia lhes proporcionar.

Existe, para Ríos (2007, p. 26), um prazer envolvido nessa prática confessional: “el de ‘hacer hablar’ y oír el discurso verdadero sobre el sexo, el del relato sexual de sí mismo y el de ser interpretado (Tradução nossa: o de ‘fazer falar’ e ouvir o discurso verdadeiro sobre o sexo, o do relato sexual de si mesmo e o de ser interpretado). Assim, desabafar sobre algo proporcionaria uma forma de prazer exclusiva que o fazer falar e o fazer ouvir desenvolvem no ser confessante.

EUA2, por exemplo, inicia seu vídeo com as seguintes palavras: “I need to get something off my chest, and I’m feeling it right now: ‘Things I hate about being gay!’” (Tradução nossa: Eu preciso desabafar sobre algo e estou sentindo isso neste exato momento: “Coisas que eu odeio sobre ser gay!"). Há um caráter emergencial em evidência, pois ele precisa falar sobre aquilo imediatamente (“right now”), termo que ele repete em outro momento: “But right now, I just needed to get this off my

chest and that is that" (Tradução nossa: Mas neste exato momento, eu só precisava desabafar, e é isso). Assim, lhe urge se livrar daquilo *naquele momento*, pois ele acredita que, após a confissão, passará a um estado melhor, ou menos pior do que aquele em que se encontrava.

Por fim, EUA2 diz: "I guess I needed to say something, because today has been a day" (Tradução nossa: Eu acho que precisava falar alguma coisa, porque hoje foi um dia e tanto). À propósito, Castro (2015) nos lembra que quem confessa adquire uma nova qualificação acerca daquilo que confessou, ou seja, passa a um outro estágio de percepção sobre si mesmo. Reforça-se aí o caráter transformador da confissão: quiçá agora o narrador possa se transportar a um lugar de mais tranquilidade, ou de maior entendimento, uma vez que agora desabafou sobre tudo o que precisava.

Se o sofrimento corporificado foi o recurso verbal dos narradores estadunidenses citados, EUA3 e EUA4, por sua vez, irão lançar mão do verbo "share" (compartilhar). O que precisa ser compartilhado? Tudo, ou quase tudo. Na verdade, o que está em jogo aqui é o compartilhamento de temas que digam respeito à sexualidade, tema central na confissão, mas também de outros assuntos. É assim que o vêem EUA4 e EUA3, respectivamente: "I guess I'm just here because I wanna share my personal experiences with you, wether it's about my sexuality, about my life, my vlogs, my story times, whatever!" (Tradução nossa: Eu acho que só estou aqui porque quero compartilhar minhas experiências pessoais com vocês, seja sobre minha sexualidade, minha vida, meus vlogs, minhas histórias, o que for!), "I encourage you, no matter who you are, or where you are, or what you are… gay, straight, whatever: share your story as well" (Tradução nossa: Eu encorajo você, não importa quem você seja, onde esteja ou o que seja…gay, hétero, o que for: compartilhe sua história também).

O apelo ao compartilhamento tem a ver com o que Bruno (2013) entende como uma reconfiguração topológica das subjetividades, pois

> na Internet, ampliaram-se ainda mais as tecnologias do ver e do ser visto, tornando os indivíduos ao mesmo tempo mais sujeitos à vigilância e relativamente mais **autônomos na produção de sua própria visibilidade**, dado que neste caso a **exposição de si não está sujeita à autorização e à intervenção de terceiros**. (BRUNO, 2013, p. 58-59, grifos nossos)

Compartilhar sua história é, assim, mais uma possibilidade de se tornar visível de modo controlável, ou seja, o sujeito possui certo domínio sobre aquilo que deseja mostrar, tornar visível. Goza, ainda, de uma vantagem: a de não necessitar da autorização de terceiros, muito menos de uma intervenção sobre aquilo que foi dito/ mostrado, pois ela pode ser, muitas vezes, moderada e administrada (muitas vezes, se concretiza nos comentários deixados abaixo do vídeo postado no YouTube, por exemplo).

A dinâmica é também explicada por Halperin[15], como veremos abaixo:

> [O]ne person speaks, so as to reveal or discover some truth, to another person who does not speak but who listens, who judges, and who validates (or not) the confession. That structure gives the auditor — whether it be a psychoanalyst or a friend or the leader of a seminar or the audience of a blog — a privilege over the speaker: namely, the privilege of rating or qualifying the speaker's normality or nature without making a similar revelation and thus without the auditor's own normality or nature coming into question.
>
> (Tradução nossa:
> Para revelar ou descobrir uma verdade, uma pessoa fala a outra que não fala, mas escuta, julga e valida (ou não) a confissão. Essa estrutura dá ao receptor – seja um psicanalista, um amigo, ou o líder de um seminário, ou o público de um blog – o privilégio sobre o emissor: precisamente, o privilégio de avaliar ou qualificar a normalidade ou a natureza do emissor sem ter de fazer uma revelação similar e, portanto, sem a normalidade ou a natureza do receptor entrar em questão.

O poder do receptor é de conhecimento do emissor; quem, ainda assim, confessa. O poder está para a invisibilidade, assim como a sujeição está para a visibilidade. Em outras palavras, nossos narradores estão sujeitos a diversas intervenções ao exporem suas subjetividades. No entanto, ao fazê-lo, lembram-nos que não necessitam da autorização de outrem para tal exposição e demarcam seus lugares enquanto sujeitos "autônomos". Compartilhar suas histórias, como pedem e insistem EUA3 e EUA4, torna-se uma apelo à visibilidade – torne-se visível, torne-se transparente, apesar das repreensões. Afinal, já não estaríamos os homens gays acostumados aos constrangimentos?

Por fim, reafirmamos o caráter ético e moral dessa exposição: no liberalismo moderno, como explica Ríos (2007), outros modos de sujeição foram criados, de

---

[15] HALPERIN, David M. **Foucault – Research Project** [e-mail]. Mensagem recebida por <venanalencar@gmail.com> em 3 de janeiro de 2019.

modo que não parecessem como tais. Assim, o sujeito os entendem como ideais éticos de liberdade pessoal, e não como coerções. Ser e tornar-se transparente, esse imperativo de que falam os narradores, seria, portanto, mais uma técnica de poder que produz sujeitos confessantes, agora no domínio do online.

Estratégia de identificação/persuasão

Aqui nos interessa compreender algumas estratégias discursivas mobilizadas pelos narradores para convencerem seus interlocutores de que aquilo que têm para dizer é importante. Com esse objetivos, observamos que ora eles tendem mais à identificação, ora à persuasão e, por vezes, a ambos. Podem, ainda, utilizar a identificação com o outro para persuadirem, e vice-versa. De qualquer forma, concordamos com Machado (2012), para quem a própria narrativa de vida é fundamentalmente vista como uma estratégia discursiva.

EUA3 e BR2, por exemplo, mencionam terem lido um texto que mudou suas vidas: “The Epidemics of Gay Loneliness”, no site “Huffington Post”. Ao fazerem referência a algo que já existe na Internet, em um site já legitimado, acreditamos que fazem uso de estratégias que, primeiramente, os *legitima* enquanto sujeitos que lêem e, logo, podem persuadir mais facilmente por estarem “embebidos de conhecimento”, e que podem criar identificações no público caso ele já tenha lido o mesmo artigo. Observamos, portanto, nos dois narradores mencionados, o uso de estratégias de legitimação, conforme concebe Charaudeau (2010).

Já outros narradores fizeram usos predominantes de estratégias distintas. Constatamos em EUA1 a projeção de *ethos* de *seriedade*, dada pelos elementos verbais e não verbais analisados. BR3, por sua vez, se projetou como *ponderado*, após ter “explodido” em um vídeo anteriormente publicado por ele em seu canal. Ambas as características são mencionadas por Charaudeau (2010) como possíveis estratégias de credibilidade. Para construírem uma imagem credível de si, os narradores se mostraram sujeitos que raciocinam, que têm calma ao transmitirem informações a seus sujeitos-destinatários imaginados. A própria configuração da cena contribui para isso, como veremos na seção de análise verbo-icônica: o uso de cores neutras no ambiente, a escolha de ângulo e de plano de gravação, o estrato sonoro, as vestimentas, tudo isso contribuiu para projeções etóticas (de

ethos) características desse tipo de estratégia discursiva. Na linguagem verbal, EUA1 afirma que os problemas de que trata são problemas que dizem respeito não só à comunidade gay, mas a várias outras no mundo todo[16]. Esse sentimento de compartilhamento seria característico da estratégia de captação, termo também de Charaudeau (2010), cujo intuito é garantir o interesse inicial do interlocutor. Isso faz bastante sentido no caso de EUA1, pois ele traz essa afirmação logo nos primeiros segundos do vídeo, tentando garantir, assim, a permanência de seu espectador.

Ainda em relação à estratégia de captação, percebemos que o componente emocional em BR3 pode ser considerado inerente a esse tipo de estratégia. A adesão irracional a uma causa, como pontua Charaudeau (2010), é uma forma de atingir componentes afetivos, patêmicos da instância de recepção. A captação se dá, então, por meio desse envolvimento emocional, com o qual somos levados a nos identificarmos, nos comovermos e, por que não, nos colocarmos de acordo com eles. Tal identificação foi tamanha, no caso de BR3, que alguns dos seus seguidores lhe enviaram mensagens relatando experiências de vida semelhantes: "E, gente, o que eu mais tenho recebido esses dias, depois que eu fiz o vídeo (saí do armário, explodindo, surtando) foram mensagens de pessoas que estão dentro do armário sofrendo". Evidencia-se, enfim, uma sorte de adesão que poderia ser medida inclusive com essa mobilização de seus seguidores ao seu discurso.

Esse mesmo fenômeno de envolvimento patêmico foi observado em EUA4, para quem o conteúdo de sua fala teve um grande impacto em sua vida. Constatamos na análise de seu vídeo efeitos patêmicos de empoderamento e de evolução de si e, assim como BR3, ele também menciona a identificação de seus seguidores com seu discurso: "I know that so many people that follow me and so many people that are interacted with me go through this because I get so many DMs and so many messages […]" (tradução nossa: eu sei que muitas pessoas que me seguem e muitas pessoas que interagem comigo passam por isso, porque eu recebo tantas mensagens diretas e tantas mensagens […]). A eficiência de sua estratégia de captação por meio da emoção é comprovada pelo próprio narrador.

---

[16] "I think that a lot of these problems are problems that exist in communities across the world, and aren't only, you know, really focused solely in the gay community" (tradução nossa: Eu acho que muitos desses problemas são problemas que existem em comunidades no mundo todo, e não são somente focados na comunidade gay, sabe).

Vejamos agora como essa mesma estratégia de captação pode agir de forma distinta em BR1, que afirma: “Por algum motivo, eu nunca tinha falado tão abertamente desse tema como eu to falando nesse vídeo. […] Agora eu entendo isso e eu vou contar pra vocês mais pra frente nesse vídeo.” Ora, suas intencionalidades de assegurar nosso interesse no que ele tem para dizer é mostrada de forma bastante clara aqui: ele não entrega sua mensagem “de graça”; pelo contrário, busca manter nossa atenção e permanência em sua narrativa. Essa é uma das maneiras de se garantir a captação, conforme traz Charaudeau (2010). Assegura-se, então, uma persuasão à permanência, ou seja, um convencimento de que vale a pena aguardarmos, permanecermos atentos à narrativa.

EUA2 e BR4, por fim, fazem menção a duas experiências distintas que poderíamos compreender como características de estratégias de legitimação. O primeiro cita o mês do orgulho (“pride month”), enquanto o segundo menciona uma YouTuber. Poderíamos afirmar que, no primeiro caso, estamos diante de uma filiação típica da realidade estadunidense – o mês do orgulho é celebrado devido à Revolta de Stonewall, ocorrida em junho de 1989. Até hoje se celebra esse episódio que foi reconhecido como um dos movimentos precursores da libertação gay. Esse fato é de conhecimento da comunidade LGBTQ+, por isso esse compartilhamento de experiências e filiações fazem parte dessa estratégia de legitimação. Tornar evidente esse tipo de conhecimento pode também legitimar o narrador como um sujeito dotado de sabedoria, filiado e envolvido com sua comunidade. O narrador brasileiro, por sua vez, cita a YouTuber Jout Jout. Trata-se de uma referência não histórica, como faz EUA2, mas que pode situar o sujeito-interpretante numa zona de conforto, por assim dizer, que tem a ver com o compartilhamento de mesmas referências e experiências.

Halperin (2012), no prefácio do seu livro *How to be gay* e no programa de sua disciplina ministrada na Universidade de Michigan com o mesmo nome[17], sustenta a posição de que a experiência subjetiva de ser gay perpassa um movimento muito mais de desidentificação do que de identificação:

> **At the core of gay experience, there is not only identification but desidentification**. **Almost as soon as I learn how to be gay, or**

[17] [17] HALPERIN, David. **How to be gay**: male homosexuality as a cultural practice: curso do período de Outono, 4-set./11-dez. de 2018, 12 f. Notas de Aula. Impresso.

> **perhaps even before, I also learn how not to be gay**. 'Well, I may be gay, but at least I'm not like THAT!' Rather than attempting to promote one version of gay identity at the expense of others, this course will investigate the stakes in gay identification and desidentification, seeking ultimately to create the basis for a wider acceptance of the plurality of ways in which people determine how to be gay." (HALPERIN, 2012, p. 06, grifos nossos)
>
> (Tradução nossa:
> **No cerne da experiência gay, não há somente identificação mas desidentificação. Quase assim que aprendo como ser gay, ou mesmo antes, também aprendo como não ser gay**. 'Bem, posso ser gay, mas pelo menos não sou DAQUELE jeito!' Em vez de tentar promover um tipo de identidade gay às custas de outras, esse curso irá investigar o que está em jogo na identificação e desidentificação gay, buscando finalmente criar a base para uma aceitação mais ampla da pluralidade de modos em que pessoas determinam como ser gay.)

Nesse longo percurso de desidentificações, deve haver algum prazer em poder, finalmente, se identificar com algo. Deve haver, ainda, um certo gosto por se ver representado por um outro que lhe seja "igual". Veremos em uma categoria mais adiante que o problema da desidentificação percorre o armário e o pós-armário, e nesse curso de negações, os homens gays estamos quase fadados aos desencontros. Lançar mão de estratégias na linguagem, como fazem os narradores, parece, portanto, ser uma resposta a essa insatisfação de longa data.

Em suma, entendemos que as estratégias de identificação/persuasão perpassam os três tipos cunhados por Charaudeau (2010): de legitimação, de captação e de credibilidade. Compartilhamos, ainda, da ideia defendida pelo analista do discurso de que o sujeito, constrangido por uma dada situação comunicacional e na tentativa de se individuar, pode se ver mais "livre" ao colocar em cena um jogo de estratégias discursivas "suas". O efeito final será o de sentidos *possíveis*, e nunca certos, pois dependem dos efeitos visados e dos produzidos pelo sujeito em questão.

Conflitos de estereótipos

Nesta seção, nos interessa discorrer sobre os ideais hegemônicos de masculinidades e feminilidades e suas interseções com as experiências de vida

gays. Além disso, buscamos discutir a maneira como alguns papéis sociais fixos, quando atrelados às sexualidades, parecem determinar ou moldar as expectativas de homens gays sobre si mesmo e sobre o outro. Partimos do entendimento de que os estereótipos são imaginários cristalizados e, ao buscarem questionar essas cristalizações, os narradores fazem emergir imaginários sociodiscursivos mais improváveis, como o problema do pós-armário. No entanto, ao fazê-lo, retomam ideias mais estabelecidas, como o de masculinidade e de feminilidade.

O conflito entre masculinidades e feminilidades é bastante evidente em EUA1 e EUA2. Para esses narradores, tal conflito não deveria existir; reconhecem, contudo, que isso faz parte da experiência de vida da comunidade gay masculina como um todo. A respeito disso, EUA1 afirma: "we have such a struggle with the idea of masculinity because it's juxtaposed against femininity" (tradução nossa: temos muita dificuldade com a ideia de masculinidade porque ela está justaposta à de feminilidade). Semelhantemente, EUA2 destaca: "masc versus fem is such bullshit. I literally cannot deal with this whole masc versus fem thing" (tradução nossa: masculino versus feminino é uma mentira. Eu literalmente não consigo lidar com essa coisa toda de masculino versus feminino).

Para dar conta de tais questionamentos, Halperin (2012, p. 227) nos lembra que tanto os ideais de feminilidades como os de masculinidades gays devem ser entendidos como práticas culturais:

> **Gay femininity is a cultural formation, then, not just a psycho-sexual one. Gender orientation is an orientation to cultural practices, cultural forms, and their meanings**; it is not simply a sexed and gendered subjectivity rumored from a cultural context. **We should therefore not construe the feminine position of the gay male subject in narrowly sexual and gendered terms** […]. The feminine position that gay male subjects take up is not exclusively defined by the directionality of erotic desire and a corresponding gender role, nor is its meaning exhausted by them. For **that feminine position both reflects and expresses a distinctive situatedness within an entire field of discourses and social practices**.
>
> (Tradução nossa:
> **A feminilidade gay é uma formação cultural e, portanto, não apenas psicossexual. Orientação de gênero é uma orientação a práticas culturais, formas culturais e seus significados**; não é simplesmente uma subjetividade proveniente de um contexto cultural. **Devemos então não interpretar a posição feminina do sujeito gay masculino em termos estritamente sexual e de gênero** […]. A posição feminina que sujeitos gays homens ocupam não é

> exclusivamente definida pela direcionalidade do desejo erótico e um correspondente papel de gênero, tampouco está seu significado esgotado por eles. Pois **essa posição feminina tanto reflete como expressa uma situacionalidade característica em uma vasto campo de práticas discursivas e sociais**.

Essa separação entre a posição "feminina" e seus termos subjacentes é necessária, segundo o autor, para tomarmos o desejo erótico em uma direção não necessariamente coincidente com o papel de gênero. Em outras palavras, as identificações com as feminilidades estão em um campo cultural muito vasto e não deveriam se reduzir a questões meramente sexuais. Além disso, se trata, para Halperin (2012, p. 338, itálicos do autor), sobretudo de "a *cultural* identification with or attraction to particular gendered modes of felling and expression, as well as a repulsion to others". (tradução nossa: uma identificação *cultural* com ou uma atração por modos gendrados particulares de se sentir e de se expressar, assim como uma repulsa por outros).

De outro lado, temos as masculinidades que, no caso das homossexualidades masculinas, admitem um valor de seriedade e de erotismo, como pontua Halperin (2012, p. 306):

> Masculinity represents not only a central cultural value–associated with seriousness and worth, as opposed to feminine triviality– but also a key erotic value for gay men. Gay men's sexual dignity depends on it, as well as our erotic prestige and desirability.
>
> (Tradução nossa:
> A masculinidade representa não só um valor cultural central – associado a seriedade e a valor, opostamente a trivialidade feminina –, como também um valor erótico chave para os homens gays. Sua dignidade sexual depende disso, assim como nosso prestígio e desejabilidade eróticos.

Assim, nesse campo de batalhas, convivem ideais de masculinidades e feminilidades que, na experiência de vida gay masculina, admitem noções bastante particulares a esse modo de vida. Enquanto as masculinidades desempenham um papel de agregação de valor, de seriedade e de desejo, as feminilidades representam uma filiação cultural e discursiva que podem, de fato, invalidar, em certa medida, as construções positivas dos caracteres "masculinos". Talvez por esse motivo a dificuldade relatada por nossos narradores seja tão relevante para

eles: de um lado, se vêem como propulsores de possíveis valores positivos enquanto homens; por outro, não se desvinculam dos traços “femininos” que a cultura hegemônica já se encarregou de lhes inculcar.

A cultura hegemônica pode ter esse papel regulador e, nesse caso de sexualidades dissidentes, constrangedor. EUA4 relata que, após ter tido sua primeira experiência sexual com outro homem, não se sentiu bem, pois entendeu que, a partir dali, não haveria volta: “I remember waking up and bawling my eyes out, because I realised that I don’t think I can like girls again, like, after what just happened” (tradução nossa: eu me lembro de acordar e morrer de chorar, porque percebi que não achava que iria gostar de garotas de novo depois do que tinha acabado de acontecer). Perceber-se “desviante” não significou um ato libertador para o narrador, senão um constrangimento, uma restrição a um modo de vida socialmente aceito para o qual, em suas palavras, ele não voltaria.

Sobre a opressão, BR2 destaca que “Por serem homens oprimidos o tempo inteiro em relação a sua masculinidade, os gays têm os corpos mais esculturais, supersarados, e whey protein, e de uma vaidade. E se você não se encaixa nesse padrão, rejeição de novo!”. Parece, assim, que o descumprimento de uma expectativa social do que é “ser homem”, ou seja, performar as masculinidades hegemônicas, gera um tipo de descontentamento nos homens gays, de acordo com o narrador. O medo de novas rejeições faria-os buscarem uma adequação a algo já aceito, a um cumprimento de papéis sociais já estabelecidos e a uma visibilidade corporal desejável, como veremos na próxima seção.

Adicionalmente, sabemos pela discussão sobre estereótipos empreendida por Amossy (2005) que são eles os responsáveis por regularem, de certa forma, nossas condutas. No caso desse histórico de opressão mencionado por BR2, a alternativa para se fugir de um estereótipo com conotação negativa sobre o que é ser gay é, na verdade, reafirmar outros estereótipos - o de um homem hipermasculinizado, viril. Assim, seus papéis sociais permanecem inquestionáveis: trata-se essencialmente de homens, ponto final. Como a cultura se encarrega de estabelecer previamente algumas imagens coletivas sobre os sujeitos na sociedade, o que os homens gays temos feito é justamente nos apoiarmos nessas mesmas representações e repeti-las, um fenômeno típico da estereotipagem.

Por fim, na tentativa de combatermos estereótipos sobre o que é tido como “masculino” e “feminino” no senso comum, somos capazes de reafirmar aqueles mesmos traços do que é ser masculino. Aos que não desejam fazê-lo, resta-lhes a rejeição, como bem aponta BR2. Assim, as técnicas de poder praticadas em um grupo social minorizado se provam produtivas na medida em que causam efeitos hierárquicos nesse mesmo grupo.

O corpo gay em questão

Partimos sobretudo de uma análise antropológica do corpo, entendendo-o como um instrumento de significação recoberto de signos históricos. É preciso demarcar ainda a questão do gênero no vasto entendimento do corpo, pois aqui se trata de corporalidades específicas. Dizer “corpo gay” implica localizar este estudo em uma região fronteiriça entre alguns caracteres gerais e alguns mais típicos das homossexualidades masculinas.

Em termos mais amplos, sabemos de Courtine (2011) que, desde o século XVII, temos assistido a uma mecanização do corpo, acompanhada de uma submissão a um regime de visibilidades. Tomar o corpo enquanto máquina empodera o sujeito a tratá-la de forma cindida, ou seja, separada de sua mente – formam-se, pois, duas unidades não correlacionadas, sendo a face apenas portadora daquela estrutura mecânica.

A respeito dessa aparente desimportância da face, Morrison (2011, p. 122) pontua: “The face or mouth participates in a normative sexual economy only as forepleasure. The mucous membranes of both patterns come together as a prelude to sex, as a guarantee that sex is a relationship between two faces, two subjects (tradução nossa: O rosto ou a boca participam de uma economia sexual normativa apenas como pré-prazer. As membranas mucosas de ambos trabalham juntas como um prelúdio para o sexo, como garantia de que o sexo seja uma relação entre duas faces, dois sujeitos). A face seria, assim, uma “desculpa”, ou apenas um meio de se poder ainda afirmar que o sexo ocorre e existe entre duas pessoas. Não fossem elas, é como se os corpos falassem por si mesmos.

No *corpus*, identificamos inquietações acerca dessa demanda sobre uma excessiva visibilidade erótica do corpo. EUA2 afirma odiar malhar, mas que ainda assim o faz: “I will never be a muscle queen. […] I hate working out. Do I work out? Of course, because I want to be healthy, but I don’t do it to an excessive extent that defines me as a human being” (tradução nossa: Nunca serei uma bicha malhada. […] Eu odeio malhar. Eu malho? Claro, porque eu quero ser saudável, mas eu não faço isso ao ponto de me definir enquanto ser humano). BR2 já critica, em termos mais amplos, um fenômeno que descreveu como a “hipersexualização do corpo masculino no mundo gay”. Ambos os narradores nos direcionam a um olhar sobre questões da experiência de vida gay já conhecida.

Em Alencar (2017), vimos que o corpo ocupava um lugar central nas negociações de visibilidades entre usuários de aplicativos de encontros. Sabemos por Halperin (2012) que o corpo masculino gay carrega especificidades culturais bastante interessantes, e funciona sobretudo como uma chave erótica, sempre ligada. Os músculos, para Morrison (2011), seriam uma forma aparente do *phallus*, ou seja, um constante lembrete de potência masculina simbolizada por uma rigidez pelo corpo todo. Faz sentido, então, dimensionarmos a centralidade do corpo gay para não só as negociações de prazer, como também como formas de acesso ao poder.

Algumas formas de poder, por tanto tempo negado aos homens gays, podem ser acedidas, e a incorporação das masculinidades hegemônicas é uma delas. Isso quer dizer que, segundo Halperin (2012), temos uma consciência de quando performamos essas masculinidades, pois a tomamos como “falsas”, acessíveis por meio de algumas características que, como leitores críticos da cultura hegemônica, há muito percebemos. O privilégio e o desempoderamento por fazermos parte das masculinidades em um mundo machista parece constituir uma contradição no campo social e, incapazes de lidarmos com isso, seríamos levados a uma inclinação ao privilégio, ou seja, a reforçar nosso pertencimento a um grau mais elevado das hierarquias de gênero.

Assim, falar do corpo é transpor os limites da pele e compreender que essa matéria que me constitui não está isenta de simbologias que vão além do entendimento comum. O corpo gay, tão frequentemente representado como o resultado da epidemia avassaladora de AIDS, deve ser constantemente repensado.

Se durante a epidemia assistimos a tentativas de se distanciar desse corpo mais abjeto, que escancarou sexualidades dissidentes e forçosamente colocou tanta gente “fora do armário”, hoje esse pensamento, somado a outras demandas de visibilidades masculinas, parece persistir. O imaginário do corpo “sarado” ainda constrasta com o do corpo doente, enraizado na memória discursiva como o único corpo possível para quem praticava sexualidades não heterossexuais. Trata-se, pois, de um corpo historicamente marcado, negativamente valorado, resultado de um pânico social que, para Trevisan (2007) serviu como catarse àqueles que nos acusavam e, ao mesmo tempo, se purificavam.

Preciado (2008, p. 89) entende os ideais de masculinidade e feminilidade como ficções somatopolíticas. Poderíamos dizer, em uma direção semelhante, que a construção de um corpo gay perpassa igualmente uma ficção

> producida por un conjunto de tecnologías de domesticación del cuerpo, por un conjunto de técnicas farmacológicas y audiovisuales que fijan y delimitan nuestras potencialidades somáticas funcionando como filtros que producen distorsiones permanentes de la realidad que nos rodea.
>
> (Tradução nossa:
> produzida por um conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais que ficam e delimitam nossas potencialidades somáticas, funcionando como filtros que produzem distorções permanentes da realidade que nos rodeia.

Cabe-nos questionar que tipo de corpo queremos construir, que tipo de potencialidade queremos fazer emergir para que não caiamos novamente na armadilha da domesticação empreendida por técnicas de poder diversas, como farmacológicas e audiovisuais.

É preciso olhar para o corpo como uma potencialidade a construir, no sentido de não considerá-lo apenas como efeito o produto de sujeição, mas igualmente como potência. Não haverá, como adverte Preciado (2008), uma ruptura radical dessa forma de se conceber o corpo e, por isso, há de se considerar simultaneidades e a multitudes desconexas de modelos. Estaríamos, então, diante de um momento histórico em que o corpo descrito por BR2 faria parte de um padrão representativo do corpo gay, que coexiste, então, com outras formas menos valoradas?

Lembranças do período escolar

Lembra-se é rememorar, reviver aquilo que de algum modo marcou o indivíduo por algum motivo. Nem sempre temos acesso a essas memórias – vivemos buscando-as, quando trazem bons sentimentos, e as evitamos quando não queremos reviver más experiências.

Compreendidas nas narrativas de vida, essas lembranças dizem muito a respeito do sujeito que rememora, mas também da sociedade em que vive. Segundo Machado (2015), as narrativas podem ser mais poderosas do que argumentações ditas lógicas, e por isso merecem uma atenção. É preciso considerá-las como maneiras de se argumentar, pois o patêmico pode gerar, sim, efeitos de convencimento poderosos.

Todos os narradores estadunidenses nos contaram episódios constrangedores relacionados aos seus períodos escolares, desde o ensino fundamental até a faculdade. Essas lembranças tratam de homofobias e de experimentações adversas ocorridas no ambiente escolar, onde deveríamos presenciar, idealmente, práticas no mínimo diferentes.

Para Louro (2010, p. 61, itálicos da autora), o espaço escolar é palco de manifestações inaugurais na vida da criança, onde "gestos, movimentos, sentidos são produzidos [...] e *incorporados* por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*." A autora ainda nos atenta ao fato de as primeiras escolas brasileiras, por exemplo, terem sido fundadas por homens e religiosos, o que pode, de fato, contribuir para uma expectativa comportamental dos infantes. A instituição escolar se constrói, então, marcada por ideologias que valoram determinados comportamentos e desautorizam outros.

É preciso sublinhar ainda que, segundo Foucault (2013), as escolas são *instituições de sequestro*, ou seja, locais onde indivíduos, retirados do convívio social, são submetidos a uma disciplina que busca docilizar os corpos. Nessas instituições é preciso cumprir uma série de demandas disciplinares que regem diretamente sobre o corpo: formação de filas, disposição de mesas e cadeiras,

horários de lanche, etc. A relação que os indivíduos travam com esses mecanismos são particulares e, de acordo com as narrativas do nosso *corpus*, essa relação nem sempre é de sobremaneira positiva.

O dizer a verdade tem um valor significativo no ambiente escolar. A vigilância sobre os corpos nessas instituições regulam não só os desvios, mas sobretudo a permanência na normalidade. Os ideais de disciplina e de punição encenados aí dizem respeito a uma longa tradição de dizer a verdade sobre si. O diretor ou a diretora (da consciência) será a voz final, a autoridade máxima para o caso de um corpo desobediente, não docilizado, que àquela autoridade deve confessar seus atos desviantes da norma.

Somado a isso, existe ainda uma demanda por um cumprimento de um tipo social no ambiente escolar, ou seja, uma constância de papel desempenhado por cada sujeito, como explica Preciado (2020):

> Junto com a epistemologia da diferença de gênero (que, em nossos ambientes institucionais, tem o mesmo valor que tinha o dogma da divindade de Cristo na Idade Média), **a escola funciona segundo uma antropologia essencialista**. O idiota é idiota e o bicha é bicha. A escola é um espaço de controle e domínio, de escrutínio, diagnóstico e sanção, **que pressupõe um sujeito unitário e monolítico** que deve aprender, mas não pode nem deve mudar. (PRECIADO, 2020, p. 197)

Assim, controle, domínio, diagnóstico e sanção são as bases operatórias da escola tradicional, baseada ainda em um essencialismo que penaliza o desvio. Aí se apresenta uma ironia do aprendizado, um aprendizado pela constância, pela identificação e pelo cumprimento de papéis por sujeitos unitários.

Em relação ao gênero e sexualidade, Preciado (2020, p. 196) é enfático ao dizer que a escola é uma "fábrica de subjetivação", onde se criam as primeiras noções de normalização de gênero e sexual. Para o autor, o aprendizado mais cruel empreendido no espaço escolar é o de gênero, sobretudo quando se trata da violência direcionada às (sobre)vivências desviantes.

A respeito da experiência na escola, EUA1 afirma que "we didn't go through junior high and high school like everyone else" (tradução nossa: nós não passamos pelo ensino fundamental e médio como todo mundo). Segundo ele, as dinâmicas sociais de se experienciar o mesmo que os colegas heterossexuais não ocorrem e, por isso, constrangem os indivíduos que já se percebem diferentes. Para EUA4, é

no final do ensino fundamental quando começamos a nos comparar mais aos outros, e isso pode ser problemático às homossexualidades: “you just start comparing yourself to everyone, because that’s when like…your hormones develop and that’s when people are, like, starting to date people but not really” (tradução nossa: você começa a se comparar com todo mundo, porque é quando você, tipo…seus hormônios se desenvolvem, e é quando as pessoas começam a namorar outras mas não necessariamente). Se, de acordo com Halperin (2012), é pela desidentificação que aprendemos “como sermos gays”, para nossos narradores, é na percepção da diferença, de um outro com o qual não me identifico, que nossas batalhas começam.

Perceber-nos não heterossexual requer uma visão que não prevê o sexo em si como elemento único e necessário para esse despertar, mas *práticas sociais*. Halperin (op. cit., p. 10) define muito bem seu entendimento sobre as experiências de vida gays como uma “rejection of common tastes as well as a critical perspective on the straight world and a collectivity shared but nonetheless singular vision of what really matters in life” (tradução nossa: rejeição a gostos comuns assim como uma perspectiva crítica ao mundo hétero e uma visão coletivamente compartilhada e ao mesmo tempo singular do que realmente importa na vida). Essa leitura crítica sobre o mundo hétero é apontada por EUA2 em seu período de faculdade: “This next one stems from my college years. Hanging out with tons of straight girls who clearly had never met a gay guy before. But they have this idea of the gay guy in their head…” (tradução nossa: essa vem dos meus anos de faculdade. Saía com várias meninas héteros que claramente nunca tinham encontrado um cara gay antes. Mas elas tinham essa ideia de um cara gay na cabeça…). Nem as heterossexualidades femininas são tomadas como naturais – há uma contínua rejeição a formas de vida comuns, mesmo depois do ensino básico escolar. Trata-se, portanto, de algo que nos acompanha a vida toda e parece ter suas origens, de fato, na instituição escolar, talvez a primeira propulsora da percepção do outro e da diferença.

Avaliação social do outro

Nessa seção nos dedicamos ao que se tem denominado estresse de minoria. Segundo Michael Hobbes, autor do artigo no “Huffington Post” intitulado “The Epidemics of Gay Loneliness”, sobre o qual alguns dos narradores do *corpus inclusive* comentam em seus vídeos, o termo abarca todo tipo de esforço extra que devemos fazer em nossas vidas enquanto grupo minorizado. Assim, esse esforço tem origem em olhares normalizadores sobre nossas experiências de vida que, por não se enquadrarem em determinados requisitos socialmente instaurados, devem ser compensadas com outra práticas sociais tidas como positivas e validadas na sociedade hegemônica.

EUA1 traz exatamente esse desconforto em ter de se sobressair: “we strive for this success, for this idea of perfection, of being better, because for so long we were told by not only by ourselves but our peers that we are not good enough” (tradução nossa: nós nos empenhamos por um sucesso, por uma ideia de perfeição, de sermos melhores, porque por muito tempo nos foi dito, não só por nós mesmos mas por nossos colegas, que não somos bons o suficiente). Adicionalmente, EUA3 relata ainda que achava estar preparado para o que viria ao “sair do armário”: “I also knew that, like, people…some people would be stupid” (tradução nossa: eu também sabia que, tipo, as pessoas…algumas pessoas seriam estúpidas). O que apontam as pesquisas mencionadas no artigo do “Huffington Post”, no entanto, é que esse preparo se prova inexistente face às novas demandas de uma vida “fora do armário”. A avaliação social do outro persiste e se impregna de particularidades inerentes ao grupo social em pauta, um estigma que parece não nos abandonar nunca.

Ninguém melhor que Goffman (1988, p. 148-149) para tratar do estigma. O autor toca em um ponto bastante atual e relacionável às perspectivas deste estudo: “O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro”. De fato, o estigma recai sobre pessoas, mas são as perspectivas que fundam, autorizam e desautorizam a normalidade e a não normalidade. Ora, sabemos pelo autor também que aqueles que não se identificam com os evidentemente estigmatizados têm suas

penalidades, represálias sociais reduzidas. Além disso, evitam uma série de negativações sobre sua pessoas, como descreve EUA4: “And then people are judging you, making fun of you, and bullying you, which makes it even harder!” (tradução nossa: daí as pessoas estão te julgando, rindo de você, fazendo bullying, o que torna tudo ainda mais difícil!). O caminho para uma parcial fuga a tais avaliações parece ser, por alguns, um recurso de fácil adesão.

Dizemos se tratar de uma fuga parcial porque, se fugimos dela agora, em outro momento inesperado, uma nova avaliação recairá sobre aquele indivíduo estigmatizado. É exatamente disso que trata BR1, que se lembra de situações em que o peso da normalidade foi mais forte do que aquilo que ele acreditava já ter sido “aceito” por ele mesmo:

> Você simplesmente responde como se você tivesse namoradas, o que parece uma coisa tão simples mas que é tão dolorida pra gente, porque parece que a gente tá se anulando. Ou quando o professor pergunta pra levantar a mão quem é heterossexual. […] Ou quando uma menina se mostra interessada, numa festa, por você, e você não quer falar que você é gay pra não frustrar as pessoas.

Tais episódios nos mostram que a experiência de vida gay requer uma constante e atenta vigilância sobre o que se está e o que não se está autorizado a fazer ou a dizer de acordo com a situação de comunicação e sua implicação imediata. Em outras palavras, a vigilância panóptica do eu atinge seu objetivo fundamental ao percebermos que, antes de tudo, o próprio sujeito deve se disciplinar, sobretudo quando se trata de sujeitos estigmatizados.

BR4 pontua sobre isso de forma bastante clara: “você se pega todos os dias da sua vida, em todos os momentos em que você socializa com alguém, tendo que provar que você é uma pessoa legal e aceitável”. Ainda acrescenta:

> E a gente já faz isso de uma maneira tão natural, já está tão dentro da gente, que a gente não se dá conta do tanto de energia que a gente gasta tentando convencer as pessoas de que a gente é normal, de que a gente é íntegro, comum.

Haveria então um desgaste emocional cotidiano já naturalizado, cujas origens remontam, como vimos anteriormente, ao período escolar, mas que perduram e se acumulam, configurando um quadro de estresse de minoria que, em algumas vezes,

resultam em tristes estatísticas. “Você cresce e amadurece na adolescência vítima de um estresse absurdo porque você precisa o tempo inteiro se provar muito mais do que uma criança e um adolescente hétero, não é verdade?”, afirma BR2, dialogando com o que BR4 igualmente defende.

Somatizar esse estresse leva os homens gays a um quadro clínico triste mas real. Segundo Hottes *et al.* (2016), a população gay é de duas a dez vezes mais propensa a cometer suicídio. Já para Pachankis (2016), cujo estudo se desenvolveu na cidade de Nova Iorque, do total de homens gays analisados e que chegaram à cidade, três quartos tiveram episódios de depressão e ansiedade, assim como de uso abusivo de álcool e outras drogas. Sofremos de um acúmulo que não cessa ao “adentramos” a comunidade gay, pois nela também experienciamos o intraestresse de minoria (“intra-minority stress”), de acordo com um estudo novo de Pachankis (2020). Assim, fica evidente que a avaliação social do outro nem sempre envolve exclusivamente uma homofobia advinda “de fora”, pois a própria comunidade pode ser repressiva e avessa às diferenças.

Foucault (2006), ao analisar as práticas de cuidado de si, destaca um momento fundamental:

> “[…] a partir do momento em que **o cuidado de si torna-se assim uma atividade adulta**, sua função crítica vai evidentemente acentuar-se, e acentuar-se cada vez mais. A prática de si terá um papel corretivo tanto, ao menos, quanto formador. Ou ainda, **a prática de si tornar-se-á cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros**. (FOUCAULT, 2006, p. 114, grifos nossos)

É preciso lembrar que o cuidado de si antes era uma atividade voltada àqueles que iriam governar a cidade e, por isso, ocorria não entre os adultos, mas entre os jovens aristocratas que logo iriam exercer o poder. Quando se torna uma prática constante da vida adulta, envolve uma *crítica em relação a si mesmo*, ao que estamos relacionando a categoria *evolução de/em si*, ao seu m*undo cultural*, o que pertenceria à categoria *desidentificações com a cultura gay* e à *vida dos outros*, o que se ligaria agora à *avaliação social do outro*. O cuidado de si, assim, prevê uma atividade que se volta ao sujeito mas também à sociedade que lhe entorna, tanto nas proximidades do seu mundo cultural como no que lhe pode parecer alheio, não próximo.

Por fim, para conseguir lidar com esse tipo de situação longamente penosa, EUA2 usa a ironia como mecanismo de representação do outro em tom pejorativo. Isso ocorre no momento de sua narrativa em que ele trata da avaliação de algumas meninas heterossexuais sobre suas possíveis inclinações e práticas por ser um homem gay. Daí ele "insere" essa voz do outro por meio de uma ferramenta de edição de voz no vídeo publicado e analisado nessa pesquisa: "'Oh my God, you're gay? Let's do shopping! Do you wanna paint my nails? Let's do my hair, you must be a hair stylist, clearly. Oh, you can pick me clothes up for me. Look at my boobs! Do my boobs look okay'?" (tradução nossa: Meu Deus, você é gay? Vamos fazer compras! Você quer fazer minhas unhas? Vamos arrumar meu cabelo, você deve ser um cabeleireiro, claro. Ah, você pode escolher minhas roupas para mim. Olha para os meus peitos! Eles parecem ok?). A respeito disso, Machado (2013, p. 119) entende que "Narrators use irony to render past events more acceptable, —pretendingll that they were not hurt so much but that they still managed to build a life despite all obstacles" (tradução nossa: os narradores usam a ironia para tornarem eventos do passado mais aceitáveis, – fingindo que eles não foram tão atingidos mas que ainda conseguem construir uma vida apesar de todos os obstáculos). Conforme vimos anteriormente, fazer uma leitura crítica sobre eventos do passado pode ser, realmente, uma estratégia de vida dos homens gays para conseguirem lidar com os obstáculos de uma experiência de vida constantemente testada e avaliada por normalizações distintas e onipresentes.

A evolução de/em si

O que significa ser "evoluído" ou buscar uma evolução de/em si nesse contexto? Bom, já vimos que interpretar a cultura hegemônica é uma prática empreendida pelas homossexualidades masculinas, mas também – e sobretudo – pelos "queer" ou qualquer sujeito que não se veja representado pelas normalidades opressoras.

Contudo, de onde viria esse olhar? Esse trabalho evolutivo, ou em direção a uma evolução, não está distante do que Foucault (1997, p. 137) elaborou como conceito de uma ascese. Entendemos-a como uma orientação à verdade, uma

constante enunciação do discurso verdadeiro (vide capítulo 1). Nas palavras do filósofo, "ascesis is something else: it's the work that one performs on oneself in order to transform oneself or make the self appear which, happily, one never attain" (tradução nossa: ascese é algo mais: é o trabalho que se performa sobre si com o objetivo de se transformar ou fazer o eu aparecer, o que, felizmente, nunca se alcança). Vejamos que esse trabalho sobre si, por ser inalcançável, é constante e resulta em uma chamada evolução.

Reforçamos ainda que o tema do cuidado de si, constante em *A hermenêutica do sujeito*, deve ser retomado aqui, pois, conforme vimos no primeiro capítulo da tese, se trata de uma prática crítica em relação a si mesmo. Ora, vejamos que é exatamente disso que se trata essa categoria. Sêneca, por exemplo, utiliza o termo *instructio* para se referir a uma espécie de armadura criada pelo indivíduo, de modo que se enfrentem as adversidades, como vimos em Foucault (2006).

Isso aparece de forma bastante clara em EUA1, que utiliza a mesma expressão do excerto de Foucault acima, em inglês, "work on", ao afirmar o seguinte: "And we get to grow up and figure this out for ourselves through our jobs, through our friends, through our work, through *working on ourselves*, and eventually hopefully *through ourselves*" (tradução nossa: E então acabamos crescendo e resolvendo isso sozinhos por meio de nossos trabalhos, pelo *trabalho* que realizamos *em nós mesmos* e, por fim, com sorte, *por nós mesmos*). "Work on" corresponderia assim a um tipo de trabalho sobre si mesmo que, de acordo com o narrador, ocorre devido a diversas circunstâncias da vida.

Além disso, tal evolução vem a um alto custo: o da abjeção, conforme descreve Halperin (2007, p. 74): "abjection is an 'ascesis', a spiritual labor […]. And, like sainthood, abjection is both martyrdom and triumph at once: it elevates even as it humiliates" (tradução nossa: a abjeção é uma 'ascesis', um trabalho espiritual […]. E assim como a santidade, a abjeção é ao mesmo tempo um martírio e um triunfo: ela eleva mesmo enquanto humilha). Graças à abjeção por vivermos sexualidades dissidentes, os homens gays seríamos eternos trabalhadores espirituais, operando ora no martírio, ora no triunfo. Ora, não é por acaso que *foi necessário existir* um mês, ou um dia no ano, para não nos sentirmos tão abjetos assim: o mês do orgulho, ou o dia do orgulho, celebrado em diferentes datas do mês de junho todos

os anos desde a Revolta de Stonewall. Um momento de elevação para outros de humilhação.

A respeito desse trabalho incansável de lidar com a diferença, EUA3 pontua algo bastante interessante:

> We're constantly…by having to accept ourselves and deal with this process of defining our sexuality, understanding it, and then coming to terms with it and labelling ourselves as that, and then feeling like… *it's just all part of this process* to…to fit in."
>
> (Tradução nossa: estamos constantemente…por termos que aceitar a nós mesmos e lidar com esse processo de definir nossa sexualidade, entendê-la e então chegar a um acordo com ela e nos rotularmos como tal, e depois se sentir como…*é tudo parte de um processo* de…de se encaixar).

O processo é o que parecer importar, pois a tal evolução seria um resultado inacabado dele. No mesmo sentido, BR1 também defende esse caráter gradual de aceitação: "Porque é um processo de…é um processo de evolução pra quando você é gay pra você se aceitar".

A partir daí, vemos que todo esse trabalho pode gerar um sentimento de empoderamento, de acordo com EUA4: "the only person who holds that power is you, and when you are empowered in yourself and empowered in your sexuality, people don't give a fuck!" (tradução nossa: a única pessoa que possui esse poder é você, e quando você é empoderado em si mesmo e em sua sexualidade, ninguém se importa com porra nenhuma!). De forma semelhante, BR2 nos encoraja a pensar o quanto não somos bem resolvidos por termos "saído do armário": "A gente tem que enfrentar nossos medos, a gente tem que se questionar".

Portanto, trata-se de algo inacabado, algo que, de acordo com nossos narradores e com os teóricos que mencionamos aqui, faz parte de um exercício sobre si e, ainda, de uma constante leitura crítica sobre as práticas sociais hegemônica. Enfim, Halperin (1995, p. 77) destaca um fato interessante: "Foucault ultimately came to understand both philosophy and homosexuality as technologies of self-transformation, and therefore as modern versions of 'ascesis'" (tradução nossa: Foucault finalmente chegou a entender tanto a filosofia como a homossexualidade como tecnologias de autotransformação e, portanto, como formas modernas de 'ascesis'). Seríamos, assim como os filósofos, e segundo essa

visão, mestres em nos transformarmos a todo tempo, buscando sempre um tipo de evolução lograda pela transformação constante de si.

Episódios de homofobia/“bullying"

Sabemos que o discurso e a prática homofóbicos estão presentes na sociedade atual de maneiras às vezes camufladas, às vezes bastante explícitas. EUA3 e EUA4, por exemplo, descrevem os “bullyings” sofridos na escola de forma aberta; enquanto BR2 e BR3 comentam sobre caracteres gerais da prática de intimidação. Em todo caso, a entendemos como modos constrangedores de se viver a experiência gay, ou antes mesmo disso, de se viver anteriormente a um início de tomada de consciência sobre as sexualidades.

Halperin (1995) defende que uma das maneiras de se combater a homofobia é combatendo os discursos que a autorizam, como os da medicina, da lei, da religião. Em Alencar (2020), vimos que a institucionalização de formas violentas frente às homossexualidades por muito tempo existiram e operaram como modos de se desautorizar e deslegitimar as vidas de gays e lésbicas, por exemplo. Como vencer então esse jogo injusto da homofobia?

Sedgwick (1990) toma o método foucaultiano para analisar o discurso homofóbico e se posiciona a favor de um distanciamento do jogo discursivo da homofobia, de modo que esse distanciamento nos permita analisar os modos como a dinâmica de intimidação opera. Em outras palavras, é preciso olhar “de fora” com o objetivo de compreender as estratégias gerais que autorizam tal discurso. Miskolci (2011, p. 48) concorda com a abordagem de Sedgwick e o método foucaultiano, pois afirma que

> A luta anti-homofobia poderia sofisticar-se e voltar-se contra o heterossexismo institucional efeminofóbico que ainda permite que a experiência de ser chamado, leia-se, ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerad@ seja a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento.

Por esse motivo, de acordo com autores supracitados, a luta anti-homofobia deveria centrar-se não num debate identitário, senão em um debate cuja centralidade fossem as sexualidades e as questões de gênero. Só assim estaríamos mais próximos de uma "libertação", em que o xingamento, por exemplo, poderia perder sua força e ganhar outras significações, como ocorreu com o termo "queer".

Estendendo-nos um pouco mais a respeito disso, Halperin (1995) explica uma vantagem do método foucaultiano:

> Foucault's antipsychoanalytic approach to sexuality makes it possible, as well as sensible and proper, **to treat homophobia as a political, not a psychological, problem: it implies that the causes of homophobia are to be sought not in psychic life, in fantasy, or in the vicissitudes of human development**, but rather, as Leo Bersani (rather skeptically) puts it, '[in] a policial anxiety about the subversive, revolutionary social rearrangements that gays may be trying out …, [an] anxiety about a threat to the way people are expected to relate to one another, which is not too different from saying the way power is positioned and exercised in our society.'" (HALPERIN, 1995, p. 121-122, grifos nossos)
>
> (Tradução nossa:
> A abordagem antipsicanalítica de Foucault sobre sexualidade torna possível, também sensato e adequado, **tratar a homofobia como um problema político, não psicológico: isso significa que as causas da homofobia devem ser buscadas não na vida psíquica, na fantasia, ou nas vicissitudes do desenvolvimento humano**, e sim, como Leo Bersani (bastante ceticamente) pontua, 'em uma ansiedade política sobre o subversivo, os rearranjos sociais revolucionários que gays podem estar experimentando…, [uma] ansiedade sobre a ameaça à maneira como se espera que as pessoas se relacionem com a outra, o que não é muito diferente de dizer a maneira como o poder é posto e exercido em nossa sociedade'.

Sob essa ótica, trata-se de uma luta política, cujas implicações extrapolam o psicológico e se fundam nas relações de poder, seja no heterossexismo institucional de Miskolci, seja na dinâmica do olhar "de fora" proposto por Sedgwick.

Em termos práticos, o que a homofobia realizou sobre os sujeitos EUA3 e EUA4 foi notadamente uma privação de suas agências, como afirmam nos seguintes trechos, respectivamente: "I think one of the biggest effects that that bullying situation had on me was that they took those things I love from me and they made them something else" (tradução nossa: Eu acho que um dos maiores efeitos que aquela situação de "bullying" teve em mim foi que eles tiraram de mim as coisas que eu amava e as transformaram em outra coisa) e "I was bullied, I was made fun of, and I had no friends. I was, like, suspended multiple times, because I

would just skip going to school, ‘cause I hated it that much!” (tradução nossa: eu sofria bullying, caçoavam de mim, eu não tinha amigos. Eu fui, tipo, suspenso várias vezes, porque eu matava aula de tanto que eu odiava ir!). Podemos afirmar, pois, que o discurso homofóbico, de forma geral, não se trata necessariamente de uma ofensa pontual a determinado sujeito “desviante”, mas de um conjunto de práticas discursivas que alteram as relações desses mesmos sujeitos com os diversos meandros sociais que frequentam. Por fim, todo esse estresse, essa carga de abjeção sofrida por muitos anos se acumula e se soma ao chamado estresse de minoria, algo que BR2 explica bem:

> Quando você passa por uma situação de estresse, você enfrenta aquilo, mas depois parece que, no dia seguinte, você venceu aquela batalha e continua vivendo. Na vida de um gay, se acumula de uma maneira muito mais forte, porque faz parte de toda nossa infância e de nossa adolescência.

É preciso, assim, combater os episódios diários de homofobia e “bullying” para que esses quadros de estresse, de depressão, ansiedade, abuso de álcool e outras drogas, como citamos anteriormente, não mais façam parte de nossas experiências de vida enquanto homens gays ou pertencentes a outros grupos minorizados. Somatizamos, sim, esses momentos passados em nossas vidas atuais, e é mais do que necessário atentarmos a essas questões às vezes tidas como “pequenas”.

Afinal, temos percebido que o próprio fato de “sair do armário” não é garantia de se viver sem privações – existem múltiplas situações em que nem sempre nos sentimos confortáveis em revelar nossos pertencimentos às identidades gays. E é justamente disso que trata a seção seguinte.

Ilusão de “saída do armário”

O debate sobre o que é o armário na constituição de nossas sexualidades é extenso. Certa vez, na ocasião de um evento acadêmico em que ia apresentar uma parte desta pesquisa, fui questionado sobre a validade de se utilizar ainda o termo “armário”, sendo que, na visão do questionador, tratava-se de um termo potencialmente obsoleto para as novas gerações. Segundo o pesquisador, a

juventude lidava com esse assunto de forma mais “natural” do que nós, nascidos nos século passado. Parte disso pode ser verdade, mas provaremos a seguir que o termo ainda é pertinente, pois as discussões que partem dele são mais densas do que simplesmente dizermos “fulano é/está no/fora do armário”.

Sedgwick (1990) se tornou célebre ao discorrer sobre esse lugar do armário que ocupamos e ao compreendê-lo como uma constante dinâmica de segredo e revelação. O que acontece, de fato, é que existe um pensamento promissor acompanhado da “saída do armário”. Esse pensamento é propiciador de uma sensação talvez indescritível de se tornar visível, ou de clamar para si algo a que sempre se almejou. No entanto, no decorrer de pesquisas recentes, tem-se notado que, apesar de vivermos em ambientes cada vez mais diversos e, teoricamente, mais abertos às discussões acerca das sexualidades, não temos garantido vidas saudáveis a comunidades historicamente minorizadas.

Bom, não se trata, ainda assim, de *não* se defender a “saída do armário”. Nossa visão é a de que se trata, sim, de algo necessário, sobretudo para aqueles que entendem o ato como algo político. No país onde mais se mata a população LGBTQ+, e cujo presidente já manifestou abertamente sua homofobia e efeminofobia[18], parece que ainda estamos nesse estágio de se provar uma “normalidade”, buscando o triste teor da “aceitação”. O fato a que talvez ainda não nos tenhamos atentado, segundo Halperin (1995, p. 30) é o de que “to come out is precisely to expose oneself to a different set of dangers and constraints” (tradução nossa: sair do armário é precisamente se expor a um diferente conjunto de perigos e constragimentos)**.** Por esse motivo, somos levados a imaginar uma vida “fora”, mas nos esquecemos que estar “fora” requer diferentes tipos de preparos, de armaduras para as quais não existe um manual de uso.

Outro fator a ser destacado é a questão do poder. “Sair do armário” pode representar, como havíamos dito, uma sensação de visibilidade e, mais importante, de liberdade. Liberdade de se poder clamar ou escolher para si uma identificação com algo que já existe no nosso mundo de significações. No entanto, sabemos por Foucault e por Halperin (1995, p. 17, itálicos do autor) que a liberdade não está “ free *from* power – it is not a privileged zone outside power, unconstrained by

---

[18] Miskolci (2011, p. 48) defende a ideia de que, além da homofobia em si, a fobia maior estaria, na verdade, centrada nas feminilidades, ou no efeminamento, como o rechaço aos “traços antigênero feminino” e misóginos.

power – but a potentiality internal to power, even an effect of power" (Tradução nossa: livre *do* poder – não é uma zona privilegiada fora do poder, não constrangida pelo poder – mas uma potencialidade interna ao poder, ou mesmo um efeito do poder). Por esse motivo, a "saída" não implica igualmente sair da opressão do discurso homofóbico, por exemplo, mas se submeter a uma nova potencialidade do poder, o que basicamente temos tratado aqui como o pós-armário e seus efeitos na experiência de vida gay.

O termo "ilusão" é colocado no subtítulo pois nos remete a uma *confissão decepcionante* sobre uma projeção de vida cheia de esperanças, de "evoluções", de satisfações, como se todos os problemas vividos até o momento de ruptura das portas do armário, um divisor de águas na vida de muitos, se desvanecessem. BR2 explica esse sentimento da seguinte forma:

> A olho nu, o grande problema dos gays é sair do armário, né, porque a partir do momento que você foi lá, se impôs, né, enfrentou a sociedade e saiu do armário, é como se a sua vida já estivesse resolvida e você resolveu o grande problema da sua vida. Só que isso é uma grande ilusão.

Sedgwick (1990) escrevia no século passado que o armário era a estrutura opressora determinante da experiência de vida gay. Até que ponto isso não se aplicaria ainda aos dias atuais?

Avançando um pouco mais na discussão, seguimos para a afirmação de BR1, para quem "a vida vai sempre tentando te aprisionar dentro de novos armários". Isso quer dizer que, na verdade, não existe um único momento em que não tenhamos que nos vigiar, nos policiar para não nos aprisionarmos em novos armários, como afirma o narrador. "To come out does not end anyone's relation to the closet" (tradução nossa: sair do armário não finda a relação de alguém com o armário), afirma Sedgwick (1990, p. 81). O processo não se finda porque, para EUA3, existe ainda um caminho a se cumprir: "coming out of the closet isn't the end of our journey to loving ourselves" (tradução nossa: sair do armário não é o fim da jornada para amarmos a nós mesmos).

Haveria uma resposta para como lidar com essa infindável relação com o armário? Ríos (2007, p. 77, negritos nossos) propõe uma discussão interessante:

> "**salir de *closet***" (cuya lógica necesitaría de algún modo reproducir permanentemente el *closet* para estar afuera de éste) **encierra una demanda de transparencia de la sexualidad** que conlleva el peligro de no erradicar la sujeción que subjetiva el sujeto gay o lesbiano, ya que el reconocimiento de esa subjetividad se hace a través de **la ilusión de la plena conciencia de la identidad sexual liberada** de la opacidad del inconsciente.
>
> (Tradução nossa:
> "**sair do *armário***" (cuja lógica necessitaria, de algum modo, reproduzir permanentemente o *armário* para estar fora dele) **encerra uma demanda de transparência da sexualidade** que implica o perigo de não erradicar a sujeição que subjetiva o sujeito gay ou lésbico, uma vez que o reconhecimento dessa subjetividade se dá através da **ilusão da plena consciência da identidade sexual liberada** da opacidade do inconsciente.

Notadamente, estamos diante de um certo impasse, para o qual não há solução. É necessário saber reconhecer a série de demandas a que as (in)visibilidades nos submetem. Essa nova sujeição que a "saída do armário" nos coloca, bem apontada pelo autor, nos submete a uma nova demanda pela transparência, por uma identidade sexual que se vê liberada, "fora" do inconsciente, migrada para uma lucidez plena.

Agora liberados, nos inserimos em uma série de demandas identitárias que são também mercadológicas. Por isso a ilusão de uma libertação – o que ocorre, na verdade, é a inserção do sujeito em novos modelos de sujeição. Tais modelos são históricos e ensejam práticas sociais vindas de demandas ideologicamente situadas. "Sair do armário" hoje, como bem apontam os narradores do *corpus*, coloca em evidência algumas particularidades, como aponta Miskolci (2011, p. 50):

> Se nos anos 1970 "sair do armário" parecia necessário para combater a vergonha e construir o movimento homossexual, na década seguinte, afirmar a existência de uma identidade gay foi importante para a demanda por políticas estatais. A partir da década de 1990, no entanto, estas duas formas da política sexual do passado começaram a mostrar suas armadilhas. Sair do armário se revelou não uma escolha, antes um privilégio daqueles/as que têm condições materiais e simbólicas para isso. Também ficou perceptível que assumir uma identidade sexual socialmente rechaçada não traz apenas vantagens, muito menos para pessoas em contextos morais rígidos e violentos.

Se "sair do armário" foi, e ainda hoje o é para muitos, um privilégio, agora temos um novo privilégio: o de debater sobre o que se segue, ou o que temos chamado de

pós-armário. E de fato, as vantagens e desvantagens dessas vidas “fora” dele são distintas, variam de acordo com contextos morais, como vimos acima.

Desidentificações com a cultura gay

Primeiramente, devemos esclarecer que nossa noção de cultura gay é a de Halperin (2012, p. 135, itálicos do autor), para quem a cultura se refere a práticas, e não a pessoas. Isso quer dizer ainda que sua noção de cultura gay se refere a “*genres of discourse* and to *genres of social interaction*, not to individuals or populations” (tradução nossa: *gêneros do discurso* e a *gêneros de interações sociais*, não a indivíduos e populações). Em outras palavras, por mais que saibamos da existência de manifestações culturais tidas como inerentes a pessoas gays, não podemos ignorar o fato de que a maioria delas, por exemplo, não são criadas ou produzidas por pessoas gays, senão por heterossexuais. O que nós homens gays (mas não exclusivamente) fazemos é reler essas produções culturais e nos apropriarmos delas.

De acordo com essa visão, haveria então um conjunto regular de práticas e de características inerentes à cultura gay. Se os homens gays são pessoas distintas, particulares, individuais; a cultura gay, pelo contrário, apresentaria uma constância, uma uniformidade. “Gay cultural practices have a consistency and a regularity that gay people as a group do not have” (op. cit., p. 134) (tradução nossa: práticas culturais gays têm uma consistência e uma regularidade que as pessoas gays enquanto grupo não têm). Assim, quando nomeamos a categorias *desidentificações com a cultura gay*, nos referimos a um conjunto de práticas que, de alguma forma, foram tomadas consistentemente pelas pessoas gays e que são criticadas por nossos narradores em suas narrativas de vida.

> É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter **acesso á sua própria inteligibilidade** (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 1988, p. 145-146, grifos nossos)

De acordo com essa noção de Foucault, nossa inteligibilidade, a noção de si, passaria inevitavelmente pelo dispositivo da sexualidade. Isso implica dizer que faz sentido falarmos de uma certa estabilidade em um conjunto de práticas sociodiscursivas atreladas à cultura gay, como defende Halperin.

Em relação a essas práticas, o site Buzzfeed, tanto na versão estadunidense[19] como na brasileira[20], publicou uma série de tuítes relacionados à cultura gay. Em Inglês, estava sob o seguinte título: “23 things people might not know are 100% gay culture” (tradução nossa: 23 coisas que as pessoas não devem saber que são 100% cultura gay). Em Português, o título escolhido foi: “30 coisas que definem perfeitamente o que é cultura gay”. Entre os tuítes da versão brasileira, destacamos os seguintes: “Gay culture é entrar no elevador e esquecer de apertar o andar pq ficou se olhando no espelho”, “Gay culture é chamar outras gays de senhora”, “gay culture é vc andar com seu amigo e as pessoas achar q ele é seu namorado”, “gay culture é ir no banheiro com vários mictórios vazios e pegar uma fila enorme pra ir no vaso”, “gay culture é ir até o face de uma gay que mora do outro lado do universo e ver q vcs tem amigos em comum”. Já no site estadunidense, destacamos outros: “gay culture is helping clean up the dinner table after fam dinner with your mom & aunts while all your uncles sit around on their asses doing absolutely nothing” (tradução nossa: cultura gay é ajudar a limpar a mesa após o jantar da família com sua mãe & tias enquanto seus tios ficam sentados sem fazer absolutamente nada), “gay culture is putting your phone face down on the table at every family event” (tradução nossa: cultura gay é colocar seu celular virado para baixo em todos os eventos de família), “gay culture is knowing exactly what ‘can I ask u something’ means” (tradução nossa: cultura gay é saber exatamente o que significa ‘posso te perguntar uma coisa’), “gay culture is always choosing the female characters in video games” (tradução nossa: cultura gay é sempre escolher as personagens femininas nos vídeo-games).

De fato, percebemos que tudo isso que é apontado como cultura gay se trata sobretudo de práticas, de hábitos comuns a um grupo que, particularmente, tem

---

[19] Disponível em: https://www.buzzfeed.com/jonmichaelpoff/gay-culture?utm_source=dynamic&utm_campaign=bffbbuzzfeedlgbt&ref=bffbbuzzfeedlgbt. Acesso em: 14 dez. 2018.

[20] Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/victornascimento/coisas-o-que-e-cultura-gay-culture-poc. Acesso em: 23 jul. 2020.

suas individualidades mas que se unem, digamos assim, por compartilharem das mesmas dinâmicas sociais com a família, amigos e no lazer. Entretanto, nem tudo é leve e engraçado como as postagens que vimos acima. O que nossos narradores denunciam sobre a cultura gay possui um teor de insatisfação com algumas práticas sociais mal vistas por eles.

EUA1, por exemplo, afirma que a comunidade de homens gays é separatista. Além disso, afirma: "by separating ourselves, even if it's just based off of a look, we're making ourselves into subgroups and subcategories that just kind of break up what I think should be a brotherhood" (tradução nossa: ao nos separarmos, ainda que seja apenas baseado em aparências, estamos nos separando em subgrupos e subcategorias que meio que quebram o que eu acredito que deveria ser uma irmandade). Sua insatisfação com esse caráter separatista que, segundo ele, é baseado em aparências, é evidente e mostra que os conflitos na própria comunidade existem e não precisam ser aceitos. O mesmo narrador ainda menciona outra questão:

> The last think I want to just get off my chest and talk about is **something that I think is only really in the gay universe**, and that's the fact that we're all so connected and everyone is a possibility, and our exes can date each other, and we can end up, you know, having a friend that becomes a boyfriend that becomes an ex, and then that person goes on to date someone who used to be our friend who we also hooked up with! Then, they become exes! It's just so intertwined in an almost awesome way but also, like, really disgusting way that we can't avoid.
>
> (Tradução nossa:
> A última coisa sobre a qual quero desabafar é **algo que eu acho que só existe no universo gay**, que é o fato de estarmos tão conectados, e todos são uma possiblidade. Nossos ex podem namorar uns ao outros, e podemos acabar tendo um amigo que vira namorado e depois um ex, e então essa mesma pessoa pode namorar alguém que era nosso amigo, com quem já transamos! Então eles se tornam ex! Fica tudo tão interligado de uma forma quase incrível mas também, tipo, muito nojenta, e não podemos evitar isso.

O fato de estarmos muito conectados, ou seja, de nos conhecermos e termos amigos que podem se tornar namorados, e depois um ex que vira amigo do seu amigo, etc., revela algo que é característico do "universo gay" na visão de EUA1. Podemos traçar um paralelo aqui com a postagem do site Buzzfeed, mencionado acima, em que uma das definições da cultura gay era: "ir até o face de

uma gay que mora do outro lado do universo e ver q vcs tem amigos em comum". Tal característica da cultura gay não é interessante para EUA1, pois, segundo consta, ele vê tudo isso de uma forma um pouco nojenta. Isso tem a ver com as "novas" formas de vida, algo peculiar nas homossexualidades segundo Foucault[21].

Outra inquietação relativa à cultura gay vem de EUA2, que afirma: "many people will assume that if I'm friends with another guy, I am in their pants" (tradução nossa: muitas pessoas irão supor que se eu sou amigo de outro cara, nós transamos). Algo semelhante é reportado em um dos tuítes do site Buzzfeed: "gay culture é vc andar com seu amigo e as pessoas achar q ele é seu namorado". Foucault (1997) trata brevemente dessa questão em uma entrevista. Na ocasião, ele menciona que os modos de vida devem ser questionados, pensados fora de formas institucionais, o que faria parte, segundo o filósofo, do próprio modo de vida gay – buscar definir e atualizar experiências de vida que façam sentido para nós mesmos.

Por fim, vejamos como BR2 aborda o tema da desidentificação:

> E aí você chega, e aí você sai do armário e chega no lugar que é a comunidade gay, que é a boate gay. Daí você entra, tem um monte de *gogo boy*, tá tocando *house* tribal, as pessoas estão suadas, sem camisas, né, completamente malucas, daí você fala assim: 'nossa, essa é minha comunidade? Essa é a minha galera? Eu acho que eu vou voltar pro armário então, porque, pô, eu não sei se eu sou essa pessoa daqui.

Para esse narrador, a desidentificação vem a um alto custo. Depois do penoso trabalho de "sair do armário", a inserção na comunidade de homens gays pode ser um processo também penoso. Se viemos de um trajeto de desidentificações, como aponta Halperin (2012), antes de "sairmos do armário", parece que esse caminho não deve necessariamente acabar no "pós-armário". O mesmo narrador ainda menciona, em outro momento da narrativa, a falta de "sororidade" entre nós, membros da comunidade de homens gays, assim como o fez EUA1.

Tudo isso parece se tratar do intraestresse de minoria ("intraminority stress"), conforme Pachankis (2020). Encerramos essa seção com parte da entrevista

---

[21] Vide Foucault (1997).

concedida pelo pesquisador ao site “Them.[22]”, em que discorre sobre alguns resultados da sua pesquisa.

> The stressors we heard in interviews and then studied nationwide could be classified into four types. One was stress related to perceiving that the gay community is overly **focused on sex** at the expense of long-term relationships or friendships. The second was that the gay community is overly focused on status-related concerns, things like **masculinity**, attractiveness, and wealth. The third was related to perceptions that the gay community is overly **competitive**, that it upholds this kind of shade culture and general social competition. The fourth was that the gay community is **exclusionary of diversity**, including racial-ethnic diversity and age-diversity, and discriminatory towards gay men with HIV.
>
> (Tradução nossa:
> Os fatores de estresse que ouvimos nas entrevistas e depois estudamos por todo o país poderiam ser classificados em quatro tipos. Um era o estresse relacionado à percepção da comunidade gay enquanto demasiadamente **focada em sexo** em detrimento de relacionamentos de longa duração ou amizades. O segundo tipo era que a comunidade gay é muito focada em preocupações relacionadas a status, coisas como **masculinidade**, atratividade e riqueza. O terceiro estava relacionado a percepções de que a comunidade é muito **competitiva**, e que isso sustenta um tipo de cultura do veneno e de competição social geral. O quarto era que a comunidade gay é **excludente em diversidade**, incluindo diversidade étnico-racial e geracional, além de discriminatória em relação a homens gays com HIV.

Bom, depois de tudo o que já temos lido e debatido até o momento, fica evidente que os mesmos problemas retratados na pesquisa parecem se repetir nas narrativas nos dois contextos socioculturais (estadunidense e brasileiro). Todos os fatores de estresse apontados retratam o pós-armário, ou seja, estão diretamente relacionados a percepções de homens gays sobre suas experiências de vida agora “dentro” de sua comunidade.

---

[22] Disponível em: https://www.them.us/story/gay-bi-racism-looks-grindr-anxiety-depression?utm_source=facebook&utm_brand=them&utm_medium=social&utm_social-type=owned. Acesso em: 20 jul. 2020.

Sentimento de solidão

A solidão faz parte do título do artigo publicado pelo “Huffington Post”, “The Epidemics of Gay Loneliness”. A essa altura, já podemos assegurar que a solidão viria como o resultado de um conjunto de experiências e percepções negativas. Todas as categorias abordadas até aqui mostram que essas negatividades se somatizam, e talvez a solidão seria então um dos resultados de tudo isso.

EUA3, por exemplo, nos explica que, por causa do “bullying” sofrido no período escolar, ele passou de um estágio de completa integração social com seus colegas a um estágio em que se sentia “ostracised and immediately feeling on the outside of everyone else” (tradução nossa: banido e imediatamente excluído de todos). Para o narrador, essa experiência foi importante, pois o fez perceber que a prática de intimidação pode constranger sua agência.

Já pra EUA4, não ter com quem conversar foi o que mais o marginalizou, excluiu de uma integração social: “in high school I had no one to talk to. I didn’t talk to my mom about it, my dad wasn’t even in the picture […].” (tradução nossa: no ensino médio, eu não tinha com quem conversar. Eu não falava com minha mãe sobre isso, meu pai nem era presente). O mesmo narrador, em outro trecho, resume o porquê de haver uma batalha (“struggle”) por ser gay: “the struggle of being gay is we feel like we’re alone” (tradução nossa: a batalha por ser gay é que nós nos sentimos sozinhos).

Estando no armário, cria-se, para BR3, uma “grande barreira”: “A gente acaba filtrando pessoas, é…porque a gente não sabe em quem confiar e tudo mais.” De forma complementar, BR4 afirma haver um desconforto por se ter que avaliar contextos sociais em que se pode ou não “ser mais você mesmo” ou não: “existe sempre, sempre um desconforto, quase como se fosse um zumbido”. Essa constante avaliação acontece, inclusive, no “pós-armário” – é preciso estar atento a atenção do outro, como afirma Halperin (2012, p. 410): "Gay people may now come out of the closet, but they get ahead in the world only if they make sure that their non-standard identities do not obtrude flamboyantly on the consciousness of straight people” (tradução nossa: As pessoas gays até podem agora sair do armário, mas elas se mostram para o mundo apenas se se certificarem de que suas identidades não hegemônicas não obstruam ostensivamente a consciência das

pessoas heterossexuais). Em outras palavras, há uma necessidade de fazer sua "saída" sem muita perturbação, garantir que ela não atrapalhe tanto a ordem social vigente.

O que fazer, então, com essa solidão? BR2 aponta uma possível solução:

> É o que vem após a saída do armário, é como a gente consegue viver em uma comunidade gay com mais respeito, com mais tolerância entre nós mesmos. E a gente não tá aqui pra ser triste. A gente tá aqui pra ser feliz, porque essa vida é uma só e a gente vai vencer, porra!

Basicamente, ele está tratando daquilo que Pachankis apontou em sua entrevista ao site "Them.". O fato de termos uma comunidade excludente em diversidade não contribui para que esse sentimento de solidão apontado pelos narradores seja solucionado, ou mesmo *encarado*. Se não queremos lidar com o diferente, como vamos nos permitir uma invasão do outro que precisa de ajuda?

Um dos entrevistados por Michael Hobbes, autor do artigo do "Huffington Post", descreve como lidou com a solidão.

> "The drugs were a combination of boredom and loneliness," he says. "I used to come home from work exhausted on a Friday night and it's like, 'Now what?' So I would dial out to get some meth delivered and check the Internet to see if there were any parties happening. It was either that or watch a movie by myself.
>
> (Tradução nossa:
> "As drogas eram uma combinação de tédio com solidão", ele diz. Eu costumava chegar em casa do trabalho exausto em uma sexta à noite, e era tipo "E agora?". Então, eu ligava para que me entregassem metanfetamina e olhava na Internet se tinha festa acontecendo. Era isso ou assistir a um filme sozinho.

Jeremy, nome fictício desse narrador, que não faz parte do nosso *corpus*, aponta o uso de drogas como um resultado de uma combinação entre tédio e solidão. O uso abusivo de álcool e outras drogas é apontado por McCabe *et al.* (2009) como algo comum a grupos sexualmente minorizados ("sexual minority groups"), pelo menos nos Estados Unidos.

Michael Hobbes ainda cita outros tristes exemplos de pessoas próximas que tiveram tristes experiências:

> Jeremy is not my only gay friend who's struggling. There's Malcolm, who barely leaves the house except for work because his anxiety is so bad. There's Jared, whose depression and body dysmorphia have steadily shrunk his social life down to me, the gym and Internet hookups. And there was Christian, the second guy I ever kissed, who killed himself at 32, two weeks after his boyfriend broke up with him. Christian went to a party store, rented a helium tank, started inhaling it, then texted his ex and told him to come over, to make sure he'd find the body.
>
> (Tradução nossa:
> Jeremy não é meu único amigo gay que está sofrendo. Tem o Malcom, que quase não sai de casa a não ser para trabalhar, porque sua ansiedade é muito ruim. Tem o Jared, cuja depressão e dismorfia de corpo encolheram sua vida social que agora se resume a mim, à academia e às transas da Internet. E tinha o Christian, o segundo cara que beijei na vida, que se matou aos 32 anos, duas semanas depois que seu namorado terminou com ele. Christian foi a uma loja de festas, alugou um tanque de gás hélio, começou a inalá-lo e então mandou mensagem pro seu ex, chamando-o pra sua casa para ter certeza de que acharia seu corpo.

Tudo isso não nos ressoa estranho mais: já nos familiarizamos com alguns relatos dos nossos narradores, cujos fins de vida não foram tão tristes como os de Christian, por exemplo, mas se assemelham às problemáticas de exclusão, masculinidade como atratividade e foco excessivo no sexo, como aponta Pachankis (2020).

Similarmente, Wilson e Cariola (2019), ao estudarem a população LGBTQI+, constataram características semelhantes aos estudos de Pachankis, que focou apenas em homens que fazem sexo com homens. As pesquisadoras cobriram um período de 10 anos em pesquisas publicadas em Língua Inglesa sobre a saúde mental da população LGBTQI+ no campo da Psicologia.

Um dos cinco temas-chave encontrados pelas pesquisadores foram justamente "isolamento, rejeição, fobia, necessidade de apoio" e "marginalização". Elas explicam que em ambos percebeu-se o recurso à Internet como apoio às questões sofridas pela comunidade. Rejeição da família e falta de apoio nas escolas foram também fatores incluídos nesses temas, sendo que vieses de sexo e etnia podiam agravar ou abrandar os casos estudados.

Dito isso, não desejamos que fique um substrato de desesperança em que lê e reflete conosco sobre tudo o que abordamos até aqui. Na entrevista ao site "Them.", Pachankis deixa uma mensagem final positiva:

> […] I was comfortable proceeding with the studies because I knew they could potentially be a call for action within the gay community, to increase its embrace of what have historically been its most remarkable attributes — its ability to support each other in the faces of government neglect, to think creatively about how to form friendships and partnerships, and ultimately how to courageously look within and form a community that LGBTQ+ people can be proud of.
>
> (Tradução nossa:
> […] Eu me senti confortável em prosseguir com os estudos porque eu sabia que eles poderiam potencialmente ser uma chamada à ação, na comunidade gay, para aumentarem sua abrangência do que historicamente foi atribuído a ela como o atributo mais destacável – sua habilidade em apoiar um ao outro nas condições de negligência governamental, pensar criativamente sobre como formar amizades e parcerias, e finalmente como olhar corajosamente para dentro da comunidade e formar uma comunidade de que pessoas LGBTQ+ possam se orgulhar.

Fica evidente, assim, a necessidade de se pensar a solidão como um triste resultado de uma adesão a formas de vida que, na verdade, não fizeram e não fazem muito por nós mesmos, membros da comunidade LGBTQ+. Qual o preço de se adequar às normalidades, de se apagarem as "identidades" a favor de uma sociedade que já tem seu prestígio e privilégios garantidos, enquanto aqueles que são próximos a nós sofrem de problemas que lhes pesaram as almas por tanto tempo?

Cabem ainda algumas reflexões finais a respeito do tema da amizade. Talvez como uma possível solução para esse *sentimento de solidão*, a amizade e as relações sociais como as conhecemos podem ser repensadas. Concernindo especificamente as relações entre homens gays, Halperin (2000) descreve o seguinte:

> Sexual love, at least as it is viewed within the cultural horizons of the male world, is all about penetration and therefore all about position, superiority and inferiority, rank and status, gender and difference. F**riendship, by contrast, is all about sameness: sameness of rank and status, sameness of sentiment, sameness of identity**. It is this very emphasis on identity, similarity, and mutuality that distances the friendship tradition, in its original social and discursive context, from the world of sexual love. So why include it here, in a genealogy of male homosexuality? Because **the friendship tradition provided socially empowered men with an established discursive venue in which to express, without social reproach, sentiments of passionate and mutual love for one another**, and such passionate, mutual love between persons of the same sex is an important component of what we now call homosexuality. (HALPERIN, 2000, p. 101)

> (Tradução nossa:
> O amor sexual, ao menos como é visto nos horizontes culturais do mundo masculino, só envolve penetração e, portanto, posicionamento, superioridade e inferioridade, posto e status, gênero e diferença. **A amizade, por sua vez, só envolve equidade: de posto e status, de sentimento, de identidade**. É justamente essa ênfase na identidade, similaridade e mutualidade que distancia a tradição da amizade, em seu contexto social e discursivo original, do mundo do amor sexual. Então por que inclui-la aqui na genealogia da homossexualidade masculina? Porque **a tradição da amizade proporcionou aos homens socialmente empoderados um lugar discursivo consagrado onde expressar, sem reprovação social, sentimentos de amor fervoroso e mútuo uns pelos outros**, e esse amor fervoroso e mútuo entre pessoas do mesmo sexo é um componente importante para o que nós agora chamamos de homossexualidade.

A proposta, de inspiração foucaultiana[23], nos remete ao questionamento sobre o valor da amizade em constraste com o valor do amor sexual como o conhecemos, sobretudo na subcultura gay. Ao contrário de operarmos em uma lógica de status de superioridade e inferioridade, tanto Halperin como Pachankis defendem a necessidade de pensarmos as relações sociais de forma mais criativa, recordando-nos de que é por meio desses laços de amizade – utilizados contra a negligência do governo na epidemia de AIDS, por exemplo, e na própria tradição de se formarem amizades anteriormente às relações amorosas – que se formam potencialidades de vivências menos dolorosas, solitárias, abusivas de substâncias tóxicas e excludentes entre si.

Algumas palavras conclusivas sobre as categorias

As categorias nos mostraram que o "pós-armário" é um contínuo e, por isso, deve ser entendido como um processo que carrega marcas de um passado vivido por sujeitos minorizados. Esse passado é recorrente nas categorias *lembrança do período escolar* e *episódios de bullying/homofobia*, em que os narradores, agora tomando a palavra em um estágio de aparente superação, percebem a dimensão e o peso que alguns acontecimentos em suas experiências de vida tiveram na constituição de seus atuais subjetividades.

Pensando em seus estágios atuais de homens reconhecidamente gays (por si e pelos outros), percebem que muitas vezes travam relações conflituosas com seus

---

[23] Esse debate aparece no texto *Friendship as a way of life*. Vide Foucault (1997).

corpos e com a própria *cultura gay*, com a qual, por vezes, se desidentificam. Por não se encontrarem representados em um grupo onde imaginavam sê-lo, alguns narradores se mostraram insatisfeitos e *sozinhos*. Outro conflito que também constitui as discursividades analisadas foi o de *papéis relativos às sexualidades*, ou seja, como deveriam se comportar baseados em ideais do senso comum de masculinidades, de feminilidades, de opressão e do que era esperado em relação a assunção de uma "identidade gay", de um estágio de "pós-armário". A partir desses dados vemos que a *avaliação social do outro* possui um grande valor, mesmo após "superado" um período penoso que é o de "dentro do armário".

A *ilusão de saída do armário* é, por isso, uma categoria importante, pois ela apresenta uma discussão algo recente acerca dos desafios (pouco conhecidos) a serem enfrentados em um período em que, em tese, não caberiam insatisfações, senão realizações. Entender os "armários da vida", como pontua BR1, é um estado constante, como se fossem armadilhas às quais sempre devemos estar atentos. É um questionamento que nos leva a uma certa *evolução de/em si*, lograda graças ao nosso constante exercício de avaliação e reavaliação da cultura hegemônica e dos padrões que ela nos impõe nos diferentes momentos de nossas vidas.

A categoria comum a todas as vídeo-narrativas confessionais é justamente a *necessidade de confessar*. Cada narrador se muniu de determinadas justificativas para publicar seus vídeos, sendo que a maioria estava embasada em uma presunção de que era preciso compartilhar algo com seus seguidores, ou era preciso desabafar sobre algo com eles. Tal necessidade está motivada, conforme vimos nos capítulos teóricos, por diversos fatores, como a cultura confessional que tem se desenvolvido desde os tempos mais antigos e agora assume outras nuances. Uma delas é a exposição das subjetividades com fins de monetização, hoje potencializadas pelas mídias sociais e, especificamente neste estudo, pelo YouTube.

Mais ou menos conscientes do público a quem direciona seus projetos de fala, nossos narradores, enquanto sujeitos psicossociais complexos, precisaram mobilizar *estratégias de identificação e de persuasão* para que não só fossem ouvidos, mas também credibilizados. Ter credibilidade para alguém que é socialmente estigmatizado pode significar uma oportunidade única de revelar – e de

buscar – algumas verdades sobre si, e isso, não raro, pode ser conseguido apenas em uma plataforma digital (como BR3, que saiu do armário primeiro no YouTube).

O embricamento das categorias nos evidenciaram a complexidade das relações sociais travadas pelos homens gays, de forma geral, que buscam, de certa forma, entender seus passados e melhorar suas vidas atuais. No exercício narrativo de autoavaliação, alguns dos temas trabalhados se misturavam e, se não apareciam nas narrativas de um narrador, apareciam nas de outros. Isso nos mostra que cada sujeito, ao tomar a palavra, encena e coloca à disposição em seu ato diferentes elementos que, para determinado momento, importam mais. Vejamos, então, a recorrência das categorias em todos os narradores (Quadro 6) e, em seguida, como cada categoria aparece em cada narrativa (Quadros 7-17).

Quadro 6 - Categorias e seus respectivos narradores

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Necessidade de confessar	x	x	x	x	x	x	x	x
Estratégia de identificação/ persuasão	x	x	x	x	x	x	x	x
Conflitos de estereótipos	x	x		x		x		x
O corpo gay em questão		x		x		x		
Lembrança do período escolar	x	x	x	x		x		
Avaliação social do outro*	x	x	x	x	x	x	x	x
A evolução de/em si	x		x	x	x	x	x	x
Episódios de homofobia/bullying			x	x		x	x	
Ilusão de “saída do armário”			x		x	x	x	x
Desidentificações com a cultura gay	x	x	x			x		
Sentimento de solidão			x	x		x	x	x

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 7 - Necessidade de confessar

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Necessidade de confessar	**1)** I decided to start calling these Wednesdays “Wisdom Wednesdays”, when I get to share my experience, my knowledge. **2)** The last thing I want to get off my chest.	**1)** I need to get something off my chest, and I’m feeling it right now: Things I hate about being gay! **2)** But right now, I just needed to get this off my chest and that is that. **3)** I guess I needed to say something, because today has been a day.	**1)** But it’s not our faults, and that’s what I think we need to…we need to share. **2)** “So, it’s important to share them [these feelings]. **3)** I encourage you, no matter who you are, or where you are, or what you are… gay, straight, whatever: share your story as well. **4)** This felt good, so thank you for allowing me the platform to share my thoughts and feelings on an issue that’s really near and dear to my heart	**1)** I feel like that’s the biggest issue with being in the closet, is that we feel like we have no one to talk to about it. I’m gonna sound crazy but if it wasn’t for therapy in my life personally I wouldn’t be here right now. **2)** I can’t have a lengthy conversation with each and every one of you, it’s just… it’s not possible. Sadly, it’s just not. That being said, I want to share something with you guys”. **3)** I guess I’m just here because I wanna share my personal experiences with you, wether it’s about my sexuality, about my life, my vlogs, my story times, whatever!	**1)** Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário. Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário. Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário.	**1)** Eu tô muito a fim de compartilhar esse texto com vocês, porque esse texto que eu li, papai, mudou a minha vida.	**1)** Foi um momento em que eu precisei verbalizar, soltar isso porque, sabe, não foi a primeira vez que fiquei assim, não foi a décima vez, foram várias vezes. Só que dessa vez eu fiz na frente da câmera, né? Finalmente eu consegui falar pra vocês. **2)** E, bom, hoje eu queria compartilhar com vocês como eu tô me sentindo. **3)** Eu só queria compartilhar um pouquinho melhor, de uma forma um pouquinho mais calma e clara com vocês como eu tô me sentindo pós eu ter feito um vídeo explosivo, tremendo quase naquele dia! **4)** Eu queria muito soltar isso, eu queria muito verbalizar isso, e finalmente deu no que deu dois dias atrás, né?	**1)** E às vezes cansa muito eu ter que me vestir, me maquiar e tá toda maravilhosa pra que alguém queira ouvir o que eu tenho a dizer

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 8 - Estratégia de identificação/persuasão

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Estratégia de identificação/ persuasão	1) I think that a lot of these problems are problems that exist in communities across the world, and aren't only, you know, really focused solely in the gay community.	**1)** So, we just finished pride month. There're so many amazing things about being gay! **2)** So, if you're a gay man you'll probably relate.	**1)** So, the other day I stumbled across this article that really, really resonated with me, and I just had to share. It's called *The Epidemic of Gay Loneliness*, and it was published by Huffington Post. **2)** As you may already know, I grew up in a small town in Indiana.	**1)** I know that so many people that follow me and so many people that are interacted with me go through this because I get so many DMs and so many messages. **2)** […] what I'm gonna talk about has a lot of impact on me as a person, and what I went through to get where I am now, and I'm sure a lot of you… **3)** […] I don't want you guys to forget that I am here and these are the videos that truly matter. These are the videos that I love to bring to you guys, because I love inspiring you and, you know, all that good stuff.	**1)** Por algum motivo, eu nunca tinha falado tão abertamente desse tema como eu to falando nesse vídeo. Na verdade, esse motivo não é à toa. Agora eu entendo isso e eu vou contar pra vocês mais pra frente nesse vídeo. **2)** Ao receber um e-mail do YouTube me convidando pra fazer esse vídeo, e aos ver os posts da parada gay de São Paulo que vocês colocaram no Instagram… tanta coisa legal, tanta coisa bonita! **3)** E isso pode ser muito esquisito pra algumas pessoas que pensam que, quando você é gay, você sai do armário apenas uma vez na sua vida. **4)** Isso pode acontecer também se você for mulher, você não precisa ser gay pra tá sempre dentro do armário.	**1)** […] esse texto que eu li, papai, mudou a minha vida. A minha vida e a vida de muitos amigos gays que eu tenho. **2)** Eu vi esse texto começando a ser compartilhado no Facebook e eu resolvi falar sobre ele porque ele está em inglês. **3)** […] e esse texto explica isso de uma maneira muito maravilhosa, e com dados, e estudos, e porcentagens que eu jamais seria capaz de calcular. **4)** Quantos amigos gays você tem que não tenham um quadro de ansiedade, que não tenham um quadro de depressão, ou que não estão usando drogas pesadas, virando fins de semana na balada?	**1)** E, gente, o que eu mais tenho recebido esses dias, depois que eu fiz o vídeo (saí do armário, explodindo, surtando) foram mensagens de pessoas que estão dentro do armário sofrendo. E não foram dez mensagens, não foram cem, foram muitas mensagens! **2)** Inclusive, gente, o que eu to pensando é gravar um vídeo compartilhando essas histórias que vocês me inviaram…	**1)** Esses dias, eu estava assistindo a um vídeo da Jout Jout, onde ela dá uma dica pra gente seguir o Instagram do Solimões, sabe? O cantor sertanejo. **2)** Ainda mais agora, chega o Natal, né, vai ter confraternização na sua família, ou você vai pra casa de algum amigo, ou você vai fazer seja lá o que for, você sente que ali as pessoas gostam de você.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 9 - Conflitos de estereótipos

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Conflitos de estereótipos	**1)** […] we have such a struggle with the idea of masculinity because it's juxtaposed against femininity.	**1)** […] masc versus fem is such bullshit. I literally cannot deal with this whole masc versus fem thing. **2)** In the gay community, being masc and femme…it just seems like you can't be both, ok? Some days, I wanna go to a baseball game, or a football game, and drink beer, like, I love beer! Even though it disagrees with my body! Some days I wanna kick it with my squirrel friends and watch RuPaul's drag race.	———	**1)** So, I get there, and we do our thing, whatever, and then the next day I remember waking up and bawling my eyes out, because I realised that I don't think I can like girls again, like, after what just happened. It was awesome, because it was, like, my first gay affectionate experience with another guy. Cool! At the same time it was horrible, because I hated myself even more!	———	**1)** Por serem homens oprimidos o tempo inteiro em relação a sua masculinidade, os gays têm os corpos mais esculturais, supersarados, e whey protein, e de uma vaidade. E se você não se encaixa nesse padrão, rejeição de novo!	———	**1)** E às vezes cansa muito eu ter que me vestir, me maquiar e tá toda maravilhosa pra que alguém queira ouvir o que eu tenho a dizer.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 - O corpo gay em questão

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
O corpo gay em questão	_____	**1)** I will never be a muscle queen. **2)** I hate working out. Do I work out? Of course, because I want to be healthy, but I don't do it to an excessive extent that defines me as a human being.	_____	1) I'm not wearing pants either, so…what else is new?	_____	**1)** Aí você vê a hipersexualização do corpo masculino no mundo gay, que é aquela história…Por serem homens oprimidos o tempo inteiro em relação a sua masculinidade, os gays têm os corpos mais esculturais, supersarados, e whey protein, e de uma vaidade.	_____	_____

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 11 - Lembrança do período escolar

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Lembrança do período escolar	**1**) […] we didn't go through junior high and high school like everyone else. We didn't get to date, and experiment, and experience all those things that our straight peers were doing. **2)** You know, we get to grow up and, again, everyone gets to do this at some point: go off to college, or move to another place and kinda change who you are.	**1)** This next one stems from my college years. Hanging out with tons of straight girls who clearly had never met a gay guy before. But they have this idea of the gay guy in their head. **2)** Back in college, I would hang out with these girls, and they'd meet me and they're like…	**1)** So, I came out pretty early, at age sixteen, after my freshman year of high school. **2)** One day I was leaving lunch, with a group of my friends, and just going about our business, just having a normal conversation, and just, like, leaving, like, mass high school lunch, so, like, half of the school is, like, walking down the hall at the same time and it's just a very, like…	**1)** […] all the shit we have to go through in high school, in middle school. **2)** […] let's just begin with middle school, because I think middle school is the time for everyone in life…correct me if I'm wrong! You just start comparing yourself to everyone, because that's when like…your hormones develop and that's when people are, like, starting to date people but not really. **3**) I had my first, real, true gay experience in boarding school. It was totally secret, and I don't even think this person is out… **4)** […] in high school I had no one to talk to. **5)** […] If i give you any words of advice on high school, do not take it seriously. I was hated in my high school.	———————	**1)** […] esse fenômeno pega muito pessoas que tem de 25 pra mais, sabe? Porque eu acredito que hoje a sociedade, os adolescentes já vivem num ambiente muito mais tolerante, né. Nas escolas são mais tolerantes com os gays…	———————	———————

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 12 - Avaliação social do outro

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Avaliação social do outro	**1)** […] we strive for this success, for this idea of perfection, of being better, because for so long we were told by not only by ourselves but our peers that we are not good enough. And the thing is, we are good enough!	**1)** Hanging out with tons of straight girls who clearly had never met a gay guy before. But they have this idea of the gay guy in their head". **2)** 'Oh my God, you're gay? Let's do shopping! Do you wanna paint my nails? Let's do my hair, you must be a hair stylist, clearly. Oh, you can pick me clothes up for me. Look at my boobs! Do my boobs look okay'? **3)** Next point: stereotyping gays as sluts. Now, I'm not saying that, um, it's not true. A lot of straight guys will talk to me like 'oh my God! Like, gays…gay men probably have sex all the time, because there's no one there to say 'no'. **4)** The very last thing I wanna talk about is…gays, gay friends. **Why is it that, if I have a gay friend, we are fucking?** And that is…does not just apply to straight people being, like, "Oh, you guys must be together." So many people will assume that if I'm friends with another guy, I am in their pants.	**1)** Hum, I also knew that, like, people…some people would be stupid, I mean, there was like a row of just straight, like, huge trucks that, like, parked in.	**1)** And then people are judging you, making fun of you, and bullying you, which makes it even harder!	**1)** Você simplesmente responde como se você tivesse namoradas, o que parece uma coisa tão simples mas que é tão dolorida pra gente, porque parece que a gente tá se anulando. Ou quando o professor pergunta pra levantar a mão quem é heterossexual. […] Ou quando uma menina se mostra interessada, numa festa, por você, e você não quer falar que você é gay pra não frustrar as pessoas.	**1)** Você cresce e amadurece na adolescência vítima de um estresse absurdo porque você precisa o tempo inteiro se provar muito mais do que uma criança e um adolescente hétero, não é verdade?	**1)** A gente viver uma vida dentro do armário pra satisfazer os ideais de outras pessoas…cara, não tem lógica disso.	**1)** […] ninguém gosta da gente a não ser que eles provem o contrário. 2**)** […] você se pega todos os dias da sua vida, em todos os momentos em que você socializa com alguém, tendo que provar que você é uma pessoa legal e aceitável. 3**)** E a gente já faz isso de uma maneira tão natural, já está tão dentro da gente, que a gente não se dá conta do tanto de energia que a gente gasta tentando convencer as pessoas de que a gente é normal, de que a gente é íntegro, comum.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 13 - A evolução de/em si

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
A evolução de/ em si	**1)** And we get to grow up and figure this out for ourselves through our jobs, through our friends, through our work, through working on ourselves, and eventually hopefully through ourselves. **2)** […] we can just kind of create this whole new identity that… someone from your childhood that you may be friends with knows about you, these new people don't. And that is going to kinda put you into a place where you can be whoever you want, but it might not be who you actually want to be.	_____	**1)** But the reality of the situation is that it affected me a lot! And… maybe that's why I haven't shared this story yet, because I still didn't wanted to…I still didn't wanted to, like, validate that and give that any weight in my life. But the secret truth it that it has…I have been pulling it along, and it's just been getting heavier and heavier. So, this is what this is, I guess. **2)** We're constantly…by having to accept ourselves and deal with this process of defining our sexuality, **understanding it, and then coming to terms with it […]**.	**1)** You know, at this point now obviously in my life, if someone asks me if I'm gay, I'm, like, "is the sky fucking blue?". And, it's just… it's crazy for me to think…not even six years ago, if someone asked me that question in the highway of my high school, or wherever at that time of my life, I would die inside! **2)** […] the only person who holds that power is you, and when you are empowered in yourself and empowered in your sexuality, people don't give a fuck!	**1)** É orientação sexual, não é opção sexual. Ninguém escolheu ser gay, ninguém escolheu ser hétero. Como seria mais fácil se eu tivesse sido hétero, mas infelizmente não aconteceu! **2)** Porque é um processo de…é um processo de evolução pra quando você é gay pra você se aceitar.	**1)** […] o quanto eu achava que com 22, com 23 anos, quando eu saí do armário, eu tinha resolvido tudo isso, e era "um gay bem resolvido". Não! A gente tem que enfrentar nossos medos, a gente tem que se questionar.	**1)** Então é uma coisa que eu vou evoluindo, vou me soltando ao longo do tempo, na…aí, no YouTube, e tudo mais. **2)** Gosto muito de K-POP, pra quem é novo no meu canal… também eu quero, sim, falar mais, abordar mais sobre a minha experiência de ser gay e todo esse processo, toda minha evolução,	**1)** Cria um canalzinho no YouTube pra desconstruir a sociedade, problematizar questões e trazer desafios e mostrar como é que a vida da gente é muito louca, e é isso aí! E o quanto isso também é desgastante, o quanto isso cansa! Ter que viver num mundo onde a gente precisa desconstruir os outros, a gente precisa picar as pessoas igual um *serial killer* e remontar tudo o que elas pensam sobre a gente."

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 14 - Episódios de homofobia/“bullying”

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Episódios de homofobia/ bullying	———	———	**1)** One day I was leaving lunch, with a group of my friends, and just going about our business, just having a normal conversation, and just, like, leaving, like, mass high school lunch, so, like, half of the school is, like, walking down the hall at the same time and it’s just a very, like…So, we were just carrying about our own conversation, just, like, having a blast, whatever, until piercing through everyone, comes “Hey, Ethan! Dicks are for chicks!” **2)** I think one of the biggest effects that that bullying situation had on me was that they took those things I love from me and they made them something else. **3)** There was a time when a group…a car drove by my house. We were setting up for my sister’s graduation party outside, and a group, a car drove by my house, and yelled like “Faggot!” and whatever. I was sitting outside with my family and… like, with my dad! And…I just…what do you say after that?	**1)** And then people are judging you, making fun of you, and bullying you, which makes it even harder! So, I’m gonna start with middle school, which was one of the worst fucking periods of my life… to this day! **2)** I was hated in my high school: I was bullied, I was made fun of, and I had no friends. I was, like, suspended multiple times, because I would just skip going to school, ‘cause I hated it that much! Partially ‘cause I was bullied so much and I was made fun of for being “gay, a fag,” whatever.	———	**1)** Quando você passa por uma situação de estresse, você enfrenta aquilo, mas depois parece que, no dia seguinte, você venceu aquela batalha e continua vivendo. Na vida de um gay, se acumula de uma maneira muito mais forte, porque faz parte de toda nossa infância e de nossa adolescência.	**1)** Até os homofóbicos… se vocês pararem pra refletir, cara, não faz sentido vocês terem ódio, repúdio, por pessoas que são gays! Não faz a mínima…o mínimo sentido, sabe?	———

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 15 - Ilusão de “saída do armário”

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Ilusão de “saída do armário”	_____	_____	**1)** […] you see the happy coming-out and everything is fine. But what you don’t see is how the process of coming out, and the complications that could occur, and very much do occur, on the daily basis, the impact that those have on gay people’s lives. **2**) I though I knew what to expect. I thought, I was like “okay, people will treat me differently, you know? I might get a little bit more of attention, because, like, I’m like that gay kid, and people, like, might want a gay BFF or something, and so I was like “ooh, like, who will be my friend now?” **3)** I knew the setting I was in, and I thought I was prepared for it. **4**) […] coming out of the closet isn’t the end of our journey to loving ourselves and to…to finding ourselves, to loving ourselves.	_____	**1)** E isso pode ser muito esquisito pra algumas pessoas que pensam que, quando você é gay, você sai do armário apenas uma vez na sua vida. **2)** E aí você vai percebendo que a vida vai sempre tentando te aprisionar dentro de novos armários.	**1)** A olho nu, o grande problema dos gays é sair do armário, né, porque a partir do momento que você foi lá, se impôs, né, enfrentou a sociedade e saiu do armário, é como se a sua vida já estivesse resolvida e você resolveu o grande problema da sua vida. Só que isso é uma grande ilusão. **2)** A gente traz a vivência do armário pra nossa vida real mesmo tendo saído do armário. **3)** […] e só agora, com 30 anos, que eu fui perceber o quanto eu minimizava isso, né, o quanto eu achava que com 22, com 23 anos, quando eu saí do armário, eu tinha resolvido tudo isso, e era “um gay bem resolvido.	**1)** E é por isso que eu não tô me sentindo, tipo, 100% livre. E até tá sendo meio contraditório porque continuo gravando vídeos sobre esse assunto, mas é porque eu quero ver a minha vida continuar e eu preciso ser egoísta comigo mesmo. **2)** Eu sei que ainda tem uma barreira, porque, né, ainda tem muita coisa pra eu desconstruir da minha parte.	**1)** Mas daí muita gente fala, tipo, “Ah, eles aceitam! Não, essa família é superdesconstruída e blá, blá, blá.” Mas, mano, o quão bizarro é a gente ser aceito, sabe? O quão bizarro é a gente ter que ser aceito? As pessoas falam assim: “não, eu aceito você. Você pode ser isso.” O ideal era que a gente não precisasse ser aceito, que a gente não precisasse passar por um filtro pra ser inserido e pra se sentir pertencente, pra sentir que as pessoas gostam da gente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 16 - Desidentificações com a cultura gay

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Desidentificações com a cultura gay	**1)** Now something else that I think that is a huge problem in the gay community is that we separate ourselves. We've got our, you know, jocks, and hunks, and twinks, and twonks, and otters, and bears, and lions, oh my! **2)** But the thing is, by separating ourselves, even if it's just based off of a look, we're making ourselves into subgroups and subcategories that just kind of break up what I think should be a brotherhood. And it's really just disheartening, because it's something that is truly perpetuating stereotypes that just aren't always true. **3)** we're all so connected and everyone is a possibility, and our exes can date each other, and we can end up, you know, having a friend that becomes a boyfriend that becomes an ex, and then that person goes on to date someone who used to be our friend who we also hooked up with! Then, they become exes! It's just so intertwined in an almost awesome way but also, like, really disgusting way that we can't avoid.	**1)** These societal norms, specifically with the gay community, is outrageous. **2)** Why is it that a community that thrives on individuality and being yourself has this standard of "I don't wanna deal with fat people, I don't wanna deal with fems, and I don't wanna deal with Asians", or…I think it's crazy! **3)** And that is… does not just apply to straight people being, like, "Oh, you guys must be together." So many people will assume that if I'm friends with another guy, I am in their pants.	**1)** We carry with ourselves this burden of "maybe I won't be accepted in that community", "maybe I won't be accepted in that group of people". We're constantly…by having to accept ourselves and deal with this process of defining our sexuality, understanding it, and then coming to terms with it, and labelling ourselves as that, and then feeling like…it's just all part of this process to…to fit in.	———	———	**1)** E aí você chega, e aí você sai do armário e chega no lugar que é a comunidade gay, que é a boate gay. Daí você entra, tem um monte de *gogo boy*, tá tocando *house* tribal, as pessoas estão suadas, sem camisas, né, completamente malucas, daí você fala assim: 'nossa, essa é minha comunidade? Essa é a minha galera? Eu acho que eu vou voltar pro armário então, porque, pô, eu não sei se eu sou essa pessoa daqui. **2)** Por serem homens oprimidos o tempo inteiro em relação a sua masculinidade, os gays têm os corpos mais esculturais, supersarados, e whey protein, e de uma vaidade. E se você não se encaixa nesse padrão, rejeição de novo! **3)** Tem uma coisa muito importante também, que eu acho que é o grande fechamento desse texto, que é sobre a falta de sororidade, um termo que é muito usado pelas feministas e pelas mulheres, porque é como se fosse uma irmandade, né. **4)** O que tem de bicha má por aí…meu amor, é uma coisa, assim, impressionante!	———	———

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 17 - Sentimento de solidão

Categoria	EUA1	EUA2	EUA3	EUA4	BR1	BR2	BR3	BR4
Sentimento de solidão	———	———	**1)** I just remember going from… blending in and feeling like one of my peers, to immediately being ostracised and immediately feeling on the outside of everyone else.	**1)** […] in high school I had no one to talk to. I didn't talk to my mom about it, my dad wasn't even in the picture, my siblings…I just, I had no one there. **2)** And I feel like that's the biggest issue with being in the closet, is that we feel like we have no one to talk to about it. **3)** Along with this whole story and, you know, the struggle of being gay is we feel like we're alone, and I'm telling you right now: you're not alone.	———	**1)** Eu acho que é sobre isso agora, sabe? É o que vem após a saída do armário, é como a gente consegue viver em uma comunidade gay com mais respeito, com mais tolerância entre nós mesmos. E a gente não tá aqui pra ser triste. A gente tá aqui pra ser feliz, porque essa vida é uma só e a gente vai vencer, porra!	**1)** […] eu já criei uma…uma grande barreira na minha vida porque é isso que a gente faz quando tá dentro do armário. A gente acaba filtrando pessoas, é… porque a gente não sabe em quem confiar e tudo mais.	**1)** Mas existe sempre, sempre um desconforto, quase como se fosse um zumbido, assim, no fundo, sabe? Aquele zumbido dentro da sua cabeça que às vezes você tem…que fica lá assim, ó…um desconforto, sabendo que, algo que é muito fundamental em você, algo que meio que define a sua existência, nunca vai se encaixar naquele contexto, sabe?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerações finais

O suporte teórico-metodológico em que nos apoiamos nos deu condições de procedermos com uma análise bem assentada nos preceitos trabalhados por pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento. Ao apresentarmos, estabelecermos e caracterizarmos o *corpus*, colocamos uma lupa de aumento sobre nosso problema e, ao enxergá-lo de forma aumentada, fomos capazes de mergulharmos em cada item da Grade de Análise de Imagens para que avaliássemos os diálogos dela com cada vídeo-narrativa.

A respeito delas, podemos dizer que, graças à transcrição livre e à leitura constante e cuidadosa desse rico material verbo-icônico, foi possível traçarmos categorias igualmente complexas, que requeriam a convocação de estudos transdisciplinares. Agora, munidos desse aparato teórico-metodológico, prosseguimos para as análises, de modo que tudo aquilo que já foi apresentado seja, de alguma forma, contemplado, em uma espécie de costura de conceitos, formando, por fim, uma tessitura cada vez mais repleta de camadas.

ANÁLISES

Considerações iniciais

Após nosso percurso teórico-metodológico, damos início às análises. Esclarecemos que, como critério de edição e a fim de evitar uma poluição do texto, uma das convenções adotadas por nós nessa seção foi o uso de aspas para os termos em inglês e itálicos para os termos em latim.

Adiante, apresentamos as análises seguindo a Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013). Nesse processo, procedemos da seguinte forma: as vídeo-narrativas confessionais são analisadas separadamente, de modo que ora tratamos de uma narrativa do Brasil, ora de uma dos Estados Unidos. Ao final, traçamos uma análise final e outra contrastiva de todos os dados.

A fim de conduzir a análise de forma mais didática, na seção de análise verbo-icônica, apresentaremos o título do vídeo como o título da subseção e, logo abaixo, algumas características da narrativa em questão, explanadas de forma introdutória. Em seguida, tendo como base os elementos da grade de imagens de Mendes (2013), mostramos como esses elementos aparecem e se manifestam em cada um dos vídeos.

Para discorrer a respeito das questões de gênero e sexualidade no decorrer das análises, utilizamos as teorias de Halperin (1995, 2012), Foucault (1981, 1988, 2011) e outros autores desse campo do conhecimento, relacionando o discurso verbal dos narradores às considerações daqueles pensadores.

Nosso objetivo é realizar uma análise contrastiva verbo-icônica entre os narradores dos Estados Unidos e Brasil, valendo-nos de elementos técnicos, discursivos e situacionais da linguagem. As transcrições de cada narrador são livres transcrições nossas, e podem ser encontradas na íntegra no Anexo.

A Análise Verbo-icônica

Como foi possível perceber, as categorias apresentadas são temas que combinam questões que são caras tanto aos narradores deste estudo, como aos pesquisadores dos estudos de gênero e sexualidade. Para que ela fossem consideradas categorias de análise de fato, era necessário que houvesse essa coincidência, que se provou fundamental para a análise que segue.

Agora, apoiados na Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013), nos interessa fazer dialogar as categorias trabalhadas acima com elementos técnicos e teóricos sobre o discurso verbal e não verbal. Dessa forma, quando nos referirmos a uma das onze categorias, o faremos destacando-as em itálicos. Assim, deixamos evidente a ligação entre as duas análises e, caso necessário, facilitamos a consulta à explicação de uma ou outra categoria.

Adiantamos, por fim, que os estudos foucaultianos percorrem igualmente a análise verbo-icônica, sobretudo nas considerações finais de cada vídeo-narrativa confessional. Esperamos, então, que todos esses elementos e teorias em que nos apoiamos não só façam sentido, mas contribuam para o pensamento crítico também de quem lê nossas considerações analíticas.

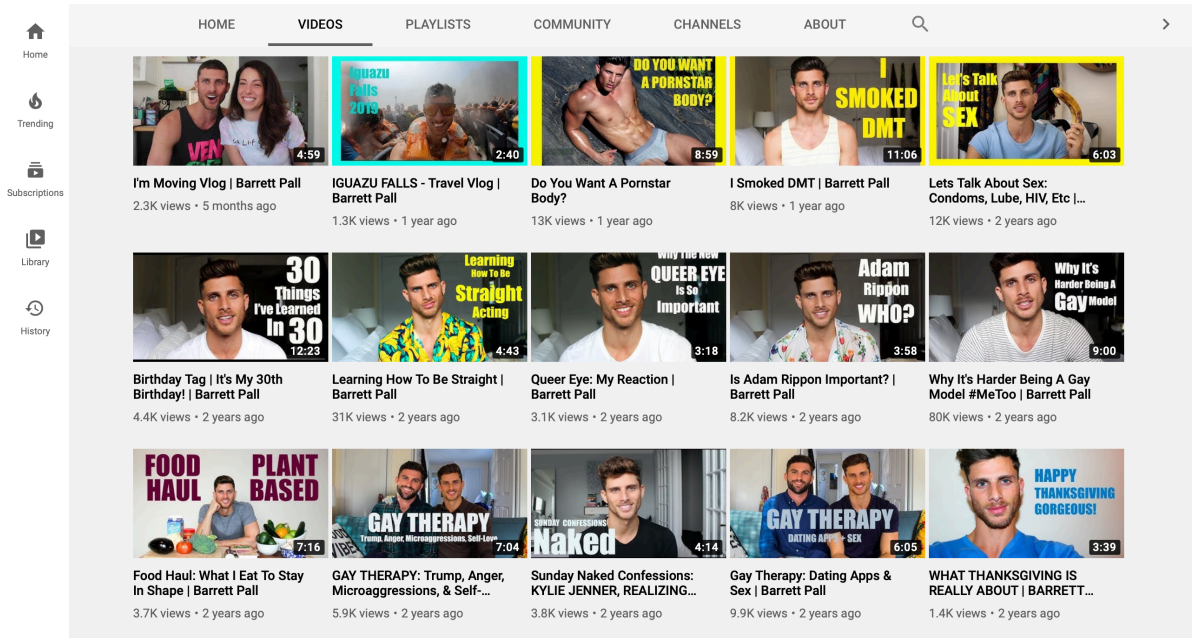
EUA1 – “The Biggest Problems in the Gay Community”

O primeiro vídeo a ser analisado, agora tendo como base a grade de análise de imagens proposta por Mendes (2013), é de origem estadunidense. Foi postado em 15 de junho de 2015 com o seguinte título: “The Biggest Problems in the Gay Community” (tradução nossa: Os Maiores Problemas na Comunidade Gay), por Barrett Pall. A partir deste ponto, o narrador estará representado por EUA1. À época da análise, o vídeo contava com 189.546 visualizações. Considerando a época da análise, o canal do narrador ainda está ativo: sua última postagem foi em 10 de abril de 2019. Nele, há vídeos cujos temas versam sobre questões na cultura gay, no geral, como vemos nos seguintes títulos: “Let’s Talk About Sex: Condoms, Lube, HIV, etc.”, “Queer Eye[24]: My Reaction”, “Learning How To Be Straight”, “My Gay

[24] Trata-se de uma série estadunidense, disponível na Netflix, em que cinco homens gays, os protagonistas, se propõem a “estilizar” a vida de um homem hétero nos campos da moda, alimentação, decoração e autoconhecimento.

Pride” (tradução nossa: Vamos Falar Sobre Sexo: Camisinhas, Lubrificante, HIV, etc., Queer Eye: Minha Reação, Aprendendo Como Ser Hétero, Meu Orgulho Gay). Além desses, há outros vídeos cujos temas estão relacionados ao objeto que será analisado, como “Food Haul: What I Eat To Stay In Shape”, “How To Work Out On Vacation”, “The Best Life Advice Ever” (tradução nossa: Trajeto da Comida: O Que Eu Como Para Ficar Em Forma, Como Malhar nas Férias, O Melhor Conselho de Vida).

Figura 6: Visão geral do canal de EUA1



Fonte: https://www.youtube.com/c/BarrettPall/videos. Acesso em: 19 jun. 2020.

A duração do vídeo é de 7m52s, sendo que existe nele uma linearidade dos problemas na comunidade gay que ele aborda. Tal linearidade é percebida porque, logo abaixo do vídeo, é possível ver um link[25] que nos direciona a uma postagem em seu blog pessoal. O título do texto no site é “The Top 10 Reasons Why The Gay Community Is So Competitive” (tradução nossa: As 10 Razões Por Que A Comunidade Gay É Tão Competitiva). A proposta do narrador é, portanto, explicitar no vídeo o que ele já havia escrito, por isso seu pensamento segue uma ordem pré-estabelecida pela escrita. Coincidentemente, ambas as postagens (no blog e do vídeo) datam do mesmo dia.

[25] O link para o blog pessoal do narrador é o seguinte: http://www.artisanandking.com/feeling/2015/6/17/the-top-10-reasons-why-the-gay-community-is-so-competitive

Em termos de cores, a única que se destaca mais por ter sido utilizada nos quadros é o amarelo. Guimarães (2004, p. 87) afirma que essa é a cor utilizada para a fixação de informações e, ainda que seu uso possa não ser totalmente consciente da parte do narrador, seu uso causa efeitos particulares na instância de recepção. Tais efeitos estão diretamente relacionados à cultura, que é, para o autor, um "sistema de códigos socialmente compartilhados". Por esse motivo, podemos apontar esse efeito como um efeito *possível* na instância de recepção. Além disso, em termos de cores, nada mais se destaca: o recurso ao branco e ao preto é constante. Veremos que, no vídeo analisado, há igualmente uma tendência a certa neutralidade.

Os sujeitos de discurso presentes nessa narrativa, assim como em todas as outras, são invariáveis, ou seja, teremos sempre, nos termos de Charaudeau (2008), um EUc (sujeito comunicante) se desdobrando em um EUe (sujeito enunciador). Nesse caso, o EUe é projetado por Barrett, o EUc, sujeito empírico, psicossocial, a quem temos acesso por meio da enunciação. Em relação à instância de recepção, temos um TUd (sujeito-destinatário) idealizado, possivelmente as pessoas que já estão inscritas no canal de Barrett, por exemplo, ou ainda aquelas que ele imagina que compartilham das mesmas inquietações acerca de uma vida enquanto homem gay em um contexto de pós-armário. O TUi (sujeito-interpretante), por sua vez, são aqueles que realmente assistiram ao vídeo.

Figura 7 - Sequência de quadros em EUA1



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao gênero, estamos diante de uma vídeo-narrativa confessional, como em todos os demais vídeos que seguirão, pois esse foi também nosso critério de seleção do *corpus*, conforme visto anteriormente. O eu-narrador, em termos de

Machado (2016, p. 121-122), “nunca é uno e sim construído por outras vozes ou fragmentos de vozes”. Portanto, a narrativa parte dele, mas está atravessada por outros discursos, sobre os quais falaremos mais adiante. De qualquer forma, trata-se de “acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo participou de uma forma ou de outra”. A vida, ou parte dela, incluindo pontos de vista acerca do tema do pós-armário, é contada pelo narrador, pois, para ele, é importante que saibamos do que lhe aconteceu e seu ponto de vista. EUA1, à propósito, decidiu dedicar as quartas-feiras a isso, o que ele chamou de “Wisdom Wednesdays” (tradução nossa: Quartas-feiras da sabedoria). Temos, assim, um dia dedicado às narrativas, que possuem um caráter factual: são acontecimentos e observações sobre o mundo que lhe moveram e motivaram a compartilhar sua vida e opinião conosco. A noção de real está também presente na imagem: o vemos em seu quarto, ao lado de sua cama (vide Figura 7). O narrador nos traz pro seu ambiente privado, em um cômodo igualmente bastante particular na casa, onde vai narrar parte de sua vida e discorrer sobre algumas problemáticas. Assim, os efeitos suscitados no espectador são efeitos de real, ou seja, de acontecimentos potencialmente passíveis de ocorrer, ou ainda, já ocorridos em sua vida.

É preciso mencionar ainda o caráter confessional da narrativa, assim como veremos nas demais, conforme descrevemos na categoria *necessidade de confessar*. Desde o início de sua gravação, parece partir do narrador uma necessidade de compartilhar conhecimentos adquiridos durante sua vida, como podemos constatar no seguinte trecho: “I decided to start calling these Wednesdays “Wisdom Wednesdays”, when I get to share my experience, my knowledge” (tradução nossa: Eu decidi começar a chamar essas Quartas-feiras de “Quartas-feiras da Sabedoria”, quando eu posso compartilhar minha experiência, meu conhecimento). Ele se propõe, assim, a desnudar certa verdade, à qual, em princípio, nem nós, enquanto público, temos acesso, nem ele enquanto sujeito.

As imagens capturadas por EUA1 são provavelmente provenientes de uma câmera digital que nos fornece imagens coloridas. O vídeo foi gravado na horizontal, sendo que, considerando a escala de planos, o utilizado foi o primeiro plano. A nomenclatura de planos tende a se modificar dependendo do autor; nos

ativemos, no entanto, às trazidas por Vergueiro (2012) atreladas à representação da Figura 4.

A escolha pelo primeiro plano se justificaria pelo caráter de proximidade que ele confere à gravação. Por meio dele é possível perceber as emoções do narrador, assim como isolar seu rosto e as variações nas expressões faciais acompanhados daquilo que ele diz. EUA1 quer nos trazer pra perto de si: de seu rosto, de seu quarto, de sua vida. Notemos que não há, então, uma variação no plano, visto que o narrador não move a câmera e pretende, assim, manter o mesmo tipo de relação com seu espectador durante todo o tempo.

O tom intimista conferido graças à utilização do primeiro plano acompanha a linguagem verbal usada pelo narrador. Ele inicia a gravação perguntando como estamos ("What's going on?", algo como "E aí?"), em um tom informal e jovial. Interpela-nos também no início ("Hey, guys!" […] "I want to talk to you guys about…", o que corresponderia a "Oi, pessoal!" […] "Eu quero falar com vocês sobre…") e nos convida, em alguns momentos, a perceber *suas* experiências e opiniões ("this is *my* experience, *my* opinions"). Toda essa abordagem inicial e convidativa podem ser percebidas como *estratégias de identificação/persuasão* voltadas a um público idealizado como jovem, assim como o narrador. Enfim, somos transportados, por alguns instantes, a suas intimidades de uma forma leve e próxima.

O plano do ângulo, de acordo com Vergueiro (2012), é o médio, pois a câmera está posicionada ao nível dos olhos do narrador. Novamente, é como se estivéssemos diante dele, escutando-o e vendo-o da forma mais "natural" possível. Ele se mostra à vontade e quer travar um "diálogo" sincero "de igual para igual". Veremos que outros narradores, no entanto, poderão fazer uso de outros planos para conferir diferentes efeitos e relações com seus espectadores.

Além disso, o narrador grava todo o vídeo sentado. A visão que ele nos oferece é da parte superior do seu torso, coberto por uma camisa social com listras azuis e brancas. Atrás dele, há uma cama com travesseiros e, ao seu lado, uma mesa de cabeceira. Ele é branco, possui olhos claros e os cabelos levemente ruivos. Entendemos que a estratégia de se posicionar sentado e de frente para a câmera pode ser uma estratégia de aproximação e de intimidade com seu público. Ainda, o uso da camisa social pode ter sido intencional, numa tentativa de se

mostrar como alguém em quem se pode confiar, pois ele assume certo tom de seriedade e de transmissor de conhecimentos enquanto homem gay experiente.

O uso de camisa social, acompanhado da visão de um ambiente privado (seu quarto) onde as cores predominantes são neutras nos dá sinais de um sujeito também neutro, que transmite informações pessoais com traços de neutralidade e impessoalidade. Não é por acaso que defende que o que ele vai contar são apenas *suas* experiências e *suas* opiniões.

De acordo com Crane (2006, p. 370), o vestuário muda significativamente quando entramos no mercado de trabalho: "Para adolescentes e jovens que não pertencem à força de trabalho, o vestuário é um aspecto da vida que eles podem controlar com relativa facilidade e que podem utilizar para afirmar-se a si próprios e a sua postura". Não é por acaso que os influenciadores miram em pessoas jovens, que estariam se dedicando ainda quase que exclusivamente aos estudos. EUA1 escolheu gravar seu vídeo com uma camisa social, e isso nos fornece pistas sobre seu pertencimento à classe trabalhadora economicamente privilegiada. Tal escolha significa muito, visto que estamos lidando com sujeitos socialmente estigmatizados. A questão da ocupação foi, inclusive, uma categoria de análise em pesquisas anteriores[26] – os sujeitos analisados sentiam a necessidade de demarcar um pertencimento a uma ordinariedade, ou ao mercado de trabalho, nesse caso.

Parece haver um conflito, durante sua narrativa, entre o que lhe é particular e o que é comum na comunidade gay.

> [T]his is the gay community that I'm speaking for, but again, this is my own opinion, and I think that a lot of these problems are problems that exist in communities across the world, and aren't only, you know, really focused solely in the gay community. Again, though, this is my experience, my opinions. (PALL, 2015)
>
> (Tradução nossa:
> Essa é a comunidade pela qual estou falando, mas novamente, esta é minha própria opinião, e eu acho que muitos desses problemas existem em comunidades no mundo inteiro, não estão apenas, sabe, realmente focados na comunidade gay. Repito, no entanto, que essa é minha experiência, minhas opiniões.) (PALL, 2015)

---

[26] ALENCAR, Venan L. O.. *Aplicativos de encontros gays*: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

Existe um certo grau de senso comum, de algo compartilhado no que ele considera como exclusivamente seu. Caso contrário, seria não só inviável, como quase impossível realizar um estudo que versasse sobre determinado grupo social. A narrativa de vida admite esse caráter duplo, do particular *versus* o coletivo, como o vê Machado (2016, p. 124, itálicos da autora), justamente porque os sujeitos-narradores são "uma mescla entre seus *eus-profundos* e suas representações sociais, que condicionaram seus estilos de escrita ou seus modos de se servir ou de utilizar a linguagem". Portanto, ainda que ele imprima um alto grau de unicidade em sua narrativa, precisamos considerar que se trata de algo discursivamente apreensível e muito possivelmente vivido por outras pessoas que compartilhem da mesma classe social, étnica e econômica, por exemplo, do narrador. Nesse embate sobre o que é do indivíduo e o que é geral é tratado também por Charaudeau, para quem o indivíduo está sempre em luta entre ser social e ser singular.

Percebamos que as cores igualmente nos revelam alguns traços de EUA1. A escolha por cores neutras, não chamativas, conferem-lhe um *ethos* de homem gay discreto, que não vai se posicionar, ao menos visualmente, como pertencente a esse grupo minorizado. A gravação não resulta, assim, em uma informação audiovisual estereotipada do narrador. As predominâncias são de azul e branco em sua roupa, e de azul, branco e bege no ambiente. Para Guimarães (2004, p. 92), o branco "é a cor da vida e da paz" e possui valor simbólico predominantemente positivo em nossa cultura. Um dos possíveis efeitos visados pelo narrador seria o de nos nos causar uma sensação de paz, como se ele já tivesse se resolvido consigo mesmo após ter "saído do armário", e deseja ainda que nossa vida seja mais digna e melhor após assistirmos a esse vídeo e acompanharmos suas quartas-feiras da sabedoria ("Wisdom Wednesdays").

Não há ruídos na gravação de EUA1, apenas o som de sua voz que nos guia na narrativa. Tal recurso nos faz prestar atenção apenas ao que é dito, e talvez seja por isso que não quis inserir efeitos sonoros em sua história. O foco estava, de fato, em sua voz, em termos de estrato sonoro.

Dentre os modos de organização apontados por Charaudeau (2008) – descritivo, narrativo e argumentativo – , o predominante em EUA1 é o narrativo em termos da linguagem verbal. Por se tratar de um tema sério, a construção do ambiente, conforme já discorremos anteriormente, deveria estar consoante à

proposta do narrador. Por isso, a dimensão argumentativa se mostra também no não verbal, já que tal temática não teria os mesmos efeitos na instância de recepção caso fosse gravada em um ambiente muito descontraído, com cores chamativas e roupas muito informais, por exemplo. É por isso que tivemos a projeção de um *ethos* de homem gay sério, que sabe o que fala e tem experiência de vida.

Percebamos que o que interessa ao narrador é discutir por quais motivos a comunidade gay é tão competitiva, como já nos antecipa o título do seu vídeo. Para fazer-nos entender e convencer-nos de seu ponto de vista, ele deve argumentar, e para isso, lançou dez razões para explicar o fenômeno que lhe motivou a gravar e publicar o vídeo em questão. A simples listagem dessas razões nos traria para algo do universo descritivo; ele escolheu, contudo, explicar-nos por que escolheu tais características, e não outras. Quando vai listar o primeiro problema, EUA1 afirma: "[…] the first thing that *I think* is not so much a problem, but it's how we manage, is that we go through a second adolescence" (tradução nossa: […] a primeira coisa que *eu acho* que não é bem um problema, mas é como nós lidamos, é que nós passamos por uma segunda adolescência). A opção pela modalização "I think" prevê uma sucessiva explicação do porquê de ele pensar algo sobre algum tema e, nesse caso, ele vai discorrer sobre o que denominou "segunda adolescência".

Como se trata de um vídeo com enquadramento "estático", ou seja, o narrador não manuseia a câmera para nos mostrar outros aspectos do ambiente, por exemplo, o caráter narrativo está na linguagem verbal mas também na não verbal, se considerarmos que o vídeo em si pressupõe um transcorrer do tempo, uma gestualidade, uma listagem numérica e, portanto, um começo, meio e fim. O modo descritivo se mostra na configuração da cena, o que já discutimos acima, como as cores utilizadas que aparecem, o tipo de roupa portada pelo narrador e o ambiente em que a gravação acontece, por exemplo. Em termos de linguagem verbal, esse modo se configura na listagem das razões pelas quais a comunidade gay é tão competitiva para o narrador.

Em relação aos imaginários sociodiscursivos, percebemos que, em termos de linguagem não verbal, o narrador quer se inserir na contramão de um estereótipo cristalizado de homem gay efeminado e não sério. Para isso, lança mão de elementos visuais que compõem uma teatralidade neutra, focada no compromisso em passar informações pessoais/coletivas com o espectador, o que também o

colocaria em um domínio de ética e responsabilidade social com o outro, ou seja, um compromisso com suas verdades, suas crenças, como prevê a modalidade parresiástica. Para Mendes (2013, p. 147), os imaginários são "verboicônicos, já que as imagens, sejam elas fixas ou cinéticas, podem também manifestar indícios de como uma dada sociedade cria manifestações sobre várias questões." Por essa razão, EUA1 possivelmente busca se distanciar de uma manifestação comum de homem gay na cultura contemporânea.

Além disso, a listagem das razões pelas quais a comunidade gay é competitiva, no seu ponto de vista, suscita imaginários sociodiscursivos que dizem respeito a essa comunidade especificamente, como a adolescência (*lembrança do período escolar*), as tribos ou subcategorias de ursos, lontras, novinhos, as masculinidades em confronto com as feminilidades (*conflitos de estereótipos*), os ideais de perfeição, falta de união (*desidentificações com a cultura gay*), entre outros. Afinal, os imaginários "são um sintoma detectável no e pelo discurso", como o coloca Mendes (2012, p. 21). Portanto, para termos acesso aos imaginários da comunidade gay, por exemplo, foi preciso escutá-lo e apreender, por meio de sua narrativa, os diferentes imaginários que emergiram em sua discursividade.

No caso de EUA1, vimos que seus imaginários estão relacionado ao saber de conhecimento experiencial, uma vez que toda sua explicação para os problemas da comunidade gay é proveniente de seu conhecimento enquanto homem gay. Em outras palavras, é a partir de sua observação sobre o mundo que ele discorre sobre o tema de seu vídeo. No início da gravação, o narrador se posiciona da seguinte maneira: "[…] the stuff I've learned from my mentors and the people that inspired me as well" (tradução nossa: […] as coisas que eu aprendi de meus mentores e das pessoas que me inspiraram também). Portanto, percebemos que ele contou ainda com a ajuda de mentores e de pessoas que lhe inspiraram na vida. Seu conhecimento parte, assim, também de outras pessoas, cujos ensinamentos ele, de certa forma, mobiliza e nos expõe no vídeo.

É preciso ressaltar ainda o fator imagético da construção do saber. Para Mendes (2013), os sintomas relacionados aos saberes de conhecimento e de crença não se restringem à linguagem verbal e, por isso, a autora propõe que os imaginários sejam verboincônicos. Recordemos-nos da composição da cena em que é gravado o vídeo de EUA1 – toda a configuração (vestuário, uso de cores,

ângulo, plano) visual foi destinada a desvincular a imagem do narrador da de um estereótipo gay “de fora”, ou seja, do senso comum, sobre quem recaem não quaisquer tipos de feminilidades, mas especificamente as feminilidade gays.

Os saberes de opinião estão ligados a expressão da opinião do narrador, seu julgamento frente a questões de sua comunidade. A opinião parte de um sujeito individual e diz respeito a um grupo. No caso de EUA1, vemos claramente seu ponto de vista em relação à comunidade, que ele caracteriza como competitiva (“it’s the top 10 reasons why the gay community is so *competitive*”), separatista (“we separate ourselves”) e que perpetua estereótipos (`it’s something that is truly perpetuating stereotypes").

Para concretizar sua opinião, ele ainda afirma ter escrito, também em seu blog pessoal, sobre o que considera serem os maiores problemas na comunidade gay atual. O narrador quer nos fazer notar, dessa forma, que possui um bom conhecimento da modalidade escrita, e que seus conhecimentos se encontram esquematizados e verbalizados de forma sistemática em outro suporte.

As emoções suscitadas pelo narrador, por sua vez, estão relacionadas às suas vivências e ao compartilhamento dessas emoções com a instância de recepção, assim como às crenças e aos sentimentos pertinentes à comunidade da qual ele fala e participa. No discurso verbal, EUA1 busca convencer seu público por meio de traços de neutralidade, escapando de um discurso muito inflamado. Apesar de admitir que se envolve com o tema, pois é *apaixonado* por ele, (“[…] this can go on and on, and I’m going to touch on more topics about this, because *it’s* something I’m *super passionate* about”) (tradução nossa: […] e isso pode continuar, e eu vou abordar mais tópicos sobre isso, porque é algo por que eu sou superapaixonado), a linguagem utilizada, tanto em termos verbais como não verbais, parece-nos predominantemente premeditada, pensada e planejada para a projeção desse *ethos* de homem gay sábio e sério.

Avaliação da análise de EUA1

A vídeo-narrativa confessional de EUA1 nos mostrou que sua necessidade de confessar estava marcada por uma prerrogativa de um compartilhamento de suas ideias às quartas-feiras, o que ele denominou “Wisdom Wednesdays”. A confissão

está também enunciada no desabafo (“to get off my chest”), termo que utliza nos minutos finais de sua narrativa. Foi evidente, portanto, que, para marcar seu desabafo, ele utilizou diversos elementos, conforme analisado pela Grade de Imagens proposta por Mendes (2013), que contribuíram para a composição de sua encenação em termos verbo-icônicos.

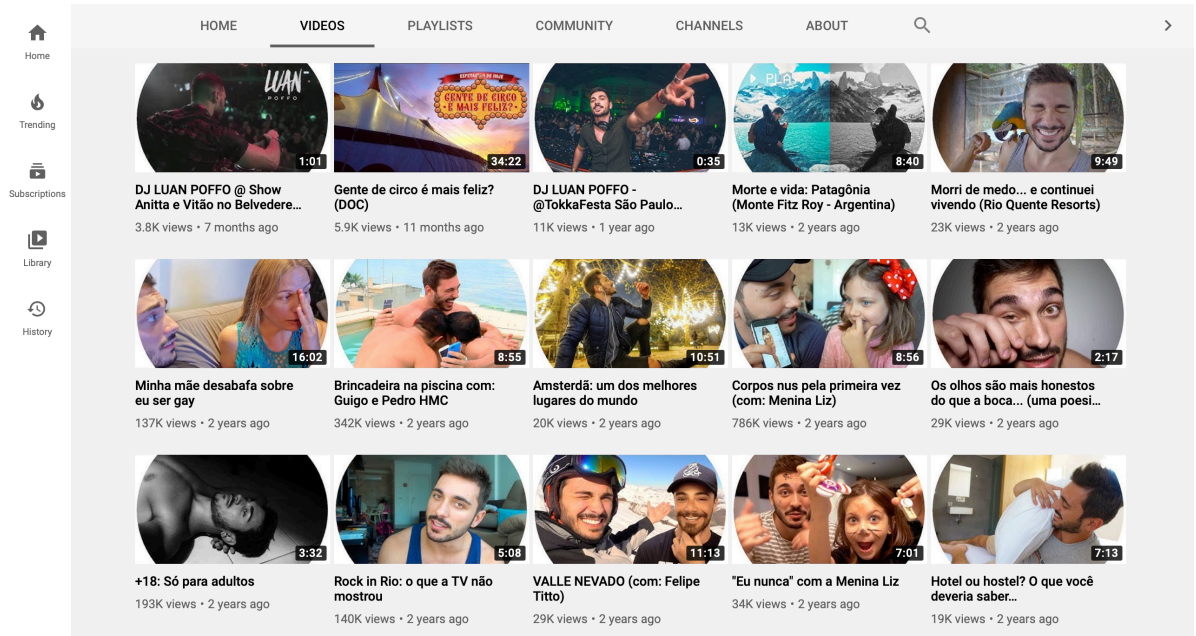
Em um tom intimista e de proximidade, a vídeo-narrativa confessional de EUA1 ocorreu em primeiro plano, com ângulo médio e em uma ambiente privado. Os tons presentes em sua roupa e no local onde gravou o vídeo eram neutros, o que resultou em uma projeção etótica de neutralidade e patêmica de sabedoria e seriedade. Possivelmente buscando credibilidade, o narrador se traja de vestimentas formais, não se destaca visivelmente e utiliza um tom de voz constante durante toda a narrativa.

A confissão, cujo tema central é a sexualidade, como prevê Foucault, se desdobra em características concernentes ao indivíduo e ao grupo a que pertence. É isso que caracteriza mais fortemente a vídeo-narrativa de EUA1: o caráter dualista entre o que é individual e o que é social. Por um lado, esse se preocupa em posicionar suas verdades enquanto percepções particulares. Por outro lado, seus questionamentos dizem respeito a uma comunidade, a um grupo de pessoas ao qual pertence. As visões foucaultiana e charaudeana parecem dialogar nesse ponto: o sujeito se vê constrangido pelos contextos institucionais e sociais, como os ideais hegemônicos e produtivos de feminilidades dos quais EUA1 busca escapar, e, ao mesmo, tempo, tenta se individualizar, em termos discursivos, mesmo firmando um compromisso social com sua comunidade.

BR1 – “Saindo do armário (gay)”

O segundo vídeo, intitulado “Saindo do armário (gay)”, é de um YouTuber brasileiro, cujo vídeo analisado possuía 73.353 visualizações no momento de coleta. Ele possui um canal ainda ativo, com 222 mil seguidores, com um conteúdo que trata predominantemente de suas viagens e de suas subjetividades, como constatamos nos seguintes títulos (vide Figura 8): “Amsterdã: um dos melhores lugares do mundo”, “VALLE NEVADO (com: Felipe Titto)”, “Hotel ou hostel? O que você deveria saber…”, “Os olhos são mais honestos do que a boca…”, “Isso é um desabafo pós-homofobia”, “Minha mãe desabafa sobre eu ser gay”.

Figura 8 - Visão geral do canal de BR1



Fonte: https://www.youtube.com/c/luanpoffocanal/videos. Acesso em: 19 jun. 2020.

Ainda em relação ao seu canal, algo que nos chama atenção é a estética constante em todas as miniaturas de vídeo. As bordas arredondadas e o fundo branco são observados em todos os vídeos do canal. Trata-se de um desenho elaborado que contribui para a manutenção de um padrão visual agradável e previamente pensado. Acreditamos que esse trabalho sobre o visual do canal pode contribuir para um encontro profícuo com o mercado ascendente de publicações e propagandas no YouTube. Um dos requisitos para se participar do “YouTube Partner

Programe" (YPP), algo como Programa Parceiro do YouTube em tradução livre, é, por exemplo, possuir 1000 inscritos e 4000 horas assistidas de vídeos no canal. Esse programa está disponível no Brasil e é a principal forma de se acessar a política de monetização na mídia digital[27].

O vídeo a ser analisado tem duração de exatamente 6m57s. Na descrição, que vem logo abaixo do espaço reservado à reprodução da mídia em si, há informações sobre as redes sociais do narrador, como Twitter, Instagram e Facebook, assim como seu e-mail para contato profissional. A data exata da postagem é 21 de junho de 2017.

A proposta do narrador é explicar sua "saída do armário" numa perspectiva atual; retomando, no entanto, momentos do passado que, de certa forma, ora possibilitaram, ora dificultaram tal decisão em sua vida.

Nesse caso, temos novamente um desdobramento do sujeito comunicante no enunciador. Luan, sujeito empírico, psicossocial, é nosso EUc, que projeta um EUe a que temos acesso por meio de sua narrativa. Seu TUd é formado por seus seguidores atuais e em potencial, enquanto o TUi é composto pelos que, de fato, assistiram ao seu vídeo. Existem, no entanto, algumas nuances que diferenciam essa gravação da anterior.

Existe uma factualidade muito mais evidente aqui, tanto no discurso verbal como no não verbal, se compararmos à videonarrativa confessional de EUA1, que possui um conteúdo tendendo ao generalizante. BR1 traz exemplos de acontecimentos de sua vida em uma perspectiva mais pessoal, contando-nos detalhes sobre alguns episódios importantes em sua trajetória enquanto homem gay ("O segundo armário que eu tive que sair foi com os meus amigos. Eu lembro que eu tinha que beber, eu tinha que tá embriagado pra ter coragem de falar o que eu queria falar"). No momento em que narra e reconta o passado, percebe que, de fato, sempre esteve, de certa forma, "no armário" em diversas situações . No caso do discurso não verbal, o narrador grava seu vídeo em um ambiente público, um lugar parecido com um café. Isso nos causa um efeito de real, pois o assistimos confessar "abertamente", ou seja, somos levados a pensar que qualquer pessoa poderia estar escutando aquilo.

---

[27] Informações disponíveis em: https://creatoracademy.youtube.com/page/course/ypp. Acesso em 1 jul. 2020.

Assim como em EUA1, BR1 vai explicar os “armários” da sua vida, que são três para ele, e, por fim, nos convence de que existem outros ainda não superados. A narrativa se mostra em exemplos do seu passado: “isso ali com meus catorze, quinze anos”, “as coisas foram acontecendo naturalmente”. Existe uma linearidade e uma progressão, que vai de seu primeiro armário até o terceiro. Por fim, chegamos ao seu estágio atual, seu “pós-armário” inacabado, digamos assim.

Em termos de linguagem não verbal, a narrativa se mostra com o decorrer do vídeo, com o trânsito de pessoas atrás do narrador, seus gestos e movimentos de afastamento e aproximação da câmera, conforme observamos na Figura 9.

Figura 9 - Sequência de quadros em BR1



Fonte: Elaborado pelo autor.

As imagens gravadas por BR1 foram feitas provavelmente por uma câmera digital de alta qualidade e em cores. A gravação foi feita na horizontal e, considerando a escala de planos de Vergueiro (2012), predominou o primeiro plano, colocando-nos em uma relação íntima com o narrador. Ele também escolheu valorizar suas emoções: o foco está em seu rosto. Nos primeiros segundos do vídeo, Luan repete: “Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário.” Tal assertiva é falada três vezes, até que o narrador inicia suas explicações acerca do tema. Vejamos que, com o objetivo de demonstrar sua emoção em falar por que precisa sair do armário mais uma vez, ele se posiciona bastante próximo à câmera. O objetivo desse plano é, de fato, estabelecer uma relação mais íntima com o espectador, o que ele mobiliza ao movimentar-se frente à lente.

Ademais, o ângulo médio, ou seja, aquele em que a câmera é colocada ao nível dos olhos do narrador, é utilizado também por BR1. O efeito proporcionado é bastante descritivo, pois estamos diante de seu rosto, onde se manifestam

predominantemente suas emoções. Graças ao primeiro plano (PP), conseguimos ver seus gestos, que igualmente nos transmitem mensagens não verbais, e o ambiente de onde fala. Em todo caso, é como se estivéssemos sentados de frente para o narrador, em uma conversa informal em local público, o que pode causar um efeito de proximidade.

A visão de si que esse narrador nos oferece inclui seu torso, que comporta uma camiseta branca com estampas azuis. O traje nos informa certo grau de informalidade: diferente de EUA1, BR1 se mostra mais à vontade e se projeta de modo despojado. Sua roupa é informal, assim como o tom que sua conversa com o espectador admite. Segundo Guimarães (2004, p. 29), “as imagens com maior iluminação exigem menor esforço da visão do que imagens com baixa iluminação. E menor esforço significa, naturalmente, mais prazer”. Nesse caso, temos um ambiente bastante iluminado, com presença evidente de luzes. É, então, agradável assistir ao vídeo de BR1, pois não fazemos esforço para perceber sua face ou o ambiente onde ele se encontra. Trata-se de um ambiente claro, com predominância de branco e azul, como em EUA1.

Apesar de nem sempre utilizarmos a cor com “a consciência desejada”, como afirma Guimarães (2003, p. 156), não podemos negar que existe, sim, um efeito produzido na instância de recepção. Nesse caso, supomos que sejam efeitos sobretudo positivos, pois resulta em uma imagem cinética agradável em termos de cor e de iluminação. Adicionalmente, a roupa que o narrador usa é “comum”, ou seja, não o distingue de sobremaneira. Para Crane (2006, p. 377-378), “nem todas as subculturas rejeitam a cultura dominante”, portanto, no caso de BR1, vemos que a escolha de vestuário é consoante a essa cultura dominante. Não existe ali, considerando nossos imaginários atuais, qualquer traço cultural, em termos de vestimenta, que nos permita identificá-lo como um homem gay. Evidencia-se, assim, uma fuga a estereótipos que possam desqualificar ou deslegitimar sua fala.

Em relação ao estrato sonoro, percebemos que há som ambiente na gravação. Novamente, é preciso relembrar que a opção por gravar em um local público importa, como já discutimos linhas acima, e a demarcação de tal escolha é feita também por meio do que é possível escutar na gravação. Temos, assim, o visual e o sonoro juntos construindo uma cena não verbal significativa. Paralelamente, o tom de voz do narrador não se altera tanto, mantendo-se

constante independente do que é narrado. Há, então, a projeção de um *ethos* de comedido.

Durante a enunciação da frase que se repete três vezes nos segundos iniciais do vídeo (“Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário”), existe uma pausa. O silêncio entre esses enunciados de efeito demarcam um momento dedicado à reflexão. O narrador parece desejar, de algum modo, que seu espectador reflita, mesmo que brevemente, sobre aquilo que diz. Essa repetição marca também a *necessidade de confessar* – é por meio da confissão que essa percepção que ele anuncia, de que precisa “sair do armário”, vai se concretizar.

Por fim, é notório que houve uma edição no vídeo, pois há cortes entre um momento e outro. Tais pausas não prejudicam, no entanto, nosso entendimento, mas representam um trabalho sobre a divulgação da imagem do narrador. Por mais que a gravação tenha um ar espontâneo, há, sim, uma preocupação em mantê-la em um nível mais profissional e premeditado.

O modo de organização narrativo se mostra evidente, no discurso verbal, com a demarcação temporal que o narrador faz:

> Por algum motivo, eu nunca tinha falado tão abertamente desse tema como eu tô falando nesse vídeo. Na verdade, esse motivo não é à toa. Agora eu entendo isso e eu vou contar pra vocês mais pra frente nesse vídeo. (POFFO, 2017)

Nota-se, no excerto em questão, que o uso de expressões como “tinha falado”, tô falando” e “vou contar” servem para nos situar em sua fala. Além desse, teríamos outros exemplos, como na expressão “hoje eu olho pra trás”, e na enumeração de seus “armários”, que são três, como havíamos visto (vide também Anexo 1).

Em termos de linguagem não verbal, o modo narrativo se desenvolve a partir dos elementos presentes na imagem cinética: pessoas que se movem atrás, os gestos do narrador acompanhando sua fala, o passar do temporizador no próprio reprodutor de vídeo do YouTube. O modo descritivo, por sua vez, está associado ao plano escolhido por BR1 ao filmar: o primeiro plano. Essa escolha valoriza tanto os detalhes da ação transcorrida, como os detalhes da expressão facial, de modo que é possível, de fato, descrever os aspectos físicos tanto do ambiente como do narrador.

A caracterização pode ser feita também de acordo com os adjetivos a que associamos BR1 acima: despojado, seguro, comedido. Isso está associado à projeção dos *ethé* visual e verbalmente detectados no momento de análise.

Existe, ainda, uma dimensão argumentativa no texto verbal, pois BR1 quer nos convencer de que existem vários armários na vida: “E isso pode ser muito esquisito pra algumas pessoas que pensam que, quando você é gay, você sai do armário apenas uma vez na sua vida”. A partir daí, ele nos explica quais foram os seus armários, e como outras pessoas podem se identificar (*estratégia de identificação/persuasão*) com eles: “Isso pode acontecer também se você for mulher, você não precisa ser gay pra tá sempre dentro do armário”. Na linguagem não verbal, ele transita entre o primeiro plano e o plano médio (como vemos na esquematização da Figura 9). Convenientemente, o uso do plano médio vem favorecer o narrador, pois denota neutralidade. Assim, nos momentos em que se afasta um pouco mais da câmera, ele explica os porquês de existirem tais armários, buscando certo efeito de neutralidade. Por outro lado, quando se aproxima da lente, trata de questões que lhe são mais íntimas e pessoais. Vemos, assim, os elementos patêmicos ligados a uma aproximação (verbal e não verbal) do narrador com seu público, acompanhado de elementos etóticos mais ou menos constantes na narrativa.

Os imaginários sociodiscursivos em BR1 perpassam os saberes de conhecimento, uma vez que eles nos guiam na fala do narrador – é a partir da *experiência*, mais especificamente, que se constrói a narrativa. Os saberes de crença estão presentes no discurso verbal, pois o narrador busca avaliar os fatos de seu mundo, da sua comunidade e de sua sociedade de forma geral (*avaliação social do outro*). Poderíamos afirmar ainda que a escolha por um lugar público para gravar seu vídeo perpassa os imaginários a respeito do caráter secreto das homossexualidades no passado. Para Eribon (2008, p. 85), existe "toda uma tradição cultural entre os homossexuais [que] fez crer que a visibilidade daria motivo ao olhar hostil e aos poderes de opressão”. Alerta, ainda, que “é a interiorização da dominação no espírito do dominado que assegura sua submissão à ordem sexual e às suas hierarquias”**.** Em todo caso, o objetivo do narrador agora é causar-nos um efeito de sentido que nos faça perceber a relativa segurança que possui ao ir na contramão de alguns estereótipos e desse sigilo, o que entendemos aqui como uma

projeção etótica de homem gay seguro (por estar em público) e experiente (pelos tipos de saberes mostrados) .

Avaliação da análise de BR1

A narrativa de BR1 se destaca das demais por possuir esse caráter público de que falamos acima. O fato de estar em um local público proporcionou a projeção de um *ethos* de seguro, ao contrário daquele caráter secreto das homossexualidades do passado. Ademais, fazer uma vídeo-narrativa confessional a convite do YouTube confere a BR1 uma legitimidade e uma credibilidade quase inquestionáveis. O que ele nos tem a dizer importa, e isso é reafirmado pelo convite. Talvez seja por isso que ele não se tenha munido de estratégias de seriedade e neutralidade, como o fez EUA1; pelo contrário, ele se apresenta de modo descontraído em termos de vestimentas e de linguagem. Conta-nos, ainda, de episódios e experiências que lhe são muito íntimos, e não totalizantes, como o fez EUA1.

Charaudeau (2010b) nos explica que a estratégia de legitimidade é dada por uma instituição, portanto externa ao sujeito falante. O ato de fala de BR1 é uma adequação entre a posição social que ocupa e a situação de comunicação vigente. É nesse equilíbrio entre possuir legitimidade na fala, conferida pelo YouTube, ocupar uma posição social de sujeito estigmatizado e enunciar por meio de uma vídeo-narrativa confessional que a discursividade de BR1 se situa.

A rememoração de fatos presente nessa narrativa representa a necessidade de avaliar todos aqueles pensamentos que atravessam a alma, fazer de tudo um desdobramento discursivo. O imperativo à fala e a ilusão de estarmos no domínio de uma liberdade em falar se faz evidente em BR1 justamente por suas frases inicias: “Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário”. Acompanhada de um longo exame de consciência, a confissão desse narrador se particulariza também ao colocar em cena a configuração de um sujeito comprometido em se construir, em evoluir para si mesmo, em se governar, por meio de uma transformação contínua (“os armários da vída”), ascética. Mais do que isso, ela nos mostra, ainda, que o comprometimento com uma disciplina de si,

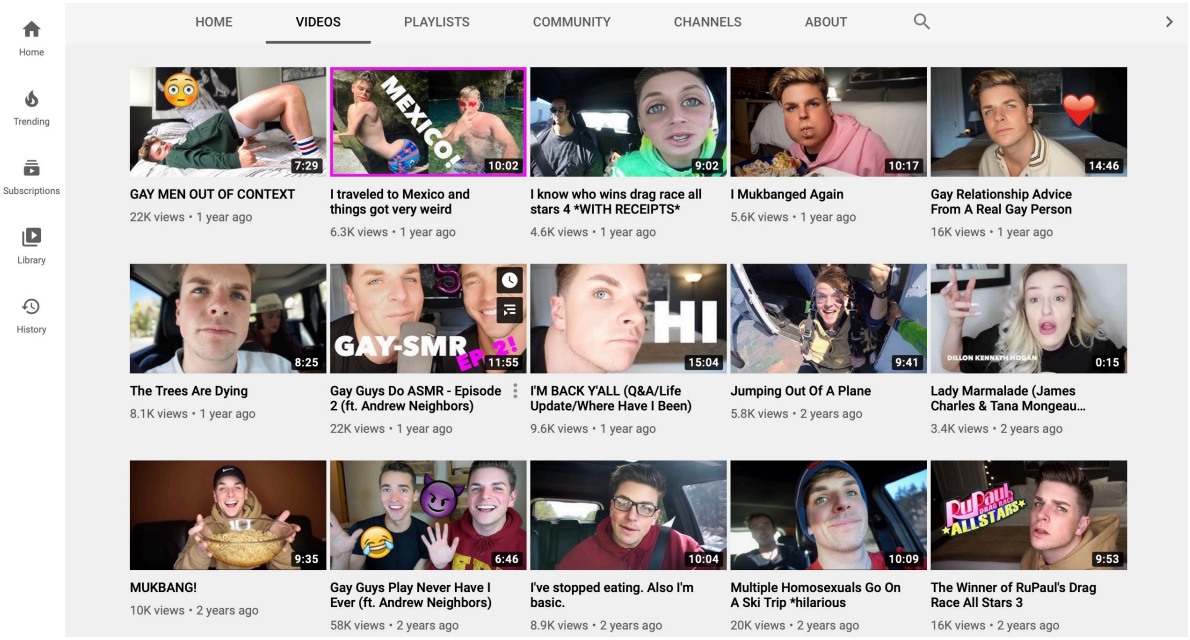
interiorizada, resulta na fabricação de um sujeito potencialmente mais “evoluído” e, portanto, melhor.

EUA2 – “Things I hate about being gay”

O segundo vídeo estadunidense foi postado por Dillon Kenneth em 18 de julho de 2017 com o título “Coisas que odeio em ser gay”. Contava com 24.361 visualizações à época da análise e possui duração exata de 6m47s. O canal do YouTuber parece não estar mais ativo, pois, enquanto escrevemos esta seção, sua postagem mais recente foi em janeiro de 2019. Trata-se de um vídeo intitulado “Gay men out of context” (tradução nossa: Homens gays fora de contexto), que está antecedido de outros cujos temas são viagens, relacionamentos, reality shows, “bullying” etc., como podemos ver nos seguintes títulos: “I traveled to Mexico and things got very weird”, “I know who wins drag race all stars 4 *WITH RECEIPTS*”, “Jumping out of a plane”, “Multiple Homosexuals Go On a Ski Trip *hilarious” (tradução nossa: Eu viajei para o México e as coisas ficaram muito estranhas, Eu sei quem ganha drag race all stars 4 *COM PROVAS*, Pulando de um avião, Vários homossexuais vão para uma viagem para esquiar *hilário).

Vejamos como se dá a configuração visual dos seus vídeos no canal do YouTube:

Figura 10 - Visão geral do canal de EUA2



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCdnWSxPoduJnyJZEAxwLkTQ/videos. Acesso em: 15 maio 2020.

O vídeo em questão se propõe a ser mais leve: o narrador se apresenta logo nos primeiros segundos com óculos coloridos. Se coloca ainda bastante próximo à câmera e, na descrição, que vem logo abaixo do reprodutor de vídeo, escreve: “Thanks for watching y'all! I hope this video doesn't offend people too much but hey, I gotta keep it real, jah feel? Don't forget to LIKE and SUBSCRIBE! OKURRRRRR!!! (tradução nossa: Obrigado a todos por assistirem! Espero que esse vídeo não ofenda muito as pessoas, mas ah, eu preciso falar a verdade, saca? Não se esqueçam de CURTIR e SE INSCREVER! OKURRRRRR[28]!!!). Nota-se o tom informal na linguagem verbal da língua inglesa, com as escolhas lexicais “y’all”, “gotta”, “jah”, que antecipam o caráter mais despojado da gravação. O narrador ainda nos adverte que pode ofender a algumas pessoas, mas justifica com o fato de que *certa verdade deve ser dita*. Por fim, lança uma “call to action” (chamada à ação), pedindo que seus espectadores curtam e se inscrevam no canal, algo muito importante para a manutenção de sua página em termos de monetização.

[28] “OKURRRRRR!!!” se trata da imitação do bordão de uma drag queen do reality show estadunidense RuPaul’s Drag Race. Equivale à expressão “okay” interrompida na vogal “a”, cujo efeito sonoro é substituído pela vibração contínua da consoante “r”.

O sujeito enunciador é projetado por Dillon, que é o sujeito comunicante a quem temos acesso graças a sua narrativa. Em relação à recepção, temos um sujeito destinatário idealizado, provavelmente homens gays que se identificam com as questões levantadas pelo YouTuber, como seus seguidores, enquanto o sujeito interpretante é aquele que realmente assiste ao vídeo.

É importante demarcarmos aqui o sujeito que toma a palavra, ou seja, um homem que se identifica logo no título do vídeo postado como gay. Isso será como um fio condutor do seu discurso. Existe uma dimensão factual bastante forte, tanto no discurso verbal como no não verbal, visto que o narrador parte de fatos que dizem respeito à sua comunidade em um ambiente íntimo e empírico, que é seu quarto. Ele nos localiza então em suas intimidades, pois tanto sobre o quê fala como o lugar onde está trazem características de questões pessoais.

O fato de gravar o vídeo nesse ambiente específico diz algo sobre nossa sociedade atual. Para Bruno (2013, p. 79), o quarto é um lugar

> onde o sujeito se prepara para enfrentar o olhar público, seja como refúgio do indivíduo, onde ele pode se entregar ao monólogo interior, aos prazeres solitários e a uma experiência de si (do seu corpo e de sua alma) ao abrigo de intrusões e olhares alheios. (BRUNO, 2013, p. 79)

A diferença é que esse monólogo interior está exteriorizado na Internet, e não encontra abrigo de olhares alheios. A experiência de si, tanto do corpo como da alma, são tipos de trabalho sobre si, que agora se tornam públicos na Internet, local privilegiado para as confissões na visão de Han (2020).

Há ainda uma dimensão argumentativa na narrativa, que se faz presente na defesa do ponto de vista do narrador. As “Coisas que ele odeia sobre ser gay” serão enumeradas – para seu primeiro ponto, ele diz “number one” (número um) e, para as seguintes, altera entre “next point” (próximo ponto), “my next point” (meu próximo ponto), “another thing that…” (outra coisa que…) – e sobre cada uma deles ele discorre, apresentando-nos exemplos que têm origem em sua vida pessoal e reverberam, de certo modo, na sua comunidade. É importante demarcar também que, ao dizer o título do seu vídeo, o narrador aparece com óculos redondos e dourados. É como se ele quisesse nos situar iconicamente sobre o assunto, deixando claro que vai tratar de um “tema gay”. Para isso, usa como artifício algo colorido e chamativo, o que poderia estar no universo de um estereótipo das

homossexualidades masculinas. Outro artifício utilizado é o megafone, que aparece em alguns momentos do vídeo. Existe um efeito de comicidade criado, pois EUA2 altera seu tom de voz e sua imagem de acordo com o que fala. O caráter cômico admitido em sua narrativa é confirmado, inclusive, quando diz: “I’m the first person to take things in a fun, more light-hearted way” (tradução nossa: Eu sou a primeira pessoa a levar as coisas de um jeito divertido e leve).

Figura 11 - Sequência de quadros em EUA2.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, em termos de linguagem não verbal, temos a narrativa se mostrando no decorrer do vídeo, marcada sobretudo pelas transições que o narrador faz: ora se apresentando de óculos amarelos, ora utilizando o megafone. Seus gestos, a aproximação e o afastamento do seu rosto em relação à câmera também demarcam essa temporalidade característica da narrativa.

Percebemos que o vídeo foi gravado na horizontal por uma câmera digital em cores de alta qualidade. Utilizando as categorias de Vergueiro (2012), notamos que predominou o primeiro plano, característico da intermediação de uma conversa íntima e próxima, ou seja, confessional no nosso caso. Predomina a imagem de seu rosto e tronco, sendo que no primeiro se concentram suas emoções e no segundo seu movimento corporal.

Para Maingueneau (2008), a corporalidade desempenha um papel central na construção do *ethos*. A movimentação do corpo de EUA2 nos transmite uma dinamicidade característica também de sua linguagem verbal, que não admite pausas. Trata-se de uma narrativa relativamente rápida e pouco ponderada, assim como sua dinâmica corporal. E é justamente essa peculiaridade, de ser uma narrativa pouco ponderada, que nos localiza no domínio da parresía: uma fala franca, sincera e sem amarras.

O ângulo de visão escolhido é o superior, pois a câmera está posicionada levemente acima do corpo do narrador. Diferente de BR1, por exemplo, que posiciona a câmera na altura de seus ombros, EUA2, ao se mostrar um pouco abaixo do ângulo de gravação, causa-nos um enaltecimento de sua imagem, um dos possíveis efeitos que esse ângulo nos proporciona segundo Mendes (2013). O enaltecimento não é por acaso: afinal, o narrador quer nos mostrar e nos provar que as coisas que odeia por ter uma experiência de vida enquanto homem gay são verossímeis.

A escolha do ângulo e do plano nos fornece uma visão do ambiente onde se transcorre a narrativa e do corpo que fala. Trata-se de um lugar de cores escuras e neutras: o quarto possui as paredes pintadas em preto e a roupa de cama é branca e bege. Em relação ao corpo, o narrador veste uma camisa branca, que não se destaca tanto, mas faz uso de óculos amarelos nos primeiros minutos do vídeo, elemento que marca sua fala inicial e o título do seu vídeo. O amarelo é, para Guimarães (2004), a cor que nos ajuda a fixar uma informação na memória. Faz sentido, portanto, que o narrador nos prenda a atenção para que fixemos a informação que nos vai oferecer. Curiosamente, ele retira os óculos amarelos após 2 minutos de gravação, quando, ao nosso ver, pode já ter começado a convencer seu receptor de seu ponto de vista (*estratégia de identificação/persuasão*) e a não o fazer desistir de assistir ao seu vídeo. A escolha da cor pode não ter sido intencional; os efeitos produzidos, no entanto, são relevantes.

Em termos de cores, o pano de fundo do vídeo é escuro, fazendo com que a luminosidade recaia sobre o rosto do narrador. Guimarães (2004, p. 58) afirma que, de fato, “fundos escuros clareiam as cores aplicadas sobre eles”. Destarte, o foco está nas emoções de EUA2, característica do primeiro plano e do teor confessional de seu vídeo.

Ainda em relação às cores, a noção de um *ethos* prévio, em Maingueneau (2008), aqui é importante, pois ao acessarmos o canal de EUA2, na seção dos vídeos, vemos que há uma predominância de rosa, emojis e palavras em letras garrafais (vide Figura 10). A noção de um *ethos* prévio no YouTube pode ser construída, por exemplo, ao acessarmos a página de um YouTuber, onde somos expostos aos temas presentes em seus vídeos e à própria imagem da pessoa, caso se trate de um canal desse tipo. No caso de nosso narrador, o efeito causado é de

um pertencimento à cultura gay, com referência a “RuPaul’s Drag Race”, dicas sobre relacionamentos gays e a música Lady Marmalade. A tal efeito se somam as cores utilizadas. Segundo Guimarães (2004, p. 87), “a cultura é um sistema de códigos socialmente compartilhados. A simbologia das cores dependerá do armazenamento e a transmissão do seu conteúdo”. O uso de vermelho e rosa nos vídeos de EUA2 nos mostrariam assim duas características do narrador nos termos de Guimarães (2004, p. 59): a primeira cor possui força e dinamismo, assim como a narrativa que estamos analisando em particular, e a segunda cor admite um “tom suave e feminino”, traços presentes também no vídeo em questão. Haveria, assim, uma confirmação desse *ethos* com o que o narrador nos mostra e nos diz.

Ao analisarmos o estrato sonoro, percebemos nesse caso em particular que o recurso à distorção da voz aparece em momentos distintos e marcados. Nos primeiros segundos de gravação, quando diz “My name is Jasper Masters, and I’ve got something to say” (tradução nossa: Meu nome é Jasper Masters e eu tenho algo a dizer), usa um megafone, fazendo com que sua voz soe diferente. Ao tratar da primeira das coisas que odeia em ser gay, novamente utiliza o recurso sonoro e diz “masc versus fem is such bullshit” (tradução nossa: masculino versus feminino é uma mentira). Em outro momento, quando trata da *avaliação social do outro*, utiliza um recurso técnico de edição de voz que a distorce, ao imitar a percepção de garotas heterossexuais sobre os homens gays, e diz: “Oh my God, you’re gay? Let’s do shopping! Do you wanna paint my nails? Let’s do my hair, you must be a hair stylist, clearly. Oh, you can pick me clothes up for me. Look at my boobs! Do my boobs look okay?” (tradução nossa: Meu Deus, você é gay? Vamos fazer compras! Você quer fazer minhas unhas? Vamos arrumar meu cabelo, você deve ser um cabeleireiro, claro. Ah, você pode escolher minhas roupas para mim. Olha para os meus peitos! Eles parecem ok?). Existe aí um tom de ironia sobre o discurso do outro sobre si, e o recurso utilizado pelo narrador enfatiza essa problemática que ele repudia. Além disso, está evidenciada a forma como o discurso hegemônico tem, de certa forma, retratado a identidade gay, o que, num contexto pós-“Gay Liberation”, é fortemente repudiado pelos gays. A ideia de tal movimento era que a sociedade nos visse como pessoas “normais”, não mais como personagens caricatos, estereotipados, figuras reconhecíveis e emblemáticas por assumirmos determinados trabalhos, gostos e práticas sociais (fazer compras, preocupar-se

com estética, etc.). Desse modo, o narrador rechaça essa ideia “antiga" e clama por uma forma de identidade gay coletiva mas individual. Em outras palavras, seu pertencimento ao grupo (por ser gay) não necessariamente se desdobra em um pertencimento às práticas tidas comumente como inerentes à sua comunidade ou ao seu grupo social.

Vejamos que é nesse embate entre as representações que se configuram também as relações de poder. A hierarquização das sexualidades, fortalecida pelo domínio científico na era da *scientia sexualis*, produziu o sujeito homossexual e a ele atribuiu uma série de características, que iam desde o caráter fisiológico até o comportamental. Ao mesmo tempo, o poder, em suas ramificações e técnicas produtivas horizontais, também foi capaz de questionar essas formas estereotipadas, vindas do domínio científico, para produzir, igualmente, outros modos de subjetivação do sujeito gay. Isso quer dizer que, ao negarmos esse pertencimento atribuído pelos contextos institucionais sobretudo médicos e psicológicos, não deixamos de produzir, por outro lado, uma “nova” série de caracterizações sobre as homossexualidades masculinas. Em outras palavras, ao negarmos aqueles estereótipos, fabricamos inevitavelmente outros.

O modo de organização narrativo é predominante no discurso verbal de EUA2, como podemos perceber na numeração dos elementos que desagradam o narrador por ser gay. Observemos os seguintes trechos:

> Number one: masc versus fem is such bullshit. […] Which leads me to my next point.[…] Another thing that drives me insane. […] My next point: fats, fems, and Asians. […] Next point: stereotyping gays as sluts. […] The very last thing I wanna talk about is…gays, gay friends.
>
> (Tradução nossa:
> Número um: masculino versus feminino é uma mentira. […] O que me leva ao meu próximo ponto. […] Outra coisa que me deixa louco. […] Meu próximo ponto: gordos, efeminados e asiáticos. […] Próximo ponto: estereotipar os gays como putas. […] A última coisa sobre a qual quero falar é…gays, amigos gays.) (HOGAN, 2017)

Os marcadores escolhidos pelo narrador nos situam na temporalidade de sua fala, de modo que podemos prever uma sequencialidade graças à organização que dá à discursividade. Em termos de linguagem não verbal, a narrativa se instaura por meio de sua movimentação corporal, gestual e pelo passar do temporizador do vídeo no YouTube. O modo descritivo se faz igualmente presente pelas escolhas de

plano e de ângulo, que conferem à narrativa características que lhes são únicas, como o ambiente em que ela ocorre e o os detalhes da pessoa do narrador. Além disso, as qualificações que EUA2 faz a respeito da comunidade gay estão no domínio do descritivo. Algumas qualificações utilizadas por ele foram: individual e autêntica, quando traz “a community that thrives on individuality and being yourself” (tradução nossa: uma comunidade que prospera em individualidade e em se ser autêntico), preocupada com normas sociais, quando traz “these societal norms, specifically with the gay community, is outrageous” (tradução nossa: essas normas societais, especificamente na comunidade gay, são ultrajantes), e categorizadora, quando diz "They love to categorize people in not just the gay community” (tradução nossa: eles amam categorizar as pessoas não apenas na comunidade gay).

A maneira como EUA2 caracteriza a comunidade gay (*desidentificações com a cultura gay) está* diretamente relacionada à projeção de seu *ethos* de espontaneidade – ele não tem medo do que fala e vai direto ao ponto, sem comedimentos e ponderações, como pudemos perceber anteriormente. Portanto, diante da dimensão argumentativa, percebemos que ele faz uso argumentos seguidos de suas enumerações (“número um”, “próximo ponto”), o que facilita ao espectador acompanhar sua linha de pensamento. Trata-se de uma *estratégia de identificação* e de persuasão mobilizada com o intuito de provar as razões por que odeia alguns aspectos de sua vida enquanto homem gay. Na linguagem não verbal, tal estratégia está acompanhada pela escolha do primeiro plano, situando-nos próximos não só à sua pessoa, mas a seus argumentos e à sua vida. Além disso, o ângulo superior enaltece sua pessoa e, portanto, seus argumentos, sendo que nós, espectadores, o enxergamos com uma dimensão de pessoa importante, que tem algo sério a dizer.

Retomando os efeitos de voz abordados na seção anterior, não podemos ignorar que os recursos de alteração de voz potencialmente modificam a construção do *ethos* do narrador, que não é o *ethos* de comedido, como observamos em BR1, mas de alguém que se permite alterar o tom de voz, por exemplo, para tratar de assuntos que lhe suscitam emoções particulares. Observamos, pois, a uma projeção de um *ethos* de espontâneo.

Os efeitos patêmicos causados na recepção são alcançados graças à aproximação com a câmera e aos efeitos de voz no estrato sonoro. As emoções suscitadas são da ordem do dinamismo e de uma certa revolta frente a todas as inquietações do narrador em relação à comunidade gay de que fala, e isso é logrado graças às escolhas que faz: de cores, de ângulos, de efeitos de voz e de posicionamento frente à câmera. A linguagem verbal não se distancia dessas escolhas, pois percebemos que o uso de palavrões como “bitch”, “bullshit”, “fuck” acompanham essa imagem de irreverência e de espontaneidade projetada por EUA2. Assim, o que diz tem relação direta com o que mostra.

Os imaginários sociodiscursivos presentes no discurso verbal fazem parte do saber de crença, pois EUA2 discorre sobre suas apreciações com a comunidade gay. Estão ainda dentro do que Charaudeau (2007 *apud* Mendes 2011) entende como saberes de opinião, pois o narrador toma uma posição e se engaja para defendê-la. No discurso não verbal, entendemos que EUA2 faz repercutir o imaginário de um homem gay despojado e espontâneo, que utiliza cores e faz referência à cultura gay da qual faz parte. Dessa forma, parece não se importar tanto com o estereótipo cristalizado e pejorativo relacionado às homossexualidades masculinas, apesar de sentir-se incomodado com as apreciações de meninas heterossexuais sobre ele possivelmente gostar de moda e de fazer unhas, como vimos anteriormente. O imaginário pode servir tanto como forma de se posicionar *contra* algo, como de se afirmar *a favor* de outro aspecto daquilo que se quer, ainda que inconscientemente, projetar como positivo.

Avaliação da análise de EUA2

A vídeo-narrativa de EUA2 se mostra bastante espontânea e, ao mesmo tempo, comprometida com o valor de verdade que o narrador tenta imprimir a ela. Quando ele afirma “I gotta keep it real”, nos primeiros segundos do vídeo, percebemos esse compromisso: “preciso dizer a verdade”. É preciso ter coragem, então, para enunciar (e anunciar) essa verdade, sob o risco de sofrer rechaços. A parresía pressupõe justamente isso: uma fala que, além de ter um forte vínculo com a verdade, coloca o enunciador em risco. Como havíamos dito, esse risco ou

violência vai desde um “cancelamento", política comum nas redes atualmente, até a própria homofobia, resultando, na pior das hipóteses, em morte.

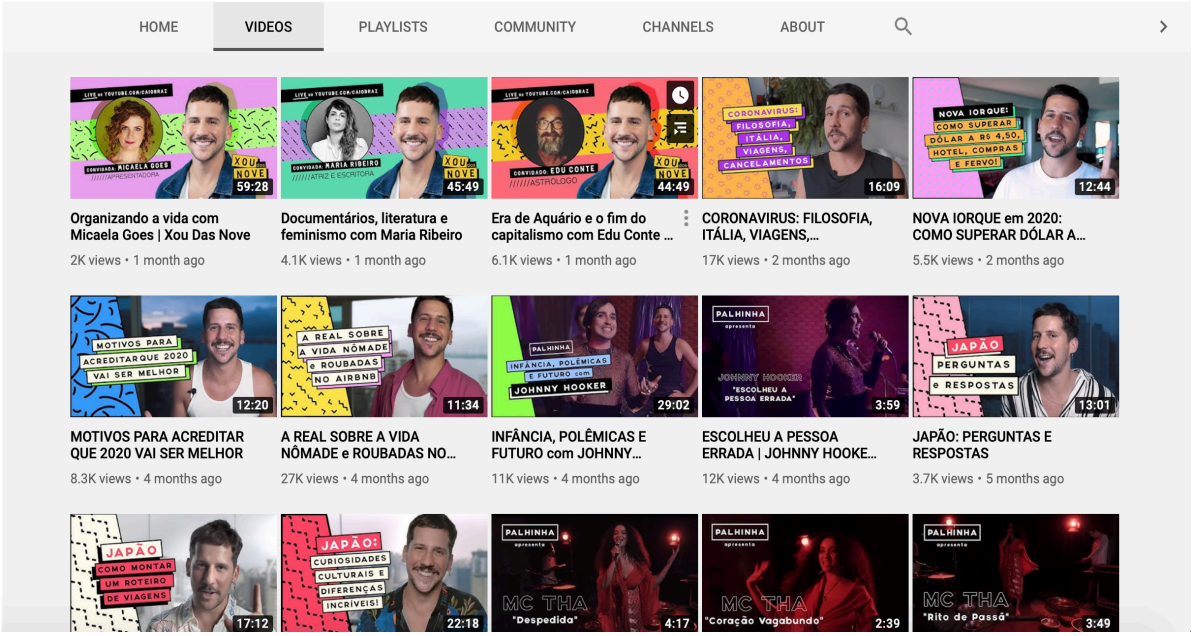
Apesar de tudo isso estar em jogo, EUA2 se mostra destemido, e é por meio de uma estratégia de comicidade que ele se lança para provar as coisas que ele odeia por ser gay, ideia contida no título do seu vídeo publicado. A exploração do estrato sonoro nessa narrativa mostra que, quando trabalhado a favor do narrador, pode-se conseguir efeitos de sentido bastante produtivos, como o da comicidade, da irreverência, da fala não comedida.

É interessante notar, por fim, a dinâmica dos estereótipos em sua narrativa. Aqueles que ele menciona, como pintar as unhas e fazer compras, são negados de forma veemente, inclusive ridicularizados por ele. No entanto, ao rechaçá-los, criam-se outros estereótipos: o de homem gay “normal”, como mencionamos com o advento da Liberação Gay, cuja performance em nada remete aos caracteres tidos comumente como extravagantes, “flamboyant”. É, portanto, nesse movimento de negação de estereótipos que os reafirmamos e, produtivamente, fabricamos outros, e isso se faz bastante evidente nessa vídeo-narrativa confessional em particular.

BR2 – “SER GAY É MUITO DIFÍCIL”

O segundo narrador brasileiro postou o vídeo em análise no dia 30 de março de 2017. Possuía, à época da escrita desse texto, o total de 116.753 visualizações e a duração exata de 8 minutos. No seu canal, por exemplo, ao abrirmos a página com o resumo de seus vídeos postados, percebemos que se trata de um lugar onde se discutem muitas coisas, sendo que o tema das sexualidades é um deles. Trata-se de um usuário ainda ativo no YouTube, cujos vídeos versam sobre questões sociais, de gênero, de sustentabilidade na moda, filosofia, literatura etc.

Figura 12 - Visão geral do canal de BR2



Fonte: https://www.youtube.com/caiobraz/videos. Acesso em: 18 maio 2020.

A visão geral de seu canal nos mostra cores e efeitos que são logrados graças a certo conhecimento mobilizado por ele ou por uma instância editora de multimídia (não sabemos ao certo). De todas as formas, o efeito causado na recepção é de algo elaborado, pensado e projetado para quem gosta ou se importa com esse tipo de elaboração visual.

O vídeo em questão trata de um tema importante, assim como a maioria dos que estão em seu canal, com uma dimensão social que diz respeito à comunidade gay em específico. Para isso, BR2 parte de um estudo científico, o que contribuirá para a projeção de um *ethos* de intelectual ou de intelectualmente articulado, como veremos mais adiante.

O sujeito comunicante Caio projeta seu sujeito enunciador, enquanto o sujeito destinatário é idealizado por ele e seu sujeito interpretante somos, por exemplo, nós, que acessamos e assistimos ao vídeo, assim como seus seguidores e não seguidores que também o fizeram.

BR2 nos explica que algo antecedeu a gravação do vídeo que estamos analisando – a leitura de um texto em um blog que o deixou motivado a compartilhar suas impressões acerca daquele conteúdo e as relações desse texto com o que ele vê na comunidade gay de que participa. Assim, ele nos situa no

tempo, imprimindo a essa temporalidade uma importância que diz respeito ainda a sua projeção de *ethos*, pois primeiro se informa, depois compartilha. Seu saber é, portanto, fundamentado, articulado com leituras prévias.

Figura 13 - Sequência de quadros em BR2



Fonte: Elaborado pelo autor.

Há uma dimensão factual evidente, visto que o narrador parte de um estudo científico disponível no blog “Huffington Post”, cujo link ele disponibiliza no espaço reservado à descrição do vídeo. Na linguagem não verbal, o factual se mostra na escolha do ambiente onde foi feito o vídeo, que foi, nesse caso, a sua casa, mais especificamente o que parece ser sua sala de estar. Existe, de fato, uma edição de vídeo mais elaborada, já que BR2 mostra dados, porcentagens e frases de efeito, e não somente as comenta (vide Figura 13). Isso, no entanto, não prejudica a factualidade de seu vídeo, pois se trata de efeitos que nos remetem ao universo jornalístico-midiático. Lembremos que o narrador já trabalhou na TV e, talvez por isso, tenha esse acesso ou domínio sobre essa tecnologia.

Existe ainda uma dimensão argumentativa evidente já título do vídeo: “Ser gay é muito difícil”. Trata-se de uma asserção, sobre a qual o narrador terá de discorrer para nos convencer de que sua opinião é válida. Na linguagem verbal, parte-se do pressuposto que seus argumentos estão previamente validados por uma pesquisa, como ele mesmo traz: “esse texto explica isso de uma maneira muito maravilhosa, e com dados, e estudos, e porcentagens que eu jamais seria capaz de calcular”. Na linguagem não verbal, percebemos que os efeitos de edição de vídeo argumentam a favor da importância do que o narrador tem para dos dizer pelo efeito causado na recepção – um efeito de credibilidade, que nos transporta a

algo do universo jornalístico. Os efeitos visados são, pois, de real, já que, *a priori*, o ficcional não faz parte nem do universo científico nem do jornalístico[29].

Por fim, a narrativa transcorre na linguagem verbal a partir do encadeamento de ideias vindas do texto científico motivador que o narrador leu, sobre o qual tece relações com sua vida particular e com seu círculo de amigos. Na linguagem não verbal, a narrativa se desenrola pela desenvoltura do emissor ao tratar do tema, ou seja, por meio de seus gestos, movimento corporal e expressões faciais acompanhamos suas impressões e emoções ligadas ao que enuncia.

No que concerne à corporalidade, o narrador se mostra à vontade – se movimenta mais, e é possível perceber um certo balanço do seu corpo, que não é estático à gravação, mas se move à medida que suas emoções se fazem evidentes. Tal leveza é consoante à linguagem verbal utilizada, pois vemos de forma recorrente o uso de expressões coloquiais, como “tô a fim”, e mesmo regionais, como “papai”. Então, a *necessidade de confessar* vem da necessidade de compartilhar as informações absorvidas pelo narrador, e essas informações dizem respeito às sexualidades, tema central das práticas confessionais em termos foucaultianos. Enfim, por se tratar de um texto em outro idioma, o que dificultaria a compreensão para muitas pessoas, BR2 nos apresentará a discussão ali presente de forma menos complicada.

O vídeo de BR2 é gravado na horizontal por uma câmera digital, em cores e de alta qualidade. A iluminação do ambiente é bastante alta, o que, como vimos em Guimarães (2004), valoriza o objeto em questão (o narrador) e o ambiente de onde fala (sua casa). Além disso, há menos esforço visual, e isso pode contribuir para termos uma percepção mais leve de um assunto pesado e denso, vindo de um texto que, nas palavras dele, era "bastante comprido”, para o qual teve de “reserva[r] aí uns vinte minutos”, e cujo conteúdo o narrador debateu com seus amigos.

Consoante à iluminação, percebemos a predominância do branco. Na cultura ocidental, esta cor é relacionada a valores pacíficos e está carregada de conotações positivas, como a clareza e a objetividade, conforme Guimarães (2004). Haveria,

---

[29] Podem existir, sim, elementos do ficcional no trato jornalístico, como bem nos mostra Mendes (2004). A autora cita o exemplo de uma inserção de trechos de uma obra literária, com estatuto ficcional, em um texto jornalístico, com estatuto factual, com o intuito de se ilustrar uma situação, o que denomina ficcionalidade colaborativa.

portanto, uma discordância entre a carga valorativa do que é mostrado e do que é dito. Entendemos, no entanto, que tal desencontro pode ser proposital, pois, para tratar de um tema pesado, trazem-se elementos leves para suavizar a densidade do discurso verbal. Trata-se de uma estratégia que, mesmo impensada, aporta efeitos particulares na recepção.

A cenografia construída em BR2 é interessante porque, apesar de estar refletindo sobre um texto lido em outro site, cuja origem remete a estudos científicos conduzidos e publicados em Inglês, coloca em evidência a simplicidade de como se pode tratar um assunto “pesado". Em uma cenografia tradicional, poderíamos pensar que, para tratarmos de um texto científico, deveríamos evidenciar elementos imagéticos do universo acadêmico, formal e algo distante; o que ocorre, ao contrário, é a preferência pelo tom mais informal e leve, revestido, ainda assim, de articulação intelectual. Trata-se, pois, de uma *estratégia de persuasão* e identificação, mas também de legitimação, presente na linguagem verbal e não verbal e que corrobora o sentido de um *ethos* de confiabilidade coexistindo com o de intelectualidade.

O ângulo de visão escolhido, ou seja, o posicionamento da câmera em relação ao objeto é o superior, assim como em EUA2. Um dos efeitos possíveis causados, segundo Mendes (2013), é o de enaltecimento do narrador, o que de fato se confirma quando percebemos que precisamos reconhecer seu valor de facilitador de informações. Em outras palavras, o enaltecimento viria do fato de BR2 ter lido o texto do blog em outro idioma e estar, agora, contando-nos e explicando-nos os pormenores daquela leitura longa e pesada. O plano escolhido é o primeiro plano, conforme Vergueiro (2012), o que nos permite enxergar os ombros do narrador e um pouco do ambiente onde se encontra. Isso já é o suficiente para que possamos traçar características do suas expressões faciais e do que escolheu mostrar como pano de fundo.

À propósito do ambiente, percebemos que ele está desfocado, e isso confirma o caráter de enaltecimento do objeto, imprimido também graças à escolha do ângulo. O que se destaca em partes, ao fundo, é uma rede vermelha, elemento que pode revelar características de regionalidade de BR2, na linguagem não verbal, e que se confirma em seu sotaque. Mostrar a rede pode ser entendido, portanto, como mais uma reafirmação identitária, além da de homem gay.

Por outro lado, constatamos que as cores gerais do seu canal são outras. Ao lermos a figura 12, é notável a presença de cores variadas. O uso abundante de cores talvez nos remeta a algo do universo estereotipado das homossexualidades masculinas. Os estereótipos têm relação com a projeção de *ethos* para Maingueneau (2008), pois eles irão afetar tanto o *ethos* prévio, como o mostrado e dito. Pode-se pensar, por exemplo, que no domínio do prévio, o canal de um homem gay irá tratar de assuntos da cultura gay e utilizará recursos visuais próprios desse universo de significação. No entanto, o que é dito e mostrado pode não coincidir com essas expectativas e, no caso de BR2, há coincidências pontuais: em alguns vídeos ele vai, de fato, fazer recurso às cores e à temática LGBTQ+, e em outros não (vide Figura 12).

Por fim, uma análise do estrato sonoro nos revela certa constância do tom de voz, que se altera para um timbre mais alto apenas em alguns momentos. Há muitos questionamentos na fala de BR2, por isso sua entonação varia nesses instantes pontuais, em que o interlocutor é convidado a refletir sobre algo. Alguns marcadores discursivos, como “não é verdade?” e “né?”, não alteram de forma substancial o caráter sonoro de sua discursividade; enquanto outras interpelações mais longas, como “essa é minha comunidade?”, “essa é minha galera?”, “como você se torna uma bicha má?” tornam a entonação mais inflamada.

O modo de organização narrativo é predominante em BR2, mas existe uma dimensão argumentativa forte, como vimos anteriormente. O narrador tenta desconstruir, logo nos primeiros minutos do vídeo, um senso comum e, para isso, vai argumentar:

> A olho nu, o grande problema dos gays é sair do armário, né, porque a partir do momento que você foi lá, se impôs, né, enfrentou a sociedade e saiu do armário, é como se a sua vida já estivesse resolvida e você resolveu o grande problema da sua vida. Só que isso é uma grande ilusão. (BRAZ, 2017)

Por quais motivos, então, a saída do armário como um grande problema a ser resolvido é uma grande ilusão? Vejamos que, para que seu público compreenda a importância de sua discussão, é preciso, sim, partir de um lugar comum que é mais pertinente aos gays a quem imaginariamente (e idealmente) ele fala.

Outros momentos estão marcados por um posicionamento bastante claro, com afirmativas que, se tomadas isoladamente, despertam certa curiosidade na

recepção, como “a gente minimiza muito o poder da nossa sexualidade no resto do desenvolvimento da nossa vida e do nosso bem-estar” (BRAZ, 2017). Poderíamos considerar esse tipo de abordagem também como uma *estratégia de persuasão* e de identificação, pois ao mesmo tempo que nos convence de seu ponto de vista, o narrador ainda faz com que nos identifiquemos com algo que diz respeito à nossa vida de forma geral.

Com o modo de organização descritivo, BR2 consegue, além disso, mais identificações com seu público, pois parte de indagações gerais sobre a vida de um jovem gay “no armário”. É como se ele o descrevesse e conhecesse as fases por que passa em diferentes fases da vida. Em “você que é gay como eu sabe muito bem que a gente passou a nossa infância e adolescência inteira sendo bastante escorregadio com os amigos, tendo que fazer compensações”, faz referência a dois períodos que são perturbadores e importantes para quem vive sexualidades dissidentes (*lembrança do período escolar*). Quando diz “você precisa o tempo inteiro se provar muito mais do que uma criança e um adolescente hétero”, dirige novamente a palavra ao interlocutor e começa a tratar do que chamamos de estresse de minoria (*avaliação social do outro*). Assim, ele vai pintando progressivamente um quadro que remonta ao passado, caracterizando alguns pormenores que são comuns à vida de uma criança ou jovem gay (ou LGBTQ+), para provar seu ponto, envolvendo-nos ora com descrições que dizem respeito ao nosso crescimento “queer”, ora com dados da pesquisa acessada no site “Huffington Post”.

Na linguagem não verbal, verificamos que o ambiente desfocado, não chamativo, ao fundo contribuem para que dirijamos a atenção ao narrador – o caráter descritivo está sobretudo concentrado em sua mensagem. Como vimos acima, a alta iluminação cenográfica foi um elemento que favoreceu o foco em BR2. O recurso aos dados e informações na tela do vídeo, inseridas com a ajuda de ferramentas de edição, nos descrevem e provam pontos de vista julgados relevantes pelo enunciador. Dentre os enunciados escolhidos para serem figurados na parte esquerda do vídeo (vide Figura 13), estão: “gays estressados”, “75% dos gays carregam traumas”, “uma solução além dos direitos civis”, “essa é minha comunidade?” e “sororidade masculina = fraternidade” (*desidentificações com a*

cultura gay). Trata-se de partes consideradas essenciais do estudo para BR2, que não só descrevem, mas deixam evidentes alguns pontos de vista.

A dimensão narrativa na linguagem não verbal se configura na movimentação corporal do narrador, que é bastante dinâmica e leve. Ele se mostra não somente à vontade diante da câmera, mas demonstra ter certo domínio sobre sua imagem. Novamente, observamos aquela não coincidência intencional: para lidar com um assunto pesado, BR2 tratou de se mostrar uma pessoa leve e dinâmica.

A dimensão argumentativa na linguagem não verbal se manifesta por meio de sua postura contestadora e de sua gestualidade. BR2 gesticula de forma a nos guiar não só pelos dados que mostra no vídeo, mas também por seu envolvimento no tema. Quando afirma, por exemplo, que "achava que com 22, com 23 anos, quando eu saí do armário, eu tinha resolvido tudo isso, e era 'um gay bem resolvido'", logo em seguida diz que não, e nos propõe enfrentar nossos medos e nos questionarmos mais. Tudo isso é acompanhado de movimentos expressivos das mãos bastante incisivos, convincentes sobre o quanto devemos evoluir.

Os efeitos patêmicos causados no interlocutor estão na ordem do convencimento e da atenção ao tema. A inclusão frequente do interlocutor na narrativa com o uso do pronome "você" não só o interpela, mas o envolve, sobretudo se considerarmos os exemplos de que o narrador lança mão, como a alusão à infância e à adolescência. As emoções suscitadas emergem, pois, por meio do convite aos sujeitos interpretantes a repensarem suas vidas, e tudo isso só foi possível por causa das escolhas (ainda que talvez inconscientes) feitas, tanto na linguagem verbal como na não verbal. Portanto, iluminação, escolha de cores, escolha lexical, efeitos de vídeo, ângulo e plano da câmera contribuíram para a projeção de um *ethos* de intelectualmente articulado.

Finalmente, no estrato sonoro, o tom assumido é mais variável, pois o narrador deixa sua voz flutuar em diferentes níveis: ora mais inflamados, como em indagações mais longas, ora menos inflamados, como quando traz o conceito de um termo, como o de "sororidade". Isso está de acordo com sua própria movimentação corporal e com a maneira como trata o tema no geral: às vezes se envolve mais, às vezes se posiciona menos. Seu fluxo de palavras é bastante coerente, e isso talvez se deva pelo fato de ter trabalhado na televisão e, portanto, possuir conhecimento e maior controle sobre sua cenografia.

Os imaginários sociodiscursivos no discurso verbal estão diretamente relacionados ao saberes de crença, já que o narrador traz suas visões pessoais acerca da comunidade gay. Os saberes de opinião também aparecem, pois estamos diante de uma tentativa de convencimento da parte do sujeito enunciador sobre seu destinatário acerca das razões pelas quais ser gay é tão difícil (título do seu vídeo). Esse tipo de saber também implica opiniões comuns e generalizantes, partindo de um sujeito individual que faz apreciações sobre um grupo. Quando BR2 afirma, por exemplo, que “cria-se uma comunidade de gente hipersexualizada, com um trauma de ‘bullying' sofrido a vida inteira e querendo descontar de volta”, elabora algo sobre sua comunidade, uma crença que parte do “individual” pro coletivo. No discurso não verbal, o uso de cores neutras e da alta iluminação podem fazer emergir na recepção efeitos de neutralidade característicos do fazer jornalístico e midiático; BR2, contudo, se mostra mais solto e à vontade. Assim, reconfigura a rigidez tanto do tema (verbal) como da cenografia (não verbal) para tratar de seu assunto.

Avaliação da análise de BR2

A vídeo-narrativa confessional de BR2 se apresentou de forma articulada com um texto cuja leitura se provou dificultosa, por se tratar de um material longo e em inglês no blog “Huffington Post”. Sua proposta, portanto, enquanto enunciador, é a de tornar essa leitura mais fácil, trazendo os principais pontos presentes no texto fonte, de caráter jornalístico-científico.

Nas entrelinhas desse enunciar informativo, BR2 se coloca enquanto um ser confessante na medida em que alia suas próprias experiências de vida gay ao conteúdo da postagem no blog em questão. Sua confissão é motivada por algo que está além do gênero discursivo em questão e, por isso, ele teve de fazer adaptações estratégicas em sua narrativa, conforme visto na análise verbo-icônica. É evidente que o caráter confessional perpassa a sexualidade, como coloca Foucault, o que é central em sua vídeo-narrativa: tanto em termos gerais, como em termos particulares.

As técnicas de poder imprimidas aos homens gays se mostram claras nessa vídeo-narrativa se pensarmos a dimensão dispersa que ele pode assumir, conforme a perspectiva foucaultiana. Na medida em que se produzem sujeitos efeito de um processo de subjetivação inferiorizante, esses mesmos sujeitos parecem reiterar as mesmas técnicas de exclusão e hierarquização características do sistema que os reprimiu por tanto tempo. É justamente sobre esse ponto que o narrador parece indagar, utilizando outras palavras: os efeitos do poder produtivo em um grupo socialmente estigmatizado.

Assim como BR1, BR2 também se coloca enquanto um sujeito em evolução, que realiza um trabalho sobre si para identificar não só os "armários da vida", mas as falsas certezas a que os homens gays somos expostos no estágio do pós-armário. Seu cuidado com a verdade implica um cuidado com a origem da informação: não por acaso, a leitura de um texto jornalístico-científico antecede a vídeo-narrativa. Enquanto um facilitador do conhecimento, BR2 evidencia a necessidade de compartilhar (*confessar*) suas impressões acerca desse texto informativo com seus amigos e com seu público, em uma sorte de compromisso ético e moral com aqueles que, talvez, compartilhem dos mesmos questionamentos que anuviam seus pensamentos, inclinações e crenças.

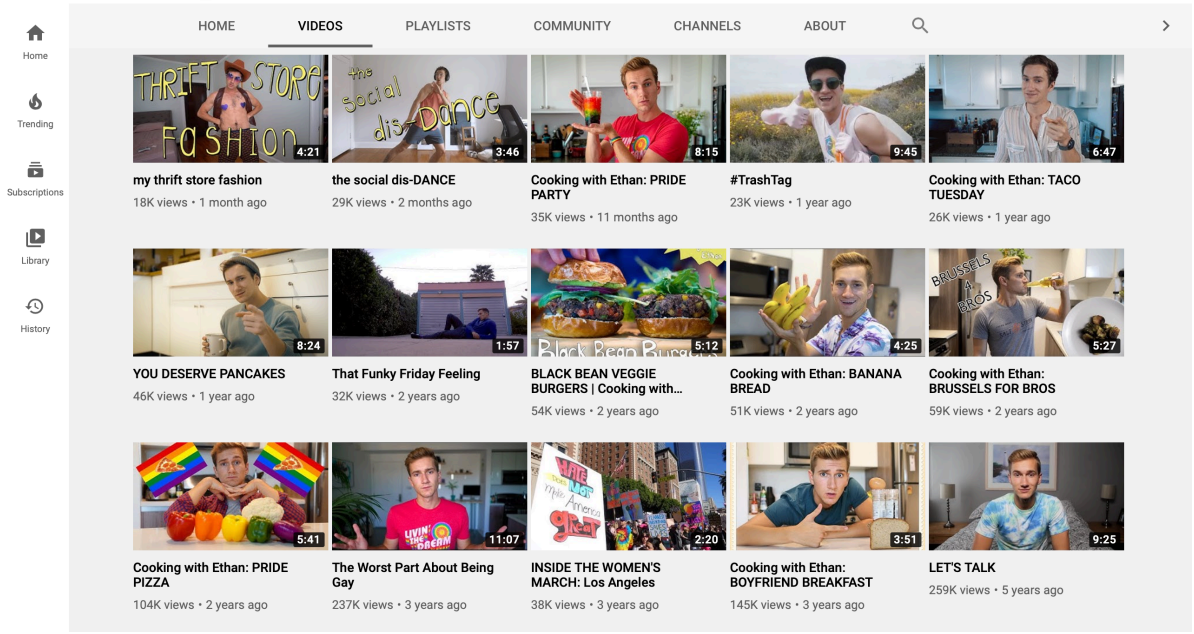
O tom questionador do narrador é igualmente importante na projeção de um *ethos* de intelectualmente articulado, o que contribui para a emergência de questionamentos sobre os imaginários sociodiscursivos referentes aos homens gays no pós-armário.

EUA3 – "The Worst Part About Being Gay"

O terceiro vídeo de nossa sequência foi postado em 8 de março de 2017 com o título "A pior parte de ser gay", em tradução livre. Contava com 219.637 visualizações quando analisado e se apresentava com um dos mais longos de nosso *corpus*, com exatos 11min06s. O canal do YouTuber está ativo; notamos, contudo, que passou bastante tempo sem muitas postagens (vide Figura 14). Dentre os títulos de vídeo apresentados, destacamos os seguintes: "Cooking with Ethan: PRIDE PIZZA", "LET'S TALK", "That Funky Friday Feeling", "INSIDE THE

WOMEN'S MARCH: Los Angeles" (tradução nossa: Cozinhando com o Ethan: PIZZA DO ORGULHO, VAMOS CONVERSAR, Aquele Sentimento Ruim de Sexta-feira, POR DENTRO DA MARCHA DAS MULHERES: Los Angeles).

Figura 14 - Visão geral do canal de EUA3



Fonte: https://www.youtube.com/user/ehethcote/videos. Acesso em: 8 jun. 2020.

Percebamos que existem menções à questão do orgulho ("pride") nos títulos, assim como a bandeira do movimento e questões sociais como a Marcha das Mulheres. Explorando um pouco mais o canal de BR3, verificamos que, em alguns vídeos mais antigos, precisamente de 2014, aparecia o namorado do YouTuber. Parece-nos então que ele sempre foi aberto a sua percepção enquanto homem gay na Internet e, mais especificamente, no YouTube.

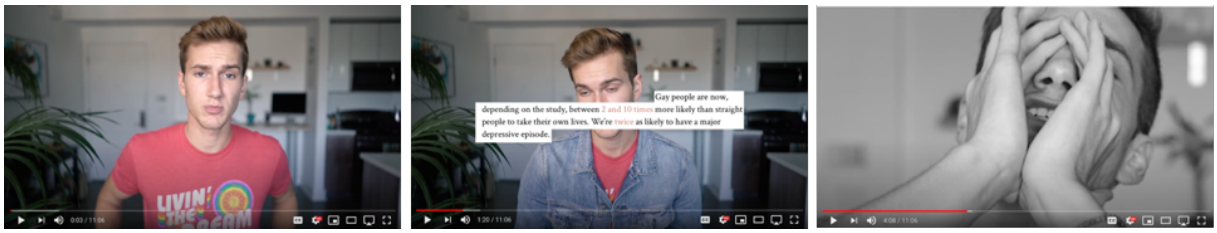
É interessante ressaltarmos ainda que o tema da culinária parece recorrente em seus últimos vídeos, o que não ocorre nos publicados alguns anos atrás. Ainda assim, o narrador consegue incluir o tema do orgulho, o que poderia revelar um caráter de relativo envolvimento com causas sociais, como veremos no discurso verbal mais adiante.

O sujeito enunciador em questão é projetado por Dillon, sujeito psicossocial, complexo e atravessado por diversos discursos. Os sujeitos-destinatários são

idealizados por ele, enquanto os sujeitos-interpretastes são aqueles que assistiram ao vídeo a ser analisado.

O narrador nos localiza temporal e circunstancialmente para desenvolver sua história e sua caminhada até chegar ao ponto de gravar e publicar o vídeo. Assim, ele nos explica que se deparou, alguns dias atrás, com um texto com o qual se identificou muito e, a partir daí, nos conta as relações que estabeleceu após ter realizado essa leitura. “So, the other day I stumbled across this article that really, really resonated with me, and I just had to share. It’s called *The Epidemic of Gay Loneliness*, and it was published by *Huffington Post*” (tradução nossa: Então, esses dias eu me deparei com um artigo que realmente mexeu comigo e eu precisei compartilhar. Chama-se *A Epidemia da Solidão Gay* e foi publicado pelo *Huffington Post*). Uma dessas relações tem a ver com o seu passado, que é relembrado constantemente ao lado de *episódios de homofobia/“bullying”* que viveu quando mais novo: “As you may already know, I grew up in a small town in Indiana, hum… very conservative, very agricultural small town in Indiana” (tradução nossa: Como vocês já devem saber, eu cresci numa cidadezinha em Indiana, é…muito conservadora, muito agrícola), “One day I was leaving lunch, with a group of my friends […]” (tradução nossa: Um dia, eu estava saindo do almoço com um grupo de amigos meus […]). Trata-se, portanto, de recursos narrativos de que lança mão para dar sentido à sua narrativa, elencando elementos da postagem no blog “Huffington Post” e relacionando-os à sua história de vida pessoal.

Figura 15 - Sequência de quadros em EUA3.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por causa dessa conexão que o narrador estabelece com o texto do blog, o caráter factual que se revela corrobora tanto para a identificação de seus espectadores com o que é dito (*estratégia de identificação/persuasão*), como para

o caráter real de sua narrativa. É como se ele estivesse nos provando que aquilo que viveu está respaldado pelo “Huffington Post”. Assim, na linguagem verbal, os efeitos de real estão demarcados por esse relato e sua interdiscursividade (relato pessoal e postagem no blog), enquanto na linguagem não verbal, o real se manifesta na escolha do ambiente em que gravou o vídeo. Observemos na Figura 15 que se trata de uma sala, ou a entrada de uma casa/apartamento, de onde se vê uma cozinha, à esquerda do narrador, alguns objetos decorativos ao fundo e uma planta à direita de EUA3.

Há uma dimensão descritiva na narrativa, antecipada pelo título, que nos promete revelar qual ou quais seriam as piores partes de se ser gay. Para isso, é preciso que o narrador se muna de argumentos, fazendo assim com que a argumentação também seja mobilizada em sua discursividade. Em termos de linguagem verbal, a descrição se manifesta na maneira como EUA3 pontua suas lembranças enquanto jovem gay crescendo em uma cidade pequena. Dentre essas *lembranças*, estão episódios *do período escolar*, por exemplo, descritos como períodos bastante difíceis, pois envolveram de sobremaneira práticas de “bullying” que retiraram sua agência enquanto sujeito, como ele afirma nesse trecho: “I think one of the biggest effects that that bullying situation had on me was that they took those things I love from me and they made them something else” (tradução nossa: Eu acho que um dos maiores efeitos que aquela situação de “bullying” teve em mim foi que eles tiraram de mim as coisas que eu amava e as transformaram em outra coisa). Por outro lado, vemos que na linguagem não verbal EUA3 se mostra mais “superado” apesar de tais momentos desafiadores de sua vida no passado: faz questão de nos atentar, logo de início, à mensagem que consta em sua camiseta, onde se lê “Livin’ the dream” (tradução nossa: Vivendo o sonho). Essa expressão tem como efeitos de significado a ideia de uma autorrealização, uma espécie de conquista de vida sob altos custos pessoais. É o momento, pois, de celebrar.

O caráter argumentativo, na linguagem verbal, pode ser claramente percebido neste trecho, quando o narrador sumariza o ponto de vista tanto seu como o que está presente no artigo lido no “Huffington Post”: “coming out of the closet isn’t the end of our journey to loving ourselves” (tradução nossa: "sair do armário” não é o fim da nossa jornada para amarmos a nós mesmos). Talvez isso justifique, então, a escolha do título do vídeo publicado. Na linguagem não verbal,

um dos elementos que constituem a argumentação é a escolha pela camiseta cor-de-rosa, para que BR3 aponta e destaca no início do vídeo. Segundo Guimarães (2003, p. 92),

> pode-se utilizar a cor tanto para aumentar a credibilidade de determinada informação quanto para diminui-la. Tornar a informação mais ou menos crível pode fazer parte dos objetivos daquele gesto de informação. (GUIMARÃES, 2003, p. 92)

Desse modo, a escolha de cor, ainda que não seja integralmente intencional, faz-nos crer mais na adesão do narrador à mensagem que transporta e exibe em sua camiseta, pois, apesar de tudo, está celebrando o orgulho de "viver o sonho".

Por fim, o caráter narrativo na linguagem não verbal pode ser percebido pela própria movimentação do narrador, que ora se apresenta com a camiseta cor-de-rosa à mostra, ora lhe sobrepõe uma camisa jeans. A gestualidade se faz bastante presente nessa gravação também, e isso nos guia gradualmente na narrativa. Guimarães (2003) afirma que a própria moldura do navegador de uma página na Internet poderia ser entendida como um enquadramento e, por isso, podemos considerá-la um espaço reservado ao decorrer da narrativa. Esse é, inclusive, o espaço que está recortado na Figura 15.

O vídeo foi gravado no formato "widescreen" por uma câmera que gera imagens em cores e em alta resolução. Existe um breve momento em que se altera para uma filmagem em preto e branco, o que será abordado e justificado mais adiante. Nas terminologias de Vergueiro (2012), predomina o primeiro plano, pois é possível percebermos o tronco do narrador, assim como suas expressões faciais. Essa escolha significa que temos acesso ao movimento do seu corpo, às expressões faciais e a alguns detalhes do ambiente.

Ainda em relação à escolha do plano, é importante sublinhar que ela se justifica pelo fato de que, graças a ela, nossa atenção é voltada à camiseta e à mensagem que ela traz. Se feita de outra forma, isso não seria possível. Um plano mais próximo, como o plano detalhe, não nos permitiria ter a dimensão do ambiente, tampouco da expressividade do seu corpo e, consequentemente, da camiseta que o narrador utiliza e faz questão de mostrar. O seu corpo é, assim, veículo de uma mensagem que diz respeito à sua fala e à projeção de *ethos*.

Um plano mais próximos permite-nos, ainda, um grau de aproximação ideal para as confessionalidades[30]. Na linguagem verbal, ressaltamos que o narrador destaca a urgência da sua narrativa confessional: ele *teve que compartilhar* com seu público suas impressões sobre o artigo que leu no blog (“I just had to share”). Por se tratar de algo que dizia respeito à sua vida e a suas sexualidades, um tom intimista é estabelecido, pois o que EUA3 está para nos confessar tem a ver com seu passado e com a forma como vê o problema do pós-armário atualmente. Por isso, agora tratando da linguagem não verbal, se aproxima de nós, reforçando tanto sua *necessidade de confessar* como sua *estratégia de identificação e persuasão* garantidas por essa aproximação.

O ângulo escolhido é o médio, na altura dos nossos olhos, causando um efeito de equidade. Dessa vez, é como se estivéssemos de pé, de frente para ele. Outro narrador que também optou por esse ângulo foi BR1, com a diferença de que ele estava sentado. Em ambos os casos, o teor daquilo que tinham para confessar era muito mais íntimo e pessoal e menos generalista. Em outros narradores, percebemos que, por vezes, havia uma maior preocupação em discutir problemas *gerais* da comunidade de homens gays, com reflexos diretos inegáveis em suas vidas pessoais. Nesses casos, os ângulos em questão eram os superiores, cujos efeitos possíveis são de enaltecimento e valorização da pessoa que narra. Em EUA3, pois, o recurso à equidade na linguagem não verbal se manifesta na escolha do plano, enquanto na linguagem verbal identificamos a menção ao “Huffington Post”, que pode ser de conhecimento do público, e a reafirmação do lugar onde nasceu: uma cidadezinha em Indiana. Todos esses elementos podem gerar efeitos de aproximação com os sujeitos-interpretantes, por compartilharem do mesmo local de nascimento (Indiana) ou por lerem os mesmos sites (“Huffington Post”).

O ambiente escolhido para a gravação do vídeo é a sala de estar de sua residência. Uma escolha semelhante foi feita por BR2. No caso do narrador brasileiro, observamos uma edição de vídeo recorrente, com inserção de dados na tela. Agora, em EUA3, constatamos o mesmo: um trecho da postagem do “Huffington Post" é colocado em evidência no vídeo, sobrepondo inclusive a face do narrador (vide Figura 15). Há, portanto, uma coincidência de escolha de ângulos

---

[30] Por confessionalidades queremos amalgamar as características da confissão trabalhadas por Foucault, somadas às particularidades das digitalidades contemporâneas. Esse conceito também é apresentado na seção “como confessamos hoje”, no Capítulo 1.

e de inserção de informações sobre um estudo na edição de vídeo. A importância dada pelo narrador ao texto disponível no blog é reforçada, assim, no destaque que lhe é dado também na linguagem não verbal.

Em relação às cores presentes, há predominância de preto e branco no ambiente, cabendo aqui dois destaques: à cor da camiseta do narrador e ao efeito de gravação em preto e branco em um momento do vídeo. Primeiramente, a vestimenta de EUA3 é bastante chamativa e significativa. Sabemos que a cor-de-rosa é, segundo Guimarães (2004, p. 59), um tom "suave e feminino". Recordemo-nos ainda de que foi também o tom utilizado para marcar os homossexuais no período nazista. Portanto, a cor está marcada de significações históricas e ideológicas que dizem respeito muitas vezes à percepção de grupos sociais. A respeito disso, Guimarães (2004) nos lembra que essa apreensão da cor vai depender também do armazenamento e do compartilhamento de seu conteúdo.

Enquanto integrantes da comunidade de homens gays, sabemos que a simbologia da cor-de-rosa ainda é representativa, assim como o recurso a outras cores coexistindo no mesmo objeto (pensemos no arco-íris). Na camiseta do narrador, por exemplo, existe a figura de um círculo com diversas cores concêntricas, o que pode ativar memórias discursivas nos sujeitos-interpretantes. De fato, para Mendes (2013), os imaginários podem ser verboicônicos e, por isso, é preciso considerar que os símbolos presentes na linguagem não verbal em EUA3 são bastante representativos. Notemos ainda como as cores do ambiente em nada se destacam, visto que o que parece interessar ao narrador é uma focalização efetiva na sua corporalidade como um todo.

> "[…] **a camiseta decorada com dizeres impressos ou desenhos** surgiu na década de 1940 e hoje resume a cultura de mídia pós-moderna. A impressão de dizeres em camisas como meio de **identificar seu usuário** com uma organização, um time esportivo, surgiu do século XIX e foi usada por universidades na década de 1930. […] Desenvolvimentos técnicos nas décadas de 1950 e 1960, como tinturas plásticas, decalques e tintas em *spray* levaram ao uso de **desenhos coloridos** e **aumentaram o potencial da camiseta como meio de comunicação**." (CRANE, 2006, p. 348, grifos nossos)

Existe, pois, um potencial comunicativo na camiseta decorada, que perpassa identificações com grupos como empresas, universidades e times, como cita a autora, mas também com grupos sociais.

Cabe igualmente destacar o uso de filmagem em preto e branco. Nesse momento, precisamente, o narrador faz alusão a um *episódio de homofobia* ocorrido alguns anos atrás. O vídeo, que até então estava todo gravado em cores, é editado para aparecer em preto e branco, quando EUA3 diz as seguintes palavras: “Hey Ethan! Dicks are for chicks” (tradução nossa: Ei, Ethan! Paus são para meninas). Segundo Parente (1999 *apud* Chaves, 2013), estamos vivendo a geração das imagens digitais em movimento. Portanto, não faria muito sentido usar uma gravação totalmente em preto e branco, sobretudo após constatarmos a importância das cores na camiseta do narrador. Entendemos que esse recurso foi mobilizado para demarcar um acontecimento do passado, algo que não mais pertence ao presente de EUA3. Com o objetivo de reafirmar esse caráter, transportou seus espectadores a seu passado também por meio da linguagem não verbal.

No que tange ao estrato sonoro, retomamos esse mesmo trecho em preto e branco para demonstrar como a linguagem não verbal se apoia na verbal, nesse caso, para que o narrador consiga tratar de um episódio de homofobia no seu período escolar de modo que os efeitos de real prevaleçam. O narrador engrossa a voz para simular um homem terceiro gritando-lhe ofensas (“Hey Ethan! Dicks are for chicks”). O som, nesse caso, contribui para a configuração de uma situação real e de efeitos de “verdade", e, por isso, para a significação tanto da linguagem verbal como da não verbal.

Outro aspecto interessante de se apontar é o silenciamento nos primeiros segundos do vídeo. O silêncio é também um recurso para significação de algo que se tem a mostrar ou dizer. No caso de EUA3, percebemos que a intencionalidade era de mostrar a mensagem presente em sua camiseta. Após direcionar seu olhar a ela em silêncio, o narrador diz: “It’s kind of appropriate, right?” (tradução nossa: é meio apropriado, né?). Tal referência está ligada à frase “Livin’ the dream”, por isso apreendemos que o narrador provavelmente teve a intenção de fazer-nos prestar atenção ao que a mensagem dizia e significava.

O modo de organização predominante é o narrativo, sendo que o narrador se posiciona temporalmente em um momento pós-leitura de um texto que o motivou a gravar e publicar o vídeo, como vemos nesse trecho:

> So, **the other day** I stumbled across this article that really, really resonated with me, and I just had to share. It's called *The Epidemic of Gay Loneliness*, and **it was published** by Huffington Post. **It initially caught my eye** because […]
>
> (Tradução nossa:
> Então, **esses dias** eu me deparei com um artigo que realmente mexeu comigo e eu precisei compartilhar. Chama-se *A Epidemia da Solidão Gay* e **foi publicado** pelo Huffington Post. Ele **me chamou a atenção de início** porque […]

A partir desse início, EUA3 nos convida a participar de seu passado ao rememorar alguns episódios de sua vida que, para ele, têm estreita relação com o que estava escrito no texto. Existe, portanto, uma dimensão descritiva marcante quando ele escolhe inserir essas memórias na linguagem verbal. Ao caracterizar sua cidade em Indiana, por exemplo, e a cultura que predominava ali, busca desvendar caracteres mais psicológicos do seu estado emocional em relação às sexualidades que percebia se aflorando em sua adolescência, como em: "I thought I knew what to expect", "I just remember going from… blending in and feeling like one of my peers, to immediately being ostracised and immediately feeling on the outside of everyone else" (tradução nossa: Eu achava que sabia o que esperar, Eu me lembro de passar de…me misturando e me sentindo como parte do meu grupo a ser imediatamente banido e me sentido fora de todo o resto).

Na linguagem não verbal, percebemos esse passar do tempo na dimensão narrativa por meio da movimentação do corpo de EUA3 e, mais especificamente, pela troca de roupas – nos primeiros momentos, ele veste apenas a camiseta rosa, depois coloca uma camisa jeans por cima dela, em seguida volta a aparecer no restante do vídeo apenas com a camiseta colorida. Essas transições confirmam a importância de analisarmos a simbologia dos investimentos que se faz ao corpo. Como nos lembra Courtine (2011, p. 73), "Le corps humain était, et demeure pour nos, couvert de signes, même si la nature de ceux-ci, le regard qui les déchiffre, la position de celui qui les interprète et l'intention de qui les exprime se sont historiquement modifiés" (tradução nossa: O corpo humano foi, e permanece ainda

para nós, coberto de signos, ainda que a natureza deles, o olhar que os decifra, a posição daquele que os interpreta e a intenção de quem os exprime tenham sido historicamente modificadas). Acrescenta-se ainda o fato de essa natureza e esses olhares que decifram o corpo humano estarem situados em um tipo de análise que busca entender o símbolo em sua pluralidade, assim como na AD que praticamos.

Além disso, conforme vimos, EUA3 utiliza ferramentas de edição para inserir informações a respeito do texto do "Huffington Post" e para criar o efeito de preto e branco em um determinado momento. Isso causa efeitos de real na recepção, pois parece-nos que trechos do texto original foram resgatados fielmente, sem modificações e sem gestos interpretativos que comprometam a veracidade daquilo que é mostrado.

Na dimensão descritiva, notamos que a escolha de plano e ângulo nos favorecem uma visão do ambiente e de sua vestimenta, esta tão importante para essa vídeo-narrativa confessional. Além disso, os recursos técnicos de edição de vídeo também são elementos que configuram o caráter descritivo da narrativa.

Enquanto dimensão argumentativa, é preciso ressaltar que, assim como o texto "The Epidemics of Gay Loneliness", o narrador também busca provar seu ponto. Para isso, ele nos apresenta um questionamento que sumariza o que está no "Huffington Post": "despite all of the progress we've made towards equality and acceptance, legally and socially, why is it that gay people are disproportionally affected by mental health issues, like suicide, and depression, and anxiety, and…the list goes on?" (tradução nossa: apesar de todo o progresso que temos feito por igualdade e aceitação, tanto legal como socialmente, por que as pessoas gay são desproporcionalmente mais afetadas por questões de saúde mental como suicídio, depressão, ansiedade e…a lista continua?). Assim, para compreender essa pergunta que está presente no blog, e que ele retoma em seu vídeo, EUA3 dispor-se-á de elementos pessoais (lembranças, opiniões) para fazer entender a si mesmo e, quiçá, responder à questão proposta.

No que tange à linguagem não verbal, é interessante sublinhar a troca de vestimenta acompanhando uma mudança no teor do que é dito. Exatamente quando vai tratar de suas lembranças enquanto jovem gay crescendo em uma cidade do interior do estado de Indiana, o narrador retira a blusa jeans que vestia. Até então, ele a levava posta no corpo enquanto tratava do tema geral do texto, o

que nos causou um efeito de impessoalidade e de neutralidade. Em outras palavras, enquanto apresentava o debate central de seu vídeo, alguns traços de impessoalidade foram mobilizados para que nossa atenção não se desviasse, assim como é feito no meio midiático-jornalístico. A partir daí, esse efeito é, de certo modo, interrompido, e pudemos observar uma maior movimentação gestual do narrador.

Os efeitos patêmicos visados estão bastante ligados às lembranças de que o narrador nos coloca a par. Trata-se de momentos de “bullying” e de homofobia vividos na adolescência, o que ele mostra ter mais ou menos superado ao trajar a camiseta rosa onde se lê “Livin’ the dream”. Há inclusive um momento em que ele aponta novamente para essa frase e afirma “I don’t think I was ready for this” (tradução nossa: Eu acho que não estava pronto para isso). Portanto, podemos dizer que a projeção de um *ethos* de confiança e de orgulho foram notadas. De forma semelhante a BR1, de quem igualmente identificamos a projeção etótica de seguro de si, EUA3, por sua vez, reafirma essa segurança pelo caráter de seu vestuário e por tratar de questões bastante traumatizantes em sua vida. Foram necessários orgulho e confiança para que o narrador pudesse tratar do assunto e se mostrar à vontade, e isso foi alcançado através de suas escolhas lexicais, de plano, de ângulo, de vestimenta e de ambiente, conforme vimos anteriormente. Em suma, o que o narrador nos diz e o que ele nos mostra, de fato, coincidem.

Em relação aos imaginários sociodiscursivos que o narrador evoca em sua narrativa, vimos que ele inicia a gravação com saberes de conhecimento, uma vez que mostra o argumento central do estudo presente no "Huffington Post”. Em seguida, parte para uma abordagem embasada nos saberes de crença, e mais especificamente, nos de opinião, pois, enquanto sujeito, avalia fatos do mundo e se engaja, sobretudo quando se trata de retratar o “bullying" sofrido e de defender seu ponto de vista sobre o pós-armário, respectivamente. No discurso imagético, os saberes de conhecimento se manifestam sobretudo na transição de roupas (da camiseta rosa para a camisa jeans), como mencionamos acima, assim como na inclusão de trechos do estudo em questão. Já os saberes de crença se fazem presente sobretudo nas escolhas de plano e ângulo que ressaltam a vestimenta do narrador e o efeito de preto e branco ao tratar de uma memória sua.

Enfim, relembramos que, para Charaudeau (2015), um mesmo imaginário pode receber efeitos positivos e negativos de acordo com o domínio em que está inscrito. Essa projeção etótica de orgulho e segurança avaliada em EUA3 pode ser entendida como algo positivo em um domínio mais compreensivo das sexualidades dissidentes, mas também negativo em um universo de significações mais homofóbico. Por isso, é importante não caracterizar os imaginários como verdadeiros ou falsos, mas sobretudo analisar como aparecem e o que denunciam ou testemunham.

Avaliação da análise de EUA3

A vídeo-narrativa de EUA3 se diferencia das demais ao apresentar um sujeito que evoca as noções do orgulho de forma bastante clara tanto na narrativa em questão, como no seu canal no YouTube. Poderíamos afirmar, em termos foucaultianos, que os efeitos de poder sobre a constituição de um "sujeito de orgulho" (referindo-nos ao ideal de "Pride", em inglês) são claramente detectáveis na discursividade de EUA3, na linguagem verbal e não verbal.

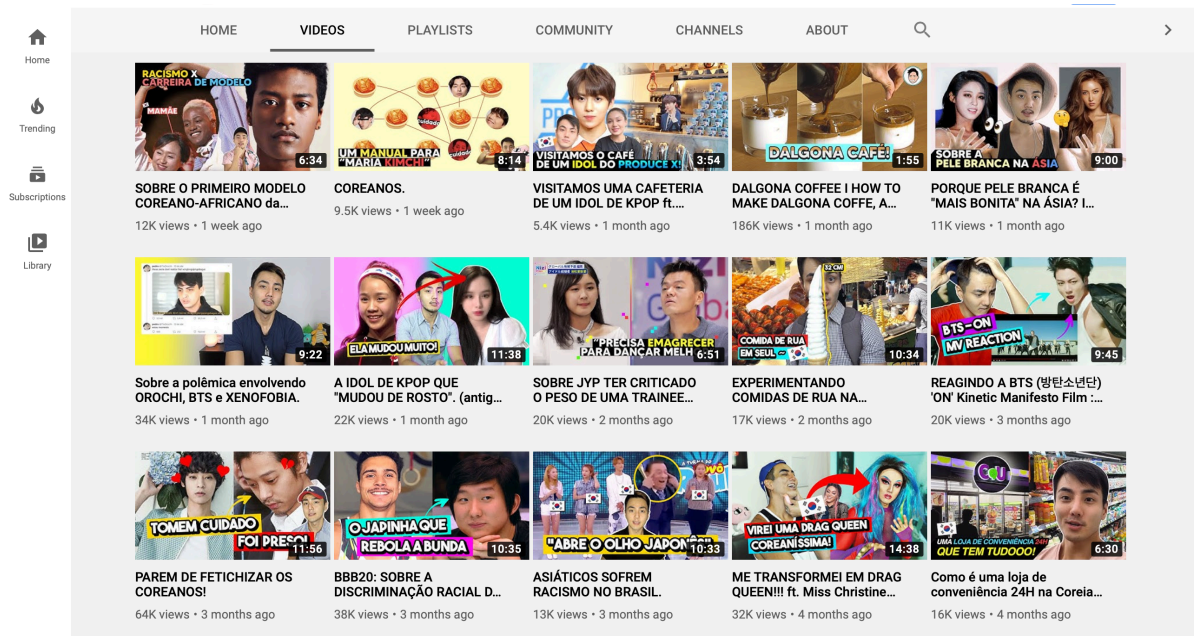
Diante da impossibilidade de apreender uma totalidade de si na narrativa, como afirma Butler (2015), o narrador, que já se situa em uma temporalidade social demarcada, mostra sua filiação identitária ao ideal do orgulho, da celebração e da conquista (pessoal e comunitária). Evidencia igualmente o trabalho que teve de realizar sobre si para poder chegar ao ponto de vestir uma camiseta como a que exibe nos segundos inicias do vídeo publicado. Como Halperin (2012, 1995) postula, ser gay é um estado constante, uma prática que envolve uma ascese, um questionamento constante. EUA3 parece querer nos confessar justamente essa particularidade das sexualidades gays: do combate para se chegar ao estado de plenitude, que leva a outro estado de combate, que é o pós-armário, e assim sucessivamente.

Por fim, é importante destacar o modo como as questões particulares do narrador se mesclam às questões da comunidade de homens gays, de forma geral, ou àquelas trazidas pela publicação no "Huffington Post". É no embate entre ser social e ser singular que, assim como outros narradores, EUA3 busca se individuar mas em um compromisso social e ético com o comum.

BR3 - “Como estou me sentindo após sair do armário?”

O terceiro vídeo de YouTuber brasileiro foi postado em 25 de março de 2019. Possui exatos 7m35s de duração e contava, quando escolhido para análise, com 63.225 visualizações. No seu canal, na seção de vídeos publicados, percebemos que os temas ali tratados dizem respeito sobretudo à cultura sul-coreana, com algumas interseções com questões de gênero. Trata-se de um usuário bastante ativo na mídia social, com postagens recorrentes. Por isso, consideramos que este é um canal ainda estava ativo à época da análise. Outros títulos que nos chamaram a atenção e que não estão presentes na Figura 16 são: “reagindo a beijos gays em dramas asiáticos!!!”, “10 idols coreanos que apoiam a causa LGBT!”, “como é ser gay e lidar com a tradição coreana”, “20 fatos sobre mim fora do armário e sendo eu mesmo!”.

Figura 16 - Visão geral do canal de BR3



Fonte: https://www.youtube.com/c/JovemHan/videos. Acesso em: 28 maio 2020.

A visão geral do seu canal nos permite perceber de imediato uma variedade de tons. A variedade de cores parece dialogar com a variedade de temas em BR3. Em BR2, por exemplo, havia certa padronização dos quadros, ou seja, as miniaturas de vídeo possuíam uma repetição da forma como as informações eram apresentadas. Nesse canal agora, parece não haver tanta preocupação com esse

tipo de padronização em específico, o que pode orientar nosso olhar apenas a miniaturas cujos temas no interessem.

O vídeo a ser analisado sucede outro muito importante, que é inclusive abordado pelo narrador. Trata-se de sua "saída do armário" no YouTube, postada em 23 de março do mesmo ano, a que deu o seguinte título: "Eu sou gay. Eu me aceito gay". Dois dias depois, BR3 grava o "Como estou me sentindo após sair do armário?" como uma oportunidade de reelaborar algumas coisas que disse meio "surtado", como ele mesmo diz: "eu só queria me expressar um pouquinho melhor das coisas que abordei no meu último vídeo que eu fiz quando eu tava um pouquinho…surtado, meio mal, né" (HAN, 2019). Consideramos relevante trazer essa informação, visto que o pós-armário deste narrador é muito recente, mas já nos fornece dados bastante interessantes e que se relacionam de certa forma com as narrativas de outros YouTubers presentes nesta pesquisa.

O sujeito comunicante Jovem Han (nome de seu canal), ao projetar seu sujeito enunciador, idealiza seu sujeito destinatário, que provavelmente se constitui de um público que se interessa pela cultura sul-coreana. Os sujeitos interpretantes são aqueles que assistiram ao seu vídeo e sobre ele elaboraram algo mentalmente.

BR3 nos situa prontamente em relação ao que quer dizer, lembrando-nos do vídeo que precede imediatamente este a que estamos assistindo. "Começando, faz o que? Dois dias que eu fiz o vídeo. Então tem muita coisa que ainda tá muito desorganizada, tô tentando organizar na minha cabeça" (HAN, 2019). Essa marca temporal é característica da narrativa e, na linguagem verbal, orienta seu leitor em uma dimensão situacional. Na linguagem não verbal, a narrativa se desenvolve na gestualidade, na expressividade do narrador à medida que nos conta sua vida pós-armário.

A dimensão factual na linguagem verbal é evidente quando consideramos a referência ao vídeo anterior, quando "saiu do armário" no YouTube. Na linguagem não verbal, percebemos que BR3 se encontra em seu quarto, assim como EUA1, EUA2 e EUA4. Assim, o ambiente escolhido nos orientaria a crer que a factualidade da discursividade se configura igualmente no que nos é mostrado. Em outros termos, estamos diante de algo empírico, um local das intimidades, intimidade essa que se mostra tanto na linguagem verbal como na não verbal. Diferente de BR1, por exemplo, que trata de sua vida pós-armário em um ambiente público, parece-nos

ainda cedo para BR3 publicizar sua sexualidade em outra instância que não seja a virtual, como confessa: “Ainda tem medo e receio da minha parte, porque não foi que eu resolvi as coisas através do vídeo” .

Figura 17 - Sequência de quadros em BR3



Fonte: Elaborado pelo autor.

Existe ainda uma dimensão descritiva, antecipada já pelo título do vídeo. O narrador se propõe a nos detalhar *como* está se sentindo, “se eu tô me sentindo liberto, se é uma sensação totalmente diferente, inovadora” (HAN, 2019). Por isso, o sentimento de confusão, medo e receio são recorrentes na linguagem verbal por meio da utilização esses adjetivos. Na linguagem não verbal, a cenografia nos mostra que as tonalidades escuras predominam, sendo que a cabeceira de cama, ao centro, é de cor cinza-escuro, assim como a roupa de cama verde-escuro, e o móvel preto, que está à direita. À esquerda, percebemos um tom pastel no armário de roupas. O único elemento que se destaca é um bicho de pelúcia, cuja cabeça é cor-de-rosa. A própria gestualidade e as expressões faciais, perceptíveis graças às escolhas de plano e ângulo, caracterizam um narrador de certa forma preocupado, que franze a fronte e leva as mãos à cabeça.

Na dimensão argumentativa, percebemos que importa ao narrador fazer-nos crer na importância de “vivermos nossa verdade”, verbalizar aquilo que nos incomoda, confessar nossos anseios, o que nos é mais íntimo ou o que nos atravessa a alma. Como *estratégia* discursiva *de identificação* ou persuasão, afirma o seguinte:

> o que eu mais tenho recebido esses dias, depois que eu fiz o vídeo (saí do armário, explodindo, surtando) foram mensagens de pessoas que estão dentro do armário sofrendo. E não foram dez mensagens, não foram cem, foram muitas mensagens!” (HAN, 2019).

Assim, BR3 deixa evidente que o tema de que trata é tão relevante que obteve respostas, reações discursivas àquilo que verbalizou em seu último vídeo (de “saída do armário”). Afirma, ainda, que não existe lógica em vivermos no armário para satisfazermos a vontade do outro, da sociedade, e, para isso, é necessário um processo de evolução de si, o qual, no seu caso específico, ocorreu no YouTube: "Então é uma coisa que eu vou evoluindo, vou me soltando ao longo do tempo, na…aí, no YouTube, e tudo mais” (HAN, 2019). Na linguagem não verbal, podemos dizer que a emoção fez com que acreditássemos na validade de seus argumentos, e ela foi percebida por meio do ambiente e das expressões corporais do narrador. As estratégias de captação são, para Charaudeau (2010), maneiras de nos aderirmos a certas ideias de forma irracional, sendo usada sobretudo quando o sujeito não está em posição de autoridade e atinge o domínio afetivo da instância de recepção. Enfim, como o próprio narrador coloca, “Eu apenas surtei e decidi gravar um vídeo na emoção mesmo”.

BR3 grava seu vídeo na horizontal com uma câmera que gera imagens coloridas e de alta qualidade. A iluminação do ambiente não é alta: trata-se do seu quarto, onde os tons escuros predominam e a única fonte de luz parece vir de uma luminária de piso que está posicionada à esquerda do narrador. Podemos inferir que existe também uma fonte de luz em frente ao seu rosto; caso contrário, veríamos pouco de suas expressões faciais.

A baixa iluminação poderia provocar na recepção um efeito de baixa valorização dos elementos do campo visual, conforme traz Guimarães (2004). Tal efeito faz sentido com o que BR3 traz na linguagem verbal: ele se sente sozinho e ainda não livre, apesar de ter “saído do armário”. Existe, pois, um *sentimento de solidão* e uma *ilusão de “saída do armário”* evidentes, sendo que na linguagem não verbal se caracterizam pelo tom obscuro que a própria narrativa confessional assume e, na linguagem verbal, em dois trechos importantes: “E é por isso que eu não tô me sentindo, tipo, 100% livre. E até tá sendo meio contraditório porque continuo gravando vídeos sobre esse assunto, mas é porque eu quero ver a minha vida continuar” e “A gente acaba filtrando pessoas, é…porque a gente não sabe em quem confiar e tudo mais”. Tais momentos retratam exatamente a coincidência de uma imagem de si ainda não positiva reforçada pela cenografia.

O ângulo escolhido para a gravação é o superior, assim como em BR2 e EUA2. Vejamos que, apesar de ser o mesmo, a escolha desse ângulo implica outras nuances: enquanto BR2 e EUA2 enaltecem a sua própria imagem em caráter de reforço, BR3 o faz para valorizar o que tem a dizer, já que, de acordo com os elementos da linguagem verbal e não verbal, ele se projeta como sujeito ainda não valorizado. Em outras palavras, o ângulo superior ou *plongé* causaria um efeito de enaltecimento para compensar os traços desvalorativos que a cenografia e a discursividade encarregaram-se de mostrar.

O plano de gravação é o primeiro plano, nos termos de Vergueiro (2012). Trata-se do modo ideal de nos mostrar a riqueza das expressões faciais, tão importantes para um narrador que se encontra em um estágio de "saída do armário" bastante recente, e os detalhes do ambiente, que dizem algo a respeito desse estágio conturbado. Segundo o narrador, "ainda tem muita coisa pra eu desconstruir da minha parte" (HAN, 2019). É esperado, então, que esse processo de desconstrução, de *evolução de/em si*, conforme categorizamos, esteja refletido também na linguagem não verbal.

Se observarmos novamente a Figura 17, no primeiro quadro, notaremos que o único destaque, por meio de edição, que o narrador dá durante todo o vídeo é à expressão "muito medo", que aparece à sua frente, centralizada e em tons de azul. O primeiro plano, além de explorar o estado emocional do narrador, revela algumas características que vão se confirmar na linguagem verbal: temos o dito e o mostrado operando coincidentemente.

Observemos agora as cores presentes no ambiente como um todo. O vestuário do narrador se mescla às tonalidades do ambiente, que são de cinza e branco predominantemente. É como se ele houvesse mimetizado o ambiente em sua camiseta. Já na visão geral do canal do YouTuber (vide Figura 16), há uma variedade de cores que nos remetem a campos de significação de alegria. Trata-se, de fato, de um vídeo mais pesado que, conforme vimos, sucede o vídeo da "saída do armário" do narrador.

No estrato sonoro, notamos que não há uma alteração forte no timbre de voz do narrador. Não há perturbações no som ambiente, o que faz com que nos concentremos na narrativa. Algo que se deve sublinhar aqui é a hesitação constante, o uso recorrente de "né" e "é…". A ideia, segundo BR3, é se expressar

um pouco melhor se comparado ao vídeo anterior (em que “sai do armário”), como ele mesmo nos adverte nos primeiros segundos da gravação. Para isso, assume uma tonalidade de voz mais contida, diferente do vídeo de dois dias atrás, em que percebemos alguns momentos de quase choro, talvez um nó na garganta que o impedisse de chorar de fato em frente à câmera.

O modo de organização narrativo está presente em BR3 de uma forma bastante interligada ao descritivo. É preciso, de antemão, situar seus destinatários em relação ao vídeo anterior, pois é dele que o narrador também irá tratar. Assim, ele posiciona um antes, um agora e até delineia um depois, sendo que o antes corresponde à sua “saída do armário”, dois dias atrás pelo YouTube, o agora diz respeito à narrativa em questão e o depois se refere a uma expectativa de se sentir melhor, “100% livre”. Essa situacionalidade é relevante e nos coloca a par do fio narrativo confessional. Em que estágio o narrador se encontra? Esse vídeo tem alguma motivação prévia? O que esperar dos próximos?

A dimensão descritiva, por sua vez, se manifesta já no título do vídeo: “Como estou me sentindo após sair do armário?”. Enquanto instância de recepção, esperamos que ele nos responda como está se sentindo não só com as emoções, mas também com fatos e argumentos que justifiquem suas percepções de agora enquanto homem gay “fora do armário”. É justamente sobre isso que narrador se propõe a dizer:

> hoje eu queria compartilhar com vocês como eu tô me sentindo, de como é estar fora do armário finalmente. Se eu tô me sentindo liberto, se é uma sensação totalmente diferente, inovadora, né. (HAN, 2019).

Trata-se igualmente de uma *estratégia* para tanto nos manter assistindo ao vídeo, como nos identificarmos talvez com um passado de pós-armário (se já estamos “fora” dele).

Na dimensão argumentativa, é importante notar que, na maior parte do tempo, BR3 tenta justificar por que “explodiu” e gravou o vídeo anterior, sem mesmo contar para a família que ia fazê-lo. Por isso, afirma: “minha mente tava desejando muito por isso”, “eu queria muito soltar isso”, “a gente não aguenta mais ficar vivendo uma falsidade”, “não faz sentido você se esconder”. Sua insatisfação é evidente, assim como sua *necessidade de confessar*, de se justificar e de se

retratar em relação ao vídeo publicado dois dias atrás. Ele aproveita ainda para dizer brevemente sobre homofobia, algo que é absurdo em sua opinião: “Até os homofóbicos…se vocês pararem pra refletir, cara, não faz sentido vocês terem ódio, repúdio, por pessoas que são gays!” (HAN, 2019). Estamos diante, portanto, do momento de argumentar sobre tudo aquilo que, de certa forma, parece tê-lo incomodado e impedido de “sair do armário” em outras circunstâncias.

Na linguagem não verbal, percebemos a dimensão narrativa na gestualidade do narrador, pois como o ambiente é estático, sua movimentação é a única forma de nos situar em um domínio narrativo, em que a temporalidade se faz presente na sua corporalidade e em elementos mais óbvios, como o cursor do reprodutor de vídeo do YouTube. A dimensão descritiva é percebida por elementos já abordados, como a baixa iluminação contribuindo para o caráter mais mórbido da cenografia, as cores em tons escuros e pastéis, tanto no ambiente como no objeto narrador, o ângulo e plano escolhidos e suas implicações e possíveis efeitos de sentidos causados nos sujeitos-interpretantes. Algo que se destaca ainda nessa dimensão é o recurso de edição utilizado para colocar em evidência a expressão “muito medo”, que reforça o caráter descritivo e emocional da narrativa de BR3. Por fim, a dimensão argumentativa se manifesta em sua gestualidade, que às vezes revela um caráter inconformista, como quando leva as mãos ao rosto, indignado (vide terceiro quadro da Figura 17). Ademais, vimos que a argumentação desse narrador se dá bastante pelo caráter patêmico, ou seja, pelo envolvimento do sujeito-destinatário com as emoções sentidas pelo emissor. O foco nas expressões faciais e na gestualidade mostram-se ferramentas importantes e escolhas significativas para a projeção de *ethos* do narrador.

Aliás, os efeitos patêmicos podem ser compreendidos no domínio de uma certa indignação com tudo o que BR3 teve de passar e esconder para chegar ao ponto em que chegou: “independente se eu fiz uma coisa não…da melhor estratégia possível, eu sei que a minha mente tava desejando muito por isso” (HAN, 2019). Por isso, se posiciona como um sujeito ponderado agora, já que anteriormente havia explodido em suas emoções e, para se retratar, publica um novo vídeo. Assim, poderíamos dizer que ele projeta um *ethos* de ponderado, alguém que, apesar de deixar as emoções escaparem, é capaz de analisar sua

situação atual e traçar ainda metas para se desconstruir, evoluir e se soltar ao longo do tempo[31].

Os imaginários sociodiscursivos presentes poderiam ser classificados como de crença, já que BR3 traz considerações suas a respeito não da comunidade gay, como o fez BR2, mas sobre a própria sociedade e sobre o discurso homofóbico. Quando afirma "A gente viver uma vida dentro do armário pra satisfazer os ideais de outras pessoas…cara, não tem lógica disso", faz parecer evidente que sua visão sobre ter tanta dificuldade em "sair do armário" e demorar tanto para fazê-lo estão sobretudo pautadas na *avaliação social do outro*. Os saberes de opinião, por sua vez, se concretizam na medida em que o narrador aponta generalizações, como a de que não existe momento certo para contar para a família e a de que não existe sentido lógico para a homofobia. No discurso não verbal, percebemos que as escolhas por tons neutros e "apagados" nos aproximam de um caráter de neutralidade, diferente da imagem geral do seu canal algum tempo depois da publicação desse vídeo.

Avaliação da análise de BR3

Os temas da verdade e da liberdade percorrem a narrativa de BR3 de forma pungente. Viver a verdade e ser livre parecem ser medidas que o narrador deseja adotar para sua vida; o que ele encontra, no entanto, são percalços para chegar a esse objetivo. Afirma, a respeito disso, não estar se sentindo livre ainda, mas reafirma a urgência que tinha de "sair do armário" e, assim, viver sua verdade. Daí percebemos que a ideia que possuía a respeito da "saída do armário" era a de uma liberdade subsequente, como se, ao fazê-lo, fosse possível eximir-se de todos os desgostos já experimentados em sua experiência de vida.

O imperativo à fala e a necessidade de expurgar pensamentos na tentativa de se acessar uma verdade sobre si demonstram que a confissão, em tempos de YouTube, assume essas nuances de hospedar, por exemplo, a "saída do armário"

[31] Aqui nos referimos especificamente ao seguinte trecho: "[…] ainda tem muita coisa pra eu desconstruir da minha parte, porque eu vivi por muitos anos uma bolha, um ideal para os outros. Então é uma coisa que eu vou evoluindo, vou me soltando ao longo do tempo, na…aí, no YouTube, e tudo mais." (HAN, 2019)

de alguém. As técnicas de poder que nos incitam à fala são vivas e produzem sujeitos confessantes ativos na Internet.

Observemos, adicionalmente, que a vídeo-narrativa de BR3 se particulariza na medida em que se mostra como uma retratação ao um vídeo postado anteriormente, em que o narrador afirma ter “explodido” (de emoções). Mostrar certo domínio de si e certa temperança foi essencial para ele, e é o que busca fazer ao publicar a narrativa que analisamos. Foucault (2008) afirma que a confissão vincula o sujeito confessante ao que ele afirma e, ao mesmo tempo, o qualifica de forma distinta. Ao confessar, “sair do armário”e se retratar sobre um vídeo anterior, BR3 se qualifica como um sujeito diferentes pós-confissão: intemperante (porque “explodiu”), mas arrependido, liberto, mas ainda não tão livre.

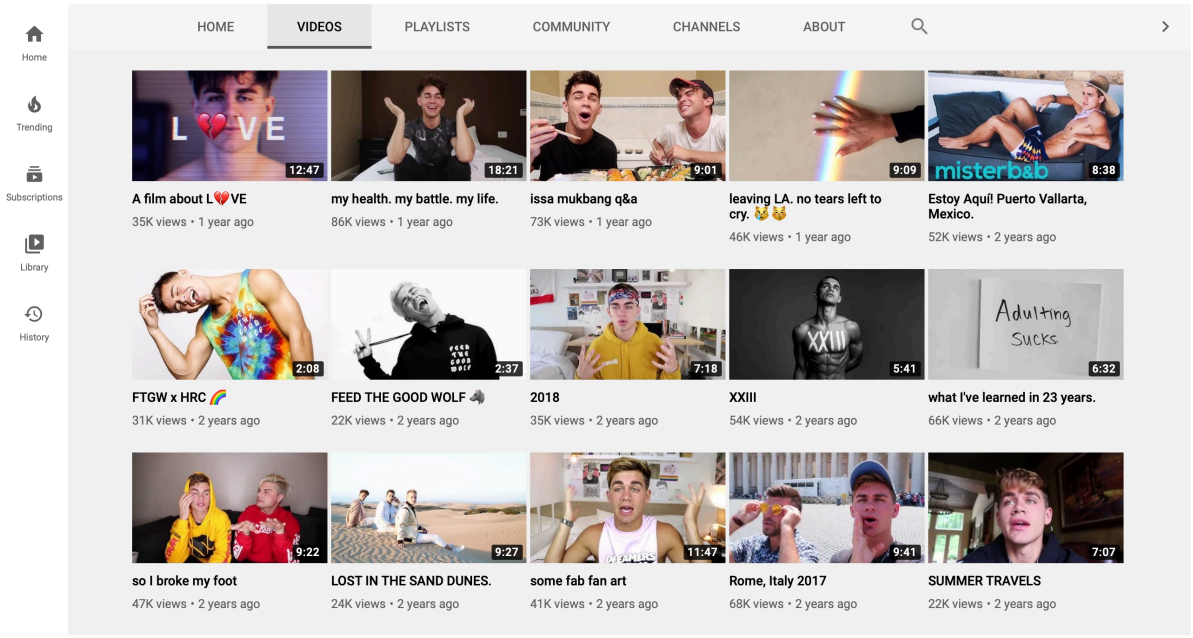
Por fim, Foucault (2006) encontra em Epíteto uma definição de metanoia que, anos mais tarde, se modifica em outros textos. Em todo caso, Epíteto fala da necessidade de expulsarmos pensamentos errôneos para que não nos arrependamos depois. A noção de metanoia como algo negativo, como arrependimento, se contrapõe àquela com valor positivo (mais tardia), de renovação de si. No caso de BR3, vemos que, no sentido negativo, existe o arrependimento pela publicação do vídeo em que o narrador "sai do armário” de forma descontrolada. No lado positivo, a crença em uma ruptura de si, de um acesso a uma vida melhor e sem remorsos se encontra no compromisso que o narrador trava consigo mesmo de evoluir, de trabalhar sobre si. É nesse local que ele se encontra: entre o arrependimento e a promessa de se constituir em um sujeito melhor após ter confessado suas inclinações, crenças, verdades.

EUA4 – “The struggle of being gay and accepting it.”

O último vídeo de um narrador estadunidense foi postado no dia 4 de abril de 2017 e contava com 127.439 visualizações quando analisado. Sob o título de “A luta por ser gay e aceitá-lo”, em tradução livre, dura exatamente 10m08s. O canal do YouTuber não possui postagens muito recentes, sendo a mais atual datada do início de 2019. Em termos gerais, seu espaço virtual parece tratar tanto de questões pessoais como de viagens, como vemos nos seguintes títulos: “LOST IN SAND

DUNES", "Rome, Italy 2017", "SUMMER TRAVELS", "What I've learned in 23 years", my health. my battle. my life.", "leaving LA. no tears left to cry" (tradução nossa: "PERDIDO NAS DUNAS DE AREIA, Roma, Itália 2017, VIAGENS DE VERÃO, O que aprendi em 23 anos, minha saúde. minha luta. minha vida., indo embora de Los Angeles. sem lágrimas mais para chorar).

Figura 18 - Visão geral do canal de EUA4



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UC6dnrqZANHB90Syn_C_EWXg/videos. Acesso em: 8 jun 2020.

Em termos de cores, percebemos que existe o recurso ao preto e branco em três dos quinze vídeos recortados pela captura de tela no canal de EUA4. A presença de cores é, no entanto, inegável, além da imagem de um arco-íris. A temática gay perpassa os temas presentes na página. Em um dos vídeos, intitulado "Estoy Aquí! Puerto Vallarta, Mexico", vemos "misterb&b" escrito na miniatura. Trata-se de uma rede de hospedagem que busca integrar a comunidade de homens gays enquanto viajam, oferecendo-lhes lugares onde possam se sentir seguros em relação às suas sexualidades. A história da rede está assim explicada em Português Europeu:

> Em 2014, o co-fundador e presidente executivo do misterb&b, Matthieu, alugou um apartamento em Barcelona com o seu

> companheiro. Ao chegar, tornou-se claro que o anfitrião não se sentia confortável recebendo viajantes gay em sua casa. Ela até perguntou se eles iriam dormir juntos na mesma cama.
> Essa experiência mostrou-lhe que era necessário criar um serviço de alugueres de curto prazo direcionado para viajantes gay, para ajudar a proporcionar não apenas uma experiência segura e confortável, mas também uma em que membros da comunidade LGBTQ pudessem criar ligações e expandir o seu sentido de comunidade numa escala global. A partir desta visão, nasceu o misterb&b[32].

Outra referência interdiscursiva está no título do vídeo intitulado “leaving LA. no tears left to cry”. Trata-se de uma música da cantora Ariana Grande, referência na cultura pop gay masculina, cuja mensagem trata de um estado emocional de alegria, em que já não há espaço para lágrimas e sofrimento. De todas as formas, trata-se de um narrador que se posiciona enquanto homem gay nos demais vídeos a que assistimos, e que aborda o tema de forma bastante segura, ora com um teor cômico, ora tendendo para uma abordagem mais séria. Veremos a seguir que, no vídeo que analisamos, as duas características coexistem.

Matthew Crawford é o sujeito empírico, psicossocial e, portanto, o sujeito-comunicante, que projeta um sujeito-enunciador responsável pela discursividade a ser analisada. Os sujeitos a que o narrador endereça seu vídeo são os destinatários, idealizados por ele; apenas aqueles que assistem ao conteúdo, contudo, são os interpretantes.

O narrador começa a dar sentido ao que vai dizer partindo de um período específico: a “middle school”*[33]*:

> […] let’s just begin with middle school, because I think middle school is the time for everyone in life…correct me if I’m wrong! You just start comparing yourself to everyone, because that’s when like…your hormones develop and that’s when people are, like, starting to date people but not really”.
>
> (Tradução nossa:
> […] vamos começar com o final do ensino fundamental, porque eu acho que é quando todos na vida…me corrijam se eu estiver errado! Você começa a se comparar com todos, porque é quando, tipo… seus hormônios se desenvolvem e é quando as pessoas estão, tipo, começando a namorar outras pessoas mas nem tanto.

---

[32] Informações disponíveis em: https://www.misterbandb.com/pt/pages/join-us. Acesso em: 22 jun 2020.

[33] Corresponde à idade escolar que varia entre 11 e 14 anos e compreende um período que vai da sexta à oitava série nos Estados Unidos. Seria, na realidade do Brasil, o final do nosso Ensino Fundamental.

Trata-se de uma *lembrança do período escolar*, uma das categorias presentes no Quadro X (Categorias em seus respectivos narradores). Remontar ao passado é uma estratégia discursiva observada em outros vídeos neste estudo e se configura como uma abordagem "lógica" quando os narradores tratam de "bullying", por exemplo. Poderíamos dizer que uma estratégia de captação foi assim mobilizada, assim como o concebe Charaudeau (2010), pois existe um apelo emocional ao compartilhamento de experiências e que, nesse caso, é o "bullying" na idade escolar mencionada.

O caráter factual é evidente na narrativa, pois, ainda que Charaudeau (2008) conceba a narrativa como algo que é posterior ao momento da fala e, portanto, pertencente, *a priori*, ao domínio do ficcional, é evidente que, no caso do nosso *corpus*, entendemos que os efeitos de real predominam. É preciso colocar em evidência as especificidades de cada ato de linguagem – provavelmente o autor não previu que sua teoria fosse utilizada em vídeos narrativo-confessionais no YouTube. Por isso, reinterpretamos e adaptamos a sua teoria às nossas demandas.

Na linguagem não verbal, esses efeitos de real estão presentes na escolha do ambiente (o quarto do narrador), por exemplo, assim como pela ligação que ele estabelece com um órgão de ajuda denominado "Better Help". Essa organização o contactou e, segundo EUA4, trata-se de uma forma de se comunicar com uma rede de terapeutas online, disponíveis 24h por dia e todos os dias da semana. Vejamos como o narrador se posiciona em relação a isso:

> This organisation contacted me, and I did my research, you know? I would never share anything with you guys that wasn't legit, you know? I wanna provide anything that could make that process of your self-development and your self-acceptance easier, because it shouldn't be that fucking hard for anyone
>
> (Tradução nossa:
> Uma organização entrou em contato comigo e eu pesquisei, sabe? Eu nunca compartilharia algo com vocês que não fosse legítimo. Eu quero providenciar qualquer coisa que possa tornar o processo de desenvolvimento pessoal e de autoaceitação mais fácil, porque não deveria ser tão difícil para ninguém).

A organização de que fala, portanto, é algo real, legítimo e que existe "fora" daquela realidade discursiva, ou seja, fora da narrativa que analisamos e que está

presente no vídeo a que assistimos. Essa mesma dinâmica foi observada em EUA3, por exemplo, quando ele faz menção à publicação no “Huffington Post” – algo que podemos, nós mesmos, conferir, acessar e provar com os próprios olhos.

Outra questão que podemos brevemente abordar aqui é a ideia de organizações convidarem YouTubers a falarem sobre elas e os trabalhos que desenvolvem. Isso também aconteceu com BR1, que declara ter sido convidado por uma empresa do ramo de turismo e pelo próprio YouTube a gravar um vídeo. Além do efeito de real causado, não podemos negar que existe um interesse mercadológico e monetário por parte dessas empresas que usam o poder de convencimento que esses influenciadores digitais possuem sobre seu público-alvo. Isso está compreendido no que o próprio YouTube denomina “características de monetização”, ou “monetization features”[34], e dentre elas está o requisito de o YouTuber possuir pelo menos 18 anos e 30.000 inscrições no seu canal. Fica evidente, assim, que a narrativa nessa mídia possui relações diretas com o “real” e que, inclusive, empresas encontraram um solo fértil para movimentar mais um nicho de comercialização de ideais, produtos e experiências (vide “misterb&b") em “pessoas comuns”.

Retomando o caráter narrativo, no que concerne à linguagem não verbal, notamos que EUA4 se movimenta mais, pois seu vídeo se inicia sem sua presença, que gradualmente é anunciada primeiro com a imagem da sua cintura para baixo, em seguida assistimos a ele se sentando no chão e, por fim, se fixando aí durante toda a gravação. É preciso dizer que, a respeito desses primeiros segundos, o corpo do narrador é o responsável por captar nossa atenção no primeiro momento. Ele se apresenta não só da cintura para baixo, mas vestindo nada além de uma cueca (vide Figura 19). Essa transição de foco de sua área genital para seu rosto pode criar um efeito de “promessa”, ou seja, uma expectativa de que ele irá se mostrar da mesma maneira (de cueca) mais adiante no vídeo. Curiosamente, dentre as métricas do YouTube, está a “Video viewership”, algo como a “visualidade do vídeo”. Essa característica corresponde ao quanto do vídeo o espetador assistiu: 25%, 50%, 75% ou 100%. Entendemos tudo isso como uma estratégia não verbal para se manter a permanência e a aderência dos sujeitos-interpretantes ao que é mostrado e enunciado.

---

[34] Informações disponíveis na seção Help Center: https://support.google.com/youtube#topic=9257498. Acesso em: 22 jun. 2020.

Figura 19 - Sequência de quadros em EUA4



Fonte: Elaborado pelo autor

Além dessa movimentação inicial, a gestualidade e a movimentação do corpo se fazem presentes na narrativa de EUA4. Somado a isso, temos a inclusão de informações, como vemos no segundo quadro da Figura 19, e a inserção da logomarca da “Better Help”, no último quadro à esquerda. Tudo isso colabora para a ideia de uma temporalidade, o transcorrer de uma narrativa que possui início, meio e fim.

Existem ainda elementos descritivos que merecem ser discutidos. No título do vídeo, já percebemos que ser gay é, para o narrador, uma luta, ou uma batalha. Além disso, aceitar isso é igualmente penoso. Assim, “struggle”, substantivo escolhido para qualificar tudo isso, diz respeito à maneira como EUA4 percebe a vida enquanto homem gay num contexto de pós e “dentro do armário”, conforme afirma nesse trecho: “I think I really do wanna stress the struggle, the real struggle, and the internal battle with being gay and accepting yourself” (tradução nossa: eu acho que eu realmente quero destacar a luta, a luta real, a batalha interna em se ser gay e aceitar a si mesmo). É interessante ressaltar que esse mesmo termo, “struggle”, foi utilizado por EUA1 e parece representar, de fato, as dificuldades pertinentes às homossexualidades, se nos atrevemos em dizê-lo. Se nos atentarmos às palavras de Halperin (1995, p. 30), confirmamos o caráter dificultoso da vivência pós-armário: “coming out puts into play a different set of power relations and alters the dynamics of personal and political struggle” (tradução nossa: sair do armário coloca em cena um conjunto de relações de poder que altera a dinâmica de batalhas pessoais e políticas). Tais relações de poder parecem moldar, em certo grau, as formas possíveis de se ser gay em uma conjuntura política, que vai, portanto, também alterar as relações pessoais e interpessoais.

Entre os componentes não verbais que permitem caracterizar essa descrição, nos chama a atenção, novamente, o fato de ele aparecer de cueca nos primeiros segundos do vídeo. Essa forma de se mostrar diz respeito a uma das categorias de nosso quadro de análises (video Quadro 6), que é o *corpo gay em questão*. Apresentar-se de tal maneira pode parecer destoar, à primeira vista, da seriedade do assunto a ser abordado. Existe um conflito, então, entre o que é mostrado, pelo menos nos primeiros instantes do vídeo, com o que nele é tratado. Se, para Maingueneau (2008), há um desdobramento do *ethos* no que é mostrado e no que é dito, percebemos projeções etóticas que se mostraram algo conflitantes. Em EUA3, por exemplo, observamos que o narrador se silencia para nos mostrar a mensagem presente em sua camiseta e, a partir daí, tudo o que ele fala tem a ver com o que é mostrado. Já em EUA4, observamos, pelo contrário, que a sua cueca não dialoga com a batalha em se ser gay, tema do vídeo postado. Há, enfim, um certo conflito entre o que é dito e o que é mostrado, o que é observado igualmente na linguagem verbal: "These are the videos that I love to bring to you guys, because I love inspiring you and, you know, all that good stuff. I'm not wearing pants either, so…what else is new?" (tradução nossa: Estes são os vídeos que eu amo trazer pra vocês, porque eu amo inspirar vocês e, vocês sabem, todas aquelas coisas boas. Eu não estou usando calças também, então…qual é a novidade?).

De qualquer maneira, para validar sua narrativa, EUA4 lança mão de traços argumentativos que tornam sua narrativa mais próxima e verdadeira, estabelecendo uma relação de *identificação e de persuasão* com seu público. Trata-se de uma estratégia que elencamos no nosso Quadro de categorias, e um dos exemplos se manifesta no seguinte trecho: "I know that so many people that follow me and so many people that are interacted with me go through this because I get so many DMs and so many messages" (tradução nossa: Eu sei que muitas pessoas que me seguem e muitas que interagem comigo passam por isso, porque eu recebo tantas DMs[35] e tantas mensagens). Nesse momento, são exibidas algumas mensagem para comprovarem que, de fato, ele recebe mensagens de muitas pessoas perguntando como ele lida com sexualidades, por exemplo, e pedidos de ajuda e de conselhos (vide Figura 19). Isso causa um efeito de credibilidade ao narrador e mostra que sua presença ali na mídia YouTube é importante.

---

[35] DMs são "direct messages", ou mensagens diretas que podemos enviar a alguém em redes sociais.

A gravação foi feita em cores, na horizontal e por uma câmera que gerou imagens em alta resolução. Utilizando as categorias de Vergueiro (2012), observamos uma escolha de plano que está entre plano médio e o primeiro plano, pois conseguimos enxergar o narrador um pouco acima da linha de sua cintura. Assim, não nos limitamos nem à imagem de seu tronco, nem conseguimos ver muito além dele, estabelecendo-se aí um plano entre-planos. De qualquer modo, é preciso lembrar-se de que uma visão geral do seu corpo é dada, se considerarmos que uma visão da cintura para baixo é oferecida ao espectador no início do vídeo. Além disso, nos minutos restantes apreendemos uma imagem de EUA4 que, de fato, abrange quase todo o tronco. Resulta, então, que, na totalidade, temos uma imagem geral do seu corpo, subdividida em dois momentos distintos: um da cintura para baixo e outro do tronco para cima.

Vale lembrar ainda que este narrador está sentado no chão. Vimos que EUA1 também se encontrava na mesma posição e com uma configuração de cena bastante similar à de EUA4, ou seja, ambos se encontravam em seus quartos. No entanto, existe uma grande diferença no que cada um escolhe mostrar. O primeiro estava de camisa social e, por isso, não conseguíamos ver muito de seu corpo, pois a câmera utilizada estava posicionada mais à altura de seus olhos. O segundo, por sua vez, traja uma camiseta regata, que nos permite ver um pouco mais dos seus ombros e braços. A posição da câmera nos fornece uma visão um pouco abaixo da linha de seu tronco, o que nos leva a pensar sobre a escolha de ângulos.

Novamente percebemos que o ângulo está em uma transição entre o médio e o inferior. A escolha pela primeira opção se daria pelo fato de se tratar de uma narrativa confiessional, cujo efeito visado é o de equidade e de aproximação com o espectador, como ocorreu com a maioria dos narradores. Por outro lado, poderíamos achar algo raro que uma confissão tomasse lugar com alguém que veste uma cueca e que faz questão de se mostrar assim. Daí se justificaria então o ângulo inferior, que, para Vergueiro (2012), enaltece e torna a pessoa retratada mais forte do que ela realmente é. Essa escolha faz bastante sentido, visto que os trajes do narrador “denunciariam” a possível visada de engrandecimento de sua força corporal. Halperin (1995) nos lembra das especificidades da prática de se crescerem músculos na comunidade de homens gays: algo predominantemente voltado a uma ativação erótica, o que faz com que eles não signifiquem

necessariamente força ou poder. Se tais músculos são “falsos” e não denotam força, o efeito causado pelo ângulo um pouco abaixo da linha dos olhos vem para tornar mais real essa “falsidade”, melhor dizendo, a artificialidade do corpo em evidência.

Novamente observamos o quarto como ambiente escolhido para a gravação. O mesmo foi constatado em BR3, EUA1 e EUA2. Portanto, 4 dos 8 narradores analisados tiveram essa mesma escolha. É interessante sublinhar ainda que EUA1, por exemplo, oferece a mesma visão de sua cama que EUA4. Além disso, as cores presentes em ambos são bastante neutras, sendo predominantes, nesse último caso, o bege e o preto. A iluminação é bastante alta, o que resulta em um menor esforço para nossa visão segundo Guimarães (2004). Existe, ainda, um jogo de tons, como observamos em EUA2, cujo quarto possuía uma parede escura de fundo, fazendo recair sobre sua face quase toda a luminosidade e, consequentemente, nossa atenção. Em EUA4, por sua vez, há um contraste com a roupa de cama aparente, que é preta. Ademais, parece interessar a EUA4 uma valorização de tudo o que pode alcançar o campo visual, o que é conseguido por meio da alta iluminação de todo o ambiente. É verdade que, assim que se senta no chão, o narrador esbarra no seu móvel de cabeceira, portanto é importante que isso seja também colocado em evidência, pois graças à alta luminosidade, ao ângulo e ao plano escolhidos, foi possível percebermos toda essa sua movimentação “desajeitada”.

No estrato sonoro, verificamos que é mantido um silêncio no início da gravação, justamente quando o narrador está se posicionando frente à câmera (video o primeiro quadro da Figura 19). Assim como EUA3, que, em silêncio, direciona sua olhar à camiseta que veste para desviar nossa atenção para seu vestuário, EUA4 parece possuir o mesmo objetivo; enfocando, contudo, sua cueca e pernas. Antes disso, anuncia sua presença dizendo “what’s up? What’s up” (tradução nossa: e aí? E aí?), mas só é possível vê-lo alguns segundos depois, quando se mostra da cintura para baixo.

O silêncio enquanto elemento de significação é importante, assim como o jogo que o narrador faz entre dizer algo e não aparecer no vídeo *versus* aparecer e não proferir palavra alguma. Outro fator peculiar nessa vídeo-narrativa é a utilização de uma música de fundo. Trata-se do instrumental de uma música da cantora

Rihanna, chamada “Love on the brain”, que é tocada a partir dos oito segundos da gravação. Coincidentemente, é nesse momento que o narrador vai justificar a gravação e postagem do vídeo: "what I’m gonna talk about has a lot of impact on me as a person, and what I went through to get where I am now” (tradução nossa: o que eu vou falar tem muito impacto em mim como pessoa e no que eu passei para chegar onde estou). Além disso, ele afirma que “these are the videos that truly matter (tradução nossa: esses são os vídeos que realmente importam). Nesse trecho, ele assume um tom de voz mais sério, sem muitas variações de tom, exceto quando afirma “I’m gonna talk about being gay! Again!” (tradução nossa: Eu vou falar sobre ser gay! De novo!).

Ao longo da narrativa, ainda no estrato sonoro, os instrumentais da música supracitada continuam tocando, exceto em momentos quando EUA4 possivelmente quer que nos atentemos ainda mais a algo que diz. Um exemplo está no seguinte trecho: “When did I, like, actually realised that I was gay? Well, I always known I was gay, you know. But…” (tradução nossa: Quando eu realmente percebi que era gay? Bem, eu sempre soube que era gay, vocês sabem. Mas…). O efeito causado por essa pausa na música de fundo acompanha o momento reflexivo do narrador, que se pergunta algo cuja resposta ele parecia já saber. Assim, constatamos que a linguagem verbal e a não verbal cooperam ao gerarem efeitos de sentido consoantes às expectativas do sujeito-enunciador sobre seus sujeitos-destinatários.

Questionando-nos à respeito da escolha da música, verificamos que a letra trata de um tipo de amor intenso, em que o eu-lírico pede a seu/sua amante que nunca a/o deixe. Outra relação que podemos estabelecer diz respeito a uma condição médica chamada hidrocefalia, ou “water on the brain” (tradução nossa: água no cérebro). Então percebemos que o autor da letra da música, Fred Ball, provavelmente fez esse jogo interdiscursivo entre as duas expressões (“water on the brain” e “love on the brain”), imprimindo, assim, uma dimensão patológica ao amor relatado na canção. Enquanto também produtor da “Love on the brain”, Fred Ball afirmou que a música “has a *timeless* and *soulful* feel to it. We wanted it to have that juxtaposition of an old school soul feel with modern lyrics[36]” (tradução nossa: tem um sentimento de *atemporalidade* e de *comoção*. Queríamos que ela tivesse aquela justaposição de um sentimento de coisa antiga com letras modernas). De fato,

[36] Informações disponíveis em: https://genius.com/8709827. Acesso em: 25 jun. 2020.

“timeless” e “soulful” parecem ser adjetivos apropriados para caracterizar a batida que serve como pano de fundo auditivo para o vídeo de EUA4 – suscita sentimentos de algo que já ouvimos antes (atemporal) e que, de alguma forma, expressa uma comoção, em envolvimento.

Não seriam essas, então, as visadas de EUA4? Em outras palavras, ao escolher a referida canção como música de fundo para seu vídeo, não estaria ele intencionando igualmente causar nos sujeitos-destinatários esses sentimentos de envolvimento e de identificação com algo que é “timeless”? Considerando o conteúdo de sua fala, combinado a esse efeito patêmico, verificamos que tal constatação é valida, ou seja, o recurso a uma música que suscita, de acordo com o próprio produtor e autor, sentimentos comoventes é estratégico e produz efeitos de sentido congruentes.

A partir da análise do estrato sonoro e de outros elementos do quadro de Mendes (2013), poderíamos dizer que essas características ou “escolhas” mais ou menos conscientes do narrador contribuem para a construção de um *ethos* do narrador, que se mostra desajeitado, por exemplo, no início do vídeo, mas que se prova também sábio ao mobilizar estratégias na linguagem verbal e não verbal para atingir seus objetivos comunicativos.

Entre os modos de organização do discurso, destacamos primeiramente o narrativo. Por meio da experiência do narrador, constrói-se uma realidade, o que só é possível por meio do desenrolar de ações que EUA4 nos relata. Para isso, ele faz menção ao passado, mais precisamente ao período escolar, quando “people are judging you, making fun of you, and bullying you, which makes it even harder!” (tradução nossa: pessoas te julgam, riem de você e fazem “bullying” com você, o que deixa tudo mais difícil!). Ao se perceber diferente naquela época, o narrador confessa que disse a si mesmo que tudo aquilo era só uma fase, e que todos enfrentavam aquele tipo de situação. E algum tempo depois, afirma que realmente se percebeu gay na oitava série, quando foi mandado a um internato onde estudavam apenas meninos. Foi lá também onde teve sua primeira experiência sexual.

Todo esse retrospecto narrativo nos faz refletir sobre a experiência do narrador (será que eu tive mais ou menos os mesmos problemas?) e pode causar certa *identificação*. Seriam os seus conflitos semelhantes aos meus? Ao tratar de

sua primeira experiência com outro homem, por exemplo, ele afirma não ter se sentido tão bem: "It was awesome, because it was, like, my first gay affectionate experience with another guy. Cool! At the same time it was horrible, because I hated myself even more!" (tradução nossa: Foi incrível, porque foi, tipo, minha primeira experiência afetiva gay com outro cara. Legal! Ao mesmo tempo, foi horrível, porque eu me odiava ainda mais!). Existe aí um *conflito de estereótipos* relativos à sexualidade, ou seja, há um sentimento de que algo está errado porque foi feito de forma desviante às normas.

De qualquer maneira, esse destrinchar narrativo parece nos preparar para o seu ponto argumentativo, quando se manifesta mais evidentemente esse modo de organização do discurso. Depois de ter passado por todas essas batalhas, EUA4 – depois de seis anos e agora morando em Los Angeles – defende seu ponto de vista: "the only person who holds that power is you, and when you are empowered in yourself and empowered in your sexuality, people don't give a fuck!" (tradução nossa: a única pessoa que possui esse poder é você, e quando você é empoderado em si mesmo e em sua sexualidade, ninguém se importa com porra nenhuma!). Essa mensagem de empoderamento, de *evolução de/em si*, parece óbvia e muito superficial, tomada assim isoladamente, mas ela assume outros sentidos porque está precedida de todo um contexto narrativo. Segundo Machado (2015, p. 105, itálicos da autora), a dimensão argumentativa prevê "estratégias *persuasivo-sedutoras*, ou seja: estratégias que terão uma *aparência lógica*, tendo porém a emoção como pano de fundo". Digamos que, de fato, EUA4 mobilizou emoções nos seus sujeitos-interpretantes ao relatar tristes episódios de sua vida pessoal e preparou, assim, o pano de fundo para evidenciar seu ponto de vista. Portanto, os efeitos patêmicos provocados fizeram parte de toda uma construção argumentativa.

Além disso, ele defende mais uma questão: "I feel like that's the biggest issue with being in the closet, is that we feel like we have no one to talk to about it" (tradução nossa: eu sinto que o maior problema em se estar no armário é que nós sentimos que não temos com quem conversar sobre isso). Esse argumento vai justificar uma das motivações pelas quais gravou e postou o vídeo em questão no YouTube: a organização "Better Help" o havia contactado, como vimos anteriormente. Por isso ela se prova necessária, pois, segundo o narrador, não ter com quem conversar é um dos maiores problemas quando se trata das

sexualidades gays. Podemos dizer então que se trata de mais um mecanismo que opera na lógica da confissão e, especificamente, da parresía, ou seja, um compromisso não só com a verdade, da veridicção, mas também com o ético e o moral.

No modo descritivo, de acordo com Charaudeau (2009), estão envolvidas atividades de nomear, sendo que os atos de contar e argumentar estão compreendidos no ato de descrever também. Na linguagem verbal, percebemos que EUA4 qualifica suas experiências no armário como negativas, como as intimidações sofridas durante seu período na “middle school”, depois no internato, e mesmo em sua primeira experiência sexual com outro homem. Por autor lado, elas passam a ser positivas à medida em que ele se esclarece, se “empodera” e se qualifica como alguém melhor, morando em Los Angeles e vivendo sua própria vida. Na linguagem não verbal, isso certamente está presente na corporalidade do narrador, pois ele parece se sentir seguro com o próprio corpo ao mostrá-lo no início da gravação e com a própria sexualidade, uma vez que é capaz de discuti-la abertamente a qualquer pessoa que queira assisti-lo. Aliás, ele se mostra aberto ao diálogo e disponível: “Along with this whole story and, you know, the struggle of being gay is we feel like we’re alone, and I’m telling you right now: you’re not alone. I’m here, through my YouTube, through my social media" (tradução nossa: Junto com essa história toda e, sabe, a batalha em ser gay é que nós sentimos que estamos sós, e vou dizer pra vocês: você não está sozinho. Eu estou aqui, por meio do meu YouTube, por meio das minhas mídias sociais). Esse envolvimento com o seu público contribui para uma projeção de *ethos* de responsável, alguém que se preocupa com o outro e se envolve com causas comuns à sua comunidade, ainda que, conforme vimos anteriormente, possa haver interesses mercadológicos.

Ainda na linguagem não verbal, identificamos que a inserção da logomarca da “Better Help” e dos comentários deixados e enviados a EUA4, reforçam, no modo argumentativo, a importância da presença do narrador ali e fortalecem as noções de factualidade na narrativa. Os efeitos de real são logrados graças à incorporação desses dois elementos (logomarca e comentários), que são externos à narrativa e, portanto, possuem uma existência comprovada (no caso da empresa) e descrevem a interatividade do público do YouTuber. Já em relação ao modo narrativo, a própria movimentação do narrador nos coloca em uma situação que

prevê uma transitoriedade de ações, como o fato de ele começar a gravação fora do nosso campo de visão, anunciar sua presença apenas pela voz e, finalmente, sentar-se no chão. A “mise-en-evidence” do corpo contribui para essa nossa noção de narrativa: a corporalidade, num sentido geral, é, de acordo com Maingueneau (2008), parte do enunciado e, portanto, é preciso compreender que esse corpo também “fala”. Courtine (2013, p. 577) nos lembra que

> o sentimento de vulnerabilidade e de insegurança masculina, a lembrança de humilhação passadas são com frequência os desencadeados de uma escalada muscular que vai apresentar como modelo justamente os avatares da onipotência masculina.

Constatamos que realmente EUA4 tem lembranças de humilhações, como os *episódios de “bullying”* relatados por ele mesmo, mas agora, por meio de uma *evolução de/em si*, seu corpo foi uma escalada para alcançar os ideais não só de virilidade, mas de onipotência característicos das masculinidades.

Por fim, para elaborarmos sobre os imaginários sociodiscursivos levantados pelo narrador, nos apoiamos em Charaudeau (2015), para quem o imaginário desempenha uma função dupla de criar valores e justificar ações. Vimos que, em relação à primeira função, EUA4 nos mostra os valores envolvidos em ser um homem gay: passando por “bullying”, insatisfações até chegar a um estágio de trabalho constante sobre si. Essa criação de valores tem a ver com a memória coletiva, segundo o mesmo autor, e opera em uma ordem afetivo-racional. De fato, verificamos que uma das estratégias do narrador foi projetar efeitos patêmicos na recepção antes de chegar à parte mais “racional” de sua narrativa. Isso justifica sua ação de mostrar a empresa que o convidou para gravar o vídeo como benfeitora, assim como mostrar a si mesmo como alguém que possui uma função social no mundo e, mais restritamente, na sua comunidade.

Os saberes envolvidos na narrativa confessional de EUA4 são os de crença, pois o sujeito-enunciador avalia a batalha que é ser gay e aceitar esse modo de vida. Tais avaliação dizem respeito a acontecimentos e a pessoas, e poderiam ser desmembrados ainda em saberes de opinião, pois tratam da maneira como o sujeito se posiciona frente aos fatos do mundo que lhe são apresentados. No caso de EUA4, constatamos que ele inclusive se envolve com esses fatos do mundo e, portanto, projeta um *ethos* de responsável com sua comunidade.

Avaliação da análise de EUA4

Na vídeo-narrativa de EUA4 há um jogo entre ser e se apresentar como um sujeito sério, comprometido *versus* parecer descontraído, quase engraçado. No primeiro caso, vemos que o narrador se mostra, mais adiante na narrativa, como alguém que se preocupa com a comunidade de homens gays e, por isso, cita a organização “Better Help”, que lhe confere legitimidade por tê-lo convidado a falar sobre ela. Por outro lado, ao aparecer apenas de cueca e, talvez propositalmente, esbarrar no móvel do seu quarto, pressupõe-se um tom não sério, jocoso ao que está para ser enunciado.

Outra maneira que EUA4 encontra de parecer legítimo e credível é mencionando que recebe muitas mensagens diretas (DMs) de seus seguidores, o que ele coloca em evidência na própria tela da vídeo-narrativa (vide Figura 19). O *sentimento de solidão* ocupa um espaço maior nessa narrativa, visto que o narrador afirma estar junto com seus seguidores, para que eles não se sintam sozinhos nunca. Aliás, é por esse viés que ele afirma sua *necessidade de confessar*: por nos sentirmos sós, ele precisou compartilhar suas experiências em uma espécie de compromisso social com o outro por meio da Internet.

A noção de *evolução de si* do narrador é interessante pois, para ele, somos os únicos responsáveis pelo poder de evoluir e de nos empoderarmos e, quando o fazemos, sobretudo em relação às nossas sexualidades, ninguém mais se importa com isso. A ideia, pois, de um sujeito capaz de gerir suas inclinações, seus desejos, de forma quase autônoma, como se pudesse ter um domínio de si para, depois, ajudar os outros, é semelhante ao que Foucault descreveu em seu trabalho. Em outras palavras, é como se EUA4, agora já dirigido, transformado, fosse capaz de fazê-lo com os outros, seus seguidores, incipientes na experiência de vida como homens gays. Por isso, ele afirma “você não está sozinho”, e se propõe a trabalhar, junto com a organização "Better Help”, como diretores da consciências desses sujeitos que estão para começar a vida.

Curiosamente, na vídeo-narrativa em si, EUA4 não nos remete a simbologias que estão compreendidas nos estereótipos gays. Apenas em seu canal é possível

vê-las. No entanto, podemos considerar que, de certa forma, ao negar tais estereótipos, os sujeitos reafirmam outros, como vimos em Amossy (2005). Assim, poderíamos dizer que EUA4, assim como outros narradores que se apagaram dessas referências tipicamente gays, fabricam, constróem estereótipos atuais das homossexualidades masculinas, que tudo têm a ver, como descreve Halperin (2012a) com uma tendência à normalidade, à ordinariedade, ao comum.

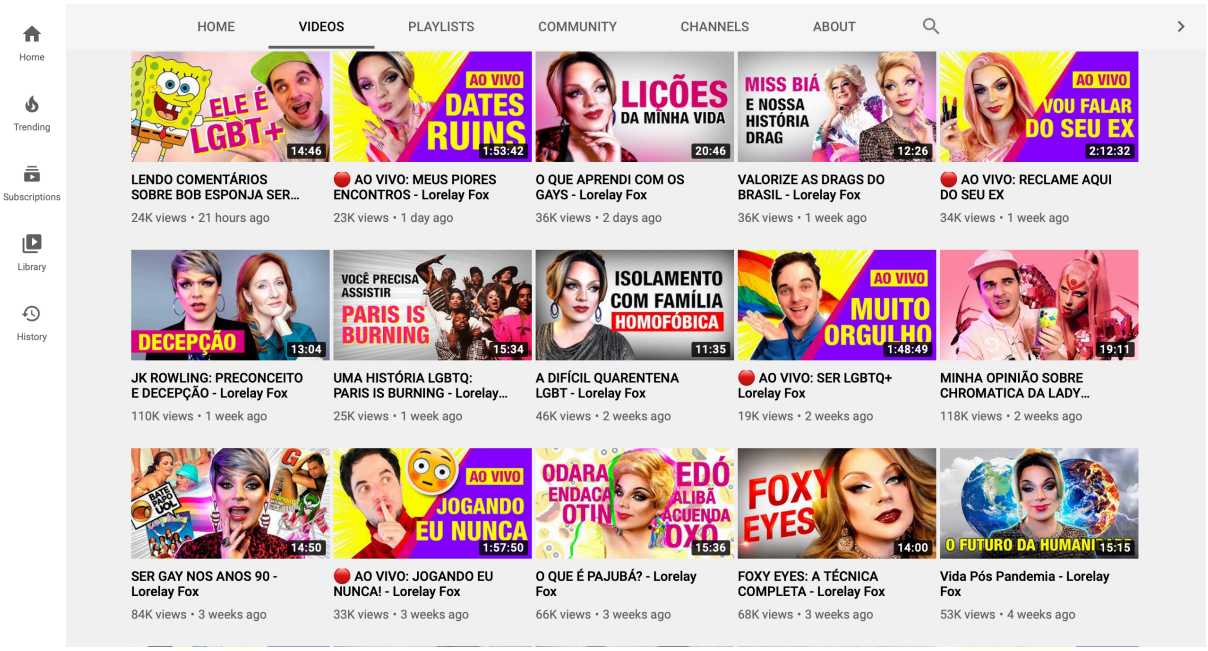
BR4 – “Ser gay cansa”

O último vídeo de um narrador brasileiro a ser analisado foi postado em 22 de dezembro de 2016, com duração exata de 05min30s. Apesar de ser mais curto do que os demais, nele é abordado mais profundamente o tema do pós-armário e do estresse de minoria. Quando escolhido para análise, contava com 299.923 visualizações, fazendo dele o vídeo mais visto de todos no *corpus*.

Um passeio pelo canal de BR4, denominado Lorelay Fox, nos permite verificar que o narrador é uma drag queen, cujo nome coincide com o do seu canal. No vídeo analisado, no entanto, se apresenta “desmontado”, ou seja, em trajes “masculinos”, não performatizando sua drag. Nossas referências a BR4 serão então no masculino durante a análise, consoante ao modo como o próprio narrador refere a si mesmo no decorrer da narrativa a ser analisada.

Trata-se de um canal com publicações constantes. Os temas abrangidos por BR4 são bastante variados, mas todos compreendidos no universo LGBTQ+: tratam de filmes, desenhos, músicas, cultura drag, e até da pandemia de COVID-19, como vemos nos títulos dos vídeos (vide Figura 20).

Figura 20 - Visão geral do canal de BR4



Fonte: https://www.youtube.com/c/lorelayfox/videos. Acesso em: 19 jun. 2020.

As cores presentes são bastante chamativas, sendo predominantes os tons de roxo, amarelo, rosa e vermelho. Guimarães (2004) vincula o amarelo à fixação de informações, o que seria realmente interessante para o público do narrador. O rosa é resultado de uma atenuação descendente do vermelho, sendo o primeiro tom relacionado às feminilidades, e o segundo ao dinamismo. O roxo, por sua vez, pode significar prosperidade, nobreza e respeito. É importante lembrar ainda que a construção simbólica das cores pode ser reinventada e, por isso, é social e historicamente construída. Assim, os valores que imprimimos às cores, nesse caso, dialogam com a temática que estamos abordando nessa pesquisa, em termos gerais, e nesse vídeo, em termos específicos.

O sujeito-comunicante, conhecido como Lorelay Fox, ao projetar seu sujeito-enunciador, idealiza um sujeito-destinatário para quem acredita ser importante endereçar a mensagem do vídeo. Aqueles que o assistem são os sujeitos-interpretantes, quem igualmente deve interpretá-lo. Aqui é importante ressaltar que pode haver dois sujeitos-enunciadores, pois Lorelay se apresenta em em seu canal ora “montada”, ora não “montada”. No caso, vemos Lorelay sem trajes de drag,

mas, segundo o narrador, é preciso se “montar” para que as pessoas mudem suas percepções sobre ele: “E às vezes cansa muito eu ter que me vestir, me maquiar e tá toda maravilhosa pra que alguém queira ouvir o que eu tenho a dizer”. Vemos então que o sujeito-comunicante se desdobra, assume outras roupagens para que, de alguma forma, consiga mobilizar no outro algum sentimento de credibilidade, o que só é conseguido por meio dessa troca dessa performatização da drag.

Por outro lado, essa constante transição de papéis performados é também observada em outros vídeos pelo canal de BR4, o que nos leva a questionar sobre a motivação de tais trocas. Em outras palavras, o que o tornaria mais autorizado, em termos de argumentos, ao vestir-se ou não de drag? Quais seriam essas gradações e o que elas acompanhariam? Para Crane (2006, p. 340), o estilo pode ser usado como “meio de expressão de sua identidade e resistência à cultura dominante”. É evidente que, no caso da drag queen, não se trata de estilo essencialmente em termos de moda, mas uma construção identitária, ou seja, ao escolher se apresentar de determinada maneira, essa escolha importa, pois é por meio dela que se expressam identidades e se resiste, no plano verbal e não verbal, à cultura dominante.

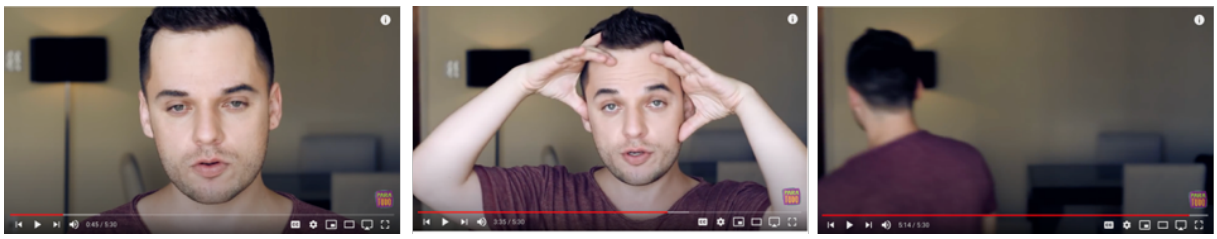
Existe um caráter argumentativo bastante forte nessa vídeo-narrativa. Para situar-nos nas motivações que o levaram a publicar o vídeo, BR4 o inicia dizendo-nos que, alguns dias atrás, assistia a um vídeo de outra YouTuber chamada Jout Jout e, a partir dele, foi motivado a pensar sobre aceitação: “Esses dias, eu estava assistindo a um vídeo da Jout Jout, onde ela dá uma dica pra gente seguir o Instagram do Solimões, sabe? O cantor sertanejo.” Trata-se de uma estratégia de identificação bastante interessante, pois requer do espectador um conhecimento tanto sobre a YouTuber mencionada, como sobre o cantor sertanejo. Caso haja esse conhecimento, começa-se a narrativa com um provável grau de aderência maior ao que será dito.

Ao fazer uso dessas referências a alguém da música sertaneja e a uma YouTuber, BR4 nos situa trazendo elementos da ordem factual, ou seja, pertencentes a um conhecimento que é mais ou menos compartilhado. Segundo Mendes (2004), somos nós que ativamos nossas competências para podermos identificar se um efeito está mais para o domínio do real ou do ficcional, sendo que tais categorias nem sempre são estanques. Essa identificação é motivada por

características históricas, sociais, pelos gêneros discursivos. Digamos que alguém que desconheça, por exemplo, o universo da drag queen possa percebê-la como algo risível, não sério, fictício ou irreal, e, assim, não dar credibilidade ao que tem a dizer. Talvez seja por isso, inclusive, que BR4 escolheu gravar esse vídeo "desmontada", para que pudesse atingir um público mais amplo que a levasse a sério.

Na linguagem não verbal, a factualidade é conquistada graças à escolha do ambiente de onde BR4 narra. Assim como em BR2, EUA2 e EUA3, a sala de casa foi o cenário que pudemos perceber na gravação de BR4. Podemos observar ao fundo uma mesa com cadeiras e um lustre, nada mais. Essa construção simplista do local de onde se fala acompanha a forma como o narrador se posiciona: com linguagem simples, ele consegue nos pôr a par de fatos reais em um ambiente empírico, sua casa.

Figura 21 - Sequência de quadros em BR4



Fonte: Elaborado pelo autor.

O caráter argumentativo a que nos referimos acima se deve ao fato de que, já pelo título, presumimos que o narrador vá nos explicar os motivos pelos quais acredita que ser gay cansa. Para o narrador, "a maioria das pessoas que eu acho legais […] provavelmente me odiaria em algum ponto pelo fato de eu ser gay. […] ninguém gosta da gente a não ser que eles provem o contrário". Essas *avaliações sociais do outro* são ditas logo no início do vídeo, e no decorrer da narrativa, elas serão explanadas na tentativa de se provar um ponto de vista.

O vídeo foi gravado em cores por uma câmera que gera imagens em alta definição. A iluminação recai predominantemente sobre o rosto do narrador, enquanto o fundo permanece pouco iluminado. Vimos anteriormente que o mesmo ocorreu em EUA2 em termos de composição da cena. O efeito é de focalização das

emoções do sujeito que fala, pois o local onde se concentram sua expressividade é justamente aquele que se torna o mais iluminado.

A concentração de nossa atenção nessa área do "objeto" em cena tem a ver com as escolhas de plano e de ângulo. O primeiro plano, escolhido por BR4, está diretamente relacionado a essa valorização das expressões faciais e dos sentimentos. A narrativa confessional se desenvolve a partir dessa proximidade, que é física, se pensarmos a posição do sujeito/objeto em relação à câmera, e psicológica, levando em conta a profundidade do assunto debatido, que é "próximo", íntimo. O mesmo pode ser observado no ângulo médio, que, além de possibilitar uma visão considerável do ambiente, oferece-nos uma dimensão de proximidade com o narrador, a quem enxergamos à altura dos olhos. É como se estivéssemos em pé, diante dele, ouvindo-o dizer por que ser gay cansa.

Observemos que, apesar de haver uma semelhança de ambientes entre BR4 e EUA2, é importante salientar as diferenças em termos de linguagem verbal e não verbal. O narrador estadunidense utiliza um plano superior, conforme vimos, o que pode causar um efeito de superioridade. Sua discursividade se mostra muito mais injuntiva – ele se posiciona fortemente em relação ao tema, utilizando megafone, portando óculos coloridos e fazendo uso cortes de filmagem estratégicos na edição. Por outro lado, o narrador brasileiro, ao optar pelo ângulo médio, se posiciona de uma forma muito mais intimista e ponderada, colocando seu interlocutor no mesmo nível que o seu, sem muitos recursos de edição ou de trajes e objetos.

À propósito da edição, é interessante que, em determinados momentos, BR4 aproxima o campo de visão para seu rosto, dando um "zoom" em si mesmo. Isso ocorre no momento em que diz: "E nessas horas eu realmente chega à conclusão de que ser gay é realmente partir do pressuposto de que ninguém gosta da gente a não ser que eles provem o contrário". Trata-se, digamos, da sua "tese": a partir dessa afirmação, ele irá nos conduzir a explicações e experiências pessoais que o levaram a entender que, em termos de avaliação do outro, os homens gays sempre temos de nos provar "gostáveis", agradáveis.

Parece-nos, pois, que, em instantes da gravação que julgou mais importantes, BR4 faz uso desse "zoom" para nos atentar a algo, a algum fator relevante, ou no intuito de externalizar de forma mais evidente um sentimento de

indignação, como ocorre no seguinte trecho: “Mas, mano, o quão bizarro é a gente ser aceito, sabe?”. De qualquer forma, tal mudança se apresenta de forma bastante sutil; produz, ainda assim, efeitos significativos e que merecem ser mencionados.

As cores predominantes no ambiente são bastante neutras. Vemos tons pastéis nas paredes e nas cadeiras, uma mesa e uma luminária escuras ao fundo e a camiseta do narrador roxo escuro. Diferente dos demais vídeos do seu canal, onde, nas miniaturas, predominam cores vibrantes (vide Figura 20), nesse momento BR4 optou por um certo apagamento. Se pensarmos na construção de um *ethos* prévio pelo simples consulta à página de vídeos no canal de BR4, poderíamos dizer que haveria chances de não se cumprir uma expectativa, pois ao assistir ao vídeo que estamos analisando, percebemos algo bastante diferente da euforia de cores presente na visão geral do canal. Maingueneau (2008) entende que é possível se construir um *ethos* mesmo a partir do simples fato de um texto pertencer a determinado gênero discursivo ou a um posicionamento ideológico. Assim, acessar o canal de uma drag queen pode prever determinadas expectativas discursivas (temas descontraídos, uso de roupas chamativas e irreverentes) que, nesse caso, não se cumpriram.

No estrato sonoro, não há modificações significativas, pois somente a voz do narrador nos guia por toda a duração do vídeo. O tom se mantém constante, sendo que existe, como antes mencionado, uma tendência a percebermos melhor sua voz naqueles momentos em que há um “zoom” no rosto do narrador. Portanto, esse recurso do visual reflete no sonoro de forma positiva, trazendo efeitos de significação na linguagem verbal e não verbal.

No entanto, algo bastante único ocorre nessa narrativa confessional. Ao final da gravação, BR4 dá as costas para a câmera e deixa o ambiente onde se encontrava. Suas últimas palavras, “E é nessa que eu vou”, são seguidas de uma interrupção da sua narrativa, acompanhada dos sons dos seus passos pelo cômodo e da porta se abrindo, à medida em que o corpo do narrador deixa a cena. Seu silenciamento e sua partida demonstram essa indignação, uma revolta contra tudo aquilo que ele admitiu serem mecanismos de opressão e de estresse na vida de um homem gay, por exemplo. Não por acaso, uma das suas últimas afirmações na gravação recaem justamente sobre isso: “a minha sexualidade não diz respeito absoluto a ninguém, senão a mim mesmo. Cansa muito ter que assumir uma coisa

que não devia ser da conta de ninguém". E é com esse sentimento que ele deixa a cena, talvez no intuito de fazer-nos refletir sobre tudo aquilo que disse antes que um próximo vídeo seja automaticamente reproduzido em seguida no YouTube. Além disso, é como se ele não abrisse espaço para demais questionamentos, deixando-nos "sozinhos", a refletir, e sem comprometer-se com sua presença ali. Poderíamos, por fim, entendê-lo como uma forma de protesto silencioso, já que seu silêncio também significa uma manifestação inquietante de seus pensamentos, a tal ponto que ele teve de deixar o cenário, tamanha sua insatisfação.

O modo de organização inicial é o narrativo, pois, como vimos acima, o narrador nos situa primeiramente na temporalidade de sua narrativa. Em outras palavras, ele explica que, a partir de um vídeo a que assistiu, antes de publicar o seu próprio no YouTube, teve a ideia de refletir sobre o que ser gay implica em termos de vida social. Inclui, ainda, os pensamentos que teve no momento em que assistia ao referido vídeo da também YouTuber Jout Jout.

> Esses dias, eu estava assistindo a um vídeo da Jout Jout, onde ela dá uma dica pra gente seguir o Instagram do Solimões, sabe? O cantor sertanejo. Daí, ela mostra um monte de coisas, do tipo "o Solimões é uma pessoa muito legal e muito engraçada". E eu vendo aquilo, eu pensei "nossa, como esse cara é legal! Como esse cara é divertido! Vou ficar fã dele."

A inserção da sua "voz" ali, ou seja, dos pensamentos que lhe vinham à mente enquanto assistia ao vídeo da Jout Jout contribuem para uma situacionalidade narrativa. Isso quer dizer que podemos nos colocar "na pele do narrador", pois sabemos inclusive o que se passava em sua cabeça naquele momento anterior à narrativa em si. Para Machado (2015), a narrativa de vida possui uma força argumentativa significativa, cujo valor pode ultrapassar a de uma argumentação lógica. Realmente, vejamos como BR4 nos confessa seus pensamentos de eventos passados para, de certa forma, argumentar sobre algo que ainda nos será apresentado. Ele prepara um terreno discursivo, digamos, para suas vindouras argumentabilidades.

À propósito, na dimensão argumentativa, é importante nos atentarmos ao trecho que sumariza o ponto de vista do narrador:

> a maioria das pessoas que eu acho legais, sejam atores, sejam professores, colega de classe…qualquer pessoa que eu ache

> minimamente legal, provavelmente me odiaria em algum ponto pelo fato de eu ser gay. E nessas horas eu realmente chega à conclusão de que ser gay é realmente partir do pressuposto de que ninguém gosta da gente a não ser que eles provem o contrário.

Há uma tentativa evidente de mobilização do sujeito-interpretante, de compartilhamento do problema apresentado por BR4. Machado (2015) afirma que pelas próprio encadeamento de fatos é possível atingir uma persuasão e uma conquista do *pathos*. Evidencia-se, assim como em EUA4, a utilização de efeitos patêmicos como maneiras de se atingir a argumentação visada. Existe ainda um efeito alocutivo, causado sobretudo quando o enunciador se direciona a seus interpretantes por meio do pronome "você": "você se pega todos os dias da sua vida, em todos os momentos em que você socializa com alguém, tendo que provar que você é uma pessoa legal e aceitável." Isso leva, segundo Mendes (2012), a uma demanda, por parte dos interpretantes, por alguma conclusão, alguma interpretação daquilo que foi dito. Afinal, BR4 inclui em sua discursividade um outro, representado pelo pronome "você".

No modo descritivo e as atividades de nomear nele compreendidas, na linguagem verbal, BR4 qualifica o quão cansativo é ser gay de diferentes formas e em diversos momentos do texto. De onde viria esse cansaço? Para o narrador, da constante afirmação ao outro, cuja *avaliação* sobre os gays é sempre negativa. "Você tem que ser simpático, sorridente, educado, inteligente, e fazer uma série de malabarismos pras pessoas acharem que você é só uma pessoa normal e aceitável, sabe?". Como consequência disso, haveria sempre um desconforto, sobretudo quando há situações em que diferentes pessoas se unem. Como exemplo, ele cita o Natal. Atentemos-nos ao fato de o vídeo ter sido publicado em dezembro, bem próximo à data comemorativa cristã. Talvez tenha sido esse mais um dos propósitos da gravação do vídeo. Sabe-se que o retorno às famílias, quando os jovens já não moram com ela, pode ser desafiador[37] – alguns devem se manter no armário,

---

[37] O Spectrum Center, organização onde realizei trabalho voluntário em Ann Arbor, Michigan, no período do doutorado sanduíche, ofereceu, durante a pandemia de COVID-19, uma lista de recursos de suporte à comunidade universitária LGBTQ+ relacionados à volta a suas casas, onde poderiam encontrar ambientes hostis e homofóbicos. O documento, em inglês, foi disponibilizado pelo e-mail, mas também pode ser visto pelo seguinte link: https://docs.google.com/document/d/1_9kcP7g2J8pDewzvkNnftJESzo2HhRcKQg7vZcOS5wI/edit?fbclid=IwAR2hOLUmlZLeKdlneua8uhPodelAOkXmXvLM-MBhKvpdk1V3ab55EkajuYM. Acessado em: 6 jul. 2020.

enquanto outros, já “fora”, sentem esse desconforto, esse estresse típico das minorias.

Na linguagem não verbal, percebemos que a falta de elementos além dos que estão presentes na própria cenografia contribuem para que nossa atenção se volte à fala do narrador. Não há distrações, senão um foco nas suas expressões faciais e gestuais. Se estivesse montada, talvez a drag nos colocaria em outro lugar de percepção de sua narrativa confessional, tanto em termos descritivos como argumentativos.

Enfim, o modo como apreendemos a drag queen pode estar também relacionado aos imaginários sociodiscursivos. Halperin (2012) dedica parte do seu livro à compreensão dos imaginários sobre as drags e o riso. Tomadas por muito tempo como performances não sérias, elas não só incorporam a dicotomia masculino-feminino de forma crítica, como também colocam em evidência a transformação incongruente de papéis sexuais, demasiado superficiais e baseados em aparência, conforme Newton (1972). Sabemos que um mesmo imaginário pode trazer valores tanto positivos como negativos, como afirma Charaudeau (2015). Isso vai depender do domínio em que está inscrito e, no caso do vídeo de BR4, poderíamos dizer que, talvez no objetivo de atingir um público mais amplo, para quem as drag queens poderiam ser pessoas não sérias, o narrador se projeta etoticamente enquanto um homem “comum” como modo de se desvincular desse imaginário; trazendo à superfície, contudo, debates sobre os imaginários relativos aos homens gays num contexto de pós-armário. Assim, esse valor duplo e de caráter instável, ou não fixo, melhor dizendo, dos imaginários é de sobremaneira importante para essa narrativa confessional em particular.

Avaliação da análise de BR4

A vídeo-narrativa de BR4, que encerra essa seção de análises, se mostra peculiar por conseguir encapsular diversos questionamentos. Primeiramente, o que nos chama a atenção é o fato de se tratar de uma drag queen que, nessa publicação, escolhe se mostrar “desmontada”. Isso sugere, portanto, que, por algum motivo, o narrador sentiu a necessidade de se apresentar desta e não de

outra forma, o que relacionamos aos teores de credibilidade e aceitabilidade que cada performance implicaria.

Quando BR4 afirma que sua sexualidade não diz respeito a ninguém, percebemos uma contradição fundamental e muito comum no senso comum. Nossa sexualidade diz respeito, sim, a todos, sobretudo a partir da firmação de uma *scientia sexualis* que produziu sujeitos desviantes e normais. Isso quer dizer que, como pontua Warner (1999), o sexo se torna sexualidade e, então, identidade, cujas implicações são políticas, sociais, econômicas.

É por essa constituição do sujeito cuja sexualidade importa que devemos provar, como afirma BR4, sermos pessoas legais e aceitáveis. Não fosse isso, talvez não teríamos de empreender esse trabalho gigantesco, como o próprio narrador descreve, de se mostrar como alguém interessante. Ser gay é, para Halperin (1995), um constante estado de se tornar ("becoming"), o que o autor relacionou a uma ascese. É sobre esse trabalho que BR4 parece estar falando – o trabalho sobre si, uma gestão que perpassa situações sociais, como o Natal, em que nos desdobramos, nos autoreinventamos como uma necessidade, e não como um passatempo.

Por fim, BR4 afirma viver em um mundo em que precisa desconstruir os outros de suas formas comuns de se pensarem as vivências gays. Novamente vemos esse compromisso ético e moral com o outro, que perpassa a fala franca e uma filiação com a verdade. Nesse sentido, o sujeito que enuncia é, ao mesmo tempo, interpelado por essas questões ligadas à parresía: o dizer a todo e qualquer custo, junto a um vínculo com a verdade, em um regime que prevê a liberdade individual e de expressão que são, na verdade, formas de sujeição ao imperativo da fala, da confissão.

Avaliação total das análises

Por meio das análises baseadas na grade de imagens de Mendes (2013), e apoiando-nos em considerações teóricas em campos de estudos foucaultianos, de gênero e sexualidade, foi possível investir em uma aproximação transdisciplinar do nosso *corpus*. Foi interessante perceber que tanto o discurso verbal como o não verbal importam para a configuração final da cena, ou seja, tudo aquilo que é mostrado e/ou dito certamente nos causa efeitos distintos.

A instância produtora, ainda que não tenha total consciência sobre tais efeitos causados na recepção, é responsável por suas escolhas mais ou menos conscientes e cabe a nós, analistas do discurso, evidenciar as possíveis interpretações frente às discursividade em pauta.

De maneira geral, notamos que tanto os narradores brasileiros como os estadunidenses se preocuparam em *compartilhar* ou *desabafar* algo com seu público, o que mostra uma *necessidade de confessar* inerente a todos os vídeos analisados. Todos eles utilizaram *estratégias de identificação* e de persuasão, tanto na linguagem verbal, como na não verbal. Tais estratégias envolviam elementos interdiscursivos, ou seja, pessoas ou acontecimentos a que os narradores se referiam na expectativa de causarem um sentimento de aproximação. EUA3 e BR2, por exemplo, mencionaram o texto publicado no "Huffington Post" como norteadores e motivadores para a publicação e discussão do vídeo postado por cada um deles. Outros aludiram ao fato de pertencermos à comunidade gay e, por isso, compartilharmos de algumas características psicossociais em comum, como o conflito com as masculinidades hegemônicas e com o corpo. *Episódios de "bullying" e de homofobia*, particularmente, provaram fazer parte sobretudo da realidade estadunidense, sendo que apenas um narrador brasileiro mencionou a prática de intimidação mas de um modo positivo, afirmando que hoje os jovens, as futuras gerações estarão, com sorte, mais "tolerantes com os gays", em suas palavras. Já a questão do pós-armário e a consequente *ilusão* de se viver uma vida "fora" dele foi algo debatido majoritariamente pelos brasileiros, que pareceram perceber a força do discurso homofóbico em suas vidas "assumidas" mais fortemente. Por outro lado, os estadunidenses pareceram sofrer mais, digamos assim, em suas vidas no armário, relatando *lembranças* infelizes *do período escolar*.

As *desidentificações com a cultura gay* apareceram predominantemente nas narrativas confessionais dos estadunidenses. O único narrador brasileiro que discorreu sobre isso o fez motivado pela leitura do artigo "The Epidemics of Gay Loneliness", do "Huffington Post". Trata-se de um problema quase estrutural nas experiências gays masculinas, segundo Halperin (2012), pois envolvem muito mais uma negação de traços culturais do que afirmações ("sou gay, mas pelo menos não sou…"). Já o *sentimento de solidão* aparece de forma consistente em ambos os casos, tanto no brasileiro como no estadunidense, provando que a vida pós-

armário, ou “o que vem após a saída do armário”, como pontua BR2, pode não ser necessariamente satisfatória, tampouco aquela “dentro do armário”. Trata-se de um sentimento quase que constituinte da experiência gay, como o próprio título do artigo mencionado acima prova. As taxas de solidão, depressão e uso abusivo de substâncias tóxicas têm-se mantido as mesmas por décadas, como explicam Hottes *et al.* (2016). Isso nos leva a questionar que tipo de comunidade e de sociedade temos cultivado, em um mundo onde a diferença parece sobredeterminar, para alguns indivíduos, os graus de adesão e de valor à própria vida.

Considerando os estratos e os elementos do quadro de análise de imagens em Mendes (2013), identificamos diferentes usos de planos, ângulos, estratos sonoros, cenografias em cada narrador. O primeiro plano, escolha de todos os narradores, revelou-se o plano das confessionalidades, pois privilegia as expressões faciais e a proximidade com o interlocutor. Seria a opção mais “previsível”, digamos assim, considerando as relações de confissão estabelecidas no espaço virtual, onde, para se aproximar da instância de recepção, aproximar-se da câmera revelando apenas alguns detalhes dos ombros e do ambiente é, de fato, o recurso não verbal mais condizente.

O ângulo predominante nas gravações foi o médio, também apropriado para uma situação de confissão, visto que, por meio dele, estabelece-se uma relação de equidade e de aproximação com o interlocutor. No entanto, algumas exceções devem ser detalhadas: BR2, ao optar pelo ângulo superior, demonstrou ter conhecimento sobre o efeito interpretativo em seus espectadores ao se filmar de um ponto levemente superior. Tivemos tal suspeita ao constatamos que o narrador já trabalhou na televisão, mais precisamente no canal GNT. O mesmo foi feito por EUA2, quem, de forma mais irreverente e despojada, valorizou sua pessoa narrativa a partir de um tom de indignação com as “coisas que odeia por ser gay” (título do vídeo).

Os ambientes pouco variaram – apenas um narrador gravou seu vídeo em um ambiente público. Trata-se de BR1, que estava no exterior a trabalho e confessou viver sempre dentro de armários que a vida lhe impõe. Os demais narradores escolheram seus quartos e suas salas de estar para figurarem no fundo do vídeo. Cabe um destaque a BR3, cujo quarto estava pouco iluminado e com poucas cores

vivas (lembrem-se que ele gravou sua vídeo-narrativa confessional apenas alguns dias após ter “saído do armário” no YouTube). Assim, alguns ambientes pareciam retratar os estados de espírito dos narradores – ora mais iluminados, esclarecidos, engajados; ora mais obscuros.

As cores presentes nessas construções cenográficas foram predominantemente neutras, tendendo a tons pastéis, preto, branco e cinza. Algumas exceções merecem ser retomadas: EUA2 utiliza óculos de sol amarelos e um megafone em seu vídeo, o que caracterizamos como elementos chamativos. EUA3, apesar de apresentar-se em um ambiente de cores neutras, porta uma camiseta cor-de-rosa com estampa de círculos coloridos e concêntricos, o que entendemos como uma roupa chamativa. EUA4, por sua vez, também se encontra em um local de cores neutras, mas, ao contrário dos demais narradores, se apresenta primeiramente de cueca aos espectadores. Todos os narradores brasileiros se apresentaram em vestimentas e em ambientes neutros, mesmo aqueles que estavam em casa, onde poderiam se sentir mais “à vontade”. Estariam, portanto, menos confortáveis com suas sexualidades? Ou seria isso um simples sinal de uma maior adesão a um discurso hegemônico baseado nas visibilidades masculinas não destoantes? A quem interessaria “chamar a atenção” através de vestimentas, de cores exuberantes, em um contexto de pós-armário, como todos se encontram? A luta pela “visibilidade” teria ganhado outros sentidos? Ou, por fim, que tipo de visibilidade queremos e reclamamos para nós mesmos?

O estrato sonoro foi um elemento igualmente importante para a análise dos vídeos. Nesse ponto, verificamos que o som da voz foi o “ruído” mais presente, pois era ele que deveria nos guiar pela narrativa. Numa situação narrativo-confessional, constatamos, então, que a voz é realmente o que deve destacar, pois é ela que carrega todo o peso, todo o conteúdo daquilo sobre o que queremos confidenciar, reconhecer (“avouer”). Trata-se, ainda, de um tom de voz que não se altera muito: nem se eleva demais, nem se contém ao ponto de parecer um sussurro. Ela é constante e clara. Algumas particularidades foram, contudo, encontradas: EUA2, por exemplo, usa distorções na voz para ironizar alguns aspectos da cultura hegemônica, como a percepção de pessoas heterossexuais sobre as práticas culturais inerentemente “gays”. EUA4, por sua vez, utiliza uma música de fundo que, de acordo com o produtor e autor da música, combinou todos os elementos

rítmicos e líricos com sua narrativa. E, por fim, BR1, cuja exceção decorre da gravação ter sido feita em um ambiente público, onde o barulho de movimentação, de vozes e pratos contribuíram para percebermos a publicidade de sua confissão.

Um dos últimos aspectos que desejamos elencar são os efeitos patêmicos e etóticos. Ambos caminharam juntos, sendo que os imbricamentos decorrentes dessa associação diziam respeito aos sujeitos que enunciam. Efeitos patêmicos de "neutralidade", por exemplo, foram observados em EUA1 e BR1, enquanto BR2 e EUA2 mostraram que pelo dinamismo seria possível envolver-nos nas suas narrativas confessionais. Mensagens de empoderamento e de superação, observadas em EUA3 e EUA4, parecem contrastar com o estado confuso em que BR3 se encontrava. Adicionalmente, BR4 pede que nos envolvamos e que nos esclareçamos a respeito das dificuldades de uma experiência de vida gay pós-armário: é preciso se informar, como defendem BR2 e EUA1, e também se projetar com segurança e orgulho, nos termos de BR1, EUA2 e EUA3. Por outro lado, vemos que isso não é algo fácil que todos alcançam facilmente: BR3 é um deles; enquanto EUA4 se mostra o responsável para mostrar a seu público os caminhos em direção a uma evolução de si.

Percebemos, finalmente, que o pensamento de Foucault percorre toda a análise, que conseguiu encapsualar questões do filósofo, do fenômeno das representações sociais e da linguagem verbal e não verbal. Trata-se, como havíamos colocado, de uma análise multidisciplinar. O tema central de nossas vídeo-narrativas é a sexualidade e, a partir desse dispositivo, provamos que a confissão é, desde muito tempo, o mecanismo enunciativo utilizado para a entendermos. O entendimento de si requer a compreensão da sexualidade, algo que foi extensamente explorado pela *scientia sexualis*. Hoje, ao nos depararmos com as mídias digitais, repensamos conceitos como vigilância, controle, domínio de si. Talvez nos encontremos em uma época de algo muito novo e, ao mesmo tempo, não tão novo assim. Constatamos que a prática confessional pouco se modificou em seus fundamentos: agora o público a que se direciona é virtual e a forma que assume pode ser narrativa e multimodal. Ainda sob o regime de um discurso neoliberal sobre a onipotência de um sujeito que pode, e deve, descobrir tudo sobre si e sobre o outro, a modalidade confessional com que trabalhamos é o caminho para se acessar essa verdade e esse domínio de si.

Análise contrastiva dos dados

Aproximando-nos das considerações finais, e de algumas conclusões, ainda nos resta traçar alguns comentários sobre os dados levantados de forma contrastiva. Como lidamos com narrativas provenientes de dois países diferentes, é natural e condizente com nossos objetivos que se analise em quais pontos elas se aproxima e se distanciam, tanto em termos mais técnicos como conceituais.

Com o objetivo de elencar alguns elementos da Grade de Análise de Mendes (2013) com as vídeo-narrativas confessionais, propomos a elaboração de um quadro que aborda, por ora, questões mais técnicas da análise que propomos para essa seção. Ele está esquematizado da seguinte forma:

Quadro 18: Elementos da Grade de Mendes (2013) x Narradores confessantes

	Plano	Ângulo	Ambiente	Estrato sonoro	Cores e roupas	Efeitos patêmicos/ etóticos
BR1	Primeiro Plano (PP) e Plano Médio	Ângulo médio (AM)	Público com iluminação artificial	Som do ambiente público	Ambas neutras	Aproximação e neutralidade/ seguro e experiente
BR2	Primeiro Plano	Ângulo superior	Privado com iluminação artificial	Apenas som da voz	Ambas neutras	Convencimento/ intelectualmente articulado
BR3	Primeiro Plano	Ângulo superior	Privado e fundo pouco iluminado	Apenas som da voz	Ambas neutras	Indignação/ ponderado
BR4	Primeiro Plano	Ângulo médio	Privado e fundo pouco iluminado	Apenas som da voz	Ambas neutras	Envolvimento alocutivo/ homem gay “comum”
EUA 1	Primeiro Plano	Ângulo médio	Privado e iluminado, sem iluminação artificial	Apenas som da voz	Ambas neutras	Neutralidade / sábio (“wise”) e sério
EUA 2	Primeiro Plano	Ângulo superior	Privado com iluminação artificial	Som da voz com distorções	Acessórios chamativos	Dinamismo e revolta/ espontâneo e irreverente
EUA 3	Primeiro Plano	Ângulo médio	Privado e iluminado, sem iluminação artificial	Apenas som da voz	Cor neutra, roupa chamativa	Superação/ confiante e com orgulho
EUA 4	PP e Plano Médio	AM e inferior	Privado e iluminado, sem iluminação artificial	Som da voz com música de fundo	Cores neutras, roupa íntima à mostra	Empoderamento e evolução de si/ responsável

Já à primeira vista, notamos algumas características constantes em todas as narrativas. Os planos que predominaram foram o primeiro plano e o plano médio. Como havíamos descrito, o PP é a melhor forma de se capturarem e explorarem as emoções do sujeito que fala e que está em cena. O plano médio só foi usado em alternância com o PP, o que demonstra a primazia deste sobre aquele. Poderíamos

dizer, então, que se trata do plano das confessionalidades, e como a confissão percorre todas as narrativas, é esperado que o PP também predomine.

Em relação ao ângulo, houve uma diversidade um pouco maior. Ainda assim, o médio foi o mais utilizado, seguido do superior. As vantagens de se usar o primeiro é a abertura na visão do ambiente onde se narra. No caso dos nossos narradores, percebemos que a maioria estava em suas casas: ora no quarto, ora na sala de estar. Graças ao ângulo médio pudemos perceber essas cenografias, tão importantes para nossa análise. O ângulo superior, por sua vez, tem como peculiaridade a valorização, o enaltecimento dos objetos. Portanto, os narradores que, por seus motivos, precisaram se valorizar mais recorreram a esse recurso, o que tampouco prejudicou nossa apreensão do ambiente onde narravam.

Isso nos leva a ponderar sobre as escolhas das cenografias, ou seja, dos locais onde as vídeo-narrativas confessionais se deram. Quase todas ocorreram em ambientes privados, e essa característica dialogou, também em termos teóricos, com a ideia de uma confissão íntima, de uma aproximação dos sujeitos-enunciadores com seus interlocutores. A própria constituição desse ambiente dizia a respeito do narrador, como se falasse por ele ou denunciasse alguns pontos da sua personalidade, ao menos do que estávamos apreendendo naquele momento da enunciação. Cores mais apagadas e pouca iluminação *versus* cores vibrantes e alta iluminação: nesses extremos, percebemos que as formas de lidar com a questão do pós-armário foram bastante distintas. Tomemos dois casos específicos como exemplo: BR3 e EUA2. O narrador brasileiro, ao ter sua "saída do armário" recentemente anunciado no YouTube, ainda pareceu muito confuso e perplexo com as dimensões do pós-armário, o que pudemos perceber tanto em termos de linguagem verbal como não verbal. O narrador estadunidense, por sua vez, se apresentou de forma irreverente, fazendo críticas severas às experiências e modos de vida que os homens gays, de forma geral, adotam. De um lado, percebemos cores escuras, baixa iluminação; do outro, alta iluminação, cores vibrantes.

Quando nos atentamos aos efeitos patêmicos e etóticos, percebemos que a busca por efeitos de neutralidade e de sabedoria se fez por meio de recursos verbais e não verbais. As cores no ambiente e nas roupas dos narradores evidenciavam essa tentativa de parecer neutro, como se estivessem nos passando informações sem que nossa atenção se desviasse para outros elementos senão a

narrativa em si. A isso ainda se soma o fato de se munirem de *estratégias de identificação/persuasão* por meio dessas escolhas icônicas, ainda que mais ou menos conscientes, e verbais, nos envolvendo no domínio patêmico. É nessa zona fronteiriça – entre o compromisso ético de se passar informação útil, verdadeira e válida e, ao mesmo tempo, narrar episódios particulares de suas vidas – que a tentativa de se individuar, em adição à de ser coletivo, se concretiza nas vídeo-narrativas confessionais.

Ainda em relação às cores, considerando agora as vestimentas, é interessante notar que a maioria dos narradores vestia roupas de cores neutras. A única exceção seria EUA3 e sua camiseta rosa, com estampa colorida e com a frase "livin' the dream". Outra peculiaridade em termos de roupa foi observada em EUA4, que se mostrou de cueca e de camiseta regata. Entre os narradores brasileiros, nenhum se destacou por trajar algo chamativo, nem mesmo BR4 de quem, em teoria, por ser uma drag queen, era esperado algo nesse sentido. De todas as formas, e mesmo com aqueles que se destacaram, foi uma característica geral falar sobre ser gay sem necessariamente levar o público a um domínio dos estereótipos sobre essas homossexualidades masculinas. Isso quer dizer que, em ambas as nacionalidades, e sobretudo com os brasileiros, parece ter havido um apagamento ou um distanciamento de alguns caracteres tipicamente gays, apesar de, na visão geral do canal de alguns narradores, aparecerem, sim, elementos como o arco-íris, "misterB&B", referências à música pop. Reafirmamos, contudo, que, ao negarem alguns estereótipos, as vídeo-narrativas nos evidenciaram outros: seriam, então, o uso de cores e vestimentas neutras, a projeção etótica de seriedade, intelectualidade e sabedoria, empoderamento e superação formas também estereotípicas de se pensarem as homossexualidades masculinas?

Levando em consideração as categorias de análise, é importante ressaltar algumas particularidades em relação aos narradores e seus respectivos países. Os estadunidenses, em sua maioria, abordaram suas *desidentificações com a cultura gay*, enquanto o que se destacou com os brasileiros foi a *ilusão de "saída do armário"* e a *evolução de/em si*. A cultura gay enquanto uma série de práticas sociais mais ou menos estáveis empreendidas por um grupo social determinado foi criticada pelos estadunidenses de forma irreverente (EUA2), com seriedade e sabedoria (EUA1) ou com confiança e orgulho (EUA3). Quando aparece na narrativa

de um brasileiro (BR2), é igualmente revestida de sabedoria, intelectualidade, se aproximando de EUA1. Bom, sabemos que esse olhar crítico, um olhar "de fora", só foi viabilizado por meio de uma leitura crítica e constante das práticas sociais observadas após um período de trabalho sobre si, de ascese. Ser gay é um estado constante de "tornar-se", de reavaliar a cultura e práticas sociais hegemônicas e subculturais. Parece-nos, assim, que os narradores estadunidenses se encontravam esse estágio de reavaliação constante e crítica de sua cultura; enquanto os brasileiros, que pouco abordaram o tema das desidentificações, se mostraram preocupados sobretudo com a "saída do armário" e com uma busca pela evolução de si.

Não queremos, por meio dessas observações, traçar caracteres generalistas, verdades absolutas sobre o que é ser gay na realidade de um país e na de outro. O que nos interessa é ponderar sobre as possibilidades de uma ou outra categoria ter sido mais recorrente na fala de uns do que na de outros. De qualquer modo, só conseguimos falar com mais propriedade sobre a realidade brasileira onde vivemos. Partindo desse local, podemos concordar que a "saída do armário" aqui pode ser, de fato, bastante complicada, pois assumimos que, uma vez "fora", não teremos mais de lidar com as restrições da complexa mecânica social que o "armário" compreende. Por isso, para lidar com essa complexidade, a *evolução de/em si* parece ser um caminho – tanto enquanto sucede a "saída", como quando a precede. Teríamos, pois, um tipo de trabalho quase infinito, como afirma BR4, de questionar alguns paradigmas sociais. É justamente isso que Foucault dizia esperar para os próximos anos que ele não viveu: que fôssemos capazes de repensar novas formas de vida, de forma criativa, avaliando não só as formas institucionais de poder e de verdade, mas também as que por nós são reproduzidas inquestionavelmente.

Considerações finais

Reiteramos o caráter transdisciplinar que a Grade nos permitiu proporcionar às análises, de modo que pudéssemos conjugar todo o conhecimento trabalhado até então. Percebemos que as categorias apresentadas na seção tétrico-metodológica se fizeram presentes aqui, assim como os conceitos trabalhados por Foucault no primeiro capítulo. Além disso, os problemas representacionais

figuraram como questões presentes em todas as vídeo-narrativas, pois estávamos diante de sujeitos que buscavam compreender a si mesmos e a sociedade por meio desse gênero tão novo, complexo, multimodal, multifacetado e cambiante que buscamos definir.

Os elementos constantes na Grade nos motivaram a conduzir uma análise que, a todo tempo, requeria um ver e rever das vídeo-narrativas. Foi preciso, ainda, se deter sobre cada momento importante, cada fala em consonância com os movimentos, as cores presentes, os sons emitidos, enfim, toda a cenografia, que incluía a corporalidade e, portanto, o sujeito que enunciava.

Esperamos, assim, que a análise tenha esclarecido alguns conceitos trabalhados nas seções teóricas desta tese, e que ela tenha, adicionalmente, elucidado e levantado questionamentos a quem a lê sob um viés inquisidor. Sigamos para as conclusões da pesquisa com o pensamento voltado à confissão e às suas diversas manifestações.

CONCLUSÃO

Não sei dizer exatamente por que o tema da confissão me seduziu tanto. Suspeito que seja algo relacionado à noção mais tradicional que temos dela, no sentido religioso. Considerando minha tentativa falida de manter certa retidão na vida, o temor que assombrava o mero pensamento em ter de me confessar ao padre, o "diretor de consciência", sobre meus pensamentos desviantes provavelmente cravou algo nas profundezas da inconsciência que só agora veio à tona. Apesar de não estarmos lidando nesta pesquisa com esse pensamento estritamente cristão sobre a confissão, considero importante tratá-lo como uma possível justificativa, agora com minha própria narrativa de vida. Quem diria, aliás, que ela apareceria nas considerações finais de uma tese?

Crescer "queer" – e, nesse caso, não faço objeções em traduzir o termo como *estranho* – é cultivar uma suspeição sistemática sobre si. Crescer sob a égide de um sistema religioso cristão é aprender também que o certo e o errado são basicamente os únicos polos possíveis onde se pode estar. Por um lado, meus pensamentos estavam "errados" e, por isso, era preciso fazer tudo "certo". Quando Foucault dizia que ser gay é estar sempre realizando um trabalho sobre si, ou quando Halperin diz que se trata de estar em um estado constante de "se tornar" ("becoming") algo, não consigo me opor a eles. As vídeo-narrativas confessionais que apresentamos aqui me mostraram que, na verdade, os homens gays estamos basicamente sofrendo das mesmas inquietações e realizando as mesmas tarefas analíticas sobre nós mesmos e sobre o mundo (o que se prova ser demasiado cansativo).

Chegamos em um tempo em que, mais do que nunca, é preciso ouvir o outro. Exaustivamente. Não como uma forma de submissão, mas como um aprendizado para a vida. Ouvir aqueles que são iguais a mim, ao menos em alguns pontos, por meio das narrativas de vida, me ajudou a entender a mim mesmo. Espero que esse exercício se aproxime de um trabalho não de renúncia, mas sobretudo de edificação. Se a cada dia nos aproximamos da morte, que a morte nos aproxime de uma vida construída nos fundamentos filosóficos para não nos tornarmos estultos, meros espectadores incapazes de discernir aquilo que, de fato, nos fortalece.

Acredito que essa pesquisa se prova importante pelo fato de colocar em evidência questões que vão desde o questionamento sobre nossa agência enquanto sujeitos em uma sociedade preza pela "transparência", passando pelo tema do pós-armário, pouco óbvio, até chegarmos ao dilema da confissão. Além disso, investigamos um gênero muito novo, que combina elementos ricos em significação. Os sujeitos que compõem nosso *corpus* narram episódios de suas vidas tão importantes e significativos que foi preciso uma abordagem multidisciplinar para darmos conta das problemáticas levantadas por eles. Em tempos de cultura digital, precisamos de metodologias que nos permitam ir além de tudo o que pensamos previamente sobre a tese em si, e é por isso que a Grade de Análise de Imagens, elaborada por Emília Mendes, foi essencial para a condução dessa pesquisa. É como se, a partir daquele quadro com letras miúdas e pleno de elementos, se abrisse um mundo de possibilidades. E é nesse encontro com outros mundos que aprendemos Filosofia, Sociologia, História e até Psicologia.

Nosso questionamento inicial era compreender como as narrativas de vida analisadas apresentavam um caráter confessional, assim como concebe Foucault. Para isso, investimos tempo em destrinchar algumas de suas obras. A mais recente delas, *História da Sexualidade IV: As confissões da carne*, já me chamou a atenção pois, mais uma vez, me deparava com o tema da confissão em Foucault. Preciso mencionar, novamente, que a primeira vez que isso ocorreu foi em uma leitura bastante incipiente da *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, ainda no Mestrado. Ao ler a obra outra vez, durante o curso *Sexological Theories: from Krafft-Ebing to Foucault*, na Universidade de Michigan, me peguei destacando o mesmo trecho daquela primeira leitura de anos atrás. Parecia, então, que algo ali estava me pedindo para ser estudado a fundo.

Conforme constatamos, a prática confessional possui uma longa trajetória, e o mais curioso e interessante de fazer esta genealogia foi perceber que suas origens remontam a tempos pré-cristãos. A partir da releitura do Cristianismo sobre essas práticas e sua incorporação na pastoral cristã, fomos submetidos a um regime de confissão que se estendeu a outros domínios da vida humana. Ainda assim, a primeira ideia que se vêm à cabeça em relação à confissão é aquela atrelada à religião: muito frequentemente, quando me perguntavam sobre minha pesquisa, a simples menção à confissão já fazia as pessoas franzirem a testa, como se

estivessem me perguntando “como é possível estudar confissão com narrativa de vida e homossexualidades e YouTube ao mesmo tempo?”, “de que confissão você está falando?”. E foi essa não obviedade que me deixou mais instigado a entender e, por que não, buscar provar que a confissão de que eu falava não estava tão distante daquela que meu interlocutor estava imaginando.

Falando em YouTube, preciso ainda situar o leitor e a leitora sobre meu interesse nas mídias digitais, que vem desde a Graduação, quando (só agora me dou conta) pesquisava um anúncio também no YouTube promovido pela Coca-Cola. Tratava-se, na ocasião, de promover o futebol para cegos, quando vivíamos em um contexto de sediar a Copa do Mundo no Brasil. No Mestrado, estava acompanhando o advento de aplicativos de encontros “gays”, que hoje eu talvez chamaria “de homens que fazem sexo com homens”. Já no Doutorado, houve uma insistência inicial por permanecer nos aplicativos, mas já flertava com a ideia de narrativas desde que cursei uma disciplina com a professora Ida Lúcia Machado sobre o tema. De qualquer modo, acredito que as mídias digitais me interessaram durante esses anos de pesquisa por trazerem debates muito novos, às vezes pouco trabalhados academicamente. Há um gosto e uma desvantagem em tudo isso – é maravilhoso, de fato, estar diante do novo, mas ao mesmo tempo desestabilizador, por não sabermos como lidar com aquele material, quais procedimentos metodológicos adotar.

As metodologias aqui utilizadas se mostraram tão ricas e densas que, ainda que talvez esteja repetindo um clichê, pensei não ser possível parar a pesquisa. Mas é preciso parar, se deter um pouco, pois as investigações continuam em outros momentos, com sorte em outras instituições de ensino. A Grade de Análise de Imagens proposta por Mendes (2013) me pareceu, inicialmente, tão complexa que foi preciso estudar alguns autores antes mesmo de buscar entendê-la. A teoria de Foucault, ainda tão atual, foi igualmente crucial para a pesquisa. O lançamento de *As confissões da carne*, em 2020 no Brasil pela editora Paz & Terra, foi quase um chamado para que trabalhássemos, de fato, com o tema da confissão. Assim como aconteceu com a Grade, tive de me lançar em diversas obras de Foucault para entender esse último volume, que estava envolto em mistérios – como se lança um livro de um filósofo já morto há tanto tempo? Por que dedicar um volume ao tema da confissão, mesmo sabendo que ele aparecia em outras obras do filósofo?

Vejamos que a própria Grade abre caminhos para diversas teorias. De início, consideremos que, na teoria de Charaudeau, os sujeitos-enunciadores a que tivemos acesso são, na verdade, sujeitos-comunicantes muito complexos. Estão em um momento de suas vidas em que o fato de ser gay toma uma dimensão que diz respeito a uma circunstância socio-histórica única – discutir a saúde mental, as implicações de "sair do armário" e, ainda assim, se deparar com problemas é de uma importância e de uma iminência quase impensáveis. Insisto na questão da novidade em se trabalhar com mídias digitais, território ideal das confissões. É sob essa perspectiva que vemos sujeitos-interpretantes que reconhecem nesse território uma possibilidade de se verem em outros. Os sujeitos-destinatários, imaginados e idealizados pela instância produtora, já estariam em uma amplitude que acompanha a dimensão enorme da Internet também.

Os elementos técnicos presentes da Grade, por exemplo, nos remeteram a características das narrativas que contribuíram para a construção do sentido de cada vídeo-narrativa em particular. Ângulos, planos, cores, estrato sonoro, ambiente, iluminação: tudo isso, em paralelo ao verbal, configurou cada narrativa de um modo único. Acredito que a maneira como procedemos com a análise verbo-icônica foi bastante autoral, se considerarmos que a ela buscamos acrescentar as questões de gênero e sexualidade e os estudos foucaultianos. A aliança dessas perspectivas foi verdadeiramente desafiadora e gratificante.

A respeito dessas questões de gênero, é importante destacar que, para chegarmos nela, foi preciso ter muita atenção ao *corpus*. Assistir a cada vídeo-narrativa diversas vezes e ler a transcrição de cada uma foi fundamental para que se fixassem algumas informações providas por cada enunciador. Como já lidava com pesquisa na área de gênero e sexualidade, não foi difícil encontrar referências que contemplassem aquilo que os narradores abordavam em suas narrativas de vida. É evidente que tudo isso exige não só muita leitura, mas uma leitura orientada para a tese: a todo momento, estamos pensando em quais pontos aquelas teorias dialogariam com os problemas levantados pelos narradores e suas confissões.

Foi por meio desse mergulhos nas transcrições, conjugado com o conhecimento que íamos gradativamente construindo através de estudos e leituras, que chegamos às categorias de análise. Elas se construíram, portanto, graças ao cuidado com a materialidade linguística, do que era enunciado por nossos

narradores que compunham o *corpus*. Cada uma delas aborda um tema que coexistia nas narrativas e nas pesquisas em Gênero e Sexualidade, Estudos da Linguagem e Estudos Foucaultianos. Em cada uma cabia, ainda, uma multiplicidade de avaliações, de detalhes que podem certamente ser trabalhados em outras pesquisas. Destaco a *evolução de/em si*, por ter um diálogo muito evidente com as questões levantadas por Foucault e mesmo por Han na sua noção de indivíduo neoliberal, *ilusão de "saída do armário"*, por trazer um debate ainda recente sobre os desafios do que chamamos de pós-armário, e *desidentificações com a cultura gay*, por colocar em evidência a existência de uma série de práticas sociodiscursivas que são atribuídas aos homens gays especificamente.

Por fim, foi na análise verbo-icônica que conseguimos concretizar tudo o que havíamos construído em termos de métodos e teoria. Apesar de estarmos diante de narradores de duas nacionalidades diferentes, percebemos poucas diferenças significativas em relação ao que eles relatavam, como descrevemos na Análise contrastiva dos dados. Em ambos os casos, percebemos que a tarefa de constantemente reavaliar a cultura hegemônica e as práticas culturais da própria (sub)cultura pertencia a todos os narradores. O que eles falavam – assim como Foucault e Halperin afirmam – é desse caráter perturbador de estarem o tempo todo aprendendo algo, tendo de lidar com algo inédito, praticar essa ascese de estar diante de um forma de vida sem manuais. Por um lado, isso se mostra inquestionavelmente positivo – temos em mãos possibilidades de repensar e, quem sabe, reconfigurar nossas práticas sociais. Por outro lado, há um constante desgaste, como trazem os narradores, por vivermos em uma sociedade que não espera nada além do que está na esteira de reprodução de padrões e papéis sociais comportamentais, intimamente ligados aos ideais hegemônicos de gênero.

O modo como concebemos a confissão está apoiada por autores e autoras como Bruno, Waugh e Han, cujas abordagens de origem igualmente foucaultianas se questionam a respeito das formas como os conceitos do filósofo se aplicam em nossas contemporaneidades. É inegável que, ao se confessarem, os narradores reafirmam o caráter modificador que a prática confessional pode lhes proporcionar – a emergência de sujeito diferente, modificado, já não tão ruim quanto antes, passível de ser perdoado, entendido, considerado como digno e, ainda, competente em se autoconhecer, em buscar uma melhoria sobre si e sobre o outro. Portanto,

um sujeito ético, pleno de capacidades, potencialidades, que não reconhece na necessidade de falar, de se expor, uma técnica de poder, um cerceamento de sua liberdade de (quem diria!) ficar calado.

O tema das representações sociais não poderia deixar de ser mencionado. Como tratamos de sujeitos socialmente minorizados, foi preciso investigar como a noção de si e do outro percorriam as narrativas analisadas. Sabendo da existência de um estereótipo sobre as homossexualidades masculinas, nossos narradores, em sua grande maioria, se afastaram desses ideias e projetaram *ethé* variados. Gerir a própria visibilidade sempre pareceu ser uma técnica que os homens gays dominamos, pois a cada dia nos vemos em situações em que nos percebemos não tão confortáveis assim com nossas sexualidades e o que elas colocam em cena. Deve ser por isso que estamos sempre atentos e alertas às mudanças, ao que devemos performar, o quanto podemos revelar de nós mesmos. Quando criança, minha mãe me qualificava como muito crítico, pois já me percebia bastante consciente sobre as representações sociais. Já não estariam aí alguns sinais de um flerte com a cultura gay?

A tese de que as vídeo-narrativas analisadas são formas que os sujeitos narradores encontram para buscar e expor verdades sobre si e, assim, confessar na mídia digital YouTube se confirma, uma vez que é nesse território digital que encontram o espaço e as características ideais para compartilharem (confessionalmente) suas inquietações concernentes às sexualidades. Nosso objetivo de realizar uma análise verbo-icônica e contrastiva das oito vídeo-narrativas foi atingido, assim como o de investigar os efeitos da cultura homofóbica e do estresse de minoria em nossos sujeitos-objeto. Em relação a este último, foi necessário estabelecer as categorias de análises em conjunto com a Grade de Análise de Imagens para que os conceitos de homofobia, “armário" e estresse de minoria fossem bem explanados. Os conceitos trabalhados por Foucault como confissão, parresía, ascese foram trabalhados nas vídeo-narrativas, provando-nos que ainda se fazem atuais. E para chegarmos ao objetivo de identificar marcas discursivas da confissão, a teoria de Foucault, aliada aos Estudos de gênero e sexualidade empreendidos por outros pesquisadores e pesquisadoras, foram essenciais para compreendermos de que práticas confessionais estamos falando

hoje e, mais importante, que características elas carregam consigo no decorrer de anos e anos de reconfigurações.

Em palavras finais, podemos dizer que vivemos, de fato, em uma sociedade confessanda. Foucault não teria previsto que as práticas confessionais encontrariam nas mídias digitais um espaço de multiplicação desenfreada: confessa-se por toda parte. Nunca fomos tão instigados a falar, e falar exaustivamente de tudo aquilo que nos atravessa, não só de todas as inquietações, mas do que compramos, do que comemos, do que fazemos nas mais diversas nuances que uma experiência de vida pode compreender. Como já havíamos dito, não se trata de liberdade, senão de mais uma técnica de poder – o poder de nos fazer falar, falar franca e abertamente, sem medo, apesar das oposições e das violências que podem surgir. O sujeito confessante neoliberal é aquele que acredita na possibilidade de trabalhar sobre si, pois ele é o único responsável pela melhoria de seu estado. Dono dessas potencialidades, se cobra e se julga caso não avance, não se promova (espiritualmente e profissionalmente). Se acrescentamos a esse cenário as especificidades de uma experiência de vida como homem gay, vemos que a autoavaliação e a leitura crítica de algumas práticas sociodiscursivas colocam em evidência a necessidade, observada na pesquisa, de se trabalhar sobre si por meio da confissão, do endereçamento discursivo ao outro, sobretudo quando se trata de sexualidade. Trata-se, por fim, de um mecanismo que ao mesmo tempo que nos “liberta”, transforma, nos sujeita, nos coloca novamente na lógica da reprodução. Melhorar para que e para quem? Para se tornar um corpo mais ou menos dócil? O pós-armário é um estágio irresolúvel? Até que ponto a confissão nos libertará?

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V. L. O.. **Aplicativos de encontros gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

ALENCAR, V. A institucionalização da violência às homossexualidades: aspectos históricos da perspectiva estadunidense. In: **Raça, gênero e sexualidade em perspectivas discursivas**: efeitos e práticas da/na violência – vol. 2. LAU, H. D; FATIMA, W. S. (org.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 216-231.

ALMEIDA, D. M. V. de. **Performatividades gays**: um estudo nas perspectivas brasileira e argentina. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Stéréotypes et clichés**. Lassay-les-chateaux: Armand Colin, 2005.

AMOSSY, R. **O ethos na intersecção das disciplinas**: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In.: AMOSSY, Ruth (org.). Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo, Contexto, 2008.

AUMONT, J. **A Imagem**. Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

BARTLETT, N. **Who was that man?**: a Present for Mr. Oscar Wilde. London: Serpent's Tail, 1988.

BENKLER, Y. **The Wealth of Networks**: How Social ProductionTransforms Markets and Freedom. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

BERSANI, L. **Is the rectum a grave?** : and other essays. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Collection 128. Paris: Nathan, 1997.

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Paris: Nathan, 2003.

BLOG FOTOJORNALISMO. Apresenta planos e ângulos adotados no fotojornalismo. Disponível em: http://fotojornalismouniube.blogspot.com/2009/11/planos.html. Acesso em: 30 nov. 2019.

BRUNO, F. **Máquinas de se ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução Ricardo Giassetti. – São Paulo: Aleph, 2009.

BUSINESS OF APPS. Apresenta dados estatísticos sobre o YouTube. Disponível em: https://www.businessofapps.com/data/youtube-statistics/. Acesso em: 26 ago. 2019.

BUSINESS OF APPS. Apresenta dados estatísticos sobre o YouTube. Disponível em: https://www.businessofapps.com/data/youtube-statistics/#2 . Acesso em: 28 abr. 2021.

BUZZFEAD USA. Apresenta notícias e conteúdo de entretenimento na versão estadunidense. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/jonmichaelpoff/gay-culture?utm_source=dynamic&utm_campaign=bffbbuzzfeedlgbt&ref=bffbbuzzfeedlgbt. Acesso em: 14 dez. 2018.

BUZZFEAD BRASIL. Apresenta notícias e conteúdo de entretenimento na versão brasileira. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/victornascimento/coisas-o-que-e-cultura-gay-culture-poc. Acesso em: 23 jul. 2020.

CARVALHO, A. T. S. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. **Revista do Núcleo de Análise do Discurso**: Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2016, p. 21-42.

CASTORIADIS, C. **L'institution imaginaire de la société**. Éditions du Seuil, 1975.

CASTRO, E. **Introducción a Foucault**. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Muller Xavier. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHARAUDEAU, P. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. **Languages et Société**, Paris, n. 28, Maison des Sciences de l'Homme, jun. 1984.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria os sujeitos da linguagem. In. Hugo Mari, Ida Lucia Machado, Renato de Mello. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte : Nad-FALE-UFMG, 2003

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In Boyer H. (dir.), **Stéréotypage, stéréotypes** : fonctionnements ordinaires et mises en scène, L'Harmattan, 2007. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-cest-bien-Les.html. Acesso em: 14 dez. 2015.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Trad. Angela M. S. Correa & Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. "Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière", in Charaudeau P. (dir.), **Identités sociales et discursives du sujet**

parlant, L'Harmattan, Paris, 2009, consulté le 26 septembre 2016 sur le site de Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications. URL: http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html

CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso : entre situação de comunicação e estratégias de individualização *In* Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**, Edufu, Uberlândia, 2010.

CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. IN: Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**, Edufu, Uberlândia, 2010. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-sociocomunicacional-do.html. Acesso em: 11 ago. 2017.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010b.

CHAUNCEY, G. Jr., "From Sexual Inversion to Homosexuality: The Changing Medical Conceptualization of Female Deviance," in **Homosexuality**: Sacrilege, Vision, Politics, ed. Robert Boyers and George Steiner. Salmagundi, 58- 59 (1982-83), 114-146.

CHAVES, F. S. J**ogos etóticos e jogos documentais**: a construção dos *ethé* no documentário *Rua de Mão Dupla*. 2013. 154f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

Como estou me sentindo após sair do armário? S/l, 25 mar. 2019. YouTube: Jovem Han. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q4XTe08mxTY. Acesso em: 2 maio 2019. Vídeo com a narrativa de vida de um brasileiro que "saiu do armário" recentemente.

COURTINE, J.J. **Déchiffrer le corps**. Penser avec Foucault. Éditions Jérôme Million: Grenoble, 2011.

COURTINE, J.J. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: **História da virilidade**: a virilidade em crise?: o século XX e XXI. Trad. Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 554-578.

CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.

DIAS, D. Foucault, Michel. 2018. Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la chair. Paris: Gallimard. Coll. Bibliothèque des Histoires. Édition établie par Frédéric Gros. 448 pp. **Revista Latinoamericana. Sexualidad, Salud y Sociedad**. n. 28-abr. 2018, pp. 246-257.

ENTREVISTA MICHEL FOUCAULT. Apresenta uma entrevista, em francês, de Michel Foucault ao Gai Pied. Disponível em: http://yagg.com/2015/01/26/michel-foucault-%E2%80%A8de-lamitie-comme-mode-de-vie-entretien-au-gai-pied-1981/. Acesso em: 10 abr. 2018.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. **Discipline and Punish**: The Birth of the Prison, trans. Alan Sheridan (New York: Vintage, 1978).

FOUCAULT, M. **The History of Sexuality** Volume I: An Introduction. New York: Pantheon Books, 1978a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. "Friendship as a way of life". **Ethics**: Subjectivity and Truth, ed. Paul Rabinow, Essential Works of Foucault 1954-1984,Volume I (New York: The Free Press, 1997), 135-140.

FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forensa Universitária, 2006a.

FOUCAULT, M. "The Gay Science," trans. Nicolae Morar and Daniel W. Smith, **Critical Inquiry**, 37.3 (Spring 2011), 385-403.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, M. Du gouvernement des vivants. Cours au collège de France. 1979-1980, Seuil/Gallimard, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26ª ed. São Paulo: Graal, 2013a.

FOUCAULT, M. **Malfazer, dizer verdadeiro**: função da confissão em juízo: curso em Louvain, 1981. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. [*Mal faire, dire vrai. Fonction de l'aveu en justice, course of Louvain, 1981*.]

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité IV**: Les aveux de la chair. Bibliothèque des Histoires. Édition établie par Frédéric Gros. Paris: Gallimard. Coll, 2018a.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade IV** – As confissões da carne. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.

Ser gay cansa. S/l, 22 dez. 2016. YouTube: Lorelay Fox. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3cua-u4q3Xs&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=13&t=0s. Acesso em: 30 abr. 2019. Vídeo-narrativa de um brasileiro que explica os motivos pelos quais acredita que ser gay cansa.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Quarta Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988 [1963].

GUIMARÃES, L. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. Anablume: São Paulo, 2003.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 3ª edição. São Paulo: Annablume, 2004.

GRUPO GAY DA BAHIA. Apresenta dados sobre a população LGBTQ+. Disponível em: https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2013/06/relatorio-20126.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

HALPERIN, D. M. **Saint Foucault**: Towards a Gay Hagiography. Oxford University Press. New York, NY, 1995.

HALPERIN, D. How to do the history of male homosexuality. **GLQ** 1 January 2000; 6 (1): 87–123. doi: https://doi.org/10.1215/10642684-6-1-87 (accessed on Apr 11 2018)

HALPERIN, D. M. **How to be gay**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press, 2012.

HALPERIN, D. M., "Normal as Folk" (op-ed), **New York Times**, 161.55, 810 (June 22, 2012a), A25 (original version). Disponível em: https://www.nytimes.com/2012/06/22/opinion/style-and-the-meaning-of-gay-culture.html. Acesso em: 5 set. 2018.

HALPERIN, D. M. **How to be ga**y: Male homosexuality as a cultural practice: curso do período de Outono, 4-set./11-dez. de 2018a, 12 f. Notas de Aula. Impresso.

HAN, B.C. **Psicopolítica** – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. São Paulo: Editora Âyiné, 7ª ed., 2020.

HOMEM, M. **Maria Homem: A cultura do cancelamento**. 2020. (10m48s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z2uH5mFgvUY. Acesso em: 2 mar. 2021.

HOTTES, T. S.; FERLATTE, O.; DULAI, J.. **Preventing Suicide among gay and bissexual men**: new research & perspectives. Report presented by the Community-based Research Center for Gay Men's Health to the Public Health Agency of Canada. Septermber 2016.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Sous la direction de). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 3eme tirage, 2009.

JORDAN, M. **The Invention of Sodomy in Christian Theology**. The University of Chicago Press: Chicago, 1997.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. O ethos em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; & MELLO, Renato (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 3, p. 117-135.

von KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia Sexualis**. New York: Arcade Publishing, 2011 [1965].

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO, I. L. Uma analista do discurso face ao dito de dois políticos: narrativas de vida que se entrecruzam. E**ID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 3, p. 68-81, nov. 2012.

MACHADO, I. L. **Seminário de Tópicos Variáveis em Linguística do Texto e do Discurso**: **Análise do discurso vs Narrativa de vida**: Curso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 10 ago./14 dez. de 2017, 1 f. Notas de Aula. Impresso.

MACHADO, I. L. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, I.L. e MELO, M.S.S. (org.) **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016, p. 121-138. (Disponível em: http: www.letras.ufmg.br/nucleos/nad)

MACHADO, I. L. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2015.

MACHADO, I. L. A narrativa de vida como uma tentativa de construção da identidade. IN: LARA, Gláucia Proença e LIMBERTI, Rita (Org.). **Discurso e (Des)Igualdade Social**. São Paulo: Contexto, 2015a.

MACHADO, I. L. **Seminário de Tópicos Variáveis em Linguística do Texto e do Discurso**: **Estudos de estratégias discursivas correntemente empregadas em diferentes atos comunicativos**: Curso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade

de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 5 mar./25 jun. de 2015b. Notas de aula. 1f. Impresso.

MACHADO, I. L. O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam. **Revista GEL**, Campinas/São Paulo, Disponível em: *revistas.gel.org.br*, volume 43, série 3, dezembro 2014, p. 1129-1139

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, Ruth (org.). Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo, Contexto, 2008.

McCABE, S.; E.; HUGHES, T. L.; BOSTWICK, W. B.; WEST, B. T.; BOYD, C. J. Sexual orientation, substance use behaviors and substance dependence in the United States. **Addiction**. 2009 August ; 104(8): 1333–1345. doi:10.1111/j.1360-0443.2009.02596.x.

MENDES, E. **Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidae e de suas configurações discursivas**. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado, 2004. 267f.

MENDES, E. Algumas configurações dos imaginários e dos *ethé* de ladrão "ladrão"na cultura brasileira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhuéus, n.3, p. 16-29, nov. 2012.

MENDES, E. **Análise do discurso e iconicidade**: uma proposta teórico-metodológica. In: Imagem e Discurso. Mendes, E. (coord.) Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MISKOLCI, R. Não somos, queremos – Reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: **Stonewall 40 + o que no Brasil?** / Leandro Colling, organizador. - Salvador : EDUFBA, 2011. 282 p. - (Coleção CULT; n. 9)

MISKOLCI, R. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, 9: 269-295, 2014.

MISKOLCI, R. Discreto e fora do meio – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. Dossiê: Percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. **Caderno *pagu*** (44)*,* janeiro-junho de 2015: 61-90.

MISTER B&B. Site que propõe oferecer hospedagens à população de homens gays no estilo do AirB&B. Disponível em: https://www.misterbandb.com/pt/pages/join-us. Acesso em: 22 jun 2020.

MORRISON, P. "Muscles", **The Explanation for Everything**: Essays on Sexual Subjectivity. New York: New York University Press, 2001, pp. 113-139.

NBC NEWS. Divulga dados a respeito do estresse da população LGBTQ+ ao regressar para a casa de suas famílias. Disponível em: https://www.nbcnews.com/better/pop-culture/why-some-lgbtq-people-feel-especially-stressed-holidays-7-things-ncna950461?

utm_source=Spectrum+Center+Digest+-+newsletter&utm_campaign=3c57b7dee3. Acesso em: 5 dez. 2019.

NCBI. Apresenta dados de um estudo com a população de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK64795/ . Acesso em: 26 ago. 2019.

NEWTON, E. **Mothercamp**: female impersonators in America. Prentice Hall Inc.: Englewood Cliffs, New Jersey, 1972.

NOGUEIRA, L. Planificação e Montagem. In: **Manuais de Cinema**. Vol.3. Covilhã (PRT) : LabCom Books, 2010.

NOTTO, C. de S. Foucault: *Les aveux de la chair* e a genealogia do sujeito desejante. **Revista Discurso**, v. 48, n. 01 (2018), pp. 281-286.

PACHANKIS, J. E.; ELDAHAN, A. I.; GOLUB, S. A. New to New York: Ecological and Psychological Predictors of Health Among Recently Arrived Young Adult Gay and Bisexual Urban Migrants. **Ann Behav Med**. 2016 Oct; 50(5): p. 692-703. doi: 10.1007/s12160-016-9794-8

PACHANKIS, J. E., CLARK, K. A., BURTON, C. L., HUGHTO, J. M. W., BRÄNSTRÖM, R., & KEENE, D. E. (2020). Sex, status, competition, and exclusion: Intraminority stress from within the gay community and gay and bisexual men's mental health. **Journal of Personality and Social Psychology**. Advance online publication. https://doi.org/10.1037/pspp0000282

Saindo do armário (gay). S/l, 21 jun. 2017. YouTube: LUAN POFFO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5pCP5nt5DnA . Acesso em: 11 abr. 2019. Vídeo-narrativa de um brasileiro sobre sua percepção de vida "fora do armário".

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Zahar, 2020.

PROCÓPIO, M. R. Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: MACHADO, I.L. e MELO, M.S.S. (org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016, p. 299-325.

REIS, A. C. G. **Imagens e imaginários das secretárias em *Mad Men*** : uma análise retórico-discursiva das personagens Peggy Olson e Joan Holloway. 2020. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REIS, P. J. F. M. Sobre Paulo Freire: Os contornos discursivos de uma vida. 2018. 258 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RÍOS, R. H. **Foucault y la condición gay**. Campo de Ideas: Madrid, 2007.

ROSADO, L. C. C. **Telenovelas brasileiras**: um estudo histórico-discursivo. 2017. 345 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

RUBIN, G. **Sexological theories**: from Krafft-Ebing to Foucault: curso do período de Outono, 5-set./14-dez. de 2018, 7 f. Notas de Aula. Impresso.

SANTANA, C. N. de. Dizer verdadeiro sobre si mesmo em Les aveux de la chair. **Intuitio** – Revista do PPG em Filosofia da PUCRS. Vol. 12, n. 2, jul.-dez. 2019.

SEDGWICK, E. K. "Introduction: Axiomatic" (excerpt) and "Epistemology of the Closet" (1988). **Epistemology of the Closet.** Berkeley: University of California Press, 1990, p. 1-11, 67-90;

Ser gay é muito difícil. S/l, 30 mar. 2017. YouTube: Caio Braz. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=H1UsdrSBMh8&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=12. Acesso em: 30 abr. 2019. Vídeo-narrativa de um brasileiro que discorre sobre as dificuldades de se ser gay.

SOMERVILLE, S. Scientific Racism and the Emergence of the homosexual Body. **Journal of the History of Sexuality**. Vol.5, n. 2 (Oct., 1994), pp. 243-266

The Biggest Problems In The Gay Community. S/l, 17 jun. 2015. YouTube: Barrett Pall. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMaJfczk1eQ >. Acesso em: 24 abr. 2019. Vídeo-narrativa em que o narrador estadunidense lista os problemas que acredita haver na comunidade de homens gays.

THE HUFFINGTON POST. Apresenta o artigo intitulado "The Epidemic of Gay Loneliness". Disponível em: (https://highline.huffingtonpost.com/articles/en/gay-loneliness/. Acesso em: 20 mar. 2017.

The struggle of being gay and accepting it. S/l, 4 abr. 2017. YouTube: Matthew Crawford. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gPxAKnGtnlM. Acesso em: 22 abr. 2019. Vídeo-narrativa em que o estadunidense explica as batalhas que enfrentam os homens gays no geral.

The Worst Part About Being Gay. S/l, 8 mar. 2017. YouTube: Ethan Hethcote. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f8Wh1tuNtpA. Acesso em: 22 abr. 2019. Vídeo-narrativa em que o narrador estadunidense apresenta sua visão sobre as piores partes da vida de um homem gay.

THEM.. Apresenta entrevista com o pesquisador John Pachankis, que trata do estresse de minoria. Disponível em: https://www.them.us/story/gay-bi-racism-looks-grindr-anxiety-depression?utm_source=facebook&utm_brand=them&utm_medium=social&utm_social-type=owned . Acesso em: 20 jul. 2020.

Things I Hate About Being Gay. S/l, 18 jul. 2017. YouTube: Dillon Kenneth Hogan. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iWThkXVZZrc. Acesso em: 25 abr. 2019. Vídeo-narrativa em que o narrador estadunidense lista os fatores que lhe incomodam na comunidade de homens gays.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª edição, rev., atual. E amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, W.. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 31-64)

WARNER, M. **The Trouble With Normal**: Sex, Politics and the Ethics of Queer Life. New York: The Free Press, 1999.

WAUGH, T. **I Confess!**: Constructing the Sexual Self in the Internet Age. McGill-Queen's University Press: 2019.

WEEKS, J. **Coming Out**: Homosexuals Politics in Britain, form the Nineteenth Century to the Present. Quarter Books: London, 1977.

WILSON, C.; CARIOLA, L. A. LGBTQI+ Youth and Mental Health: A Systematic Review of Qualitative Research. **Adolescente Research Review**. https://doi.org/10.1007/s40894-019-00118-w. Published online 21 May 2019.

ANEXO

Transcrições dos vídeos

Narradores brasileiros

Luan Poffo (BR1)

Título do vídeo: Saindo do armário (gay)
Ano da postagem: 2017
Nome do canal: Luan Poffo
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=5pCP5nt5DnA

Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário. Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário. Hoje, pra gravar esse vídeo, eu percebo que, mais uma vez, eu preciso sair do armário.
E isso pode ser muito esquisito pra algumas pessoas que pensam que, quando você é gay, você sai do armário apenas uma vez na sua vida.

Por algum motivo, eu nunca tinha falado tão abertamente desse tema como eu to falando nesse vídeo. Na verdade, esse motivo não é à toa. Agora eu entendo isso e eu vou contar pra vocês mais pra frente nesse vídeo.

Se você gostou do tema, já se inscreve no canal!

Hoje eu olho pra trás, eu percebo que eu cheguei com uma porção de armários na minha vida que eu tive que sair. E o primeiro deles foi o armário de conseguir lidar comigo mesmo, de olhar pra mim mesmo e me aceitar como gay, o que, por sorte, eu tive muita sorte na minha vida…eu sempre tipo uma… personalidade do tipo "foda-se", se eu sou assim, então "foda-se". Se…se deu errado, foda-se, vamos seguir. E isso me ajudou muito nesse primeiro grande armário que é muito difícil pra maioria das pessoas.

O segundo armário que eu tive que sair foi com os meus amigos. Eu lembro que eu tinha que beber, eu tinha que tá embriagado pra ter coragem de falar o que eu queria falar. E praticamente todos se conheciam….eu não tinha coragem de falar sóbrio. E, no fim das contas, a gente pinta um negócio muito maior dentro da nossa cabeça, porque foi completamente tranquilo com todos eles. Sempre…todos foram muito receptivos e, sei lá, isso aproximou mais a gente depois que eu comecei a ser mais… sincero com eles em relação ao que eu realmente era. Ou seja, na minha cabeça, o fato de eu ser gay era muito pior do que pra todos meus amigos. Então, por muitos anos, eu vivi pintando um problema que simplesmente não existia.

E aí, aos poucos, eu fui me assumindo mais pro mundo, nas redes sociais, comecei a namorar. Era aquela coisa meio subentendida, a gente não falava abertamente

sobre o que tava acontecendo, mas as pessoas já começavam a sentir, é, e a perceber que que eu era gay. Até…isso ali com meus catorze, quinze anos. Até que eu tive que sair do terceiro e o mais difícil armário de todos que é lidar com como ser gay em relação a sua família, em relação à minha família, que é um armário que até hoje é uma coisa meio esquisita! E eu acho que é o motivo de eu nunca ter feito esse vídeo antes, porque eu sempre tive receio da reação da minha família. Eu nunca precisei chegar pra alguém e falar 'sou gay', nunca! As coisas foram acontecendo naturalmente, as pessoas foram percebendo naturalmente. No começo, era complicado pra minha mãe, ela não…nunca me afastou, mas também eu sabia que era…era uma coisa difícil pra ela, mais ainda pros meus avós. Eu acho que não mais justo a gente se esconder sobre quem a gente é, mas a gente também tem que ter, é, paciência com as pessoas que estão ao nosso redor. Eu sei que meus avós tiveram outra criação. A lógica da cabeça é diferente. Eu não posso querer que eles me aceitem na marra. E aos poucos, graças a Deus, as coisas foram melhorando. Hoje em dia, eu falo de namorado com a minha mãe, falo dos problemas, falo "mãe, aconteceu aquilo…" e a minha mãe é uma melhor amiga nesse assunto pra me entender. Porque é um processo de…é um processo de evolução pra quando você é gay pra você se aceitar. Pros seus pais, pra sua família, é a mesma coisa.

Mas, mesmo assim, por que que eu acho que ainda tô um pouco dentro desse armário? Porque a minha família não fala, é meio pisando em ovos, eles sabem, mas…é aquela coisa. Sinceramente, eu já superei isso. Eu tô fazendo esse vídeo e, quem ver vai ver, quem não ver não vai ver, isso não é mais um problema pra mim. Se isso é um problema pra você, é pra você, entendeu? Não é pra mim mais.

E aí você vai percebendo que a vida vai sempre tentando te aprisionar dentro de novos armários, seja quando uma pessoa aleatória no bar, um cara aleatório no bar, pergunta como é que…como é que estão as namoradas. Você simplesmente responde como se você tivesse namoradas, o que parece uma coisa tão simples mas que é tão dolorida pra gente, porque parece que a gente tá se anulando. Ou quando o professor pergunta pra levantar a mão quem é heterossexual. Sim, eu já passei por isso, e eu tive que levantar a mão por vergonha do que os outros fossem achar se…se eu não levantasse a mão dizendo que eu era heterossexual. Ou quando uma menina se mostra interessada, numa festa, por você, e você não quer falar que você é gay pra não frustrar as pessoas, pra não decepcionar as pessoas, pra pessoas não acharem que você é um "desperdício", o que é uma coisa extremamente chata de ouvir. Ninguém é desperdício por ter determinada orientação sexual. É orientação sexual, não é opção sexual. Ninguém escolheu ser gay, ninguém escolheu ser hétero. Como seria mais fácil se eu tivesse sido hétero, mas infelizmente não aconteceu! Ou, por exemplo, sei lá, se você vive também num ambiente de trabalho machista, em que você tem que omitir quanto a sua orientação sexual pra não ser…pra simplesmente não viver uma situação desconfortável. Isso pode acontecer também se você for mulher, você não precisa ser gay pra tá sempre dentro do armário. As pessoas te colocam dentro da…"você não pode usar essa roupa, você não pode fazer isso, você não pode ser uma mãe solteira sozinha". São sempre armários que a vida vai te colocando. E aos poucos você vai ver que não é a vida que vai te colocando, são as pessoas que te colocam e te aprisionam dentro desse espaço. Com a minha família, por exemplo, que não falava, que não tocava no assunto, e que, querendo ou não, estava sempre…e me colocando esse espaço

em que eu não queria estar, como se fosse um tabu. Eu não quero serum tabu. Ninguém quer ser um tabu. Ninguém quer ser algo que não se pode falar. Ninguém é o Voldemort do Harry Potter, que não podemos falar sobre. Não, isso não é agradável.

Ao receber um e-mail do YouTube me convidando pra fazer esse vídeo, e aos ver os posts da parada gay de São Paulo que vocês colocaram no Instagram…tanta coisa legal, tanta coisa bonita! Eu falei "Eu consigo fazer esse vídeo!" Eu finalmente consigo fazer esse vídeo. Independente da minha família, independente do que os outros vão achar, independente de se eu vou conseguir trabalho, se eu vou perder trabalho, eu consigo fazer esse vídeo agora. Eu consigo sair de mais um armário!

Aí eu percebo que sempre vão ter armários. Eu vou continuar tendo diversos armários na minha vida, mas que o importante vai ser sempre eu tentar sair de todos eles.

Eu sou o Luan, eu tenho 20 anos, meus amigos me amam, minha família me ama, meus cachorros me amam! Suzana Vieira…Já namorei duas vezes, terminei duas vezes, decidi que eu não preciso mais me esconder no meu trabalho. Se as empresas não quiserem me contratar, não me contratem. Eu sou quem eu sou. É justo que eu seja quem eu sou. A gente passa por situações desconfortáveis por ser gay? Passa! Seria mais fácil ser hétero? Seria! Mas, gente, sinceramente, ser gay é tão bom! A relação que eu tenho com as minhas amigas, meus amigos, festa, gente…festa hétero é bom, mas vocês já experimentaram uma festa gay? [Risos] E sinceramente não tem nada que que eu possa fazer pra mudar minha essência. Eu não tenho mais um problema com isso. Se você tem, o problema é seu. Eu tenho muito orgulho de ser quem eu sou, e eu tenho muito orgulho de ser gay.

E eu to aqui em San Sebastián, no norte da Espanha, trabalhando com o Hostel World e com o Buzz About, gravando muitas coisas legais pra vocês. Eu tô muito ansioso pra que vocês vejam! Vocês estavam muito bonitos hoje, exatamente do jeito que vocês são. Beijos de luz e até o próximo vídeo!

Caio Braz (BR2)

Título do vídeo: Ser gay é muito difícil
Ano da postagem: 2017
Nome do canal: Caio Braz
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=H1UsdrSBMh8&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=11

Telespectadores, estou de volta com mais um vlog. Eu to muito a fim de compartilhar esse texto com vocês, porque esse texto que eu li, papai, mudou a minha vida. A minha vida e a vida de muitos amigos gays que eu tenho. A gente sentou pra ler esse texto junto, a gente se reuniu, a gente debateu. Eu levei esse texto até pra minha sala de terapia, e eu acho que ele pode ajudar muitos de vocês também. Então, vamos nessa.

Eu vi esse texto começando a ser compartilhado no Facebook e eu resolvi falar sobre ele porque ele está em inglês. O link tá aqui embaixo de você quiser clicar e ler. Ele é bastante comprido, então reserva aí uns vinte minutos, mas vale muito à pena. E eu vou falar dos principais tópicos dele aqui e em Português pra quem não consegue ler em Inglês. Mas basicamente é pra falar que ser gay é muito, muito difícil, e que a gente minimiza muito o poder da nossa sexualidade no resto do desenvolvimento da nossa vida e do nosso bem-estar.

A olho nu, o grande problema dos gays é sair do armário, né, porque a partir do momento que você foi lá, se impôs, né, enfrentou a sociedade e saiu do armário, é como se a sua vida já estivesse resolvida e você resolveu o grande problema da sua vida. Só que isso é uma grande ilusão, e esse texto explica isso de uma maneira muito maravilhosa, e com dados, e estudos, e porcentagens que eu jamais seria capaz de calcular…o quanto a nossa sexualidade é a causa principal do desencadeamento de estresse na nossa vida.

Quando você passa por uma situação de estresse, você enfrenta aquilo, mas depois parece que, no dia seguinte, você venceu aquela batalha e continua vivendo. Na vida de um gay, se acumula de uma maneira muito mais forte, porque faz parte de toda nossa infância e de nossa adolescência. Você que é gay como eu sabe muito bem que a gente passou a nossa infância e adolescência inteira sendo bastante escorregadio com os amigos, tendo que fazer compensações, né, pra poder compensar o fato que te minimizava dentro daquele grupo, que era a sua fragilidade, porque você tinha a sexualidade diferente. Você cresce e amadurece na adolescência vítima de um estresse absurdo porque você precisa o tempo inteiro se provar muito mais do que uma criança e um adolescente hétero, não é verdade? E aí qual é o resultado da pesquisa? Que três quartos, 75 por cento dos gays dos Estados Unidos têm quadros de ansiedade ou depressão, ou usam drogas pesadas. A gente traz a vivência do armário pra nossa vida real mesmo tendo saído do armário. Estatísticas comprovam que gays têm mais quadros de câncer, depressão, alergia, asma, tudo! do que os héteros. Como é que a gente nunca parou pra pensar nisso, né? E aí a gente enche a boca pra falar que a gente quer os mesmos direitos, porque a gente tem que ser reconhecido nessa sociedade com os mesmos direitos que um casal hétero, por exemplo, e aí a gente luta por isso, mas os direitos gays

não são exatamente a solução que a gente precisa pra felicidade. E isso que é muito louco perceber, né, porque cada batalha vai acontecendo de algum jeito. Essa é uma batalha necessária, óbvio, a batalha de direitos civis dos gays, mas isso não significa que, ainda assim, os gays conseguirão ser felizes porque crescem dentro de um espectro de opressão…cria consequências incalculáveis!

Quantos amigos gays você tem que não tenham um quadro de ansiedade, que não tenham um quadro de depressão, ou que não estão usando drogas pesadas, virando fins de semana na balada? Versus os casais héteros, que vivenciam também o seu universo de problemas, né, os casamentos que são arranjados, os chifres que são constantes, a prestação do apartamento que precisa ser paga…Mas isso são escolhas desses casais, enquanto a gente carrega o que eles chamam de estresse minoritário, que é o acúmulo de estresse da vida inteira e que chega aos trinta e desencadeia coisas na gente. Eu fiquei chocado! Eu to chocado com essa pesquisa até agora! Anotei até várias coisas.

Se você fizer um exame de cortisol, que é aquele hormônio que regula o estresse, existem amostragens que tem gays com o mesmo nível de estresse de pessoas que foram pra guerra! Porque é realmente uma batalha o dia a dia do gay. Olha pra dentro de você…quantas vezes você não já pensou, tipo assim, criança, criança, criança…tipo, “eu sou diferente. Meu Deus, tira isso de mim!”. E aí você chega, e aí você sai do armário e chega no lugar que é a comunidade gay, que é a boate gay. Daí você entra, tem um monte de *gogo boy*, tá tocando *house* tribal, as pessoas estão suadas, sem camisas, né, completamente malucas, daí você fala assim: ‘nossa, essa é minha comunidade? Essa é a minha galera? Eu acho que eu vou voltar pro armário então, porque, pô, eu não sei se eu sou essa pessoa daqui.”

Aí você vê a hipersexualização do corpo masculino no mundo gay, que é aquela história…Por serem homens oprimidos o tempo inteiro em relação a sua masculinidade, os gays têm os corpos mais esculturais, supersarados, e whey protein, e de uma vaidade. E se você não se encaixa nesse padrão, rejeição de novo!

Tem uma coisa muito importante também, que eu acho que é o grande fechamento desse texto, que é sobre a falta de sororidade, um termo que é muito usado pelas feministas e pelas mulheres, porque é como se fosse uma irmandade, né. É, por exemplo, não vamos…as mulheres falam muito “não vamos jogar mulheres contra as mulheres”. E há um clima mais pacífico dentro de uma comunidade porque as mulheres, elas são oprimidas pelo machismo. O que tem de bicha má por aí…meu amor, é uma coisa, assim, impressionante! Por que? Porque….como você se torna uma bicha má? Você sobre *bullying* a vida inteira. A partir do momento que você pode devolver isso pro mundo, as pessoas vão lá e devolvem. E aí cria-se uma comunidade de gente hipersexualizada, com um trauma de *bullying* sofrido a vida inteira e querendo descontar de volta…uma falta de identidade tremenda, porque você…esse fenômeno pega muito pessoas que tem de 25 pra mais, sabe? Porque eu acredito que hoje a sociedade, os adolescentes já vivem num ambiente muito mais tolerante, né. Nas escolas são mais tolerantes com os gays…Existem mais exemplos de gays na televisão, existem mais exemplos de gays aqui no YouTube, existem mais exemplos de gays no cinema, em todos os lugares! Gay tá muito menos guetificado do que…30 anos atrás, quando eu vi a Madonna pela primeira

vez e falei assim “Nossa, essa mulher mexe comigo, né?” O fato dela ser uma diva, uma mulher poderosa e tá com um monte de dançarino bicha do lado sexualizando…isso, né, me tira do eixo. Eu me lembro…eu criança tendo esse tipo de sensação. Ao mesmo tempo, tá cada vez mais exigente, sabe?

Então, eu queria fazer esse vídeo pra registrar que ser gay é difícil. Eu não sei como se supera isso, minha gente. Agora, como superar esses traumas que a gente esquece que são traumas, né, e só agora, com 30 anos, que eu fui perceber o quanto eu minimizava isso, né, o quanto eu achava que com 22, com 23 anos, quando eu saí do armário, eu tinha resolvido tudo isso, e era “um gay bem resolvido”. Não! A gente tem que enfrentar nossos medos, a gente tem que se questionar.

Eu acho que é sobre isso agora, sabe? É o que vem após a saída do armário, é como a gente consegue viver em uma comunidade gay com mais respeito, com mais tolerância entre nós mesmos. E a gente não tá aqui pra ser triste. A gente tá aqui pra ser feliz, porque essa vida é uma só e a gente vai vencer, porra!

Então, é isso. Não deixem de ler o texto, se vocês falaram inglês, porque ele é muito mais completo, muito profundo, e espero que ele possa inspirar vocês como me inspirou…muito, muito, muito! Beijo!

Jovem Han (BR3)

Título do vídeo: Como estou me sentindo após sair do armário?
Ano da postagem: 2019.
Nome do canal: Jovem Han
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=q4XTe08mxTY

E aí, galerinha? Tudo bom com vocês? Eu espero que sim, de verdade, gente. É… o vídeo de hoje, gente, eu só queria me expressar um pouquinho melhor das coisas que abordei no meu último vídeo que eu fiz quando eu tava um pouquinho…surtado, meio mal, né. Foi um momento em que eu precisei verbalizar, soltar isso porque, sabe, não foi a primeira vez que fiquei assim, não foi a décima vez, foram várias vezes. Só que dessa vez eu fiz na frente da câmera, né? Finalmente eu consegui falar pra vocês.

E, bom, hoje eu queria compartilhar com vocês como eu tô me sentindo, de como é estar fora do armário finalmente. Se eu tô me sentindo liberto, se é uma sensação totalmente diferente, inovadora, né. Então, vamos lá, gente.

Começando, faz o que? Dois dias que eu fiz o vídeo. Então tem muita coisa que ainda tá muito desorganizada, tô tentando organizar na minha cabeça. Ainda tem muitas coisas confusas, ainda tem muitas coisas que eu tô tentando assimilar. Ainda tem medo e receio da minha parte, porque não foi que eu resolvi as coisas através do vídeo, né. As coisas não tavam resolvidas antes. Eu simplesmente explodi, né? Eu não contei pra minha família antes que ia gravar o vídeo. Eu não consegui verbalizar e falar e sair fora do armário com certas pessoas, falar que “pô, eu sou gay”. Eu apenas surtei e decidi gravar um vídeo na emoção mesmo. E é por isso que eu não tô me sentindo, tipo, 100% livre. E até tá sendo meio contraditório porque continuo gravando vídeos sobre esse assunto, mas é porque eu quero ver a minha vida continuar e eu preciso ser egoísta comigo mesmo.

Mano, independente se eu fiz uma coisa não…da melhor estratégia possível, eu sei que a minha mente tava desejando muito por isso. Eu queria muito soltar isso, eu queria muito verbalizar isso, e finalmente deu no que deu dois dias atrás, né? Eu agi no impulso e é iso, gente! Eu fui egoísta comigo mesmo porque cedo ou tarde a nossa mente pede pra viver a nossa verdade. A gente não aguenta mais ficar vivendo uma falsidade, pra sociedade, pra agradar os outros, até o resto da sua vida. Como eu falei pra vocês, eu tenho 27 anos, e viver todo esse tempo tentando esconder, achando que é uma coisa ruim pra sociedade e, cada vez mais com o passar do tempo, descobrir, é…perceber que não faz sentido você se esconder, principalmente ter que passar pelo ato de sair do armário, faz simplesmente você se sentir mais ansioso com as coisas. Você não consegue aguentar. E é por isso que você acaba tendo ansiedade, junto com depressão e tudo mais, porque você fica guardando isso, guardando isso, esperando o momento certo, tentando descobrir o horário certo, o momento certo pra contar pra sua família. E eu percebi que não tem, gente. Nunca vai ter.

E, gente, o que eu mais tenho recebido esses dias, depois que eu fiz o vídeo (saí do armário, explodindo, surtando) foram mensagens de pessoas que estão dentro do armário sofrendo. E não foram dez mensagens, não foram cem, foram muitas

mensagens! E, cara, quanto mais eu leio, mais eu fico pasmo da quantidade de gente que tá sofrendo ainda dentro do armário por causa da nossa sociedade (nossa, tô até gaguejando aqui!)…por causa da nossa sociedade, sendo que a gente não fez mal algum pra ninguém, a gente não cometeu crime. A coisa mais absurda, se a gente parar pra refletir, né? Até os homofóbicos…se vocês pararem pra refletir, cara, não faz sentido vocês terem ódio, repúdio, por pessoas que são gays! Não faz a mínima…o mínimo sentido, sabe? E quanto mais eu acabo percebendo isso, mais eu fico indignado e mais eu quero me expor, e mais eu preciso fazer alguma coisa sobre, porque é surreal, gente. É muita gente dentro do armário sofrendo! Eu sei que (gaguejando de novo)…eu sei que todo mundo deve saber que tem um monte de gente dentro do armário, mas quando você vê a história de cada um, você, sei lá, você acaba se tocando muito mais. E é isso, gente. Fiquei, tipo, por muito tempo lá vendo várias histórias…Inclusive, gente, o que eu to pensando é gravar um vídeo compartilhando essas histórias que vocês me inviaram…inviaram, não, enviaram! Hoje eu tô falando tudo errado, gente. Hoje eu tô bem travado mesmo. Mas então, as histórias que vocês me enviaram…eu vou apagar o seu usuário e tudo mais, mas eu quero compartilhar, porque eu sei que vai ajudar muito as outras pessoas, assim como me ajudou, me deu coragem pra surtar, pra falar na frente da câmera, beleza? Acho importante abordar isso.

Cara, é simplesmente surreal, porque a gente não fez mal a ninguém. A gente viver uma vida dentro do armário pra satisfazer os ideais de outras pessoas…cara, não tem lógica disso. É isso que agora tá bugando minha cabeça, tá fritando. Então, cara, gente, eu tô falando hoje as coisas meio confusas, porque ainda tô meio atordoado real! Né? Hum, assim, eu acho que poderia ter sido mais libertador se eu tivesse me resolvido direito com pessoas próximas a mim, mas eu decidi explodir primeiro…decidi, não, acabou explodindo porque eu não consegui ter a coragem de verbalizar pessoalmente pra essas pessoas, e a minha mente estava muito mal no momento.

Cara, gente, é…é isso! É isso como eu tô me sentindo agora. Mas agora falando da parte positiva de ter feito o vídeo é que: primeiro, eu me sinto muito mais real com vocês inscritos. Eu consigo ser muito mais autêntico na hora de conversar, na hora de abordar, certo? Eu sei que ainda tem uma barreira, porque, né, ainda tem muita coisa pra eu desconstruir da minha parte, porque eu vivi por muitos anos uma bolha, um ideal para os outros. Então é uma coisa que eu vou evoluindo, vou me soltando ao longo do tempo, na…aí, no YouTube, e tudo mais.

Cara, outra coisa que me fez muito feliz é saber que eu tinha apoio de muitas pessoas que eu achava que ia virar a cara pra mim, né. Pessoas que era da Igreja, pessoas que fez parte da minha infância, que eu perdi contato, pessoas que eu achava que era…que tinham uma mente muito fechada. Eu me enganei. Tinha muita gente que me mandou mensagem preocupada, falando que…'ah, bora tomar um café. Quero muito te ver'. E isso significou muito pra mim, sabe? Pessoas que eu não fazia ideia que eram pessoas do bem, pessoas que não tinham todo esse preconceito, porque eu já criei uma…uma grande barreira na minha vida porque é isso que a gente faz quando tá dentro do armário. A gente acaba filtrando pessoas, é…porque a gente não sabe em quem confiar e tudo mais. Certo, gente?

Bom, gente, o vídeo de hoje foi esse. Eu só queria compartilhar um pouquinho melhor, de uma forma um pouquinho mais calma e clara com vocês como eu tô me sentindo pós eu ter feito um vídeo explosivo, tremendo quase naquele dia! Eu tava tremendo real, pra caramba. E eu sei que tem muitas pessoa novas no meu canal por causa do meu último vídeo, mas assim, gente, eu só queria falar pra vocês que o meu canal o intuito é compartilhar histórias da minha vida e meus interesses, como a cultura coreana, e K-POP. Gosto muito de K-POP, pra quem é novo no meu canal… também eu quero, sim, falar mais, abordar mais sobre a minha experiência de ser gay e todo esse processo, toda minha evolução, quero que… [engasga]. Eu quero que vocês me acompanham, beleza? E é isso! Eu quero ajudar, eu quero ser útil nessa sociedade. Finalmente eu acho que eu tenho uma função no YouTube, eu finalmente posso usar essa plataforma com…pra trazer coisas boas para o meu público, entendeu?

Então é isso, galerinha. Muito obrigado e até o próximo vídeo! Um beijo! Tchau, tchau.

Lorelay Fox (BR4)

Título do vídeo: Ser gay cansa
Ano da postagem: 2016
Nome do canal: Para tudo (Lorelay_Fox)
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=3cua-u4q3Xs&list=PLStUfscivWToVJR3e5Kr60ivJBQZQQ_7O&index=13&t=0s

Esses dias, eu estava assistindo a um vídeo da Jout Jout, onde ela dá uma dica pra gente seguir o Instagram do Solimões, sabe? O cantor sertanejo. Daí, ela mostra um monte de coisas, do tipo "o Solimões é uma pessoa muito legal e muito engraçada". E eu vendo aquilo, eu pensei "nossa, como esse cara é legal! Como esse cara é divertido! Vou ficar fã dele." Mas aí já me vem um sentimento assim por dentro que faz com que eu automaticamente pense: "ok, esse cara é hétero, é do meio sertanejo, então a chance de ele gostar de alguém igual a mim é praticamente nula." Daí eu caí nessa coisa que eu geralmente caio mesmo, que é pensar que a maioria das pessoas que eu acho legais, sejam atores, sejam professores, colega de classe…qualquer pessoa que eu ache minimamente legal, provavelmente me odiaria em algum ponto pelo fato de eu ser gay. E nessas horas eu realmente chega à conclusão de que ser gay é realmente partir do pressuposto de que ninguém gosta da gente a não ser que eles provem o contrário.

O pensamento normal, pra mim pelo menos, é de que as pessoas não gostam de mim. Por mais que elas não falem nada, por mais que elas não façam nada, o normal na sociedade é eu ser alguém que as pessoas não gostam. Daí você se encontra nesse mundo onde ninguém gosta de você a princípio e você se pega todos os dias da sua vida, em todos os momentos em que você socializa com alguém, tendo que provar que você é uma pessoa legal e aceitável. Você tem que ser simpático, sorridente, educado, inteligente, e fazer uma série de malabarismos pras pessoas acharem que você é só uma pessoa normal e aceitável, sabe? Pra você se sentir confortável sendo quem você é perto delas. E é uma coisa tão desgastante dentro da gente, ter que viver isso todos os dias da nossa vida, de uma forma tão repetitiva e tão mecânica que chega a passar despercebido. Ainda mais agora, chega o Natal, né, vai ter confraternização na sua família, ou você vai pra casa de algum amigo, ou você vai fazer seja lá o que for, você sente que ali as pessoas gostam de você. Elas não estão sendo falsas, nem hipócritas em te desejar feliz natal, feliz ano novo, *whatever*. Mas existe sempre, sempre um desconforto, quase como se fosse um zumbido, assim, no fundo, sabe? Aquele zumbido dentro da sua cabeça que às vezes você tem…que fica lá assim, ó…um desconforto, sabendo que, algo que é muito fundamental em você, algo que meio que define a sua existência, nunca vai se encaixar naquele contexto, sabe?

Mas daí muita gente fala, tipo, "Ah, eles aceitam! Não, essa família é superdesconstruída e blá, blá, blá." Mas, mano, o quão bizarro é a gente ser aceito, sabe? O quão bizarro é a gente ter que ser aceito? As pessoas falam assim: "não, eu aceito você. Você pode ser isso." O ideal era que a gente não precisasse ser aceito, que a gente não precisasse passar por um filtro pra ser inserido e pra se sentir pertencente, pra sentir que as pessoas gostam da gente. O ideal era que a gente simplesmente fosse o quem a gente é e que ninguém desse a mínima pra

isso. Nessa horas que o termo aceitação pra mim tem um caráter tão triste! Ter que ser aceito! Porque no fundo mesmo a pessoa mais desconstruída, mesmo a pessoa mais independente do mundo, ela sempre vai querer se sentir pertencente a um grupo, sabe? Mas não pertencente porque a gente foi aceita ali dentro, mas sim porque a gente é parte mesmo do contexto. É porque a gente é igual, e não porque eles… "ok, vou te dar essa vaga aqui".

Daí, pra que as pessoas comecem a pensar que a gente é igual a elas, a gente faz o que? Cria um canalzinho no YouTube pra desconstruir a sociedade, problematizar questões e trazer desafios e mostrar como é que a vida da gente é muito louca, e é isso aí! E o quanto isso também é desgastante, o quanto isso cansa! Ter que viver num mundo onde a gente precisa desconstruir os outros, a gente precisa picar as pessoas igual um *serial killer* e remontar tudo o que elas pensam sobre a gente. Geralmente eu faço vídeos assim: eu jogo um problema de uma maneira divertida, faço um pequeno debate, contra-argumento aquele tema e, no final, eu lanço uma solução. Mas, pra esse cansaço que eu sinto, eu não consigo ver uma solução. Nem pra mim, nem pra ninguém. E não tem outra alternativa mesmo: ou é isso…ou é o cansaço extremo, de você estar se autoafirmando na sociedade, ou é a gente voltar pro armário. E a já gente faz isso de uma maneira tão natural, já está tão dentro da gente, que a gente não se dá conta do tanto de energia que a gente gasta tentando convencer as pessoas de que a gente é normal, de que a gente é íntegro, comum. Uma energia imensa que a gente deposita tentando mostrar que a gente simplesmente é gente, nada além disso, que a gente é pessoa mesmo, ser humaninho. Mas uns ainda são mais gente do que os outros…

E é isso. Isso quando eu digo que ser gay cansa não é que a gente cansa de ser gay. A gente cansa de ter que ficar provando o que a gente é, ter que ficar desconstruindo o mundo, ter que ficar sendo super-herói pra fazer com que alguém goste da gente. Cansa ter que sentir que é normal ser aceito, ter passado por um filtro de aceitação das pessoas. Cansa muito ter que pensar em maneiras de explicar pras pessoas o quanto a minha sexualidade não diz respeito absoluto a ninguém, senão a mim mesmo. Cansa muito ter que assumir uma coisa que não devia ser da conta de ninguém. E às vezes cansa muito eu ter que me vestir, me maquiar e tá toda maravilhosa pra que alguém queira ouvir o que eu tenho a dizer.

E é nessa que eu vou!

Narradores Estadunidenses

Barrett Pall (EUA1)

Título do vídeo: The Biggest Problems In The Gay Community
Ano da postagem: 2015
Nome do canal: Barrett Pall
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=TMaJfczk1eQ
Visualizações: 189,546

Hey, guys! What's going on? It is Wednesday, and I decided to start calling these Wednesdays "Wisdom Wednesdays", when I get to share my experience, my knowledge and the stuff I've learned from my mentors and the people that inspired me as well. And today I want to talk to you guys about the biggest problems I find that exist within the gay community, and…I actually wrote a blog post recently, and the link is attached below. If you wanna read that, so click that link. And it's the top 10 reasons why the gay community is so competitive. So, let's get right to it, you guys.

Um, and again, this is the gay community that I'm speaking for, but again, this is my own opinion, and I think that a lot of these problems are problems that exist in communities across the world, and aren't only, you know, really focused solely in the gay community. Again, though, this is my experience, my opinions, so what have you. Um, the first thing I that I think is not so much a problem, but it's how we manage, is that we go through a second adolescence. We are basically growing up kids, for a second time in our lives, because we didn't go through junior high and high school like everyone else. We didn't get to date, and experiment, and experience all those things that our straight peers were doing. So, we usually, you know, grow up and move to one of the big cities and find a bunch of people that are like us. But the thing is: when you give a little kid access to a candy store, and there's no more parents moderating them and they have their own money that they're making, they're gonna go crazy, and that's gonna be a super crazy kid on a super crazy sugar high. And, that's the kind of a metaphor I use when we're talking about, you know, that second adolescence that Peter Pan situation that a lot of people often quote. And we just have to be careful that we are really understanding what it is that we're looking for and what we want in life when we do grow up and get to experience our true selves.

Now something else that I think that is a huge problem in the gay community is that we separate ourselves. We've got our, you know, jocks, and hunks, and twinks, and twonks, and otters, and bears, and lions, oh my! Like, It's a never-ending animal kingdom! But the thing is, by separating ourselves, even if it's just based off of a look, we're making ourselves into subgroups and subcategories that just kind of break up what I think should be a brotherhood. And it's really just disheartening, because it's something that is truly perpetuating stereotypes that just aren't always true.

And this leads to my third kind of big issue right now that I've been seeing. Is that —- So, if you're not masc, or super-hyper-masculine, you must be feminine. But the thing is: no one is just one of those things. We all, gay and straight, walk this fine line between masculine and feminine, and, you know, allowing different parts of ourselves to come up at different points…So, we really need to just allow those things to be what they are, and not so get bent up on, like, this idea of being masculine, because

what that says is that you're still insecure in who it is that you fundamentally are, which is just another unique, beautiful person! Now, I don't think that you have to, you know, go about your day and be this, or that, or not this, or not that. But again, you can't get stuck on one idea, because it's just not going to do anything good for you.

Another thing I think that is kind of interesting for our community is that no one really knows our past, unless you kinda do what I do and you share it on YouTube, or Instagram, or a blog. You know, we get to grow up and, again, everyone gets to do this at some point: go off to college, or move to another place and kinda change who you are. But we also don't have to necessarily deal with the things that we've had in our past and that baggage, which means that we can just kind of create this whole new identity that… someone from your childhood that you may be friends with knows about you, these new people don't. And that is going to kinda put you into a place where you can be whoever you want, but it might not be who you actually want to be. You're just trying to fit in to something that doesn't fit. And there's no point in trying to fit in somewhere that just isn't you. Be your authentic self, be who you wanna be! And don't worry about other people, that they're doing and how they're going about their lives, because the right person will find you and love you, for you.

Another point that I wanna touch real quick is just the idea that we strive for this success, for this idea of perfection, of being better, because for so long we were told by not only by ourselves but our peers that we are not good enough. And the thing is, we are good enough! And we get to grow up and figure this out for ourselves through our jobs, through our friends, through our work, through working on ourselves, and eventually hopefully through ourselves. But, if we're never actually being loved for us, and we're being loved for those external things like our success and stuff, then other people are going to come at us and they're not going to be genuine and authentic, and it's gonna feel really shitty. And you're also gonna see that success doesn't make you so popular. A lot of people still aren't working on the things you may be working on, which again is so disheartening, because in the end I think we're a brotherhood and should act as one and only build each other up, rather than tear each other down.

The last think I want to just get off my chest and talk about is something that I think is only really in the gay universe, and that's the fact that we're all so connected and everyone is a possibility, and our exes can date each other, and we can end up, you know, having a friend that becomes a boyfriend that becomes an ex, and then that person goes on to date someone who used to be our friend who we also hooked up with! Then, they become exes! It's just so intertwined in an almost awesome way but also, like, really disgusting way that we can't avoid. But when you are mature, and understand that they are going to be things that we have to deal with it makes it all a little bit easier to understand and, in fact, to deal with. So, rather than harping, and booing, and getting all bent out of shape about these things we have to figure out how to go about this, I think, in a better way. And how to just be chore, and understand that maybe something didn't work out between you and x, so it's best to maintain a friendly relationship, or at least be acquaintances that can say hello.

Again, this can go on and on, and I'm going to touch on more topics about this, because it's something I'm super passionate about. But for now if you'd like to read more, please go to the link below. Um, and if you like this video please give it a

thumbs up. It lets me know that you like this video, and you wanna hear more real serious discussions on this kind of stuff. Also, if you have a question or comment, I love hearing from you guys. So, please leave one in this section below. And less but not least, if you haven't already, please subscribe by clicking that little button up there. It lets you know a new video is up and ready to go, where we do talk about some serious things on Wednesdays, some fitness things on Fridays, and some fun things on Sundays.

I will talk to you guys soon. Much love over and out. Bye, guys!

Dillon Kenneth (EUA2)

Título do vídeo: Things I Hate About Being Gay
Ano da postagem: 2017
Nome do canal: Dillon Kenneth Hogan
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=iWThkXVZZrc
Visualizações: 24,361

I need to get something off my chest, and I'm feeling it right now: Things I hate about being gay!

My name is Jasper Masters, and I've got something to say. So, we just finished pride month. There're so many amazing things about being gay! Inumerous! Is that a word? Numerous…Whatever, so many great things. But there's also some shitty things, and this applies to me, in my life. So, if you're a gay man you'll probably relate.

Number one: masc versus fem is such bullshit [using a horn loudspeaker]. I literally cannot deal with this whole masc versus fem thing. I get where it comes from, and I get how people, like…everyone, humans, in general, love categories. They love to categorize people in not just the gay community, but gays love it so much that we literally have a whole lexicon of animals that we have to be, like bear, cub, otter, little otter, fucking cub zebra, like, I'm…I'm like what? What? What is that? I don't fucking get it! What the fuck is that? [loudspeaker] Any sort of binary drive me insane. Now, I can joke about this all day long. I love joking about being masculine and fem, it's… it's, like, I'm the first person to take things in a fun, more light-hearted way. I love to fuck around, and I love to poke fun at stereotypes. If you can't laugh about it, then what can you do about it? Just cry? I'd rather laugh! In the gay community, being masc and femme…it just seems like you can't be both, ok? Some days, I wanna go to a baseball game, or a football game, and drink beer, like, I love beer! Even though it disagrees with my body! Some days I wanna kick it with my squirrel friends and watch RuPaul's drag race. [A short video of the show is presented]. P.S: I'm pissed that Shay did not win because I think she deserved to win! But that's ok, we're not going to get mad about that today. These are actually coming off [he takes off the sunglasses he was wearing]. I don't think it's ever going anywhere, so it's just…it's just something that bothers me. These societal norms, specifically with the gay community, is outrageous. Which leads me to my next point.

Being a muscle queen. I will never be a muscle queen. And somehow in the gay male community I'm lessened as a person because I'm not a muscle queen. I will never be a gym rat. I hate working out. Do I work out? Of course, because I want to be healthy, but I don't do it to an excessive extent that defines me as a human being. I think my personality defines me, my actions define me, not the see of my tits, or my chest, or whatever. I just think it's kinda ridiculous how we have to glorify something that is so superficial. I'm gonna stop there on that one, because I just…I don't sound better. But, you know, maybe I am better, because I'm just not going to be a gym rat. That's just not who I am! And I'm never not gonna be who I am.

Another thing that drives me insane. This next one stems from my college years. Hanging out with tons of straight girls who clearly had never met a gay guy before.

But they have this idea of the gay guy in their head. I don't really deal with this anymore because I don't really hang out a lot with straight people who are so unwoke like this. Back in college, I would hang out with these girls, and they'd meet me and they're like "Oh my God, you're gay? Let's do shopping! Do you wanna paint my nails? Let's do my hair, you must be a hair stylist, clearly. Oh, you can pick me clothes up for me. Look at my boobs! Do my boobs look okay?" [using a distorted voice]. Bitch, I don't give a fuck! I don't shop, I hate shopping! I online shop…Amazon Prime, what's good? I don't paint nails, I don't do hair. I do my own hair…not today, clearly! It's just ridiculous! So, if you're a straight and you watch this, and you don't hang out with a lot of gays, don't do that! Be a bad bitch! Gays love bad bitches. That's my one piece of advice for straight girls.

My next point: fats, fems, and Asians. There are no fats, no fems, no Asians. Why is it that a community that thrives on individuality and being yourself has this standard of "I don't wanna deal with fat people, I don't wanna deal with fems, and I don't wanna deal with Asians", or…I think it's crazy! I think it's absolutely insane when I come across racist gay people. If that isn't the biggest oxymoron I have ever heard: gay racist people?! i'm not even gonna talk about it, but that's something that's through the roof the most…[ew sound]. What are you? What is that? What even is that? [using the loudspeaker]

Next point: stereotyping gays as sluts. Now, I'm not saying that, um, it's not true. A lot of straight guys will talk to me like "oh my God! Like, gays…gay men probably have sex all the time, because there's no one there to say no." It's, like, no, that's not always the case, but yes, that's a huge thing in the gay community. But I'm not here at slut-shame. I think if you're a slut, be a slut. If you're gonna be a slut, be the best slut.

The very last thing I wanna talk about is…gays, gay friends. Why is it that, if I have a gay friend, we are fucking? And that is…does not just apply to straight people being, like, "Oh, you guys must be together." So many people will assume that if I'm friends with another guy, I am in their pants. That is not the case. For the most part, if I'm hanging out with somebody we're just friends! Even on YouTube, people leave comments like "oh, Dillon and Andrew are such a cute couple!". I'm, like, 'have you not seen my other videos with my actual boyfriend?' People commented on videos with Nikolai saying "Oh, Andrew and Dillon are so cute." The fuck…? It's just funny to me how there's so much in the gay community that pisses me off. And that's not to say that the good does not awake the bad. But right now, I just needed to get this off my chest and that is that.

So, I hope you guys like my little rant, and if you can relate please comment. If you can't relate, I'm sorry. I probably sound like a whiny little bitch, and so…whatever! I guess I needed to say something, because today has been a day.

Like this video, subscribe to me…because I'be got videos rolling out of me, like… things that roll. I will see you guys in the next few days.

Ethan Hethcote (EUA3)

Título do vídeo: The Worst Part About Being Gay
Ano da postagem: 2017
Nome do canal: Ethan Hethcote
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=f8Wh1tuNtpA
Visualizações: 219,637

It's kind of appropriate, right? [Olhando e apontando para sua camiseta, que diz "Livin' the dream", ou "Vivendo o sonho" em tradução livre].

Good morning, everybody! Hello! How is it going? Hola! I'm Ethan. Thank you for stepping by my channel today. This video is about homosexuality. We're gonna talk about it.

So, the other day I stumbled across this article that really, really resonated with me, and I just had to share. It's called *The Epidemic of Gay Loneliness*, and it was published by Huffington Post. It initially caught my eye because I think gay…I was like "I'm gay", but gay loneliness also struck a chord with me, and it wasn't as obvious but once I…at the start, but once I kind of read it and digested it, I was like "oh, shit". Overall, the kind of the thesis of the article is an examination of despite all of the progress we've made towards equality and acceptance, legally and socially, why is it that gay people are disproportionally affected by mental health issues, like suicide, and depression, and anxiety, and…the list goes on. "Gay people are now, depending on the study, between 2 and 10 times more likely than straight people to take their own lives. We're twice as likely to have a major depressive episode". [quoting] It gives so much perspective into how being gay can impact someone's life on such a deep, psychological level that really hasn't been talked about a lot. You don't see it on TV, you don't… you see the happy coming-out and everything is fine. But what you don't see is how the process of coming out, and the complications that could occur, and very much do occur, on the daily basis, the impact that those have on gay people's lives. I've shared some of my story before, I've shared my coming-out, I've shared that experience. There's still a lot that I haven't shared in terms of what my… what post-coming out really looked like, and how my peers handle it, handled it, and the bullying that I experienced…

As you may already know, I grew up in a small town in Indiana, hum… very conservative, very agricultural small town in Indiana. I don't think I was ready for this [he points to the phrase on his t-shirt]. So, I came out pretty early, at age sixteen, after my freshman year of high school. I was ready…I had acknowledged and recognized the feelings that I was having inside towards muscley sweaty men. Two plus two equals four, and that…hey girl, here is the door. So, I was ready. I was, like, I'm gay, here to stay, let's do this, Indiana! I though I knew what to expect. I thought, I was like "okay, people will treat me differently, you know? I might get a little bit more of attention, because, like, I'm like that gay kid, and people, like, might want a gay BFF or something, and so I was like 'ooh, like, who will be my friend now?'". Hum, I also knew that. like, people…some people would be stupid, I mean, there was like a row of just straight, like, huge trucks that, like, parked in [uma imagem da bandeira dos Confederados é mostrada]…

Moral of the story is that I knew the setting I was in, and I thought I was prepared for it. Key-word being thought, I was prepared for it until…One day I was leaving lunch, with a group of my friends, and just going about our business, just having a normal conversation, and just, like, leaving, like, mass high school lunch, so, like, half of the school is, like, walking down the hall at the same time and it's just a very, like…So, we were just carrying about our own conversation, just, like, having a blast, whatever, until piercing through everyone, comes "Hey, Ethan! Dicks are for chicks!". [Pausa]

So, let's go back to me thinking I was ready to handle that. I went from feeling like just one of the crowd, one of, like, many students, to the only person in that hallway and, wether it was true or not, everybody…all eyes were on me. I just remember going from… blending in and feeling like one of my peers, to immediately being ostracised and immediately feeling on the outside of everyone else. I mean, when you get singled out like that in front of, like, everyone you know (kind of), it's scarring. And at the time I was like "duh, no, no…whatever, they're the scum of the Earth. That's not gonna affect me." And, so I puffed my chest up, I lifted my chin and I went about my life normally, and I said "that's not going to affect me, I am not going to let that affect be, because if I do, then they will win." [Pausa]

But the reality of the situation is that it affected me a lot! And…maybe that's why I haven't shared this story yet, because I still didn't wanted to…I still didn't wanted to, like, validate that and give that any weight in my life. But the secret truth it that it has…I have been pulling it along, and it's just been getting heavier and heavier. So, this is what this is, I guess.

At that point in my life I was pretty active: I was a tennis player, I was a swimmer, I was involved in, like, our student counsel, I had a lot of friends. And I think one of the biggest effects that that bullying situation had on me was that they took those things I love from me and they made them something else. Before, swimming was a time for me to hang out with my friends, and to exercise, and practice a sport that we were… that we loved and had fun with, and to goof off, and…after that it turned into…lock rooms and…it turned into… "I hope they don't think I'm staring at them"… "I hope that they don't think I… they don't treat me differently" … "I hope that I can be normal." Wether it was happening or not that was beside the point, because it was all very real and happening in my head. And, I just remember it took the freedom of just being able to go to swim practice and feel like a normal…like one of the swimmers, on the swim team! And it convoluted it and diminished it to this part of it that was not the part that I was there for. And I think I just internalized all that and I blame myself for something… Yeah, then I changed from that, I have this huge chip on my shoulder and, I mean, it's understandable, like, 'cause that wasn't the only occasion. There was a time when a group…a car drove by my house. We were setting up for my sister's graduation party outside, and a group, a car drove by my house, and yelled like "Faggot!" and whatever. I was sitting outside with my family and…like, with my dad! And…I just…what do you say after that? Like, "Oh, it's just the guys fucking around…it's fine." [Long pause]

So, I think the catalyst to that, to sharing that story, was what the article touches on: that coming out of the closet isn't the end of our journey to loving ourselves and to… to finding ourselves, to loving ourselves. We carry with ourselves this burden of "maybe I won't be accepted in that community", "maybe I won't be accepted in that

group of people". We're constantly…by having to accept ourselves and deal with this process of defining our sexuality, understanding it, and then coming to terms with it, and labelling ourselves as that, and then feeling like…it's just all part of this process to…to fit in. And the toll that that has on us as gay people! But it's not our faults, and that's what I think we need to…we need to share. And we need to be aware of is that…though these feelings may be only in my head and irrational about my peers, and my social circles, and my community around me they're valid, because they come from somewhere. So, it's important to share them, and to try and find that commonality and that empathy to say that you're not alone, you are wanted here! People want you!

So, thank you for listening to my story. I don't have much more of a conclusion than that. I encourage you, no matter who you are, or where you are, or what you are… gay, straight, whatever: share your story as well. Hum, it doesn't have to be about bullying, it doesn't have to be about…it can be, it can be about whatever you want, but I think if we all share our experience with coming to terms with who we are and how we fit in to the world that we've created for ourselves, I think maybe we would all be a little closer to accepting and loving everybody unconditionally. Again, the article is down below. Everyone should check it out. If you check it out let me know your thoughts. If you like this video give it a thumbs up. Maybe I'll do more of these, hum, just off-the-cuff chats. This felt good, so thank you for allowing me the platform to share my thoughts and feelings on an issue that's really near and dear to my heart. Hum, so, thank you. Have a good day!

Matthew Crawford (EUA4)

Título do vídeo: The struggle of being gay and accepting it.
Ano da postagem: 2017
Nome do canal: Matthew Crawford
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=gPxAKnGtnlM
Visualizações: 127,439 views

What's up? Let me break everything in my room, it's fine…Anyway, yeah, I'm back, and I'm doing a sit-down video which I haven't done in… a minute, honestly, I can't remember the last time I did one! But what I'm gonna talk about has a lot of impact on me as a person, and what I went through to get where I am now, and I'm sure a lot of you…no, I'm not sure I know a lot of you are feeling it and obviously, at the end of the day, I can do all these vlogs and I can do all these other videos that are fun and nonsense, and they're entertaining but I don't want you guys to forget that I am here and these are the videos that truly matter. These are the videos that I love to bring to you guys, because I love inspiring you and, you know, all that good stuff. I'm not wearing pants either, so…what else is new?

Yeah, I'm gonna talk about being gay! Again! If you guys have been subscribed to me since October of last year when I put up the "Things I have abound being gay" video [an excerpt of this previous video is played: "that's what like, being gay is, like, it's just everywhere, they're everywhere!"]. It's not that I want to discount that video, because that video is very valid, and I stand by it a hundred percent, but I think I really do wanna stress the struggle, the real struggle, and the internal battle with being gay and accepting yourself and, you know, all the shit we have to go through in high school, in middle school, and I know…I know, I know, I know that so many people that follow me and so many people that are interacted with me go through this because I get so many DMs and so many messages…And it's just really hard for me to obviously respond to everyone. And then I feel like it's unfair if I respond to some people and not everyone. So, I kinda wanna tell you guys, like, the story and the process of me accepting the fact that I was gay, and that I am gay, and how hard it was. Really, like, I'm not here to exaggerate, I'm not here to whine, or complain, I just want to state straight facts, and I want obviously to bring you guys some type of solution or something that could help you, because I wish I had that when I was your age, or when I was in the closet.

When did I, like, actually realised that I was gay? Well, I always known I was gay, you know. But, let's just begin with middle school, because I think middle school is the time for everyone in life…correct me if I'm wrong! You just start comparing yourself to everyone, because that's when like…your hormones develop and that's when people are, like, starting to date people but not really. So, it's like, whoa, what the fuck am I doing? Do I like girls, or do I like guys? And then people are judging you, making fun of you, and bullying you, which makes it even harder! So, I'm gonna start with middle school, which was one of the worst fucking periods of my life… to this day! In those three years obviously I realised something was different about me, and I realised that I wasn't gonna change, you know? Sometimes when you realise you're attracted to another guy, mainly in the beginning, you…I told myself, you know, I was like "oh, this is just a stage, this is something that like everyone goes through, like

girls go through it, guys go through it, and…I'll grow out of it! And I'll eventually meet a girl, whatever!"

I really realised that I was gay, and I really realised that it wasn't gonna change in eight grade. Eight grade: I went to an all-boys, private boarding school, and on that note…gotta go! Actually, you know, like, it wasn't really that bad: I made a lot of friends, and it was a great life enriching experience. But, being gay in an all-boys private boarding school? In eight grade? That's like the ultimate mind fuck!

I had my first, real, true gay experience in boarding school. It was totally secret, and I don't even think this person is out…are they? I don't know…I was in eighth grade and he was a junior, so that was like what? a five-year difference? Hum…yeah, I like them older, I guess…S[o], I don't even know! Now that I'm thinking about it…I don't even know how, like, we even connected on that level. I was in the closet a hundred per cent, and so was he, so like…how did this happen? Whatever…Somehow, we got each other's phone numbers and we were texting. Basically I sneaked into his hall, and like, in boarding school, everyone has like a different dormitory, and…upper class men are completely separate, like opposite side of the school! It's like eleven o'clock at night, and I'm like…running! I'm, like, trying to hide from all the staff, I'm like Harriet, the fucking spy, trying to get into this goddamn hall to hook up with this guy! Anyways…So, I get there, and we do our thing, whatever, and then the next day I remember waking up and bawling my eyes out, because I realised that I don't think I can like girls again, like, after what just happened.

It was awesome, because it was, like, my first gay affectionate experience with another guy. Cool! At the same time it was horrible, because I hated myself even more! So, that happened and then I go into high school and…high school, you guys…If i give you any words of advice on high school, do not take it seriously. I was hated in my high school: I was bullied, I was made fun of, and I had no friends. I was, like, suspended multiple times, because I would just skip going to school, 'cause I hated it that much! Partially 'cause I was bullied so much and I was made fun of for being "gay, a fag," whatever. And, yeah, I mean, 2017, I'm in LA, living my life, and they all live in their mom's basements, so…

You know, at this point now obviously in my life, if someone asks me if I'm gay, I'm, like, "is the sky fucking blue?". And, it's just… it's crazy for me to think…not even six years ago, if someone asked me that question in the highway of my high school, or wherever at that time of my life, I would die inside! And I was, like, traumatised by it. I couldn't talk, I couldn't even form a sentence, I couldn't form something to say back! I would be like [he stammers]… "I like girls!" [he laughs]. I'm not making fun of this! I'm sorry! But, like, it's true! It's so true that, like, the only person who holds that power is you, and when you are empowered in yourself and empowered in your sexuality, people don't give a fuck! Some do, whatever! Those people have their own issues that they will deal with, and like I said [coughs] they'll live in their mom's basement. Back to…back to what I was saying, in high school I had no one to talk to. I didn't talk to my mom about it, my dad wasn't even in the picture, my siblings…I just, I had no one there. And I feel like that's the biggest issue with being in the closet, is that we feel like we have no one to talk to about it. I'm gonna sound crazy but if it wasn't for therapy in my life personally I wouldn't be here right now. I can't even tell you how many therapists I've had, to be honest!

Along with this whole story and, you know, the struggle of being gay is we feel like we're alone, and I'm telling you right now: you're not alone. I'm here, through my YouTube, through my social media, but there's only so much I can do. I can't have a lengthy conversation with each and every one of you, it's just…it's not possible. Sadly, it's just not. That being said, I want to share something with you guys. This organisation contacted me, and I did my research, you know? I would never share anything with you guys that wasn't legit, you know? I wanna provide anything that could make that process of your self-development and your self-acceptance easier, because it shouldn't be that fucking hard for anyone. Period.

So, it's called Better Help, and I downloaded it, and you can get it on your phone, or it's online, whatever. And it's 24/7 counselling therapy…ok, that word has stigma to it. Just because you talk to someone who is a "therapist" does not make you crazy. Take the judgement away from it, ok? Just picture someone is there for you 24/7, not some random-ass person. These people are certified, they're professional and…I tried it. My therapist name was Emily. Totally down to earth, totally chill. Obviously, you know, I don't really need it as much anymore, I mean, I always, always, always think you need someone there to talk to, wether it's a therapist, or a friend, or a family member, you always need someone. For those of you out there who don't have someone, or are afraid to talk to someone, I really, really encourage you to at least try this and see if it can help you. Things like this, and people like this really…are what inspire me, and really kinda make the world a better place. As cliche as that sounds…I wouldn't share it with you guys if I truly didn't think that it could help you, or benefit you in some type of way. So, obviously I'll leave all that stuff in the description, and…give it a try!

I guess I'm just here because I wanna share my personal experiences with you, wether it's about my sexuality, about my life, my vlogs, my story times, whatever! And that's what I think a YouTuber should do! It's like our duty, our job! So, I'm telling you I never thought that I was gonna be happy truly, when I was fifteen, sixteen. The only thing that hurts me now is to think that any of you out there watching this feel that way. That breaks my fucking heart, and I don't want anyone to feel that, ever! And I'm telling you right now that you're gonna make it, and that it's worth it, and no matter how hard it is and no matter how many people are judging you and bullying you, know that I went through it, and it is something that we all do and you are not alone.

Well, that it, guys! Continue to feed the good wolf, and I will catch you next time.

Words on the screen: "thank you for watching. you are NOT alone. I accept you and I love you." Better help sign. End.

[O instrumental de *Love on the* brain, da cantora Rihanna, é tocado ao longo de todo o vídeo]